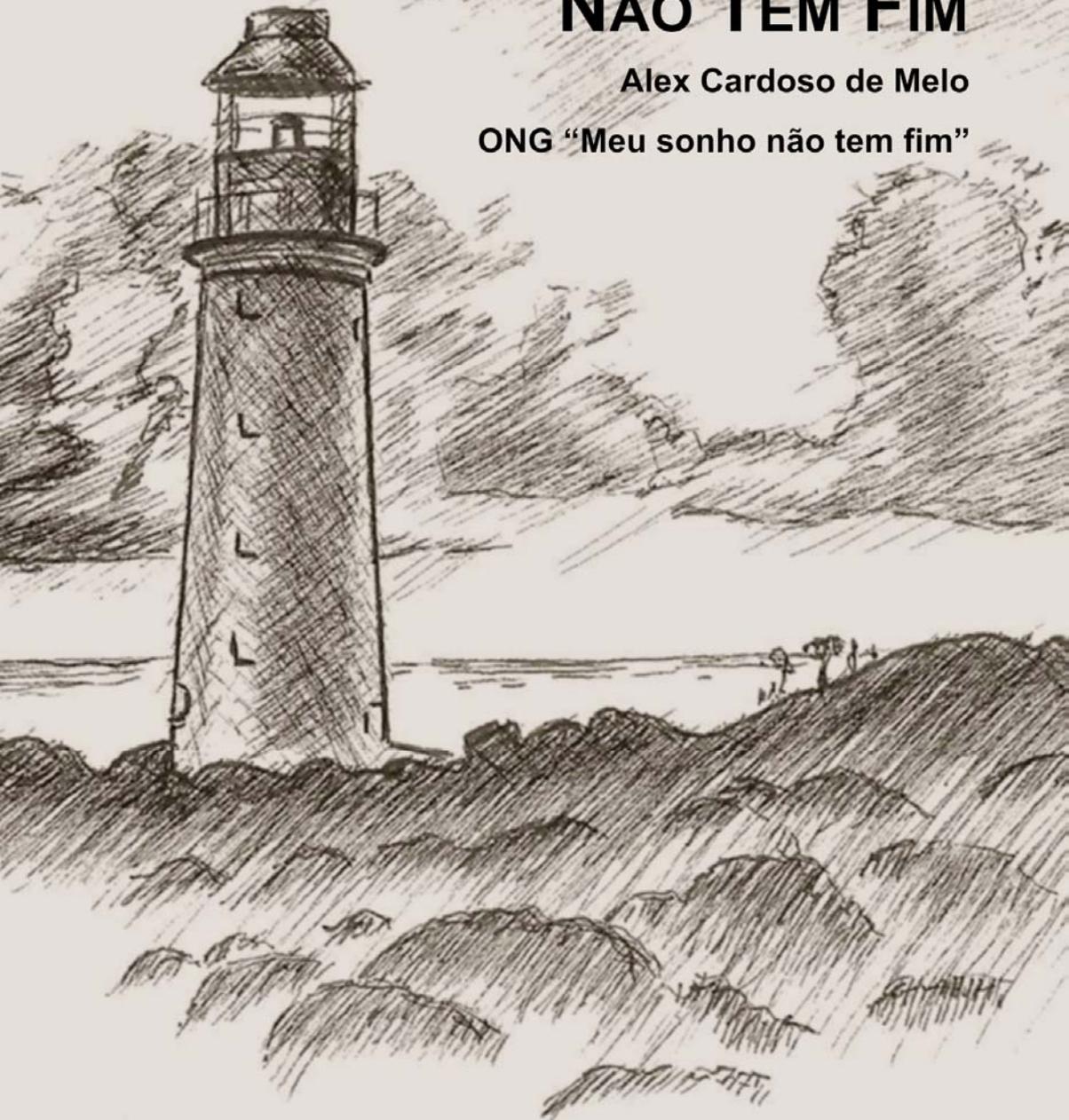


UM SONHO QUE NÃO TEM FIM

Alex Cardoso de Melo

ONG "Meu sonho não tem fim"



Copyright © 2013 ONG “Meu sonho não tem fim”

Esta obra não tem finalidade comercial, ficando terminantemente proibida a sua comercialização.

TÍTULO ORIGINAL

Um sonho que não tem fim

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Alex Cardoso de Melo

DIAGRAMAÇÃO

Alex Cardoso de Melo

REVISÃO

Adriana A. Bueno Rocha Cardoso de Melo

Gianlucca Griletti Cardoso de Melo

Giuliana Griletti Cardoso de Melo

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Nicholas Morgan

PRÉ-IMPRESSÃO

ONG “Meu sonho não tem fim”

IMPRESSÃO

Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN

915866 Melo, Alex Cardoso de, 1970-
 Um sonho que não tem fim / Alex Cardoso de Melo;
 São Paulo : ONG “Meu sonho não tem fim”, 2013.
 468p.

ISBN 978-85-915866-0-8

1. Livros e leitura - Ficção. 2. Livros e leitura - Não ficção. 3. Educação.
4. Conscientização. 5. Motivação. 6. Reflexão. 7. Movimentos sociais.

1ª EDIÇÃO

Outubro de 2013

PAPEL DO MIOLO

Pólen Soft 80g/m2

PAPEL DA CAPA

Cartão Supremo Alta Alvura 250g/m2

FONTE

American Garamond

UM SONHO QUE NÃO TEM FIM

Uma antologia da
Organização não governamental
“Meu sonho não tem fim”



Esta obra não tem nenhuma finalidade comercial. Partes do seu conteúdo são dotadas de direitos autorais, ficando claro que a cópia parcial ou integral, seja ela qual for e independente da finalidade, sem prévia autorização, é punível pelas leis de direitos autorais em vigor.

Copyright © 2013 ONG “Meu sonho não tem fim”

Todos os direitos reservados.

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de realizar este sonho, pela boa terra por onde trilho os meus caminhos e pela luz que ilumina meu horizonte. Aos “grandes sonhadores” pela inspiração, exemplo de vida e legado. A minha querida e amada família - especialmente a minha esposa Adriana e aos meus filhos Giuliana e Gianluca - pelo apoio, colaboração e compreensão da importância deste sonho em minha vida. Aos sites e autores anônimos de algumas das reflexões e parábolas que compõem esta compilação. E finalmente, mas não menos importante, a todos os amigos desta “comunidade sonhadora” que, com suas palavras de incentivo, orações, sugestões, elogios, críticas construtivas, tornam o dia-a-dia desta organização em um adorável sonho que não tem fim.

Alex Cardoso de Melo
ONG “Meu sonho não tem fim”
www.meusonhonaotemfim.org.br

SUMÁRIO

A nossa caminhada	17
Um sonho que não tem fim	19
As virtudes e os grandes sonhadores	23
A paixão pela parábola	25
A águia e a galinha	27
A alegria que carregamos dentro de nós	28
A ambição e a vaidade	30
A amizade real	32
A balança	33
A bolsa com batatas	35
A bondade de Nicolau	36
A boneca de crochê	37
A cabra e o asno	38
A carga de dois burros	39
A carroça vazia	40
A casa	41
A casa dos mil espelhos	42
A chama da alma	43
A cobiça e as cebolas	44
A contribuição indispensável	46
A dimensão do amor	47

A dívida do viajante	48
A essência do perdão	49
A estrela verde	50
A existência do mal	51
A fada do mármore	53
A faixa preta	54
A fidelidade e os interesses materiais	55
A flor da honestidade	57
A força da caridade	59
A força de um gesto de carinho	61
A gansa dos ovos de ouro	63
A gentileza dos pequenos atos	64
A grandeza de um pequeno gesto	65
A história de uma flor	66
A importância de uma palavra de afeto	67
A importância do horizonte	69
A incompreensão de um amigo	70
A inocência durante a tempestade	71
A inteligência do camponês	72
A irrelevância de uma fraqueza	73
A jabuticabeira	74
A janela	75
A lamparina	77
A laranja	78
A leiteira e o balde	79
A lenda do malabarista	80
A lenda do monge e do escorpião	82
A lição da tartaruga	83
A lição de um cavaleiro de madeira	84
A lição do jardineiro	85

A maneira certa de dizer as coisas	86
A menina e o cão	87
A menina e o pãozinho	88
A miopia da suspeita	89
A morte anunciada	90
A morte de um inocente	91
A morte do desafiador	92
A panela de sopa	93
A parte mais importante do corpo	94
A paz perfeita	95
A pedra no caminho	96
A pergunta inocente	98
A perseverança de um gênio	99
A porta mais larga do mundo	101
A porta negra	102
A presença materna	103
A princesa Giuliana	105
A prova de um grande amor	107
A raposa e as uvas	109
A raposa e corvo	110
A roupa não faz o homem	111
A sabedoria do ministro	112
A semente	114
A sentença do rei Salomão	116
A serpente e o caluniador	117
A sombra do cavalo	118
A teia de aranha	119
A trilha aberta	120
A única solução	121
A vaca e o porco	122

A velhice e a infância	123
A verdadeira riqueza	124
A vida é um espelho	125
Além do dever	127
Amor em uma lata de leite	128
Amor maiúsculo	129
Androcles e o leão	130
Aprendendo a ser humilde	132
Aquilo que é mais gratificante	133
Aquilo que o coração carrega	135
Aquilo que ouvimos	136
Árvore generosa	137
As aparências enganam	138
As bananas	139
As caixas de Deus	140
As chamas	141
As cicatrizes do descontrole	142
As duas vizinhas	143
As jóias devolvidas	144
As mãos de Jesus	146
As pequenas dádivas	147
As quatro bolas	149
As tarefas do jovem príncipe	151
As três estátuas do rei	153
Asas protetoras	155
Auxílio celestial	157
Auxílio mútuo	158
Benevolência e firmeza	159
Boa vontade	160
Carta ao meu adorado filho	161

Carta de um menor abandonado	163
Carta de uma mãe	165
Cenouras, ovos e café	166
Como açúcar	167
Conquistas	168
Consciência do dever	169
Construindo pontes	170
Copo d'água	171
Coragem e ousadia	172
Corrida de sapos	173
Dando o melhor	174
Deixar secar primeiro	175
Desafios	176
Difícil convivência	178
Duas crianças	179
Educação	180
Em busca da felicidade	181
Enfrentando os obstáculos	182
Entre a crise e a oportunidade	183
Esopo e a língua	184
Estratégia	186
Estrela do mar	187
Eu estou preocupado	188
Eu ouvi um não	189
Exigindo sempre mais	190
Fazendo a sua parte	191
Feijões	192
Flor rara	193
Flores na estrada	194
Francisco e o lobo	196

Gratidão	198
Julgamento precipitado	199
Lençóis sujos	200
Lição de criatividade	201
Mais cinco minutos	202
Mamãe águia	203
Marcas de batom	204
Matando uma criança	205
Meu lar é um inferno	206
Muito mais que sorte	208
Mundo virtual	209
Não acredito em barbeiros	211
O alce e os lobos	212
O amor de uma mãe no inferno	213
O amor no coração	215
O amor real	216
O andarilho e o ourives	217
O arroz e o tabuleiro de xadrez	219
O barqueiro	220
O beija-flor	221
O cálice das pérolas	222
O cão e a sombra	224
O cão raivoso	225
O capitão e o marinheiro	226
O carneirinho perdido	227
O castiçal	229
O cavalo de um sábio	231
O cavalo e o fazendeiro	232
O cirurgião e o mecânico	233
O conselho dos camundongos	234

O concerto da parede	235
O corvo e o vaso	237
O cultivador	238
O desafio dos três leões	240
O Deus de Albert Einstein	242
O discípulo honesto	243
O domador de elefantes	244
O elefante e a corda	245
O elogio ao pequeno escritor	246
O estímulo mais valioso	247
O estranho homem tatuado	249
O exemplo de Mabel	252
O farmacêutico ateu	254
O filhote de cervo	255
O fósforo e a vela	256
O frio que vem de dentro	257
O galo de briga e a águia	259
O galo e a raposa	260
O garoto e a flor	261
O gentil profeta	262
O homem rico	264
O homem triste	265
O jogo de xadrez	266
O juramento do desonesto	267
O ladrão e o cão de guarda	268
O lenhador e a raposa	269
O lenhador honesto	270
O limite da inveja	272
O lugar certo	273
O mal das pressuposições	275

O mendigo e a cerca	276
O mendigo e o rei	277
O menino aleijado	279
O menino de roupa vermelha	281
O ministro que falava com os pássaros	282
O momento da aurora	286
O monge e a prostituta	287
O nariz do camelo	289
O naufrago	290
O novo amigo do rei	291
O oleiro e o poeta	293
O pacote de biscoito	295
O palácio maravilhoso	296
O parto da prataria	298
O pastor e o lobo	300
O pastorzinho e o lobo	301
O piquenique das tartarugas	302
O plantador de árvores	303
O poder da gentileza	304
O poder da “não violência”	305
O poder das palavras	307
O poder do crachá	308
O ponto negro	309
O preço da liberdade	310
O preço da vaidade	311
O preço justo	312
O prego e a cerca	313
O presente mais especial	314
O que mais se preocupava	315
O que te faz melhor	316

O quebrador de pedras	317
O rei e a camisa	319
O reino a que você pertence	320
O retrato de um filho	322
O Ridículo e a Ironia	324
O sábio e o pássaro	325
O sangue do povo e a água do rio	326
O sol e o vento	327
O sonho de Martin	328
O sonho e a oração	330
O sorriso de Deus	331
O sultão e o vizir	332
O sumiço do peixe	333
O tamanho de nossa dor	334
O tanque de areia	335
O tesouro de Bresa	336
O tolo que era sábio	338
O toque de ouro	339
O último dos mortais	341
O vaso com rachaduras	342
O velho avarento	343
O vendedor de balões	344
O verdadeiro tesouro	345
O veredicto	346
O zelador da fonte	347
Os caminhos de Hércules	349
Os dois caminhos	351
Os dois ladrões e a chaminé	353
Os gravetos e a herança	354
Os heróis de Chico Xavier	355

Os pequenos enclausurados	356
Os sete sábios	358
Os viajantes e o urso	359
Pão velho	360
Papel picado ao vento	362
Pare, por favor!	363
Pedaço de carvão	364
Pequenos gestos que salvam vidas	366
Pés grandes, coração enorme	368
Plantando sementes	369
Poupando a energia que resta	371
Previsões	372
Pureza	374
Quando a bondade se expressa	375
Quando deixei de ver a lua	377
Quando eu morrer	378
Que conselho você daria?	380
Quero comprar seu tempo	381
Quero ser como um televisor	382
Recomeçando do zero	383
Reconhecimento	384
Reconstruindo o mundo	386
Retirando a prata do espelho	387
Riqueza e pobreza	388
Sabedoria canina	390
Seis dias de felicidade	391
Sem julgamentos	392
Sendo parte da solução	393
Ser feliz é uma decisão	394
Sinais de Deus	395

Sócrates e a fofoca	396
Sonata ao luar	397
Telha de vidro	399
Tempo de vida	401
Trabalhar com alegria	403
Tratando como irmão	405
Três dias para ver	407
Ubuntu	408
Um amor fraterno	409
Um anjo cinzento	410
Um ato de generosidade	412
Um bom samaritano	413
Um braço amigo	414
Um certo homem	415
Um coração de ouro	417
Um credor incompassivo	419
Um desastre	420
Um exemplo de amor	422
Um gesto muito especial	424
Um pedido de socorro	426
Um pequeno gesto de gentileza	427
Um pequeno herói	428
Um pequeno sermão aos pássaros	429
Um presente valioso	430
Um socorro tardio	432
Um telefonema inesperado	433
Um verdadeiro comandante	435
Uma casa no caminho	436
Uma história sobre lágrimas	439
Uma lição de amor	442

Uma lição de amor no campo de batalha	443
Uma lição de humildade e criatividade	445
Uma lição de perdão na escravidão	446
Uma oferta caridosa	447
Uma sólida amizade	449
Uma taça de sorvete	451
Uma vida de cortesia	452
Uma vida, duas vidas, um sorriso	453
Uma virtude essencial	455
Uma virtude valiosa	458
Vivendo como as borboletas	459
Vivendo o desapego	461
Viver como as flores	462

A NOSSA CAMINHADA

Há algum tempo tenho o hábito de sempre encerrar minhas mensagens pessoais com um “que Deus lhe dê sempre boa terra para trilhar os seus caminhos e muita luz para iluminar seu horizonte”, pois é exatamente isso que eu peço a Ele em todos os dias de minha vida. Que vele por meus passos, em um mundo onde os caminhos são por tantas vezes incertos, tortuosos e desesperadores, pois, no fundo, cada um de nós caminha pela vida como se fosse um viajante que percorre uma estrada. E nesta estrada, há os que vêem margens floridas e os que somente enxergam paisagens desertas.

Há os que pisam em macia grama e os que ferem os pés em pedras pontudas e espinhos.

Há os que viajam em companhias amigas, aos risos e alegria e os que caminham com gente indiferente, egoísta e má.

Há os que caminham sozinhos e os que vão em grandes grupos.

Alguns vão em carros de luxo, outros em veículos bem simples. E há ainda, os que viajam de bicicleta ou a pé.

Há gente branca, negra, amarela. Mas, se olharmos a estrada bem do alto, veremos que não dá para distinguir ninguém: todos são iguais.

Há gente magra e gente gorda. Os magros podem ser assim por elegância e dieta ou porque não têm o que comer. Alguns trazem bolsas cheias de comida. Outros levam pedacinhos de pão amanhecido.

Muitos gostam de repartir o que têm. Outros dão apenas o que lhes sobra. Mas, muita gente da estrada nem olha para os viajantes famintos.

Há pessoas que percorrem a estrada sempre vestidas de seda e cobertas de jóias. Outros vestem farrapos e seguem descalços.

Uma boa parte conta o dinheiro que leva e há os que sonham que um dia todos da estrada serão como irmãos.

Entre os sonhadores, há os que se dedicam a dar água e pão, abrigo e remédio aos viajantes que precisam.

Há pessoas cultas na estrada e há gente muito tola. Alguns sabem dizer coisas difíceis e outros nem sabem falar direito. Em geral, os sabichões não gostam muito da companhia dos analfabetos.

O certo mesmo, é que quase ninguém na estrada está satisfeito. A maioria acha que o vizinho é mais bonito ou viaja mais confortavelmente.

É que nesta longa estrada, esquecemos que a caminhada terá fim.

E, quando ela acabar, o que teremos?

Carregaremos sim a experiência aprendida durante o tempo de estrada e estaremos mais sábios, porque todas as outras pessoas que vimos no caminho nos ensinaram algo. A estrada de nossa existência pode ser bela, simples, rica, tortuosa. Seja como for, ela é o melhor caminho para o nosso aprendizado. Deus nos ofereceu essa estrada, porque nela se encontram as pessoas e situações mais adequadas para nós.

Assim, sigamos adiante pela estrada ensolarada. Procuremos ver mais flores. Valorizemos os companheiros de jornada, repartamos as provisões com quem tem fome. E, sobretudo, não deixemos de caminhar felizes, com o coração em festa, agradecidos a Deus pela chance de percorrer esse caminho por mais um dia e jamais nos esqueçamos que se alguém o busca com frio enquanto você caminha, é porque você tem o cobertor.

Se a tristeza empurra alguém para perto é porque você tem o sorriso.

Se a dor leva alguém em sua direção é porque você tem o curativo.

Quando alguém se acerca com fome é porque você tem o alimento.

Quando alguém chega em desespero é porque você tem a serenidade.

Quando alguém surge com medo é porque você tem a segurança.

Se alguém se aproxima com ódio é porque você tem o amor.

Se a mágoa lhe traz alguém é porque você tem o perdão.

Quando alguém chega com carências é porque você tem a ternura.

Quando alguém chega confuso é porque você tem a lucidez.

Se alguém surge com os braços abertos é porque você tem o abraço.

E, por fim, se alguém o busca com dúvidas é porque você tem a fé.

Por todas essas razões, nunca deixe alguém que o busca durante a caminhada partir sem resposta, pois ninguém chega até você por acaso.

Ainda que você pense que nada possui para oferecer, isso não é verdade. Se alguém lhe apresenta uma necessidade qualquer, mesmo velada, é porque você tem algo a dar. E lembre-se sempre, que se você não puder ser o amor que tudo começa nesta caminhada, que seja o amor que faz chegar ao fim da estrada!

Um forte e afetuoso abraço e que Deus lhe dê sempre boa terra para trilhar os seus caminhos e muita luz para iluminar o seu horizonte.

Do amigo,

Alex Cardoso de Melo

ONG “Meu sonho não tem fim”

www.meusohnonaotemfim.org.br

UM SONHO QUE NÃO TEM FIM

Lembro-me como se fosse hoje, eu tinha dezesseis anos e caminhava juntamente com dois colegas de trabalho, adolescentes como eu na época, pela Rua Direita no centro de São Paulo, em direção a um dos cinemas próximos ao Vale do Anhangabaú, que há muito tempo já não existe mais.

Foi quando me deparei, na esquina da Rua Direita com a Rua Quintino Bocaiúva, com aquela imagem que mudaria minha vida, assim como a forma como eu encararia, a partir daquele dia, os problemas, as dores e tristezas do meu semelhante. Sentada, em um pequeno caixote de madeira, uma delicada senhora, certamente com mais de oitenta anos, frágil, distante, com um olhar extremamente triste, pedindo esmolas.

Aquela cena passou por mim em câmera lenta e enquanto eu observava aquele ser indefeso, via a minha volta as pessoas passarem rapidamente por aquele triste cenário, corriqueiro para a grande maioria.

Meus colegas continuavam conversando alegremente e eu me perguntava, o que uma senhora como aquela fazia ali, na fase final de sua vida, quando deveria estar descansando, tendo uma boa alimentação, cuidados médicos e um lar decente. No entanto, depois de uma longa caminhada de mais de oito décadas, ao contrário, estava ali, pedindo esmolas para sobreviver por mais um dia.

De imediato, surgiram em minha mente muitos questionamentos: Onde morava? Não tinha parentes? Como sobrevivia com tamanha fragilidade e tantas agruras?

A cada questionamento a dor em meu peito aumentava. Aquela dor silenciosa, de se sentir tão pequeno ao lembrar-me de todas as vezes que reclamei de uma camisa que não estava passada, de ser acordado pelo latido do meu cachorro, de um ônibus perdido, de uma garoa fria ao amanhecer, de um café com pouco açúcar...

Naquele momento, meus amigos já me aguardavam surpresos com meu “estado de transe”.

Fui até aquela senhora e dei-lhe o dinheiro que tinha em minha carteira, mas aquilo não resolveria o seu problema, apenas anestesiaría, por um ou dois dias seu sofrimento e limitações.

Assim que me virei, chorei copiosamente e meu passeio terminou naquele momento. Despedi-me de meus amigos e retornei à minha casa, imaginando no trajeto de volta ao meu lar, como seriam os dias daquela

frágil senhora e de tantos outros em vulnerabilidade social, irmãos menos favorecidos, abandonados e infelizes, que há muito tempo já se tornaram “paisagem” para a maioria de nós.

Aquela pequena senhora não poderia imaginar o quanto mudaria minha vida, o quanto seria importante para o surgimento desta organização, deste sonho.

Após este encontro, durante dez anos, realizei trabalhos voluntários (de assistencialismo), no entanto, com o passar do tempo percebi que minha paixão e talvez o meu dom, estavam na conscientização e motivação, e este se tornou o meu sonho, o de criar uma organização que trabalhasse, basicamente, conscientizando e motivando as pessoas. Em agosto de 1997, nascia de uma pequena homenagem a Ayrton Senna da Silva, a semente deste sonho, uma organização, hoje sinônimo de perseverança, determinação, amor e responsabilidade social, a ONG “Meu sonho não tem fim”.

No início, foram criados textos com foco no aspecto humano de Senna e distribuídos para um grupo de, aproximadamente, cinquenta pessoas. Ainda em 1997, iniciei a compilação de materiais (imagens e pequenos arquivos de áudio e vídeo) para a criação de um CD ROM, que seria distribuído gratuitamente, junto à direção de escolas em comunidades carentes, difundindo o legado e exemplo de vida deixado pelo Ayrton, entre crianças destas localidades. Nos anos seguintes, surgiram outros três títulos em CD ROM, mais completos e com novos aspectos visuais, mantendo a mesma finalidade e características de distribuição do inicial.

Posteriormente, a ONG passou por uma grande reformulação, mudando seu foco principal e associando seu trabalho aos exemplos de vida e legado de seus vinte e um “grandes sonhadores”, que são a fonte de inspiração do trabalho da ONG, que tem como principal missão criar ferramentas de conscientização e motivação disponibilizadas, gratuitamente, para formadores de opinião, líderes comunitários, institutos, associações, fundações, ONGs e o público em geral.

A partir deste momento, surgiram novos projetos, como as exposições “Meu sonho não tem fim”, hoje denominadas “Grandes sonhadores”, e que foram levadas à unidades dos CEUs, FEBEMs e escolas, alcançando um público total de mais de 140.000 crianças e adolescentes e também as palestras de conscientização e motivação “Vinha de Sonhos” que têm como tema principal, o legado e exemplo de vida de seus vinte e um “grandes sonhadores”, associando-os a vinte e uma virtudes distintas, como a bondade de Mahatma Gandhi, a caridade de Chico Xavier, a cidadania de Betinho, a coragem de Martin Luther King, a fé de Madre Teresa, a perseve-

rança de Beethoven, a superação de Stephen Hawking, dentre outros e intercalando-as com informações sobre a organização, pequenos vídeos da TV Meu Sonho e parábolas que compõem o trabalho da organização. Também abrimos espaço para novos “grandes sonhadores”, associando-os a novas virtudes, como a esperança de Zilda Arns, a ética de Manoel de Nóbrega e a justiça de Mary Bethune.

Outros projetos foram surgindo durante a caminhada, como “Amor em Cena”, “Pirâmide do Bem”, “Passageiros da Esperança”, e também foram desenvolvidos estudos e pesquisas sobre temas polêmicos e importantes como a discriminação racial, a violência, a importância de investimentos nas áreas periféricas das grandes metrópoles, voluntariado, responsabilidade social corporativa, dentre outros enfoques, para a conscientização de nossos formadores de opinião e também da população de uma forma geral.

Por um desejo pessoal, a organização não tem política de patrocínio, finalidade comercial e não aceita doações de nenhuma espécie. Na verdade - sem busca de reconhecimento, apenas como esclarecimento - a ONG é um trabalho basicamente individual. Até pouco tempo atrás não dizia para ninguém esta característica do trabalho, no entanto, hoje acredito que, de uma forma clara, humilde e serena, isso deve ser colocado para as pessoas, pois tornou-se um exemplo de que é possível buscarmos nossos sonhos e, principalmente, a concretização de trabalhos que busquem o “bem comum” independentemente das dificuldades e limitações financeiras.

Por vezes, quando as pessoas verificam nossos materiais: folhetos, revistas, livros, DVD, páginas em redes sociais e o site oficial, imaginam uma organização rica e grandiosa, quando na verdade, realizo todas as atividades da organização, dividindo ainda o meu tempo com minha família e atividades profissionais, que, graças a Deus, sendo um profissional liberal, tenho flexibilidade nos horários.

Porém, não vejo isso como nenhum mérito pessoal, para mim é uma grande satisfação e fonte de aprendizado constante. No entanto, tenho a consciência de que a ONG tornou-se um exemplo de que é possível construirmos algo, mesmo sozinhos e sem recursos financeiros. Não sou uma pessoa materialmente rica, porém, há vinte e seis anos, quando surgiu este sonho, iniciei uma pequena poupança, onde me comprometi a guardar mensalmente de 20% a 30% de meu salário para viabilizar sua concretização, algo que cumpri com muita disciplina por mais de duzentos e sessenta meses. Era como um dízimo ou uma poupança forçada para a aquisição de meu “sonho de consumo”.

O segredo foi exatamente esse, disciplina, perseverança e um enorme

amor naquilo que fazia e se eu posso dar um conselho para alguém que de-seja fazer algo pelos nossos irmãos menos favorecidos, esquecidos e infelizes e em busca do “bem comum”, essas são algumas das “palavras mágicas” para a concretização deste sonho: muito amor, comprometimento, humildade, ética, disciplina, determinação e perseverança.

E pensar que toda esta história teve início com aquela “pequena senhora da Rua Direita”...

Peço que todos nós possamos refletir com a história de vida deste ser em sofrimento, assim como de tantos outros de nossos irmãos excluídos, esquecidos e infelizes. Uma situação que, infelizmente, em muitas ocasiões, como a dessa pequena senhora, passa despercebida, pois muitas vezes a triste realidade de nossos semelhantes é uma tragédia a conta-gotas, dispersa, silenciosa, escondida desde os humildes rincões e majestosas fazendas das áreas rurais, até as periferias e condomínios de luxo das grandes cidades. Fica lá, tão escondida e esquecida, que aqueles que têm condições dignas de sobrevivência, liberdade, paz e principalmente, são felizes, não enxergam seus irmãos famintos, enclausurados e infelizes. Para muitos de nós, estes males se transformaram em números, estatísticas, como se não trouxessem junto histórias, nomes e seus dramas.

Agora é o tempo para transformarmos em realidade as promessas de melhorarmos como seres humanos e filhos de Deus, de subirmos do vale das trevas da intolerância, injustiça e indiferença para com nosso semelhante, ao caminho iluminado pelo sol da justiça, compreensão e fraternidade.

Enquanto escrevo e você lê este texto, o mundo contabiliza mais algumas centenas de mortes, vítimas da fome, da pobreza, da opressão e da infelicidade. Para muitas famílias, mais um luto, mais uma perda irreparável, para nós, como humanidade, um pouco mais de nosso maior tesouro se perdendo pela indiferença, ganância e crueldade dos mais poderosos e abastados, e principalmente, pela conformidade e descaso da maioria de nós, pois, como já dizia o maior mentor deste meu trabalho, o saudoso e inesquecível Martin Luther King, “nós não lamentamos tanto os crimes dos perversos, quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos”.

Alex Cardoso de Melo
ONG “Meu sonho não tem fim”
www.meusohnaotemfim.org.br

AS VIRTUDES E OS GRANDES SONHADORES

Desde que iniciei o meu trabalho de conscientização e motivação, tendo como foco o legado e exemplo de vida dos “grandes sonhadores”, tenho o hábito de realizar - juntamente com minhas orações diárias - uma pequena prece em homenagem a estas pessoas tão especiais e que eu gostaria de compartilhar com vocês. Ela diz o seguinte:

“Peço a Deus, em sua infinita bondade e compaixão, que eu tenha sempre em minha vida...

- ... a abnegação de Janusz Korczak;
- ... o altruísmo de Salvador Arena;
- ... o amor de Albert Schweitzer;
- ... a bondade de Mahatma Gandhi;
- ... a caridade de Chico Xavier;
- ... a cidadania de Betinho;
- ... a compaixão de Oskar Schindler;
- ... a coragem de Martin Luther King;
- ... o desprendimento de Bezerra de Menezes;
- ... a determinação de Ayrton Senna;
- ... a esperança de Zilda Arns;
- ... a ética de Manoel de Nóbrega;
- ... a fé de Madre Teresa;

... a fraternidade de Dom Hélder Câmara;
... a generosidade de Louis Braille;
... a humanidade de Francisco de Assis;
... a humildade de Albert Einstein;
... o idealismo de Helen Keller;
... a justiça de Mary Bethune;
... a misericórdia de Irmã Dulce;
... o otimismo de Charles Chaplin;
... a perseverança de Ludwig van Beethoven;
... a responsabilidade de Alexander Fleming;
... e a superação de Stephen Hawking.

Amém.”

Alex Cardoso de Melo
ONG “Meu sonho não tem fim”
www.meusohnonaotemfim.org.br

A PAIXÃO PELA PARÁBOLA

Sempre fui um apaixonado por parábolas. Na verdade, a origem da ONG “Meu sonho não tem fim” tem uma ligação forte com esta paixão.

Antes mesmo de a ONG ser criada, para ser exato em 1995, eu já tinha o hábito de enviar a alguns colegas de trabalho, um pequeno informe semanal (todas as sextas-feiras) intitulado “Hoje é sexta-feira”. Este pequeno folheto que, posteriormente, tornou-se digital e era enviado por e-mail, continha algumas piadas inocentes e terminava sempre com uma pequena parábola, que nos fazia refletir sobre temas importantes de nossa sociedade.

Foi desta semente que chegamos até aqui, ao segundo livro dedicado a esta paixão: as parábolas. E nada melhor para explicar um pouco de sua importância em nossos dias, do que através de... uma parábola!

“Diz uma antiga lenda judaica que certo dia, a Verdade visitou os homens sem nenhum adorno, tão nua como seu próprio nome. Sem roupas ou enfeites, todos que a viam, lhe viravam as costas de vergonha ou medo e ninguém lhe dava as boas vindas. Assim, ela percorria a Terra, criticada, rejeitada e desprezada. Em uma de suas caminhadas, triste e desanimada, encontrou a Parábola, que passeava alegremente trajando um lindo vestido.

– Verdade, por que estas triste e cabisbaixa? - perguntou a Parábola.

– Porque devo ser muito boba e antipática, já que os homens me evitam tanto! - respondeu tristemente a Verdade.

– Que tolice! - disse a Parábola. Não é por isso que evitam você. Tome. Vista algumas das minhas mais belas roupas e veja o que acontece.

Então, a Verdade pôs algumas vestes da Parábola, enfeitou-se e, de repente, por toda parte onde passava era muito bem-vinda e celebrada.

Vendo aquela reação, a Verdade concluiu tristemente:

– Os seres humanos não gostam de encarar a Verdade sem maquiagem. Eles preferem maquiá-la”.

Espero que você tenha o mesmo prazer e alegria em ler este livro, como eu tive para elaborá-lo.

Um forte abraço,

Alex Cardoso de Melo
ONG “Meu sonho não tem fim”
www.meusonhonaotemfim.org.br

A ÁGUIA E A GALINHA

William, era um humilde camponês que criou um filhote de águia junto com suas galinhas, tratando-a da mesma maneira que tratava as galinhas, de modo que ela pensasse que também era uma galinha.

Dava a mesma comida jogada no chão, a mesma água num bebedouro rente ao solo, e fazendo-a ciscar para complementar a alimentação, como se fosse uma galinha.

E a águia passou a se portar como se galinha fosse.

Certo dia, passou por sua casa um naturalista, que vendo a águia ciscando no chão, foi falar com William:

– Isto não é uma galinha, é uma águia!

O camponês retrucou:

– Agora ela não é mais uma águia, agora ela é uma galinha!

O naturalista disse:

– Não, uma águia é sempre uma águia, vamos ver uma coisa. Levou-a para cima da casa do camponês e elevou-a nos braços e disse:

– Voa, você é uma águia, assumo sua natureza!

– Mas a águia não voou, e William disse:

– Eu não falei que ela agora era uma galinha!

O naturalista disse: amanhã veremos.

No dia seguinte, logo de manhã, eles subiram até o alto de uma montanha. O naturalista levantou a águia e disse:

– Águia, veja este horizonte, veja o sol lá em cima, e os campos verdes lá em baixo, veja, todas estas nuvens podem ser suas. Desperte para sua natureza, e voe como águia que és.

A águia começou a ver tudo aquilo, e foi ficando maravilhada com a beleza das coisas que nunca tinha visto, ficou um pouco confusa no início, sem entender o porquê tinha ficado tanto tempo alienada.

Então ela sentiu seu sangue de águia correr nas veias, perfilou, devagar, suas asas e partiu num vôo lindo, até que desapareceu no horizonte azul.

“Nunca se deve engatinhar quando o impulso é voar.”

Helen Keller

A ALEGRIA QUE CARREGAMOS DENTRE DE NÓS

Aqueles que dispõem da visão perfeita, com certeza não podem avaliar a preciosidade que é ter noção de espaço, distâncias, cores - tudo o que os olhos oferecem todos os dias.

Por isso, ouvir o depoimento de uma senhora cega, que mora sozinha, é oportuno.

Durante todo o inverno, Sueli ficou dentro de casa a maior parte do tempo.

Naquele dia de início de primavera, a friagem amenizou e ela sentiu o perfume forte das flores.

Seus ouvidos escutaram o canto insistente de um passarinho do lado de fora da janela.

É como se a pequena ave a estivesse convidando a sair de casa.

Preparou-se, tomou a bengala e saiu.

Voltou o rosto para o sol, deu-lhe um sorriso de boas-vindas, agradecida pelo seu calor e a promessa do verão.

Caminhando tranqüila pela rua sem saída, escutou a voz da vizinha a lhe perguntar se não desejava uma carona.

– Não, respondeu educadamente Sueli.

– As minhas pernas descansaram o inverno inteiro. As juntas estão precisando ser lubrificadas e um passeio a pé me fará bem.

Ao chegar na esquina ela esperou, como era seu costume, que alguém se aproximasse e permitisse que ela o acompanhasse, quando o sinal ficasse verde.

Os segundos pareceram uma eternidade.

E ninguém aparecia. Nenhuma oferta de ajuda.

Ela podia ouvir muito bem o ruído nervoso dos carros passando com rapidez, como se tivessem que conduzir os seus ocupantes a algum lugar, muito, muito depressa.

Por um momento, Sueli se sentiu só, desprotegida.

Resolveu cantarolar uma melodia.

Do fundo da memória, recordou-se de uma canção de boas-vindas à primavera, que havia aprendido na escola quando era criança.

De repente, ela ouviu uma voz masculina forte e bem modulada.

– Você me parece um ser humano muito alegre. Posso ter o prazer de sua companhia para atravessar a rua?

Sueli fez que sim com a cabeça, sorriu e murmurou ao mesmo tempo um “sim”.

Delicadamente, ele segurou o braço dela.

Enquanto atravessavam devagar, conversaram sobre o tempo e como era bom, afinal, estar vivo num dia daqueles.

Como andavam no mesmo passo, era difícil se saber quem era o guia e quem era o guiado.

Mal haviam chegado ao outro lado da rua, ouviram as buzinas impacientes dos automóveis.

Devia ser a mudança de sinal.

Sueli se voltou para o cavalheiro, abriu a boca para agradecer pela ajuda e pela companhia.

Antes que pudesse dizer uma palavra, ele já estava falando:

– Não sei se você percebe como é gratificante encontrar uma pessoa tão bem disposta para acompanhar um cego como eu, na travessia de uma rua movimentada.

“Quando uma porta de felicidade fecha-se, uma outra se abre; mas muitas vezes, nós olhamos tão demoradamente para a porta fechada que não podemos ver aquela que se abriu diante de nós. É maravilhoso ter ouvidos e olhos na alma. Isto completa a glória de viver.”

Helen Keller

A AMBIÇÃO E A VAIDADE

Em certa região, onde imperava a pobreza, vivia um homem que conseguia seu sustento com o labor de oleiro. Sua especialidade era fabricar cântaros, que eram vendidos na própria localidade.

Com tal atividade, o oleiro não somente conseguia sustentar-se, como também sempre tinha à disposição algumas colheres de arroz para saciar a fome de um ou outro pedinte, que lhe batesse à porta.

Todas as tardes, quando o sol parecia desmaiar no horizonte, ele se dirigia ao templo para orar. Ali, abria sua alma ao Criador, sentindo-se em paz.

Certo dia, quando estava a trabalhar em sua casa, viu passar a rica caravana de um nobre, cercado de muita pompa e honrarias. Perplexo, viu como aquele homem jogava moedas aos pobres do caminho.

Então, o oleiro disse para si mesmo:

– Eu poderia ser rico como aquele nobre. Seria muito bom ter um palácio para morar, inúmeros criados, desfrutar das coisas boas da vida. Ser poderoso, temido e admirado por onde passasse. Além do que, se fosse um desses homens, melhor poderia servir ao Senhor. Daria amparo aos pobres, para que tivessem eles também uma vida digna e decente. Com meu exemplo, poderia até levar outros homens ricos a agirem como eu. Juntos, poderíamos erradicar a miséria e a fome do mundo.

E, tão logo viu a caravana se afastar, decidiu enriquecer. Na sua mente, elaborou um plano meticuloso.

Se trabalhasse de forma incansável, mais horas por dia, se melhorasse a qualidade dos seus cântaros, ele poderia acumular muitos deles e expô-los na feira do próximo verão.

Vendendo-os, ganharia ainda mais dinheiro e se tornaria um grande e próspero homem.

Logo colocou seu plano em prática, trabalhando dias e noites sem parar.

Não perdia tempo algum. Quando os necessitados o procuravam, sem erguer os olhos da tarefa, dizia:

– Esperem, estou trabalhando para enriquecer e beneficiarei a todos. Voltem no verão...

Deixou de comparecer ao templo para orar, dedicando aquelas horas a modelar cântaros, enquanto sonhava com a riqueza.

O tempo passou e veio finalmente o verão. O oleiro carregou sobre mulas os muitos cântaros que venderia, na feira da capital, a peso de ouro.

Seguindo pela estrada, já sentindo as moedas já tilintarem em seus bolsos, foi surpreendido por homens armados que lhe levaram as mulas e os cântaros, desaparecendo na poeira da estrada.

Ficou sozinho e atônito, a pé, sem saber ao menos o que fazer, a não ser lamentar-se:

– Como sou infeliz. Malditos ladrões. Roubaram-me tudo. Retiraram-me toda a possibilidade de bem servir ao Senhor.

Nisso, a voz do Senhor falou ao seu coração:

– Não chores. Os bens que perdeste apenas serviriam para tua ambição e vaidade. Chora, contudo, toda a fortuna que perdeste há muito mais tempo.

E ante o espanto do oleiro, disse afinal:

– Bati em tua porta por diversas vezes, faminto, e Me negaste o pão.

“Feliz de quem atravessa a vida inteira tendo mil razões para viver.”

Dom Hélder Câmara

A AMIZADE REAL

Antônio era um homem que amontoara sabedoria, além da riqueza, e que auxiliava diversas famílias a se manterem com dignidade. Porém, sentindo-se envelhecer, chamou o filho para instruí-lo na mesma estrada.

Para começar, pediu ao moço que fosse até o lar de um amigo de muitos anos, a quem destinava trezentos reais mensais.

O jovem viajou e encontrou a casa indicada. Esperava encontrar um casebre, mas o que viu foi uma casa modesta, no entanto, confortável.

Flores alegravam o jardim e perfumavam o ambiente. O amigo de seu pai o recebeu com alegria. Depois da prosa, serviu-lhe um café gostoso.

Apresentou-lhe os filhos, jovens saudáveis e felizes.

Reparando a fatura, o portador regressou sem entregar o dinheiro.

Para quê? Aquele homem não era um pedinte. Não parecia ter problemas. E foi isso mesmo que disse ao velho pai, de retorno ao próprio lar.

Antônio, contudo, depois de ouvir com calma, retirou mais dinheiro do cofre, dobrou a quantia e disse ao filho:

– Você fez muito bem em retornar sem nada entregar. Não sabia que o meu amigo estava com tantos compromissos. Volte à residência dele e em vez de trezentos, entregue-lhe seiscentos reais. De agora em diante, é o que lhe destinarei. A sua nova situação reclama recursos duplicados.

O rapaz relutou. Aquela pessoa não estava em posição miserável. Seu lar tinha tanto conforto quanto o deles.

– Alegro-me em saber, falou o velho pai. Quem socorre apenas nos dias do infortúnio, pode exercer a piedade que humilha, em vez do amor que santifica. Quem espera o dia do sofrimento para prestar favor, poderá eventualmente encontrar silêncio e morte, perdendo a oportunidade de ser útil. Todos podem consolar a miséria e partilhar aflições. Raros aprendem a acentuar a alegria dos seres amados, multiplicando-a para eles, sem egoísmo e inveja no coração. Volte, pois e atenda ao meu conselho.

Entendendo a lição, o rapaz cumpriu a determinação de seu pai.

“Se Jesus nos recomendou amar os inimigos, imaginemos com que imenso amor nos compete amar aqueles que nos oferecem o coração.”

André Luiz

A BALANÇA

Galdina era uma pobre senhora que, com o seu visível ar de derrota estampado no rosto, entrou num armazém, se aproximou do proprietário, conhecido pelo seu jeito grosseiro, e lhe pediu fiado alguns mantimentos.

Ela explicou que o seu marido estava muito doente e não podia trabalhar, e que ela tinha sete filhos para alimentar.

O dono do armazém zombou dela e pediu que se retirasse do seu estabelecimento.

Pensando na necessidade da sua família, Galdina implorou:

– Por favor, eu lhe darei o dinheiro assim que eu tiver.

Ao que ele lhe respondeu, bruscamente, que ela não tinha crédito e nem conta na sua loja.

Em pé, no balcão ao lado, um freguês que assistia a conversa entre os dois, se aproximou do dono do armazém e lhe disse que ele deveria dar o que aquela mulher necessitava para a sua família por sua conta.

Então o comerciante falou meio relutante para a pobre mulher:

– Você tem uma lista de mantimentos?

– Sim, respondeu ela.

– Muito bem, coloque a sua lista na balança e o quanto ela pesar, eu lhe darei em mantimentos!

Galdina hesitou por uns instantes e com a cabeça curvada, retirou da bolsa um pedaço de papel, escreveu alguma coisa e o depositou suavemente na balança.

Os três ficaram admirados, quando o prato da balança com o papel desceu e permaneceu embaixo.

Completamente pasmo com o marcador da balança, o comerciante virou-se lentamente para o seu freguês e comentou contrariado:

– Eu não posso acreditar!

O freguês sorriu e o homem começou a colocar os mantimentos no outro prato da balança.

Como a escala da balança não equilibrava, ele continuou colocando mais e mais mantimentos até não caber mais nada.

O comerciante ficou parado ali por uns instantes olhando para a balança, tentando entender o que havia acontecido.

Finalmente, ele pegou o pedaço de papel da balança e ficou espantado, pois, não era uma lista de compras e sim uma oração que dizia:

“Meu Senhor, o senhor conhece as minhas necessidades e eu estou deixando isto em suas mãos”.

O homem deu as mercadorias para a pobre mulher no mais completo silêncio, que agradeceu e deixou o armazém.

O freguês pagou a conta e disse:

– Valeu cada centavo.

Só mais tarde, o comerciante pôde reparar que a balança havia quebrado. Entretanto, só Deus sabe o quanto pesa uma oração.

*“Jesus disse-nos que seríamos julgados pelo modo
como tratamos os menores entre nós.”*

Michael Moore

A BOLSA COM BATATAS

O professor pediu para que os alunos levassem batatas e uma bolsa de plástico para a aula.

Ele pediu também para que separassem uma batata para cada pessoa de quem sentiam mágoas, escrevessem os seus nomes nas batatas e as colocassem dentro da bolsa. Algumas das bolsas ficaram muito pesadas.

A tarefa consistia em, durante uma semana, levar a todos os lados a bolsa com batatas. Naturalmente, a condição das batatas foi se deteriorando com o tempo. O incômodo de carregar aquela bolsa, a cada momento, mostrava-lhes o tamanho do peso espiritual diário que a mágoa ocasiona, bem como o fato de que, ao colocar a atenção na bolsa, para não esquecê-la em nenhum lugar, os alunos deixavam de prestar atenção em outras coisas que eram importantes para eles.

Esta é uma ótima metáfora do preço que se paga, todos os dias, para manter a dor, a insatisfação, a intolerância e a negatividade.

Quando damos muita importância aos problemas não resolvidos ou às promessas não cumpridas, nossos pensamentos enchem-se de mágoa, aumentando o stress e roubando nossa alegria.

Perdoar e deixar estes sentimentos irem embora é a única forma de trazer de volta a paz e a serenidade.

Jogue fora suas “batatas”!

“As pessoas te pesam? Não as carregues nos ombros. Leve-as no coração.”

Dom Hélder Câmara

A BONDADDE DE NICOLAU

Aquele jovem de alma nobre passeava, certo dia, pelas ruas de sua cidade natal, quando ouviu lamentos e gemidos, provindos da casa de um antigo fidalgo que vivia em miséria extrema com suas três filhas. O jovem Nicolau ouviu uma das moças dizer:

– Papai, deixe-nos ir à rua mendigar. É horrível morrer de fome.

O pai, dominado pela vergonha e timidez respondeu:

– Ainda não; esperemos mais uma noite. Só esta noite minha filha; e vou rogar a Deus que nos livre de tão grande desgraça.

Nicolau correu pressuroso a sua casa. Entre os tesouros que havia herdado de seu pai possuía três barras de ouro maciço. Tomou uma delas e, protegido pelas sombras da noite, acercou-se da casa do pobre pai. Uma janela estava aberta. Nicolau ergueu-se nas pontas dos pés e atirou a barra de ouro para dentro. Voltou na noite seguinte e fez a mesma coisa com a segunda barra, e, por fim, na terceira noite o mesmo destino deu à última barra. Mas, dessa vez, foi descoberto, e o pobre pai, que julgara esse ouro caído do céu, ajoelhou-se aos pés de Nicolau. O jovem ergueu-o e disse:

– É só a Deus que deveis render graças, porque foi Ele que me enviou para vos socorrer.

Muitas obras admiráveis de caridade praticou Nicolau em nome de Deus e procurava agir, sempre, em segredo, pelo que deu lugar à tradição popular, em alguns países do hemisfério norte, que supõe ser São Nicolau que desce pela chaminé, na noite de Natal.

*“Sem amor e caridade uma flor tem mil espinhos,
com amor e caridade um espinho tem mil flores.”*

Bezerra de Menezes

A BONECA DE CROCHÊ

Durante mais de sessenta anos, o simpático casal compartilhou de uma alegre e bonita vida em comum. Eles conversavam sobre tudo, ou quase tudo, porque entre eles havia um segredo.

Em cima de um armário, a mulher guardava uma caixa de sapato. O marido recebera a recomendação de nunca abri-la e nem perguntar o que nela havia.

Assim foi por anos e anos. Porque se considerava muito feliz, o homem jamais pensou sobre o que estaria naquela caixa de sapato.

Mas, certo dia, a velhinha adoeceu e o médico avisou que ela teria poucos dias de vida.

Então, o velhinho tirou a caixa de cima do armário e a levou para perto da cama da mulher.

Ela concordou que era a hora dele saber a respeito do conteúdo.

Ele abriu e viu que ali estavam duas bonecas de crochê e um pacote de dinheiro. Somados, nada menos que noventa e cinco mil reais.

E ela explicou:

– Quando nos casamos, minha avó me disse que o segredo de um casamento feliz era nunca brigar por nada. E se alguma vez eu ficasse com raiva de você, deveria ficar quieta e fazer uma boneca de crochê.

O marido ficou muito emocionado, mal contendo as lágrimas.

Eles haviam vivido mais de sessenta anos casados. Como havia somente duas bonecas naquela caixa, significava que ela ficara com raiva dele apenas duas vezes.

Tinha sido, verdadeiramente, uma longa vida de amor.

E resolveu perguntar:

– Querida, você me explicou sobre as bonecas. Mas e esse dinheiro todo, de onde veio?

– Ah, meu bem, disse a velhinha, com a voz quase sumida, esse é o dinheiro que eu consegui com a venda das bonecas.

“Se você tem qualquer mágoa remanescendo da véspera, comece o dia à maneira do sol: esquecendo a sombra e brilhando de novo.”

André Luiz

A CABRA E O ASNO

Uma cabra e um asno comiam ao mesmo tempo no estábulo. A cabra começou a invejar o asno, porque acreditava que ele estava mais bem alimentado, e lhe disse:

– Tua vida é um tormento inacabável, porque você não finge um ataque e deixa-te cair num fosso para que te dêem umas férias.

O asno aceitou o conselho, e deixando-se cair, machucou todo o seu corpo.

Vendo-o naquele estado, seu amo chamou o veterinário e pediu um remédio para o pobre animal.

Prescreveu então o curandeiro, que o asno necessitava de uma infusão com o pulmão de uma cabra, pois, era muito eficiente para devolver o vigor. Para isso, o amo degolou a cabra e assim curou o asno.

“Em todo plano de maldade, a vítima principal sempre é o seu próprio criador.”

Esopo

A CARGA DE DOIS BURROS

Caminhavam dois burros, um com uma carga de açúcar, outro com uma carga de esponjas.

Dizia o primeiro:

– Caminhemos com cuidado, porque a estrada é perigosa.

O outro argüiu:

– Onde está o perigo? Basta andarmos pelo rastro dos que passaram por aqui.

– Nem sempre é assim. Onde passa um, pode não passar outro.

– Que burrice! Eu sei viver, gabo-me disso, e minha ciência toda se resume em só imitar o que os outros fazem.

– Nem sempre é assim, nem sempre é assim, continuou a filosofar o primeiro.

Nisto alcançaram o rio, cuja ponte caíra na véspera.

– E agora?

– Agora é passar a vau.

O burro com a carga de açúcar meteu-se na correnteza e, como a carga ia se dissolvendo ao contato da água, conseguiu sem dificuldade pôr pé na margem oposta.

O burro com a carga de esponja, fiel às suas idéias, pensou consigo:

– Se ele passou, passarei também - e lançou-se ao rio.

Mas sua carga, em vez de esvair-se como a do primeiro, cresceu de peso a tal ponto que o pobre tolo foi ao fundo.

– Bem dizia eu! Não basta querer imitar, é preciso poder e ter condições de imitar - comentou o outro.

“Tenho uma nova filosofia. Só vou temer um dia de cada vez.”

Charles Schulz

A CARROÇA VAZIA

Certa manhã, Jocedi, um homem muito sábio, convidou seu filho para dar um passeio no bosque. Eles se detiveram numa clareira e depois de um pequeno silêncio o pai perguntou:

– Além do cantar dos pássaros, você está ouvindo mais alguma coisa?

O filho apurou os ouvidos alguns segundos e respondeu:

– Estou ouvindo um barulho de carroça.

– Isso mesmo - disse Jocedi - é uma carroça vazia.

E o filho perguntou ao pai:

– Como pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos?

– Ora - respondeu o pai - é muito fácil saber que uma carroça está vazia por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz.

Aquele jovem tornou-se adulto e, até hoje, quando vê uma pessoa falando demais, gritando (no sentido de intimidar), tratando o próximo com grosseria inoportuna, prepotente, interrompendo a conversa de todos e querendo demonstrar que é a dona da razão e da verdade absoluta, ele tem a impressão de ouvir a voz do seu pai dizendo:

“Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz”.

“Vivemos numa época perigosa. O homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar-se a si mesmo.”

Albert Schweitzer

A CASA

Um velho carpinteiro estava em vias de se aposentar. Chegou ao seu superior e informou a decisão. Os anos lhe pesavam muito e ele desejava uma vida mais calma.

Queria descansar um pouco, estar com a família, despreocupar-se de horários e rígidas disciplinas que o trabalho lhe impunha.

Porque era um excelente funcionário, seu chefe se entristeceu. Perderia um colaborador precioso.

Como última tarefa, antes de deixar seu posto de tantos anos, o chefe lhe pediu que construísse uma última casa. Era um favor especial que ele pedia.

O carpinteiro consentiu. À medida que as paredes iam subindo, as peças sendo delineadas, o acabamento sendo feito, era possível perceber à distância que os pensamentos e o coração do servidor não estavam ali.

Ele não se empenhou no trabalho. Não se preocupou na seleção da matéria-prima, de forma que as portas, janelas e o teto apresentavam sérios defeitos.

Como também não teve cuidado com a mão de obra, a casa tomou um aspecto lamentável. Foi uma maneira bem desagradável dele encerrar sua carreira.

Surpresa maior foi quando o chefe veio inspecionar a obra terminada. Olhou e pareceu não ficar satisfeito. Aquele não era um trabalho do seu melhor carpinteiro.

No entanto, tomou as chaves da casa e as entregou ao carpinteiro.

– Esta casa é sua. É o meu presente para você, por tantos anos de dedicação em minha empresa.

Que choque! Que vergonha! Se ele soubesse que a casa seria sua, teria caprichado. Teria buscado os melhores materiais, a melhor mão de obra. O acabamento teria merecido atenção especial. Mas agora ele iria morar naquela casa tão mal feita.

*“Quando o trabalhador converte o trabalho em alegria,
o trabalho se transforma na alegria do trabalhador.”*

André Luiz

A CASA DOS MIL ESPELHOS

Tempos atrás, em um distante e pequeno vilarejo, havia um lugar conhecido como a casa dos mil espelhos.

Um pequeno e feliz cãozinho soube deste lugar e decidiu visitar. Lá chegando, saltitou feliz escada acima até a entrada da casa.

Olhou através da porta de entrada com suas orelhinhas levantadas e a cauda balançando tão rapidamente quanto podia. Para sua grande surpresa, deparou-se com outros mil pequenos e felizes cãesinhos, todos com suas caudas balançando tão rapidamente quanto a dele. Abriu um enorme sorriso, e foi correspondido com mil enormes sorrisos.

Quando saiu da casa, pensou:

– Que lugar maravilhoso! Voltarei sempre, um montão de vezes.

Neste mesmo vilarejo, outro pequeno cãozinho, que não era tão feliz quanto o primeiro, decidiu visitar a casa. Escalou lentamente as escadas e olhou através da porta. Quando viu mil olhares hostis de cães que lhe olhavam fixamente, rosnou, mostrou os dentes e ficou horrorizado ao ver mil cães rosnando e mostrando os dentes para ele.

Quando saiu, ele pensou:

– Que lugar horrível, nunca mais volto aqui.

Todos os rostos no mundo são espelhos.

“O sorriso é uma das grandes armas do homem.”

Talmude

A CHAMA DA ALMA

Havia um rei que apesar de muito rico, tinha fama de ser um grande doador, desapegado de sua riqueza. De uma forma estranha, quanto mais ele doava ao seu povo, auxiliando-o, mais os cofres do palácio se enchiam.

Certo dia, um sábio que estava passando por muitas dificuldades, procurou o rei. Ele queria descobrir qual era o segredo daquele monarca.

Como sábio, ele pensava e não conseguia entender como é que o rei, que não estudava as sagradas escrituras, nem levava uma vida de penitência e renúncia, ao contrário, vivia rodeado de luxo e riquezas, podia não se contaminar com tantas coisas materiais.

Afinal, ele, como sábio, havia renunciado a todos os bens da terra, vivia meditando e estudando e, contudo, tinha muitas dificuldades na alma. Sentia-se em tormento. E o rei era virtuoso e amado por todos.

Ao chegar em frente ao rei, perguntou-lhe qual era o segredo de viver daquela forma e ele lhe respondeu:

– Acenda uma lamparina e passe por todas as dependências do palácio e você descobrirá qual é o meu segredo. Porém, há uma condição: se você deixar que a chama da lamparina se apague, cairá morto.

O sábio pegou uma lamparina, acendeu e começou a visitar as salas do palácio. Duas horas depois, voltou à presença do rei, que lhe perguntou:

– Você conseguiu ver todas as minhas riquezas?

O sábio, que ainda estava tremendo da experiência, porque temia perder a vida se a chama apagassem, respondeu:

– Majestade, eu não vi absolutamente nada. Estava tão preocupado em manter acesa a chama da lamparina que só fui passando pelas salas.

Com o olhar cheio de misericórdia, o rei contou o seu segredo:

– Pois é assim que eu vivo. Tenho toda minha atenção voltada para manter acesa a chama da minha alma que, embora tenha tantas riquezas, elas não me afetam. Tenho a consciência de que sou eu que preciso iluminar meu mundo com minha presença e não o contrário.

“A riqueza de uma nação se mede pela riqueza do povo e não pela riqueza dos príncipes.”

Adam Smith

A COBIÇA E AS CEBOLAS

Era uma vez, um homem que vivia em uma pequena vila na Europa do início do século XIX. Ele era conhecido pela imensa cobiça e também pelo seu espírito aventureiro.

Certa vez, um mascate contou-lhe que havia um reino distante onde as cebolas eram desconhecidas.

– Não tem cebolas! - pensou ele. Mas que prazer eles encontram na comida sem cebolas? Eu vou para lá apresentar-lhes este legume delicioso.

Em poucos dias, ele já havia adquirido uma carroça cheia de cebolas e iniciado sua viagem àquele reino. Era uma terra muito distante e a jornada durou vários meses.

Assim que ele chegou, foi diretamente para a corte e solicitou uma audiência com o rei.

– Majestade, vim lhe trazer um novo legume, que tem a peculiar característica de melhorar o sabor de todos os alimentos - disse o viajante. Ela, por si própria, já é um manjar. Eu insisto que prove do mesmo.

– Muito bem - concordou o rei. Porém, se ficar comprovado que este legume é prejudicial, você perderá a cabeça.

As cebolas foram servidas num jantar formal. Todos os nobres do poderoso reino foram convidados. Todos os pratos contendo cebola foram provados, primeiramente, pelo viajante, posteriormente, pelos nobres e, finalmente, o rei provou do novo legume. A reação de todos foi de grande entusiasmo, elogiando seu sabor e suculência.

O monarca adquiriu a carroça de cebolas para a corte e deu ao viajante o correspondente em ouro ao peso da mercadoria.

Quando o viajante chegou em casa, entusiasmado com o maravilhoso negócio que havia realizado, idealizou um novo plano que, tinha certeza, iria lhe trazer uma fortuna ainda maior. Alho - ele raciocinou - não é apenas mais caro do que cebola, mas tem uma fragrância infinitamente maior. Assim sendo, por que não levar algumas bolsas daquela iguaria para aquela terra distante? Com certeza, se trocavam cebola por ouro, agora ele receberia o peso equivalente em diamantes! Assim sendo, partiu novamente com sua carga de dez bolsas de alho.

Desta vez, a viagem foi infinitamente mais longa e com tamanhos obstáculos que ele chegou ao reino apenas um ano após a sua partida.

Novamente, ele conseguiu induzir o rei a experimentar a novidade.

E, como havia previsto, o sabor do alho foi muito mais apreciado que o das cebolas. O rei consultou seus principais ministros para saber qual a forma de recompensa a ser paga ao nobre visitante. Ouro, eles decidiram por unanimidade (como o viajante havia imaginado), não seria uma remuneração adequada para uma comida tão deliciosa, da qual até Deus e seus anjos se compraziam. Portanto, decidiram recompensá-lo com a mercadoria mais preciosa que havia em todo o seu reino.

E o viajante voltou para casa com a sua valiosa recompensa: dez sacolas cheias de cebola!

*“Infelizmente, para a maioria das pessoas, dinheiro é como água do mar:
quanto mais você toma, maior é a sua sede.”*

Alex Cardoso de Melo

A CONTRIBUIÇÃO INDISPENSÁVEL

Conta-se que, em determinada região da Europa, existia um pequeno vilarejo que se dedicava ao cultivo de uvas para produção de suco.

Uma vez por ano, ocorria na vila uma grande festa para comemorar o sucesso da colheita.

A tradição exigia que, naquela festa, cada morador trouxesse uma garrafa do seu melhor suco, para colocar dentro de um grande recipiente que ficava na praça central.

Entretanto, um dos moradores pensou:

– Por que deverei levar uma garrafa do meu mais puro suco? Levarei uma cheia de água, pois no meio de tanto suco de primeira qualidade o meu não fará falta nem alterará o seu sabor.

Assim pensou e assim fez.

No auge dos acontecimentos, como era de costume, todos se reuniram na praça, cada um com o seu copo, para pegar uma porção daquele líquido precioso, cuja fama se estendia além das fronteiras do país.

Contudo, ao abrir a torneira, um silêncio tomou conta da multidão.

Daquele enorme recipiente saiu apenas água.

E como isto pôde ocorrer?

Acontece que todos pensaram como aquele morador: a ausência da minha parte não fará falta.

*“Não existe melhor caminho para a solidariedade humana
do que a luta e o respeito pela dignidade individual.”*

Alex Cardoso de Melo

A DIMENSÃO DO AMOR

O oncologista, ao receber aquele casal em seu consultório, admirou-se com a postura do marido. Era um comerciante de meia idade, austero, ereto, recordando a formação militar.

A esposa era portadora de um câncer raro, terrível.

Concluída a consulta, o marido a acompanhou até a sala de espera e retornou para falar a sós com o médico.

– Doutor, quando conheci minha esposa, há mais de quarenta anos e nos casamos, não tínhamos nada. Nem eu, nem ela. A pobreza era nossa hóspede. Juntos, trabalhamos e amealhamos fortuna. Temos muitas posses, conquistadas ao longo dos anos. Tudo é nosso. Somos sócios. O que quero lhe dizer é que se for necessário gastar todos os nossos bens, não teremos perdido nada. Simplesmente teremos voltado à condição inicial. Quero que o senhor se preocupe com o melhor tratamento existente em nosso país e no exterior. Dinheiro é problema meu. Estamos entendidos?

E assim foi. Ele jamais reclamou de gasto algum. Por duas vezes a levou à uma clínica nos Estados Unidos. Dois anos depois, ela morreria.

Mais tarde, ele falaria ao médico do quanto amava aquela mulher.

Ele a conhecera em um baile militar e a convidara para dançar. Quando a abraçou para a dança, ficou trêmulo e pensou:

– Desejo passar o resto da vida abraçado com essa moça.

Três meses depois, se casaram. Ele fez um pedido formal mais ou menos nos seguintes termos:

– Quero pedir você em casamento para sermos felizes. Prometo que nunca haveremos de brigar por tolices, como o tubo de pasta de dentes. Muito menos por ciúmes descabidos. Pretendo ser seu companheiro pelo resto da vida, sentar na sala com você à noite. Escutar a música que ambos apreciamos e me sentir em paz com a mulher que mais desejo, no melhor lugar do mundo, nosso lar.

Ele cumpriu a promessa, até a última palavra.

*“Os anos me ensinaram a julgar os homens por suas ações,
não pelas convicções que apregoam.”*

Dráuzio Varella

A DÍVIDA DO VIAJANTE

Um pobre viajante parou ao meio-dia para descansar à sombra de uma frondosa árvore. Ele viera de muito longe e sobrava apenas um pedaço de pão para almoçar. Do outro lado da estrada, havia um quiosque com tentadores pastéis e bolos; o viajante se deliciava sentindo as fragrâncias que flutuavam pelo ar, enquanto mascava seu pedacinho de pão dormido.

Ao se levantar para seguir o seu caminho, o padeiro subitamente saiu correndo do quiosque, atravessou a estrada e agarrou-o pelo colarinho.

– Espere aí! - gritou o padeiro. Você tem que pagar pelos bolos!

– O que é isso? - protestou o viajante. Eu nem encostei nos bolos!

– Seu ladrão! - berrava o padeiro. É óbvio que você aproveitou seu pão dormido melhor, sentindo o cheiro delicioso da minha padaria. Você não sai daqui enquanto não pagar pelo que levou. Eu não trabalho à toa!

Uma multidão se juntou e instou para que levassem o caso ao sábio juiz. Ele ouviu os argumentos, pensou bastante e ditou a sentença.

– Você está certo. - disse ao padeiro. Este viajante saboreou os frutos do seu trabalho. E julgo que o perfume dos bolos vale três moedas de ouro.

– Isso é um absurdo! Objetou o viajante. Além disso, gastei meu dinheiro todo na viagem. Não tenho mais nem um centavo.

– Ah... - disse o juiz. Neste caso, vou ajudá-lo.

Tirou três moedas do próprio bolso e o padeiro avançou para pegar.

– Ainda não - disse o juiz. Você diz que esse viajante meramente sentiu o cheiro dos seus bolos, não é?

– É isso mesmo - respondeu o padeiro.

– Mas, ele não engoliu nem um pedacinho?

– Já lhe disse que não.

– Nem provou nenhum pastel ou encostou nas tortas?

– Não!

– Então, já que ele consumiu apenas o perfume, você será pago apenas com som. Abra os ouvidos para receber o que você merece.

O sábio juiz jogou as moedas de uma mão para outra, fazendo-as retinir bem perto das gananciosas orelhas do padeiro.

“O dinheiro é uma grande coisa que muitas vezes torna o homem bem pequeno.”

A ESSÊNCIA DO PERDÃO

Um dos soldados de Napoleão cometeu um crime e foi condenado a morte.

Na véspera do fuzilamento, a mãe do soldado foi implorar que a vida de seu filho fosse poupada.

– Minha senhora, o que seu filho fez, não merece clemência.

– Eu sei - disse a mãe. Se merecesse, não seria verdadeiramente um perdão. Perdoar é a capacidade de ir além da vingança ou da justiça.

Ao ouvir aquelas palavras, Napoleão comutou a pena de morte em exílio.

“Não levante a espada sobre a cabeça de quem te pediu perdão.”

Machado de Assis

A ESTRELA VERDE

Havia milhares de estrelas no céu. Estrelas de todas as cores: brancas, prateadas, verdes, douradas, vermelhas e azuis.

Um dia, elas procuraram Deus e lhe disseram:

– Senhor, gostaríamos de viver na Terra entre os homens.

– Assim será feito, respondeu o Senhor. Eu conservarei todas vocês, pequeninas como são vistas e podem descer para a Terra.

Conta-se que, naquela noite, houve uma linda chuva de estrelas.

Algumas se aninharam nas torres das igrejas, outras foram brincar de correr com os vaga-lumes nos campos; outras misturaram-se aos brinquedos das crianças e a Terra ficou maravilhosamente iluminada.

Porém, passado algum tempo, as estrelas resolveram abandonar os homens e voltar para o céu, deixando a Terra escura e triste.

– Porque voltaram? Perguntou Deus, quando elas chegaram ao céu.

– Senhor, não nos foi possível permanecer na Terra. Lá existe muita miséria e violência, muita maldade, muita injustiça...

E o Senhor lhes disse:

– Claro! O lugar de vocês é aqui no céu. A Terra é lugar transitório, daquilo que passa, daquele que cai, daquele que erra, daquele que morre, nada é perfeito. O céu é lugar da perfeição, do eterno, onde nada perece.

Depois, conferindo o total de estrelas, Deus falou novamente:

– Mas, está faltando uma estrela. Perdeu-se no caminho?

Um anjo que estava perto retrucou:

– Não Senhor, uma estrela resolveu ficar entre os homens. Ela descobriu que seu lugar é, exatamente, onde existe a imperfeição, onde há limite, onde as coisas não vão bem, onde há luta e dor.

– Mas, que estrela é essa? - voltou Deus a perguntar.

– É a Esperança, Senhor. A estrela verde. A única estrela dessa cor.

E quando olharam para a Terra, a estrela não estava só.

A Terra estava novamente iluminada, porque havia uma linda estrela verde no coração de cada pessoa.

“A esperança é o sonho do homem acordado.”

Aristóteles

A EXISTÊNCIA DO MAL

Certo dia, um professor ateu desafiou seus alunos com a seguinte pergunta:

– Deus fez tudo o que existe?

Um estudante respondeu corajosamente:

– Sim, fez!

– Deus fez tudo, mesmo? - insistiu o professor.

– Sim, professor. - respondeu o jovem.

O professor replicou:

– Se Deus fez todas as coisas, então Deus fez o mal, pois o mal existe.

E, considerando-se que nossas ações são um reflexo de nós mesmos e somos a imagem e semelhança de Deus, então Deus é o mal.

O estudante calou-se diante de tal afirmativa e o professor ficou feliz por haver provado, uma vez mais, que a fé era um mito.

Outro estudante levantou sua mão e disse:

– Posso lhe fazer uma pergunta, professor?

– Sem dúvida, respondeu-lhe o professor.

O jovem ficou de pé e perguntou:

– Professor, o frio existe?

– Mas, que pergunta é essa? Claro que existe. Você por acaso nunca sentiu frio?

O rapaz respondeu:

– Na verdade, professor, o frio não existe. Eu não sou especialista no assunto, mas, segundo todas as leis da física, o que consideramos frio é, na realidade, ausência de calor. Todo corpo ou objeto pode ser estudado quando tem ou transmite energia, mas é o calor e não o frio que faz com que tal corpo tenha ou transmita energia. O chamado zero absoluto é a ausência total e absoluta de calor, todos os corpos ficam inertes, incapazes de reagir, mas o frio não existe. Criamos esse termo para descrever como nos sentimos quando nos falta o calor.

– E a escuridão, existe? - continuou o estudante.

O professor respondeu:

– Mas, é claro que sim.

– Novamente o senhor se engana, a escuridão tampouco existe. A escuridão é, na verdade, a ausência da luz. Podemos estudar a luz, mas não a escuridão. O prisma de Newton decompõe a luz branca nas várias cores

de que se compõe, com seus diferentes comprimentos de onda. A escuridão não. Um simples raio de luz rasga as trevas e ilumina a superfície que a luz toca. Como se faz para determinar quão escuro está um determinado local do espaço? Apenas com base na quantidade de luz presente nesse local, não é mesmo? Escuridão é um termo que o homem criou para descrever o que acontece quando não há luz presente.

Finalmente, o jovem estudante perguntou ao professor:

– Diga, professor, o mal existe?

Ele respondeu:

– Claro que existe. Como eu disse no início da aula, vemos roubos, crimes e violência diariamente em todas as partes do mundo, essas coisas são o mal.

Então o estudante disse:

– O mal não existe, professor, ou, pelo menos, não existe por si só. O mal é, simplesmente, a ausência do bem. O mal, como acontece com o frio e o calor, é um termo que o homem criou para descrever essa ausência do bem. Assim sendo, Deus não criou o mal. Deus criou o amor e a fé, que existem como existe a luz e o calor. Já o mal é resultado da falta de Deus nos corações. É como o frio que surge quando não há calor ou a escuridão que acontece quando não há luz.

Diante da grande lógica dos argumentos daquele aluno, o professor se calou, pensativo.

*“A fé inabalável é somente aquela que pode enfrentar a razão,
face a face, em todas as épocas da humanidade.”*

Allan Kardec

A FADA DO MÁRMORE

Possivelmente, poucos têm notícias de que Sócrates, o filósofo grego, era também escultor. De um modo geral, todos o conhecem como o mestre de Platão. O precursor das idéias cristãs.

Mas, ele era também um escultor muito bom.

Um dia, ele recebeu um pedido da prefeitura de Atenas para esculpir em mármore a estátua de uma fada, que deveria ser colocada em um bosque, próximo de uma fonte.

Sócrates aceitou a encomenda. Tratou logo de providenciar um bloco de mármore branco e se pôs a trabalhar.

Durante algum tempo, ficou olhando para o imenso bloco branco. Mentalizou, idealizou a estátua e, então, colocou mãos a obra.

Empunhou o martelo e foi desbastando a pedra. Lascas enormes voavam para um e outro lado da sua oficina.

Mais tarde, ele largou o martelo e os outros instrumentos pesados, rústicos e empunhou ferramentas mais leves, como o cinzel.

Para o acabamento da estátua, serviu-se de uma pedra esmeril, com muita delicadeza.

Finalmente, a estátua ficou pronta para admiração do povo.

Era a figura de uma jovem esbelta, como os antigos concebiam as divindades dos bosques e das águas. Seu aspecto era tão leve que ela parecia flutuar no ar. No entanto, era toda de mármore.

Ante os elogios do povo, Sócrates explicou que ele, verdadeiramente, não esculpira a estátua. Quando olhara o bloco de mármore, ele vira que a ninfa das águas estava pronta, dentro dela.

– O que fiz, dizia, foi simplesmente retirar o excesso de pedra que a cobria e descobri-la para os olhos de todos.

“A arte não é um estudo. É a beleza que suscita o entusiasmo e a simpatia. É simplesmente uma questão de sentimento.”

Charles Chaplin

A FAIXA PRETA

Depois de incansáveis anos de treinamento, um disciplinado aluno de artes marciais viu-se diante do mestre para receber a faixa preta.

– Antes da faixa, você passará por outro teste, avisou o mestre.

– Estou pronto - respondeu o aluno.

– Você precisa responder a uma pergunta essencial. Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?

O jovem respirou fundo e disse:

– Ela representa o fim de minha jornada. Será uma recompensa merecida por meu bom trabalho.

O mestre esperou um pouco.

O jovem percebeu que o professor não estava satisfeito.

O silêncio do jovem foi quebrado pelas palavras do mestre:

– Você não está pronto para receber a faixa. Volte daqui um ano.

Desapontado, o aluno partiu.

Um ano depois, o aluno ajoelhou-se novamente na frente do mestre.

– Qual é o significado da faixa preta? - perguntou o professor.

– É o símbolo da excelência e o nível mais alto que se pode atingir em nossa arte, respondeu o jovem.

O mestre permaneceu em silêncio.

O aluno percebeu que, outra vez, sua resposta não fora satisfatória.

Por fim, disse o professor:

– Você ainda não está pronto. Volte daqui a um ano.

Resignado, o aluno partiu.

Um ano depois, ele voltou a ajoelhar-se diante do mestre.

Mais uma vez, foi-lhe feita a pergunta:

– Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?

O aluno respirou fundo e respondeu:

– A faixa preta representa o começo. É o início de uma jornada sem fim de disciplina, trabalho e busca por um padrão cada vez mais alto.

O mestre sorriu e disse:

– Agora você está pronto para recebê-la e iniciar o seu trabalho.

“Disciplina é a ferramenta que transforma talento em capacidade.”

Alex Cardoso de Melo

A FIDELIDADE E OS INTERESSES MATERIAIS

Era uma vez um jovem, que recebeu do rei a tarefa de levar uma mensagem e alguns diamantes a outro rei de uma terra distante.

Recebeu também, o melhor cavalo do reino para realizar a jornada.

– Cuida do mais importante e cumprirá a missão! - disse o soberano ao se despedir.

Assim, o jovem preparou o seu alforje. Escondeu a mensagem na bainha da calça e colocou as pedras numa bolsa de couro amarrada na cintura, por baixo das vestes.

Pela manhã, bem cedo, sumiu no horizonte. E não pensava sequer em falhar. Queria que todo o reino soubesse que era um nobre e valente rapaz, pronto para desposar a princesa. Aliás, esse era o seu sonho e parecia que a princesa correspondia às suas esperanças.

Para cumprir rapidamente a tarefa, por vezes deixava a estrada e pegava atalhos que sacrificavam sua montaria. Dessa forma, exigia o máximo do animal. Quando parava em uma estalagem, deixava o cavalo ao relento, não lhe tirava a sela nem a carga, tampouco se preocupava em lhe dar de beber ou comer.

– Assim, meu jovem, acabas perdendo o animal, disse alguém.

– Não me importo, respondeu ele. Tenho dinheiro. Se este morrer, compro outro. Nenhuma falta fará!

Com o passar dos dias e sob tamanho esforço, o pobre animal não suportou mais os maus tratos e caiu morto na estrada. O jovem simplesmente o amaldiçoou e seguiu o caminho a pé. Mas, como naquela região haviam poucas fazendas e eram muito distantes uma das outras, em poucas horas o moço se deu conta da falta que lhe fazia o animal.

Estava exausto e com sede. Já tinha deixado pelo caminho toda a tralha, com exceção das pedras, pois lembrava da recomendação do rei: "cuida do mais importante!" Seu passo se tornou curto e lento e as paradas, freqüentes e longas.

Como imaginava que poderia cair a qualquer momento e temendo ser assaltado, escondeu as pedras no salto de sua bota.

Mais tarde, caiu exausto no pó da estrada, onde ficou desacordado por longo tempo. No entanto, uma caravana de mercadores que seguia viagem para o seu reino, o encontrou e cuidou dele.

Quando o jovem recobrou os sentidos, estava de volta em sua cidade.

Imediatamente, foi ter com o rei para contar o que havia acontecido e sem remorso algum jogou toda a culpa do insucesso no cavalo "fraco e doente" que recebera.

– Porém, majestade, conforme me recomendaste, "cuida do mais importante", aqui estão todas as pedras que me confiaste. Devolvo-as a ti. Não perdi uma sequer.

O rei as recebeu de suas mãos com tristeza e o despediu, mostrando completa frieza diante de seus argumentos.

Abatido, o jovem deixou o palácio arrasado. Em casa, ao tirar a roupa suja, encontrou na bainha da calça a mensagem do rei, que dizia:

– Ao meu irmão, rei da terra do norte! O jovem que eu te envio é candidato a casar com minha filha. Esta jornada é uma prova. Dei a ele alguns diamantes e um bom cavalo. Recomendei que cuidasse do mais importante. Faz-me, portanto, este grande favor e verifica o estado do meu cavalo. Se o animal estiver forte e viçoso, saberei que o jovem é fiel e sabe reconhecer quem o auxilia na jornada. Se, porém, perder o animal e apenas guardar as pedras, não será um bom marido nem rei, pois terá olhos apenas para o tesouro do reino e não dará importância à rainha nem àqueles que o servem.

“A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana.”

Charles Darwin

A FLOR DA HONESTIDADE

Conta-se que por volta do ano 250 a.C., na China antiga, um príncipe da região norte do país estava às vésperas de ser coroado imperador, mas, de acordo com a lei, ele deveria se casar. Sabendo disso, ele resolveu fazer uma “disputa” entre as moças da corte ou quem quer que se achasse digna de sua proposta.

No dia seguinte, o príncipe anunciou que receberia, numa celebração especial, todas as pretendentes e lançaria um desafio.

Uma velha senhora, serva do palácio há muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos, sentiu uma leve tristeza, pois sabia que sua jovem filha nutria um sentimento de profundo amor pelo príncipe.

Ao chegar em casa e relatar o fato à jovem, espantou-se ao saber que ela pretendia ir à celebração, e indagou incrédula:

– Minha filha, o que você fará lá? Estarão presentes todas as mais belas e ricas moças da corte. Tire esta idéia insensata da cabeça, eu sei que você deve estar sofrendo, mas não torne o sofrimento uma loucura.

E a filha respondeu:

– Não, querida mãe, não estou sofrendo e muito menos louca, eu sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, isto já me torna feliz.

À noite, a jovem chegou ao palácio.

Lá estavam, de fato, todas as mais belas moças, com as mais belas roupas, mais belas jóias e as mais determinadas intenções.

Então, finalmente, o príncipe anunciou o desafio:

– Darei a cada uma de vocês, uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trazer a mais bela flor, será escolhida minha esposa e futura imperatriz da China.

A proposta do príncipe não fugiu às profundas tradições daquele povo, que valorizava muito a especialidade de “cultivar” algo, sejam costumes, amizades, relacionamentos, etc.

O tempo passou e a doce jovem, como não tinha muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava com muita paciência e ternura da sua semente, pois sabia que se a beleza das flores surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado.

Passaram-se três meses e nada surgiu.

A jovem tudo tentara, usara de todos os métodos que conhecia, mas

nada havia nascido. Dia após dia, ela percebia cada vez mais distante o seu sonho, mas cada vez mais profundo o seu amor. Por fim, os seis meses haviam passado e nada havia brotado.

Consciente do seu esforço e dedicação, a moça comunicou a sua mãe que, independente das circunstâncias retornaria ao palácio, na data e hora combinadas, pois, não pretendia nada além de mais alguns momentos na companhia do príncipe.

Na hora marcada estava lá, com seu vaso vazio, bem como todas as outras pretendentes, cada uma com uma flor mais bela do que a outra, das mais variadas formas e cores.

Ela estava admirada, nunca havia presenciado tão bela cena.

Finalmente, chega o momento esperado e o príncipe observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Após passar por todas, uma a uma, ele anuncia o resultado e indica a bela jovem como sua futura esposa.

As pessoas presentes tiveram as mais inesperadas reações. Ninguém compreendeu porque ele havia escolhido justamente aquela que nada havia cultivado.

Então, calmamente o príncipe esclareceu:

– Esta foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar uma imperatriz. A flor da honestidade, pois, todas as sementes que entreguei eram estéreis. A honestidade é como uma flor tecida em fios de luz, que ilumina quem a cultiva e espalha claridade ao seu redor.

*“Quando a gente pensa que já sabe todas as respostas,
vem a vida e muda todas as perguntas.”*

Alex Cardoso de Melo

A FORÇA DA CARIDADE

Era uma vez, uma linda menina que morava com sua avó numa pequena cabana perto da floresta. Eram tão pobres que mal tinham o que comer e o que vestir.

– Não se preocupe, vovó - dizia a menina. Quando eu crescer, vou trabalhar, comprar tudo que precisamos e ajudar os pobres.

Um dia, a menina saiu para catar lenha na floresta. Esperava ganhar um dinheirinho vendendo os gravetos na vila que havia detrás do morro. Como ia ficar fora o dia inteiro, levou no bolso um pedaço de pão e embrulhou-se num xale, pois era inverno e o ar estava gelado.

Andava depressa para espantar o frio e já sentia um pouco de fome, mas guardou o pão para comer depois de recolher os gravetos. Chegando à entrada da floresta, a menina viu um garotinho menor que ela, chorando amargamente, acocorado debaixo de uma árvore. Perguntou ao menino por que ele chorava tanto e ele respondeu:

– Estou chorando porque estou com fome.

– Você não comeu nada hoje? - perguntou.

– Não tinha nada para comer. Estou morrendo de fome e nem sei onde arranjar comida.

– Deve estar com mais fome do que eu - disse a menina com um suspiro, e, tirando o pão do bolso, deu-o para o menino.

Seguiu apressada seu caminho para a floresta, mas, pouco adiante, encontrou uma menininha ainda mais miserável que o garoto, esfarrapada, quase congelando. Por entre os trapos que a cobriam, via-se a pela azulada pelo frio e ela tremia tanto que mal conseguiu falar:

– Ah, seu eu tivesse um vestido quentinho como o seu. Ajude-me, por favor, senão vou morrer de frio.

A menina encheu-se de piedade e pensou: “Não é justo eu ter um vestidinho e um xale e essa menininha não ter nada coitadinha.” Tirou o vestido e deu-o para a menina. Embrulhou-se de novo no xale, fingindo que não sentia frio, e continuou a andar. Já estava perto da clareira onde havia lenha e consolou-se pensando que cataria um feixe bem grande e depois voltaria correndo para casa.

Apressou o passo, mas, quando chegou à clareira, viu que já havia alguém lá, catando os galhos do chão. Era uma velhinha, tão enrugadinha, tão curvadinha, tão pobrezinha que a menina sentiu um aperto no coração.

– Ai, ai - gemia a velhinha. Meus velhos ossos doem tanto! Se eu tivesse um xale para me agasalhar não sentiria tanta dor.

A menina pensou nas dores de sua avó e ficou com pena da velhinha.

– Tome meu xale - disse ela, tirando o xale dos ombros e dando-o à pobre velhinha.

A menina então ficou só com o aventalzinho, em plena floresta. O vento soprava, mas ela não sentia frio. Não tinha comido, mas não sentia fome. Alimentada e agasalhada pela própria generosidade, catou um grande feixe de gravetos e se pôs a caminho de casa. Escurecia. As primeiras estrelas surgiam por entre os galhos das árvores da floresta. De repente, um velho apareceu diante dela dizendo:

– Dê-me essa lenha. Meu coração está frio e estou muito velho, não tenho forças para buscar lenha na floresta.

A menina suspirou. Se desse os gravetos a ele, teria que voltar para apanhar mais, porém não conseguiu negar.

– Tome - disse ela, entregando-lhe o feixe. No mesmo instante o velho desapareceu e em seu lugar surgiu um anjo reluzente, que lhe disse:

– Você alimentou quem tinha fome, vestiu quem tinha frio e ajudou a quem pediu. Terá o prêmio que merece. Veja!

Na mesma hora uma luz intensa brilhou na floresta, como se todas as estrelas do céu escorressem por entre os galhos das árvores. Mas não eram estrelas; eram diamantes, esmeraldas, pedras preciosas que cobriam o chão.

E o anjo disse:

– Pegue, menina, são suas.

Ela recolheu quantas conseguiu juntar no aventalzinho e, quando olhou novamente, o anjo tinha desaparecido. A menina correu para casa, doida para mostrar o tesouro à avó. Com toda aquela riqueza, puderam satisfazer todos os seus desejos e ainda dar a maior parte daquela fortuna recebida aos pobres. Viveram felizes, pois, além do tesouro, tinham o amor e a admiração de todos aqueles que as conheciam.

“Os pobres podem morar perto ou longe de nós. Podem ser materialmente ou espiritualmente pobres. Podem estar famintos de pão ou de amizade. Podem precisar de roupas ou do senso de riqueza que o amor de Deus representa para eles. Podem precisar do abrigo de uma casa feita de tijolos e cimento ou da confiança de possuírem um lugar em nossos corações.”

Madre Teresa de Calcutá

A FORÇA DE UM GESTO DE CARINHO

Certa vez, doutor Bezerra de Menezes, um renomado médico brasileiro da segunda metade do século XIX, saía de uma reunião de uma das entidades de que fazia parte na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, quando localizou um “irmão em sofrimento”, de seus quarenta e cinco anos, cabelos em desalinho, com a roupa suja e amarrotada. Os dois se olharam e doutor Bezerra compreendeu de imediato que ali estava um caso todo particular para resolver. Bendito os que têm olhos no coração! E ele sempre os teve.

Ele levou o desconhecido para um canto e lhe ouviu, com atenção, o desabafo, o pedido:

– Doutor Bezerra, estou sem emprego, com a mulher e dois filhos doentes e famintos. E eu mesmo, como vê, estou sem alimento e febril!

Doutor Bezerra, muito apiedado, verificou se ainda tinha algum dinheiro. Nada encontrou nos bolsos. Apenas a passagem do bonde. Devido a situação e não tendo condições de auxiliá-lo, tornou-se mais apiedado e apreensivo. Levantou os olhos já molhados de pranto para o alto e, numa prece muda, pediu inspiração para solucionar mais este problema. Depois, virando-se disse:

– Meu filho, você tem fé em Deus?

– Tenho e muita doutor Bezerra!

– Pois, então, receba este abraço.

E o abraçou envolvente e demoradamente. E, despedindo-se, disse:

– Vá com Deus meu filho. E, em seu lar, faça o mesmo com todos os seus familiares, abraçando-os, afagando-os. E confie em Deus, que seu caso há de ser resolvido.

Doutor Bezerra partira. A caminho do lar, meditava: teria cumprido seu dever, será que possibilitara ajuda ao irmão em prova, faminto e doente? E arrependia-se por não lhe haver dado senão um abraço. Não possuía nenhum dinheiro. O próprio anel de grau já não estava mais em seu dedo. Tudo havia dado. Não tendo dinheiro, dera algo de si mesmo ao irmão sofredor, boas vibrações, bom ânimo, moeda da alma, mas, não tinha certeza de que isso lhe bastara. E, neste estado de espírito, preocupado pela sorte de seu semelhante, chegou ao lar.

Pouco mais de uma semana passara-se. Doutor Bezerra praticamente já não se recordava mais do sucedido. Muitos eram os problemas a serem

resolvidos. Após uma reunião, no mesmo prédio em que encontrara o “irmão em sofrimento” na semana anterior, descia as escadas quando alguém, trazendo na fisionomia toda a emoção do agradecimento, toca-lhe o braço e lhe diz:

– Venho agradecer-lhe, doutor Bezerra, o abraço milagroso que me deu na semana passada, neste local e nesta mesma hora. Daqui saí logo sentindo-me melhor. Em casa, cumpri seu pedido e abracei minha mulher e meus filhos. Na linguagem do coração, oramos todos a Deus. Na água que bebemos e demos aos familiares, parece, continha algum alimento, pois, dormimos todos bem. No dia seguinte, estávamos sem febre e como que alimentados. E veio-me a inspiração, guiando-me a uma porta, que se abriu e alguém por ela saiu, ouviu meu problema, condoeu-se de mim e me deu um emprego. E venho lhe agradecer a grande dádiva que o senhor me deu, arrancada de si mesmo, maior e melhor do que dinheiro!

O ambiente era tocante. Lágrimas caíam tanto dos olhos de doutor Bezerra como do irmão beneficiado e desconhecido. E uma prece muda, de dois corações unidos numa mesma força, subiu aos céus.

“Soletremos antes de tudo o alfabeto da bondade. Sem as primeiras letras do amor e da caridade, jamais entenderemos o sagrado poema da vida.”

Bezerra de Menezes

A GANSA DOS OVOS DE OURO

Certa manhã, um fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à sua mulher, dizendo:

– Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, a gansa tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu por um melhor preço.

E assim aconteceu durante vários dias.

Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro ele queria.

E pensou:

– Se esta gansa põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!

Matou a gansa e, por dentro, a gansa era igual a qualquer outra.

“Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade.”

Carlos Drummond de Andrade

A GENTILEZA DOS PEQUENOS ATOS

Ao término de mais um dia de trabalho, aquele empregado gentil de um frigorífico da Noruega, foi inspecionar a câmara frigorífica. Inexplicavelmente, a porta se fechou e ele ficou preso dentro da câmara. Bateu na porta com força, gritou por socorro, mas ninguém o ouviu, todos já haviam saído para suas casas e era impossível que alguém pudesse escutá-lo.

Ele já estava há quase cinco horas preso, e muito debilitado com a temperatura insuportável. De repente, a porta se abriu e o vigia entrou na câmara, resgatando-o com vida.

Depois de salvar a vida daquele homem, e a notícia ser divulgada na região, jornalistas locais perguntaram ao vigia:

– Porque foi abrir a porta da câmara se isto não fazia parte da sua rotina de trabalho?

E o vigia então explicou:

– Trabalho nesta empresa há mais de trinta e cinco anos, centenas de empregados entram e saem daqui todos os dias e ele é o único que me cumprimenta ao chegar pela manhã e despede-se ao sair. Hoje, pela manhã, ele disse-me “bom dia” quando chegou. Entretanto, não se despediu de mim na hora da saída. Imaginei que poderia ter-lhe acontecido algo. Por isto o procurei e o encontrei.

“Cada boa ação que você pratica é uma luz que se acende em torno dos próprios passos.”

Bezerra de Menezes

A GRANDEZA DE UM PEQUENO GESTO

Logo após o término da Segunda Grande Guerra, a Europa começou a juntar os cacos do que restara.

Grande parte da Inglaterra estava destruída. As ruínas estavam por todo lugar. E, possivelmente, o lado mais triste da guerra tenha sido assistir as criancinhas órfãs morrendo de fome, nas ruas das cidades devastadas.

Certa manhã, de muito frio na capital londrina, um soldado americano estava retornando ao acampamento. Numa esquina, ele viu, do seu jipe, um menino com o nariz pressionado contra o vidro de uma confeitaria.

Parou o veículo, desceu e se aproximou do garoto. Lá dentro, o confeiteiro sovava a massa para uma fornada de rosquinhas.

Os olhos arregalados do menino, falava da fome que lhe devorava as entranhas. Ele observava todos os movimentos do confeiteiro.

Através do vidro embaçado pela fumaça, o soldado viu as rosquinhas quentes, e de dar água na boca, sendo retiradas do forno. Logo mais, o confeiteiro as colocou no balcão de vidro com todo o cuidado.

O soldado ouviu o gemido do menino e percebeu como ele salivava. Em pé, ao lado dele, comoveu-se diante daquele órfão desconhecido.

– Filho, você gostaria de comer algumas rosquinhas?

O menino se assustou. Nem percebera a presença daquele homem a observá-lo, tão absorto estava na sua contemplação.

– Sim, respondeu. Eu gostaria.

O soldado entrou na confeitaria e comprou uma dúzia de rosquinhas. Colocou-as dentro de um saco de papel e se dirigiu ao local onde o menino se encontrava, na gélida e nevoenta manhã de Londres. Sorriu e lhe entregou as rosquinhas, dizendo de forma descontraída:

– Aqui estão as rosquinhas.

Virou-se para se afastar. Entretanto, sentiu um puxão em sua farda. Olhou para trás e ouviu o menino perguntar, baixinho:

– Moço, você é Deus?

Muitas vezes, pequenos gestos significam tudo para algumas vidas.

“Jamais subestime o poder de suas ações. Com um pequeno gesto você pode mudar a vida de uma pessoa. Para melhor ou para pior.”

A HISTÓRIA DE UMA FLOR

Era uma vez, uma flor que nasceu no meio das pedras. Quem sabe como, conseguiu crescer e ser um sinal de vida no meio de tanta tristeza. Passou uma jovem e ficou admirada com a flor. Logo pensou em Deus. Cortou a flor e a levou para a igreja. Mas, após uma semana a flor tinha morrido.

Era uma vez, uma flor que nasceu no meio das pedras. Quem sabe como, conseguiu crescer e ser um sinal de vida no meio de tanta tristeza. Passou um homem, viu a flor, pensou em Deus, agradeceu e a deixou ali; não quis cortá-la para não matá-la. Mas, dias depois, veio uma tempestade e a flor morreu.

Era uma vez, uma flor que nasceu no meio das pedras. Quem sabe como, conseguiu crescer e ser um sinal de vida no meio de tanta tristeza. Passou uma criança e achou que aquela flor era parecida com ela: bonita, mas sozinha. Decidiu voltar todos os dias.

Um dia regou, outro dia trouxe terra, outro dia podou, depois fez um canteiro, colocou adubo.

Um mês depois, lá onde tinha só pedras e uma flor, havia um jardim! Assim se cultivava uma amizade.

“Repreende o amigo em segredo e elogia-o em público.”

Leonardo da Vinci

A IMPORTÂNCIA DE UMA PALAVRA DE AFETO

Os alunos residentes estavam reunidos discutindo suas dificuldades. Todos eram unânimes em afirmar que o maior problema no hospital era aquele doutor arrogante da oncologia.

Ninguém gostava daquele médico que tinha a seus cuidados, pacientes portadores de câncer. Ele era brilhante em seu trabalho, mas intolerável no trato pessoal.

Era áspero, arrogante e nunca admitia que alguém falasse que um de seus pacientes morreria.

A médica psiquiatra, que a tudo escutava, inesperadamente falou:

– Não se pode ajudar outra pessoa sem gostar um pouquinho dela. Há alguém aqui que goste dele?

Depois de muitas caretas, risos e gestos hostis, uma moça ergueu a mão hesitante. Era uma enfermeira.

– Vocês não conhecem esse homem - ela começou.

– Não conhecem a pessoa que ele é. Todas as noites, depois que todos os médicos já se retiraram, ele visita os pacientes. Começa no quarto mais distante do posto de enfermagem e vem seguindo, entrando de quarto em quarto. Quando entra no primeiro, parece seguro, confiante, de cabeça alta. Mas de cada quarto que sai, suas costas vão se curvando mais. Quando sai do último quarto, está arrasado. Sem alegria, esperança ou satisfação por seu trabalho. O que eu mais desejaria é quando ele está assim triste, pousar minha mão no seu ombro, como uma amiga. Mas nunca o fiz, porque sou só uma enfermeira e ele é o chefe do departamento de oncologia.

Nos momentos seguintes, todos se uniram e insistiram para que ela se esforçasse e seguisse o impulso do seu coração. Aquele homem precisava de ajuda.

Uma semana depois, reunidos novamente, a enfermeira entrou na sala sorridente e disse:

– Consegui.

Na sexta-feira anterior, ela vira o médico sair arrasado do plantão. Dois dos seus pacientes haviam morrido naquele dia. Aproximou-se dele e inesperadamente, ele a levou para o seu consultório e desabafou.

Ele falou como sonhava curar os pacientes, enquanto seus amigos, da mesma idade que ele, estavam constituindo família. Sua vida tinha sido aprender uma especialidade. Agora, ele ocupava uma posição que podia

fazer a diferença para a vida dos enfermos. E, no entanto, quase todos eles morriam. Um após o outro, eles morriam. Ele era um homem acabado, vencido.

Quando ouviram essa história, os residentes se deram conta de como todos somos frágeis e necessitados de afeto. Também de como uma pessoa tem o poder extraordinário de curar outras, apenas tomando coragem e agindo sob o impulso do coração.

Um ano depois, aquele doutor era outro homem. Abriu o seu coração às pessoas e redescobriu as maravilhosas qualidades que possuía, o afeto e a compreensão que o haviam motivado a se tornar um médico.

*“Tudo o que nos irrita nos outros, pode nos levar
à uma compreensão sobre nós mesmos.”*

Carl Jung

A IMPORTÂNCIA DO HORIZONTE

Certa vez, uma pessoa chegou no céu e queria falar com Deus, porque segundo o seu ponto de vista, havia uma coisa na criação que não tinha nenhum sentido. Deus o atendeu de imediato, curioso por saber qual era a falha na criação.

– Senhor Deus, Sua criação é muito bonita, muito funcional, cada coisa tem sua razão de ser, mas, no meu ponto de vista, tem uma coisa que não serve para nada, disse aquela pessoa para Deus.

– E que coisa é essa que não serve para nada? Perguntou Deus.

– É o horizonte. Para que serve o horizonte? Se eu caminho um passo em direção ao horizonte, ele se afasta um passo de mim. Se caminho dez passos ele se afasta outros dez passos. Se caminho quilômetros em direção ao horizonte, ele se afasta os mesmos quilômetros de mim. Isso não tem sentido. O horizonte não serve para nada.

Deus olhou para aquela pessoa, sorriu e disse:

– É justamente para isso que serve o horizonte meu querido filho, para fazê-lo caminhar!

“Toda grande caminhada começa com um simples passo.”

Buda

A INCOMPREENSÃO DE UM AMIGO

Conta-se que o conquistador Genghis-Khan tinha como animal de estimação um falcão. Com ele saía a caçar. Era seu amigo inseparável.

Certo dia, em uma das suas jornadas com o falcão, sentiu muita sede. Aproximou-se de um rochedo de onde um filete de água límpida brotava.

Tomou sua taça, encheu até a borda e levou aos lábios. No mesmo instante, o falcão se jogou contra a taça e o líquido precioso caiu ao chão.

Genghis-Khan ficou muito irritado. Levou a taça novamente até o filete de água e tornou a encher. De novo, antes que ele pudesse beber uma gota sequer, o falcão investiu contra sua mão, fazendo com que caísse ao chão a taça e se perdesse a água.

Desta vez o impiedoso conquistador olhou para a ave e falou:

– Vou tornar a encher a taça. Se você a derrubar outra vez, impedindo que eu beba, você perderá a vida.

Na mão direita segurando a espada mongol, com a esquerda ele tornou a colocar a taça debaixo do filete de água e a encheu.

No momento em que a levava aos lábios, o falcão voou e a derrubou.

Ágil como ele só, Genghis-Khan utilizou a espada e, em pleno ar, decepou a cabeça do falcão, que lhe caiu morto aos pés.

Ainda com raiva, ele chutou longe o corpo do animal. E como a taça se quebrou na terceira queda, ele subiu pelas pedras para beber do ponto mais alto do rochedo, no que imaginou fosse a nascente da fonte.

Para sua surpresa, descobriu presa entre as pedras, bem no meio da nascente, uma enorme cobra venenosa. O animal estava morto há tempo, porque mostrava sinais de decomposição. O cheiro era insuportável.

Nesse instante, e somente então, o grande conquistador se deu conta de que o que o falcão fizera, por três vezes, fora lhe salvar a vida, pois se bebesse daquela água contaminada, poderia adoecer e morrer.

Tardiamente, lamentou o gesto impensado que o levava a matar o animal, seu amigo.

“Se ficarmos neutros perante uma injustiça, escolhemos o lado do opressor.”

Desmond Tutu

A INOCÊNCIA DURANTE A TEMPESTADE

Aquela menininha, todo dia, fazia o mesmo caminho para a escola sozinha e a pé.

Naquela manhã, apesar do mau tempo, do vento forte e das nuvens ameaçadoras, ela seguiu em direção à escola.

Ao longo do dia, o vento foi aumentando. Então, formou-se uma tempestade com muitos raios e trovões.

A mãe pensou que sua filha poderia sentir medo de voltar sozinha em meio ao temporal. Afinal, ela mesma estava bastante assustada.

Muito preocupada, ela entrou em seu carro e dirigiu, em meio à tempestade, para apanhar a filha na escola.

Não demorou muito, e ela avistou a sua filha andando pela estrada.

Chamou-lhe a atenção, no entanto, o fato de que, a cada relâmpago, a criança parava, olhava para cima e sorria.

Outro e outro relâmpago. E ela sempre parava, olhava para cima e sorria.

Finalmente, a menina entrou no carro. A mãe, curiosa, perguntou:

– Filha, o que você estava fazendo?

A garotinha, alegre e despreocupada, respondeu:

– Eu estava sorrindo. Deus não para de tirar fotos minhas!

*“Por cada minuto que nos zangamos,
perdemos sessenta segundos de felicidade.”*

Ralph Waldo Emerson

A INTELIGÊNCIA DO CAMPONÊS

Em uma época triste de nossa história recente, quando os judeus, principalmente do leste europeu, eram vítimas de todo tipo de sevícias por parte dos nazistas e seus simpatizantes, um casal de camponeses idosos foi separado, pois, o chefe da casa foi levado para um campo de concentração. A mulher, por não ser judia, foi deixada em sua casa, porém, como não tinha filhos, ficou impossibilitada de dar continuidade ao cultivo de tomates, a fonte de renda do casal.

Como ocorria no início do Holocausto, muitas cartas de prisioneiros eram contrabandeadas para dentro e para fora dos campos de concentração. Numa delas, a idosa se queixava da situação em que se encontrava e de não ter condições físicas de arar toda a terra sozinha para o cultivo dos tomates.

O marido respondeu a carta de modo bem enérgico, dizendo:

– Não toque em nada. Enterrei as granadas e os rifles no campo.

Alguns dias depois, a Gestapo - polícia política do partido nazista alemão - desembarcou na porta da residência do casal com muitas dezenas de soldados que vasculharam tudo, deixando o campo todo revolvido de tanto procurar. Como não encontraram absolutamente nada, se foram sem dizer uma única palavra.

A esposa, intrigada, mandou uma carta para o marido:

– Todo o nosso campo está completamente revirado, de uma ponta até a outra.

E o marido escreveu de volta:

– Querida, agora você já pode plantar os nossos tomates!

*“A única coisa necessária para que o mal triunfe,
é que os homens de bem não façam nada.”*

Alex Cardoso de Melo

A IRRELEVÂNCIA DE UMA FRAQUEZA

Um garoto de dez anos de idade decidiu praticar judô, apesar de ter perdido seu braço esquerdo em um terrível acidente de carro.

Disposto a enfrentar suas limitações, iniciou as lições com um velho mestre japonês. O menino ia bem. Mas, sem entender o porquê, após meses de treinamento, o mestre tinha lhe ensinado somente um movimento.

O garoto então disse:

– Mestre, não devo aprender mais movimentos?

O mestre respondeu ao menino, calmamente e com convicção:

– Este é realmente o único movimento que você sabe, mas este é o único movimento que você precisará saber.

Sem entender completamente, mas acreditando em seu mestre, o menino manteve-se treinando.

Meses depois, o mestre inscreveu o menino em seu primeiro torneio.

Surpreendendo-se, ele ganhou facilmente seus primeiros combates.

Seus adversários tornavam-se impacientes e o menino utilizava seu único movimento para ganhar as lutas. Espantado ainda por seu sucesso, o menino estava agora nas finais do torneio. Desta vez, seu oponente era bem maior, mais forte e experiente. Preocupado com a possibilidade do garoto se machucar, cogitaram em cancelar a luta, quando o mestre interveio:

– De forma alguma! Deixe-o continuar.

Desta forma, usando as lições do mestre, ele entrou para a luta e, quando teve oportunidade, usou seu movimento e prendeu o adversário.

Foi assim que o menino ganhou a luta e o torneio. Era o campeão.

Mais tarde, aluno e mestre reviram cada movimento em cada luta. Então, o menino criou coragem e perguntou o que estava em sua mente:

– Mestre, como ganhei o torneio com apenas um movimento?

– Você ganhou por duas razões. - respondeu o mestre.

– Você dominou um dos golpes mais difíceis do judô. E a única defesa para esse movimento é o seu oponente agarrar seu braço esquerdo.

A maior fraqueza do menino, transformou-se em sua maior força.

*“Um grão de ouro é capaz de dourar grande superfície,
mas não tão grande como um grão de sabedoria.”*

Henry David Thoreau

A JABUTICABEIRA

Um senhor, de idade avançada, estava cuidando de um pequeno pé de jabuticabas com todo o carinho, quando um jovem aproximou-se dele e perguntou:

– Que planta é esta que o senhor está cuidando?

– É uma jabuticabeira - respondeu o senhor.

– E ela demora quanto tempo para dar frutos?

– Pelo menos uns quinze anos - informou o senhor.

– E o senhor espera viver tanto tempo assim? Indagou, irônico, o rapaz.

– Não, não creio que viva mais tanto tempo, pois já estou no fim da minha jornada - disse o ancião.

– Então, que vantagem você leva com isso, meu velho?

– Nenhuma, exceto a vantagem de saber que ninguém colheria jabuticabas, se todos pensassem como você.

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.”

Fernando Pessoa

A JANELA

Dois homens, ambos gravemente doentes, estavam no mesmo quarto de hospital.

Um deles podia sentar-se na sua cama durante uma hora, todas as tardes, para que os fluidos circulassem nos seus pulmões.

A sua cama estava junto da única janela do quarto.

O outro homem tinha de ficar sempre deitado de costas.

Os homens conversavam horas a fio.

Falavam das suas mulheres e famílias, das suas casas, dos seus empregos, onde tinham passado as férias.

E todas as tardes, quando o homem da cama perto da janela se sentava, ele passava o tempo a descrever ao seu companheiro de quarto, todas as coisas que ele conseguia ver do lado de fora da janela.

O homem da cama ao lado começou a viver à espera desses períodos de uma hora, em que o seu mundo era alargado e animado por toda a atividade e cor do mundo do lado de fora da janela.

A janela dava para um parque com um lindo lago. Patos e cisnes chapinhavam na água enquanto as crianças brincavam com os seus barquinhos. Jovens namorados caminhavam de braços dados por entre as flores de todas as cores do arco-íris. Árvores velhas e enormes acariciavam a paisagem, e a tênue vista da silhueta da cidade podia ser vista no horizonte.

Enquanto o homem da cama perto da janela descrevia isto tudo com extraordinário pormenor, o homem no outro lado do quarto fechava os seus olhos e imaginava a pitoresca cena.

Um dia, o homem perto da janela descreveu um desfile que passava.

Embora o outro homem não conseguisse ouvir a banda, ele conseguia vê-la e ouvi-la na sua mente, enquanto o outro senhor a refratava através de palavras bastante descritivas.

Dias e semanas passaram.

Uma manhã, a enfermeira chegou ao quarto trazendo água para os seus banhos, e encontrou o corpo sem vida do homem perto da janela, que tinha falecido calmamente enquanto dormia.

Ela ficou muito triste e chamou os funcionários do hospital para que levassem o corpo.

Logo que lhe pareceu apropriado, o outro homem perguntou se podia ser colocado na cama perto da janela.

A enfermeira disse logo que sim e fez a troca.

Depois de se certificar de que o homem estava muito bem instalado, a enfermeira deixou o quarto.

Lentamente, e cheio de dores, o homem ergueu-se, apoiado no cotovelo, para contemplar o mundo lá fora.

Fez um grande esforço e lentamente olhou para o lado de fora da janela, que dava, afinal, para uma parede de tijolos!

O homem perguntou à enfermeira o que teria feito com que o seu falecido companheiro de quarto, lhe tivesse descrito coisas tão maravilhosas do lado de fora da janela.

A enfermeira respondeu que aquele homem era cego e nem sequer conseguia ver a parede. “Talvez ele quisesse apenas dar-lhe coragem”.

“Coração feliz é resultado de um coração repleto de amor.”

Madre Teresa de Calcutá

A LAMPARINA

Em uma distante reserva australiana, entre os aborígenes, havia um homem bastante idoso.

A situação de pobreza era alarmante no lar daquele humilde ancião. Todos de sua família o ignoravam. Seu lar era desarrumado e sujo.

Em uma de suas visitas a Austrália, Madre Teresa de Calcutá, ao deparar-se com aquele cenário, disse àquele senhor:

– Por favor, deixe-me limpar sua casa, lavar suas roupas e fazer sua cama.

– Estou bem assim, respondeu ele, não se preocupe.

– Pois ficará ainda melhor, insistiu Madre Teresa, se permitir que eu faça isso.

Ele concordou, finalmente.

Madre Teresa pôde, portanto, limpar sua casa e lavar as suas roupas.

Enquanto organizava toda aquela bagunça, ela encontrou uma lamparina inteiramente coberta de poeira. Só Deus sabe o tempo transcorrido desde que o homem a acendera pela última vez.

– O senhor não acende a sua lamparina? - questionou Madre Teresa. Não costuma usá-la?

– Não, respondeu ele, não recebo a visita de ninguém. Não preciso de luz. Para quem deveria acendê-la?

– O senhor a acenderia se suas irmãs passassem a visitá-lo?

– Naturalmente! respondeu ele.

Após uma conversa de Madre Teresa com as irmãs daquele senhor, elas combinaram entre si, visitar o pobre ancião todas as noites.

Dois anos se passaram, Madre Teresa havia se esquecido completamente daquele homem, quando recebeu dele a seguinte mensagem:

– “Contem à minha amiga, que a luz que ela acendeu em minha vida continua brilhando.”

“Não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz.”

Madre Teresa de Calcutá

A LARANJA

Senhor Ernesto estava trabalhando em seu pequeno pomar, quando descobriu entre as frutas verdes, uma bonita laranja, madura e apetitosa.

Fazia calor e ele estava com sede. Por isso mesmo exclamou:

– Que maravilha! Já tenho com o que me refrescar!

Muito contente, abriu o canivete, pronto para saborear a refrescante fruta. Porém, não chegou a descascar a bonita laranja. É que pensou na mulher e a imaginou cansada e suada perto do fogão.

– Pobrezinha! - murmurou pensativo - vou levar-lhe a primeira laranja de nosso pomar.

A esposa recebeu o presente alegre. Entretanto, lembrou-se da filha, que não tardaria a voltar do ribeirão, onde estava lavando roupas.

– Pobre pequena! - comentou ela - com esse calor, muito apreciará esta laranja! E isso dizendo, guardou a fruta para a filhinha.

Quando a menina chegou, ficou muito contente ao receber a laranja. Mas, pensando no irmão que não demoraria a estar de volta da vila, aonde fora vender hortaliças, falou, decidida:

– Ele voltará cansado. Com que alegria desfrutará esses gomos!

Já feliz com a idéia, correu a porteira a esperar o rapaz que logo apareceu, suado e cansado conforme ela previra.

O irmão, satisfeito com a lembrança da menina, examinou a linda fruta, tomado de guloso interesse. Entretanto, quando se dispunha a descascá-la, lembrou se do pai e disse, contendo-se:

– É o nosso bom velho que deve saboreá-la. Ele é quem trabalha sem descanso no pomar e foi ele que plantou a árvore que deu tão bela fruta. Sem vacilar, foi ao encontro do pai que, comovido, agradeceu o carinho da lembrança, sem tecer, no entanto, maiores comentários.

Naquela mesma tarde, porém, depois do jantar, ainda reunidos em torno da mesa, Ernesto agradeceu a Deus a felicidade que reinava em seu modesto lar. Depois, ante a surpresa da família, colocou num prato a bonita, madura e apetitosa laranja, e todos puderam se deliciar com os gomos da refrescante fruta que encontrara no pomar.

“Aquele que não sabe repartir, não sabe amar.”

Alex Cardoso de Melo

A LEITEIRA E O BALDE

Uma leiteira ia a caminho do mercado. Na cabeça, levava um grande balde de leite. Enquanto andava, ia pensando no dinheiro que ganharia com a venda do leite:

– Comprarei umas galinhas. As galinhas botarão ovos todos os dias. Venderei os ovos a bom preço. Com o dinheiro dos ovos, comprarei uma saia e um chapéu novos.

– De que cor? Verde, tudo verde, que é a cor que me assenta bem. Irei ao mercado de vestido novo. Os rapazes me admirarão, me acompanharão, me dirão galanteios e eu sacudirei a cabeça... Assim!

E sacudiu a cabeça.

O balde caiu no chão e o leite todo espalhou-se.

A leiteira voltou com o balde vazio.

“Não contes tuas galinhas antes de chocarem os ovos.”

Esopo

A LENDA DO MALABARISTA

Conta-se que, nos tempos do rei Luís, havia, na França, um pobre malabarista chamado Barnabé que viajava de aldeia em aldeia mostrando sua arte.

Nos dias de feira, ele abria um tapete no meio da praça e atraía o público com anedotas que aprendeu com um mestre. Quando as pessoas se aglomeravam, começava suas piruetas balançando uma bandeja na ponta do nariz.

Quando virava de cabeça para baixo, apoiado nas mãos e jogava para o alto seis bolas que deslizavam nos raios do sol, voltando a pegá-las com os pés, ou quando se atirava para trás até tocar a nuca com os calcanhares, fazendo uma roda com o corpo, um murmúrio de admiração escapava da platéia e choviam moedas no tapete.

Apesar disso, como a maioria dos que vivem dessa arte, Barnabé tinha muita dificuldade para sobreviver. O calor do sol e a luz do dia eram tão necessários para ele como para flores e frutos.

No inverno, ele ficava como uma árvore sem folhas. A estação trazia-lhe duas dores: frio e fome.

De temperamento afável, Barnabé agüentava tudo pacientemente. Acreditava que dias melhores viriam. Nunca pensara na possibilidade de roubar ou ser desonesto. Confiava em Deus e, com sua mãe, aprendera a seguir os ensinamentos de Jesus, o Cristo.

Numa tarde chuvosa, caminhava pela estrada, triste e desanimado, carregando seus objetos de trabalho enrolados num tapete velho, a procura de um lugar seco onde pudesse dormir.

Seguia no mesmo rumo um frade que o cumprimentou e perguntou:

– Companheiro, por que você se veste desse jeito?

– Sou um malabarista e me chamo Barnabé. E esta seria a ocupação mais prazerosa se pudesse me garantir o pão de cada dia.

– Amigo Barnabé - replicou o frade, cuidado com o que diz. Não há nada mais prazeroso que a vida religiosa. Nós só nos ocupamos com preces ao bom Deus e a Nossa Senhora.

Barnabé respondeu:

– Bom frade confesso que falei como um ignorante. Sua missão não pode ser comparada a minha. Apesar disso, acho que deve haver algum mérito em fazer as pessoas sorrirem, esquecendo-se, ainda que por minutos,

dos sofrimentos. Contudo, para servir ao Senhor, abandonaria até a arte pela qual sou conhecido em mais de seiscentas aldeias.

O frade ficou tocado pela simplicidade do malabarista, e lhe disse:

– Amigo Barnabé, venha comigo que farei com que seja admitido no Mosteiro. E assim se deu.

Um dia os religiosos combinaram um ofício em louvor a Jesus, em que cada um mostraria o que sabia fazer de melhor. Uns pintaram a imagem de Jesus, outros compuseram hinos em latim, em prosa e verso, havia ainda esculturas, poesias e um tratado, escrito em folhas de pergaminho.

Barnabé, via todo aquele movimento e lamentava sua ignorância e simplicidade:

– Ah! Como poderia louvar ao senhor sendo tão rude? Como gostaria de ter habilidade como os irmãos.

Barnabé ficou um bom tempo desanimado, até que um dia acordou cheio de alegria. Foi para a capela e recolheu-se, por horas. Passou a fazer isto todos os dias. Todos notaram sua nova disposição. Barnabé voltou a ser alegre e confiante. Os irmãos se perguntavam a razão de tal mudança.

Um dos frades, a quem nada escapava, passou a observá-lo e, certo dia, vendo-o sem o hábito, resolveu, junto com dois outros frades, descobrir o que se passava.

Olhando pela porta entreaberta viram Barnabé diante do altar, fazendo seus malabarismos.

Em honra a Jesus, ele fazia sua apresentação. Os frades entraram na capela, exclamando que aquilo era um sacrilégio. Os três estavam a ponto de tirá-lo da capela, quando viram Jesus descer do altar e, com sua túnica alva, enxugar o suor do rosto do malabarista.

O silêncio encheu a capela... uma lágrima rolou dos olhos de Barnabé e todos, de joelhos, contemplaram a figura do Nazareno.

*“A fé é o principal fator de uma vida dedicada ao serviço.
Sem ela, nada é possível. Com ela, nada é impossível.”*

Mary Jane McLeod Bethune

A LENDA DO MONGE E DO ESCORPIÃO

Um monge e seus discípulos caminhavam por uma estrada; quando passavam por uma ponte, viram um escorpião sendo arrastado pelas águas. Imediatamente, o monge correu pela margem do rio, entrou na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora, o escorpião o picou.

Devido à dor, o homem deixou-o cair novamente no rio. Foi então que o monge pegou um ramo de árvore, adiantou-se outra vez a correr pela margem, entrou no rio, mais uma vez, colheu o escorpião, e o salvou.

Satisfeito, o monge voltou à ponte e juntou-se a seus discípulos. Eles, que haviam assistido à cena, o receberam perplexos e penalizados. Neste momento, um deles, falou:

– Mestre, deve estar doendo muito! Mas, porque foi salvar esse bicho ruim e venenoso? Que se afogasse! Seria um a menos. Veja como ele retribuiu à sua ajuda. Picou a mão que o salvava. Não merecia a sua compaixão!

O monge ouviu tranqüilamente os comentários e respondeu sereno:

– Ele agiu conforme a sua natureza e eu de acordo com a minha.

“Nós devemos ser a mudança que queremos ver no mundo.”

Mahatma Gandhi

A LIÇÃO DA TARTARUGA

Em uma região calma e com uma ótima qualidade de vida, havia um garoto, com um comportamento muito arredo com seus pais, porém ele pouco se importava com isso. Desde que obtivesse tudo o que queria, ele dava-se por satisfeito, importunando e agredindo as demais pessoas.

Com o passar do tempo, o menino cresceu e percebeu que a situação era desconfortante, no entanto, ele não sabia como modificá-la.

O seu maior aprendizado aconteceu num certo domingo em que ele foi com sua família passar o dia no campo. Ali, ele encontrou uma coisa que parecia uma pedra capaz de andar. Era uma tartaruga. Ele examinou-a com cuidado e quando se aproximou mais, o estranho animal encolheu-se e fechou-se dentro de sua casca. Foi o que bastou. Imediatamente, ele decidiu que ela devia sair e, tomando um pedaço de galho, começou a cutucar os orifícios que haviam na carapaça. No entanto, seus esforços resultavam vãos e ele estava ficando, como sempre, impaciente e irritado.

Foi quando seu pai aproximou-se, olhou o que o garoto estava fazendo e, em seguida, pondo-se de cócoras junto a ele, disse calmamente:

– Filho, você está perdendo tempo. Não conseguirá nada, cutucando a tartaruga. Não é assim que se faz. Venha comigo e traga o bichinho.

O menino acompanhou-o.

Seu pai deteve-se perto de uma fogueira acesa e disse ao menino:

– Coloque a tartaruga aqui, mas não muito perto do fogo. Escolha um lugar morno e agradável.

O menino obedeceu e dentro de alguns minutos, sob a ação do leve calor, a tartaruga colocou a cabeça de fora e caminhou em sua direção.

O pai, observando a alegria de seu filho dirigiu-se a ele dizendo:

– Filho, as pessoas podem ser comparadas às tartarugas. Ao lidar com elas, procure nunca empregar a força. O calor de um coração generoso pode, às vezes, levá-las a fazer exatamente o que queremos, com satisfação e espontaneidade, sem que se aborreçam conosco.

“O homem deixou de respeitar a si mesmo quando perdeu o respeito por seu semelhante.”

José Saramago

A LIÇÃO DE UM CAVALINHO DE MADEIRA

Certa tarde, aquele pai carinhoso saiu para um passeio com as duas filhas, uma de oito e a outra de quatro anos.

Em determinado momento da caminhada, a filha mais nova pediu ao pai que a carregasse, pois estava muito cansada para continuar andando.

O pai respondeu que estava também fatigado, e diante da resposta a garotinha começou a choramingar e fazer “corpo mole”.

Sem dizer uma só palavra, o pai cortou um pequeno galho de árvore e o entregou à filha dizendo:

– Olhe aqui um cavalinho para você montar, filha! Ele irá ajudá-la a seguir em frente.

A menina parou de chorar e pôs-se a cavalgar o galho tão rápido, que chegou em casa antes dos outros. Ficou tão encantada com seu cavalo de pau, que foi difícil fazê-la parar de galopar.

A irmã mais velha ficou intrigada com o que viu e perguntou ao pai como entender a atitude de sua irmã.

O pai sorriu e respondeu dizendo:

– Assim é a vida, minha filha. Às vezes estamos física e mentalmente cansados, certos de que é impossível continuar. Mas encontramos então um “cavalinho” qualquer, que nos dá ânimo outra vez. Esse cavalinho pode ser um bom livro, um amigo, uma canção...

*“Ajude-mos a criança! O berço é o ponto vivo
em que a educação começa a brilhar.”*

Bezerra de Menezes

A LIÇÃO DO JARDINEIRO

Certo dia, o alto executivo de uma grande empresa contratou, pelo telefone, um jardineiro autônomo para fazer a manutenção do seu jardim.

Chegando em casa, o executivo viu que estava contratando um garoto de apenas dezesseis anos de idade. Contudo, como já estava contratado, ele pediu para que o garoto executasse o serviço.

Quando terminou, o garoto solicitou ao dono da casa permissão para utilizar o telefone e o executivo não pôde deixar de ouvir a conversa.

O garoto ligou para uma mulher e perguntou:

– A senhora está precisando de um jardineiro?

– Não. Eu já tenho um, foi sua resposta.

– Mas, além de aparar a grama, frisou bem o garoto, eu também tiro o lixo.

– Nada demais, retrucou a senhora, do outro lado da linha. O meu jardineiro também faz isso.

O garoto insistiu:

– Eu limpo e lubrifico todas as ferramentas no final do serviço.

– O meu jardineiro também, tornou a falar a senhora.

– Eu faço a programação de atendimento, o mais rápido possível.

– Bom, o meu jardineiro também me atende prontamente. Nunca me deixa esperando. Nunca se atrasa.

Numa última tentativa, o menino arriscou:

– O meu preço é um dos melhores.

– Não, disse firme a voz ao telefone. Muito obrigada! O preço do meu jardineiro também é muito bom.

Desligado o telefone, o executivo disse ao jardineiro:

– Meu rapaz, você perdeu um cliente.

– Claro que não, respondeu rápido. Eu sou o jardineiro dela. Fiz isto apenas para medir o quanto ela estava satisfeita comigo.

*“A câmera fotográfica nos retrata por fora,
mas, o trabalho nos retrata por dentro.”*

André Luiz

A MANEIRA CERTA DE DIZER AS COISAS

Uma lenda árabe diz que, certa feita, um sultão sonhou que havia perdido todos os dentes. Logo que despertou, mandou chamar um adivinho para que interpretasse seu sonho.

– Que desgraça, senhor! Exclamou o adivinho. Cada dente caído representa a perda de um parente de vossa majestade.

– Mas que insolente - gritou o sultão, enfurecido. Como te atreves a dizer-me semelhante coisa? Fora daqui!

Chamou os guardas e ordenou que lhe dessem cem açoites.

Após alguns dias, o sultão mandou que trouxessem outro adivinho e lhe contou sobre o sonho.

Este, após ouvir o sultão com atenção, disse-lhe:

– Excelso senhor! Grande felicidade vos esta reservada. O seu sonho significa que haveis de sobreviver a todos os vossos parentes.

A fisionomia do sultão iluminou-se num sorriso, e ele mandou dar cem moedas de ouro ao segundo adivinho. E quando este saía do palácio, um dos cortesãos lhe disse admirado:

– Não é possível! A interpretação que você fez foi a mesma que o seu colega havia feito. Não entendo porque ao primeiro ele pagou com cem açoites e a você com cem moedas de ouro.

– Lembra-te meu amigo - respondeu o adivinho - que tudo depende da maneira de dizer. Um dos grandes desafios da humanidade é aprender a arte de comunicar-se. Da comunicação depende, muitas vezes, a felicidade ou a desgraça, a paz ou a guerra.

*“Os únicos limites das nossas realizações de amanhã
são nossas dúvidas e hesitações de hoje.”*

Franklin Roosevelt

A MENINA E O CÃO

A menina entra na loja de animais e pergunta o preço dos filhotes.
– Entre cem e trezentos reais, respondeu o dono.
Ela então puxou uns trocados do bolso e disse:
– Mas, eu só tenho dez reais. Poderia ver os filhotes?
O dono da loja sorriu e chamou Duquesa, a mãe dos cachorrinhos, que veio correndo, seguida de cinco bolinhas de pêlo.
Um dos cachorrinhos vinha mais atrás, mancando de forma visível.
A menina apontou aquele cachorrinho e perguntou:
– O que é que há com ele?
O dono da loja explica que o veterinário havia diagnosticado que ele tinha um problema no quadril, mancaria e andaria devagar para sempre.
A menina se animou e disse com enorme alegria no olhar:
– Esse é o cachorrinho que eu quero comprar!
O dono da loja, espantado com aquela afirmação, respondeu:
– Não! Se quiser realmente ficar com ele, eu lhe dou de presente.
A menina emudeceu e, com os olhos marejados de lágrimas, olhou firme para o dono da loja e falou:
– Eu não quero que você o dê para mim. Aquele cachorrinho vale tanto quanto qualquer um dos outros e eu vou pagar. Na verdade, eu lhe dou dez reais agora e mais dez reais por mês, até completar o preço total.
Surpreso, o dono da loja contestou:
– Você não pode querer realmente comprar este filhote. Ele nunca vai poder correr, pular e brincar com você e com os outros cachorrinhos.
A menina ficou muito séria, acorou-se e levantou lentamente a perna esquerda da calça, deixando à mostra a prótese que usava para andar. Olhou bem para o dono da loja e respondeu:
– Veja, não tenho uma perna, eu não corro muito bem e o cachorrinho vai precisar de alguém que entenda isso.
O homem envergonhou-se e seus olhos encheram-se de lágrimas.
Ele sorriu e disse:
– Filha, só espero que estes filhotes tenham uma dona como você.

“A vacina da poliomielite pertence ao povo. Não há patente. Você patentearia o sol?”

A MENINA E O PÃOZINHO

Há muitos anos, houve uma grande fome na Alemanha e os pobres sofriam muito.

Em um pequeno vilarejo, situado em uma região próxima a Berlim, um dos homens mais ricos da região e que amava crianças, chamou vinte delas e lhes disse:

– Nesta cesta há um pão para cada um de vocês. Peguem e voltem todos os dias, até passar esta época de fome. Vou dar-lhes um pão por dia.

As crianças estavam esfomeadas. Partiram com tudo para cima da cesta e brigaram pelos maiores pães. Nem se lembraram de agradecer ao homem, que tivera tanta bondade com elas.

Após alguns minutos de briga e avanço nos pães, todos foram embora correndo, cada um com seu pão, exceto uma menininha chamada Maria Júlia. Ela ficou lá sozinha, a pequena distância do homem. Então, sorrindo, ela pegou o último pão, o menor de todos, e agradeceu de coração.

No dia seguinte, as crianças voltaram e se comportaram pior do que nunca. Maria, que não entrava nos empurrões, ficou só com um pãozinho bem fininho, nem metade do tamanho dos outros. Porém, quando chegou em casa e a mãe foi cortar o pãozinho, caíram de dentro dele seis moedas bem brilhantes de prata.

– Oh, Maria! - exclamou a mãe. - Deve haver algum engano. Esse dinheiro não nos pertence. Corra o mais rápido que puder e devolva-o ao cavaleiro!

Maria correu para devolver, mas, quando deu o recado da mãe, o senhor lhe disse:

– Não foi engano nenhum. Eu mandei cozinhar as moedas no menor dos pães, para recompensar você. Lembre-se de que as pessoas que preferem se contentar com o menor pedaço, em vez de brigar pelo maior, vão encontrar muitas bênçãos bem maiores do que dinheiro dentro da comida.

“A máxima sabedoria é a bondade.”

Talmude

A MIOPIA DA SUSPEITA

Certo homem perdeu sua melhor caixa de ferramentas. E ele suspeitou, imediatamente, que o filho mais velho do vizinho o havia roubado. Assim que avistou o menino, teve a impressão de estar olhando para um sujeito que acabara de roubar uma caixa de ferramentas; quando o ouviu falar, suas palavras soaram como as de alguém que acabara de roubar uma caixa de ferramentas. Todas as suas atitudes e gestos eram de uma pessoa que acabara de roubar uma caixa de ferramentas.

Mais tarde, quando estava guardando alguns pertences na garagem, o homem encontrou sua caixa de ferramentas.

No dia seguinte, ao tornar a ver o filho do vizinho, achou que suas atitudes e gestos não eram mais os de quem acabara de roubar uma caixa de ferramentas.

O menino não mudou, quem mudou foi o homem! E a única razão para essa mudança foi a morte da sua suspeita.

*“Infelizmente, a maioria de nós é lenta para perdoar e rápida para sentenciar.
Somos capazes de condenar uma pessoa por um único erro, mas incapazes
de reconhecer e enaltecer todas as suas virtudes.”*

Alex Cardoso de Melo

A MORTE ANUNCIADA

Em meados de 1970, quando estava prestes a completar seu doutorado em física, o cientista Stephen Hawking - já então portador de uma doença que ia paralisando seus movimentos - escutou um médico dizer que tinha apenas mais dois anos de vida.

“Então poderei tentar entender o Universo, porque não precisarei pensar em coisas como aposentadoria e contas a pagar”, resolveu ele.

Como a sua doença progredia rapidamente, ele foi obrigado a criar fórmulas simples para explicar - no menor espaço de tempo possível - tudo aquilo que pensava.

Dois anos e meio se passaram, dez anos se passaram, vinte anos se passaram, trinta anos se passaram, quarenta anos se passaram e Hawking continua vivo. É capaz de comunicar suas idéias abstratas através de um pequeno computador acoplado a sua cadeira de rodas, o qual possui apenas quinhentas palavras diferentes. Escreveu o clássico livro “Uma breve história do tempo” e foi responsável por uma nova visão da física moderna.

A doença em vez de conduzi-lo à invalidez total, forçou-o a descobrir uma nova maneira de raciocínio.

*“Minhas expectativas se reduziram a zero quando eu tinha vinte e um anos.
Tudo, desde então, tem sido um extra para mim.”*

Stephen Hawking

A MORTE DE UM INOCENTE

Ordenou um tirano, a execução de certo sábio de seu reino, contra o qual um terrível caluniador levantara uma falsa acusação. Conduzido ao lugar do suplício, o condenado viu a sua querida esposa lavada em pranto e perguntou-lhe:

- Por que choras querida?
- Como não hei de chorar - lamuriou a esposa - vendo-te condenado à morte embora não tenhas praticado mal algum?
- Preferirias - tranqüilizou o sábio marido - que me executassem por ter praticado um crime hediondo ou uma ação indigna?

“A vingança não vai reduzir ou prevenir o mal, porque ele já aconteceu.”

Dalai Lama

A MORTE DO DESAFIADOR

Certo rabino era adorado por toda a sua comunidade; todos ficavam encantados com a sua bondade, sabedoria e com tudo aquilo que ele dizia.

Menos aquele senhor, que não perdia uma chance de contradizer as interpretações do rabino, apontar falhas em seus ensinamentos. Todos os demais ficavam revoltados com o velho David, mas não podiam fazer nada para mudar o seu comportamento.

Um dia, o velho David morreu. Durante o enterro, a comunidade notou que o rabino estava profundamente triste.

– Porque tanta tristeza? - comentou alguém. Este homem vivia colocando defeitos em tudo o que o senhor dizia!

– Não lamento por meu amigo que hoje está no céu. - respondeu o rabino. Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era obrigado a melhorar a cada dia. Agora que ele se foi, tenho medo de parar de crescer.

“Com a sabedoria aprendemos a ser tolerantes.”

Henry David Thoreau

A PANELA DE SOPA

Uma antiga lenda judaica diz que certo dia, Deus convidou um rabino para conhecer o céu e o inferno.

Ao abrirem a porta do inferno, viram uma sala em cujo centro havia um caldeirão, no qual se cozinhava uma succulenta sopa.

Em volta dele, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido que permitia alcançar o caldeirão, mas, não suas próprias bocas. O sofrimento naquele local era imenso.

Em seguida, Deus levou o rabino para conhecer o céu. Entraram em uma sala idêntica à primeira, onde havia o mesmo caldeirão com as pessoas à sua volta, e colheres de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados.

Eu não compreendo disse o rabino, por que aqui as pessoas estão tão felizes, enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual?

Deus sorriu e respondeu:

– É por que aqui elas aprenderam a dar comida umas às outras.

*“Mais importante do que vigiar os outros
é controlar os próprios passos.”*

Talmude

A PARTE MAIS IMPORTANTE DO CORPO

Em um reino distante, o monarca mandou reunir um seletto grupo de sábios para que decidissem qual era a parte mais importante do corpo. O endocrinologista afirmou que eram as glândulas, por que regulavam todas as funções; o cardiologista disse que era o coração, porque sem ele as glândulas não funcionavam. O nutricionista garantiu que era o estômago, pois, sem alimento, o coração não tinha forças para trabalhar.

Um pouco afastado do grupo, encontrava-se Alfredo, considerado por muitos o mais sábio do reino. Como não chegavam a um acordo, todos os demais sábios queriam saber a sua opinião.

– Todas essas partes são fundamentais para a vida - disse Alfredo. Se faltar uma delas, o corpo morre. Entretanto, a parte mais importante não existe: é o canal imaginário que liga o ouvido à língua.

E concluiu:

– Se este canal estiver com problemas, o homem passa a dizer coisas que não ouviu e então, não apenas o corpo morre, mas a alma estará condenada para sempre.

“Infelizmente, é mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito.”

Albert Einstein

A PAZ PERFEITA

Havia um rei que ofereceu um grande prêmio ao artista que fosse capaz de captar numa pintura a paz perfeita. Foram muitos os artistas que tentaram.

O rei observou e admirou todas as pinturas, mas houve apenas duas de que ele realmente gostou e teve que escolher entre ambas.

A primeira era um lago muito tranquilo. Este lago era um espelho perfeito onde se refletiam lindas montanhas que o rodeavam. Sobre elas encontrava-se um céu muito azul com tênues nuvens brancas. Todos os que olharam para esta pintura, pensaram que ela refletia a paz perfeita.

A segunda pintura também tinha montanhas. Mas eram escabrosas e estavam despidas de vegetação. Sobre elas havia um céu tempestuoso do qual se precipitava um forte aguaceiro com faíscas e trovões. Montanha abaixo parecia retumbar uma espumosa torrente de água. Todo o contexto revelava algo nada pacífico. Mas, quando o rei observou mais atentamente, reparou que atrás da cascata havia um arbusto crescendo de uma fenda na rocha. Neste arbusto encontrava-se um ninho. Ali, no meio do ruído da violenta camada de água, estava um passarinho placidamente sentado no seu ninho.

Paz perfeita. Qual você pensa que foi a pintura ganhadora?

O rei escolheu a segunda. Sabe por quê?

Porque, explicou o rei, paz não significa estar num lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho árduo ou sem dor. Paz significa que, apesar de se estar no meio de tudo isso, permanecemos calmos no nosso coração. Este é o verdadeiro significado da paz.

“Quando uma árvore é cortada ela renasce em outro lugar. Quando eu morrer quero ir para esse lugar, onde as árvores vivem em paz.”

Tom Jobim

A PEDRA NO CAMINHO

Conta-se a lenda de um rei que viveu num país além-mar há muito anos. Ele era muito sábio e não poupava esforços para ensinar bons hábitos ao seu povo. Frequentemente fazia coisas que pareciam estranhas e inúteis; mas tudo que fazia era para ensinar o povo a ser trabalhador e cauteloso.

– Nada de bom pode vir a uma nação - dizia ele - cujo povo reclama e espera que outros resolvam seus problemas. Deus dá as coisas boas da vida a quem lida com os problemas por conta própria.

Uma noite, enquanto todos dormiam, ele pôs uma enorme pedra na estrada que passava pelo palácio. Depois foi se esconder atrás de uma cerca, e esperou para ver o que acontecia.

Primeiro veio um fazendeiro com uma carroça carregada de sementes que ele levava para moagem na usina.

– Quem já viu tamanho descuido? - disse contrariadamente, enquanto desviava sua parelha e contornava a pedra.

– Por que esses preguiçosos não mandam retirar a pedra da estrada? E continuou reclamando da inutilidade dos outros viajantes, mas, sem ao menos tocar, ele próprio, na pedra.

Logo depois, um jovem soldado veio cantando pela estrada. A longa pluma de seu quepe ondulava na brisa, e uma espada reluzente pendia à sua cintura. Ele pensava na maravilhosa coragem que mostraria na guerra.

O soldado não viu a pedra, tropeçou nela e se estatelou no chão poeirento. Ergueu-se, sacudiu a poeira da roupa, pegou a espada e enfureceu-se com os preguiçosos que insensatamente haviam largado uma pedra imensa na estrada. Então, ele também se afastou, sem pensar uma única vez que ele próprio poderia retirar a pedra.

Assim correu o dia. Todos que por ali passavam reclamavam muito e resmungavam por causa da pedra na estrada, mas, ninguém a tocava.

Finalmente, ao cair da noite, a filha do moleiro por lá passou. Era muito trabalhadora, e estava cansada, pois, desde cedo andava ocupada no moinho.

Mas, disse a si mesma:

– Já que está quase escurecendo, alguém pode tropeçar nesta pedra à noite e se ferir gravemente. Vou tirá-la do caminho.

E tentou arrastá-la dali. Era muito pesada, mas, a moça empurrou, e empurrou, e puxou, e inclinou, até que conseguiu tirá-la do lugar. Para a

sua surpresa encontrou uma caixa debaixo da pedra.

Ergueu a caixa. Era pesada, pois, estava cheia de alguma coisa. Havia na tampa os seguintes dizeres:

– Esta caixa pertence a quem retirar a pedra.

Ela abriu a caixa e descobriu que estava cheia de ouro.

A filha do moleiro foi para casa com o coração muito feliz. Quando o fazendeiro, o soldado e todos os outros que ouviram o que havia ocorrido, juntaram-se em torno do local na estrada onde a pedra estava. Revolveram o pó da estrada com os pés, na esperança de encontrar um pedaço de ouro.

– Meus amigos - disse o rei - com freqüência encontramos obstáculos e fardos no caminho. Podemos reclamar em alto e bom som, enquanto nos desviamos deles se assim preferirmos, ou podemos erguê-los, e descobrir o que eles significam. A decepção é normalmente o preço da preguiça.

Então, o sábio rei montou em seu formoso cavalo e com um delicado boa noite retirou-se.

“No meio de toda dificuldade existe sempre uma oportunidade.”

Albert Einstein

A PERGUNTA INOCENTE

Quando sua irmã nasceu, o pequeno Flávio insistia com os pais para ficar sozinho com o bebê. Temendo que, como muitas crianças de apenas quatro anos, estivesse enciumado e quisesse maltratá-la, eles não deixaram.

Mas, ele não dava mostras de ciúmes. E como sempre tratava a irmãzinha com carinho, os pais resolveram fazer um teste. Deixaram Flávio com a recém nascida e ficaram observando seu comportamento através da porta semi aberta.

Encantado por ter seu desejo satisfeito, o pequeno Flávio aproximou-se do berço na ponta dos pés, curvou-se até o bebê e disse:

– Me diga como Deus é! Eu já estou esquecendo-me!

“Enquanto puderes erguer os olhos para o céu, sem medo, saberás que tens o coração puro, e isto significa felicidade.”

Anne Frank

A PERSEVERANÇA DE UM GÊNIO

Ele foi reprovado em todas as matérias na sétima série. Foi reprovado em física no científico, com nota zero. Sparky também foi reprovado em latim, em álgebra e em inglês.

Nos esportes, ele não foi nada melhor. Conseguiu entrar para o time de golfe da escola, mas perdeu o único jogo importante da temporada.

Quando promoveram um jogo de consolação, ele também perdeu.

Durante todo o tempo na escola, Sparky sempre teve problemas com sociabilidade. Os outros alunos nem chegavam a não gostar dele, porque ninguém lhe dava importância suficiente para isso.

Se algum colega lhe cumprimentasse, fora do horário de aula, era uma surpresa para Sparky. Era como se ele não existisse.

Não se sabe como foi sua vida sentimental, mas ele nunca convidou uma garota para sair, pois tinha medo de ser rejeitado.

Ele era um perdedor. Todo mundo sabia disso. Até ele mesmo. Mas havia uma coisa muito importante para ele: desenhar. Seus desenhos eram seu orgulho.

Certo é que ninguém, além dele mesmo, gostava dos desenhos. No último ano do científico, ele ofereceu alguns quadrinhos para os organizadores do livro de formatura. Os quadrinhos foram rejeitados.

Porém, Sparky estava convencido de seu talento e resolveu se tornar um artista profissional.

Escreveu uma carta para os Estúdios Walt Disney. Pediram que mandasse algumas amostras do seu trabalho e sugeriram também um tema para ele desenvolver. Ele desenhou os quadrinhos propostos. Trabalhou no projeto durante longo tempo.

Esmerou-se tanto que acrescentou uma série de outros quadrinhos, além de todos os solicitados.

Finalmente, quando recebeu a resposta dos Estúdios Walt Disney, descobriu que fora rejeitado.

Mais uma derrota para o perdedor.

Ele decidiu, então, escrever sua própria biografia em quadrinhos. Descreveu a si mesmo quando criança - um garoto perdedor e que nunca conseguia se sobressair.

Logo, o personagem de quadrinhos se tornaria famoso no mundo todo. Isto porque Sparky, o garoto para quem tudo sempre dava errado,

cujo trabalho fora rejeitado vezes sem conta, era Charles Schulz.

Isso mesmo: o criador da tira Peanuts, do cachorro Snoopy e do pequeno personagem Charlie Brown. Um garotinho cuja pipa nunca voava e que nunca conseguia chutar uma bola de futebol.

Uma tira muito inteligente e inovadora, que encantou e continua encantando gerações em todo o mundo.

Sparky perseguiu seu sonho e não se deixou intimidar pelas opiniões dos outros. Foi assim que ele se transformou num grande vencedor.

*“A vida é como uma bicicleta com câmbio de dez velocidades.
A maioria de nós tem marchas que nunca usamos.”*

Charles Schulz

A PORTA MAIS LARGA DO MUNDO

Conta-se que, um dia, um homem parou na frente de um pequeno bar, tirou do bolso um metro, mediu a porta e falou em voz alta:

– Dois metros de altura, por oitenta centímetros de largura.

Admirado mediu-a de novo.

Como se duvidasse das medidas que obteve, mediu-a pela terceira vez. E assim, tornou a medi-la diversas vezes.

Curiosas, as pessoas que por ali passavam, começaram a parar.

Primeiro, um pequeno grupo, depois, um grupo maior, por fim, uma multidão.

Voltando-se para os curiosos, o homem exclamou, visivelmente impressionado:

– Parece mentira! Esta porta mede apenas dois metros de altura e um metro de largura, no entanto, por ela passou todo o meu dinheiro, meu carro, o pão dos meus filhos, meus móveis e a minha casa. E não foram só os bens materiais. Por ela também passou a minha saúde, as esperanças de minha esposa e toda a felicidade do meu lar. Além disso, passaram também a minha dignidade e honra, meus sonhos e planos. Sim, senhores, todos os meus planos de construir uma família feliz, passaram por esta porta, dia após dia, gole por gole. Hoje, eu não tenho mais nada. Nem família, nem saúde, nem esperança. Mas, quando passo pela frente desta porta, ainda ouço o chamado daquela que é responsável pela minha desgraça. Ela ainda me chama insistentemente: Só mais um trago! Só hoje! Uma dose, apenas! Sim, essa era a senha. Essa era a isca. E mais uma vez eu caía na armadilha, dizendo comigo mesmo: “quando eu quiser, eu paro”. Isso é o que muita gente pensa, mas, só pensa. Hoje, eu sou um trapo humano. E a bebida, bem, a bebida continua fazendo suas vítimas. Por isso é que eu lhes digo: esta porta é a porta mais larga do mundo! Ela tem enganado muita gente. E por esta porta, que pode ser chamada de porta do vício, de aparência tão estreita, pode passar tudo o que se tem de mais valioso na vida.

Visivelmente amargurado, aquele homem se afastou, a passos lentos, deixando aos que o ouviram, motivos para profundas reflexões.

“Todo vício tende a justificar-se.”

Friedrich Nietzsche

A PORTA NEGRA

Há algumas gerações, durante uma turbulenta guerra no Oriente Médio, um general persa capturou um espião condenando-o à morte.

O general, um homem de grande inteligência e compaixão, adotou um estranho costume em tais casos. Ele permitia ao condenado que escolhesse: o prisioneiro podia enfrentar um pelotão de fuzilamento ou podia atravessar a “porta negra”.

Um pouco antes da execução, o general ordenava que trouxessem o espião à sua presença para uma breve e final entrevista, sendo seu principal objetivo saber qual seria sua resposta: o pelotão de fuzilamento ou a “porta negra”.

Esta não era uma decisão fácil e o prisioneiro vacilava, preferindo, invariavelmente, o pelotão ao desconhecido e aos espantosos horrores que poderiam estar por detrás da tenebrosa e misteriosa “porta negra”. Poucos momentos após a escolha, se escutava o rajar das balas, dando cumprimento à sentença. O general, com os olhos fixos em suas bem polidas botas, voltava-se para o seu ajudante de ordens e dizia:

– Eis ali o que na verdade é o homem, prefere o mal conhecido ao desconhecido. É uma característica dos humanos temer o incerto. Você vê, eu disse a ele para escolher.

– Afinal, o que existe atrás da “porta negra? Perguntou seu ajudante de ordens.

– A liberdade - respondeu o general. E poucos têm sido os homens que tiveram o valor de decidir-se por ela.

*“O futuro tem muitos nomes. Para os fracos, é o inatingível.
Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes, é a oportunidade.”*

Victor Hugo

A PRESENÇA MATERNA

Era véspera do dia das mães. Data em que as lojas ficam repletas de pessoas à procura de presentes.

Para os que amam suas mães, é apenas mais um dia para se homenagear a especial criatura que lhes deu a vida.

Para aqueles indiferentes ou esquecidos de manifestações constantes de carinho, é uma oportunidade para lembrar do ser que os gerou, atendeu, amou incondicionalmente, sustentou.

O rico empresário pertencia à segunda categoria. Como em todos os anos, foi a mais bela floricultura da cidade.

Seu intuito era escolher a mais bonita e cara flor ali existente, escrever algumas palavras rápidas num cartão e pedir para que fosse remetida para a casa de sua mãe.

Estacionou seu carro e, quando ia adentrar a loja, viu uma garotinha com o nariz colado na vitrine.

O que é que uma garotinha de seus oito anos, mais ou menos, estaria fazendo ali, olhando flores? Que ela estivesse em frente a uma confeitaria, devorando doces com os olhos, ou em frente a uma loja de brinquedos, desejando um ou outro, seria compreensível. Mas, frente a uma floricultura? Ele aproximou-se da pequena criatura e perguntou-lhe:

– Oi, menina. Por que você tanto olha essas flores?

Ela se voltou para ele e o empresário lhe contemplou o rostinho ume-decido por pequenas pérolas de pranto.

– Eu queria muito comprar uma flor para minha mãe, mas não tenho dinheiro.

O empresário a tomou pela mão, entrou na loja e pediu que ela escolhesse a flor que desejasse. Não uma, mas um grande ramalhete.

A garotinha ficou radiante e, com muito bom gosto, escolheu flores maravilhosas e perfumadas.

O homem ficou feliz, contemplando a alegria da pequena. Também ficou imaginando a surpresa da mãe ao ver chegar a filha carregada de flores. Por isso, se ofereceu para levá-la até sua mãe.

– Você me ensina o caminho - disse ele, enquanto a acomodava em seu luxuoso carro e fechava a porta.

A menina quase desaparecia atrás do ramalhete florido que abraçava. Mas, ela foi indicando a rota, sem pestanejar. Finalmente, ela disse:

– É aqui.

Ágil, ela saltou rapidamente do carro, deu adeusinho com a mão e entrou, sozinha, no grande cemitério.

O empresário viu a pequena criança andando, por entre os túmulos e lembrou-se de sua própria mãe.

Então, tomou uma decisão: desistiu de enviar flores, dirigiu alguns quilômetros e foi abraçar, pessoalmente, depois de muitos anos, a sua mãe.

“Honrar o pai e a mãe não é somente respeitá-los, mas também assisti-los nas suas necessidades; proporcionar-lhes o repouso na velhice; cercá-los de solicitude, como eles fizeram por nós na infância.”

Jesus de Nazaré

A PRINCESA GIULIANA

Havia uma linda princesa chamada Giuliana. Todos os dias, quando o sol estava para se pôr, ela cantava em gratidão por mais um dia. E todo o reino silenciava para ouvir sua linda canção. Todos sentiam uma grande paz.

As crianças amavam a voz de Giuliana. A sua voz era um símbolo de amor dentro do reino.

Um dia, a voz de Giuliana silenciou. Giuliana não conseguia falar e nem cantar, e ninguém sabia o porquê.

O rei muito preocupado, pediu ajuda a todos os sábios do reino na tentativa de recuperar a voz de Giuliana.

Alguns traziam suas receitas caseiras, ervas consideradas milagrosas, outros oravam. Mas nada surtia efeito e, assim, o reino caiu em profunda tristeza. As tardes já não eram tão especiais sem o canto de Giuliana.

E o tempo foi passando...

Giuliana não era mais vista ao entardecer, e o rei estava em prantos pela dor de sua filha.

Numa noite fria, o rei ouviu batidas na porta do castelo e ele próprio foi abri-la. Quando viu um pobre mendigo a pedir por comida:

– Senhor dá-me de comer, tenho muita fome.

O rei, vendo aquele pobre homem, ordenou que dessem de comer ao mendigo.

E então o mendigo disse ao rei:

– És um homem tão bondoso! Deste-me de comer quando eu mais precisava. Como posso retribuir tamanha generosidade?

E o rei, tristonho, olhou para a noite fria e disse:

– Não há nada que possas fazer. O meu maior desejo, ninguém pode realizar. Vá com Deus.

E assim, o mendigo saiu do castelo muito agradecido.

No dia seguinte o rei ouviu sua filha chamá-lo. Subiu às pressas a escadaria do castelo e não acreditou ao ver que a sua adorável Giuliana havia recuperado sua linda voz.

E o reino inteiro festejou pelo milagre ocorrido com Giuliana. Poderiam ouvir sua voz ao entardecer e os dias seriam felizes novamente.

E o rei, em sua tamanha alegria, começou a questionar quem teria feito tal milagre. Foi quando lembrou-se do mendigo que havia estado em

seu castelo na noite anterior. Ele tinha um olhar diferente quando falou em retribuir ao rei pela comida dada.

Sim, procurem aquele homem, por que, se foi ele quem fez tal milagre, devo agradecer-lhe.

E então, saíram em busca do mendigo e o encontraram na floresta:

– És o mendigo que o rei procura?

E o mendigo falou:

– Como está o rei?

– Então, és tu quem realizou o milagre? Como conseguiste?

– Nada fiz senhor. Apenas pedi a Deus com amor, que desse ao rei o que lhe faltava. E quando pedimos com amor, Deus não pode nos negar, pois, sendo Ele o amor, como poderia contrariar o Seu próprio pedido?

“Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.”

William Shakespeare

A PROVA DE UM GRANDE AMOR

Eles viviam felizes há muito tempo. Não tinham filhos.

Certo dia, quando aquela senhora estava na cozinha, um acidente aconteceu e ela se viu envolta em chamas.

O marido atendeu aos seus gritos de socorro e, no intuito de salvá-la, acabou por ser também atingido pelo fogo. As chamas o envolveram, queimando-lhe os braços, mas permitindo-lhe libertá-la do fogo.

Quando os bombeiros chegaram ao local, pouco restava da casa. A ambulância levou o casal ao hospital. Ambos, por seu estado grave, foram internados no Centro de Terapia Intensiva.

Quando o marido foi liberado, buscou o quarto da sua esposa. Ela estava deitada e logo que o viu, manifestou o seu desespero. Não desejava mais viver, dizia. O fogo atingira todo o seu rosto e ela estava deformada.

– Sou um monstro! Disse ao marido.

Ele se aproximou do leito e falou:

– Minha amada esposa, na tragédia que sofremos, meus olhos foram atingidos. Estou cego. Por isso, não se preocupe. Para mim, você continuará linda, como sempre foi. A imagem que eu tenho guardada em minha mente é a que terei na memória, para o resto dos meus dias.

– Deus é muito bom - completou ela. Você não precisará contemplar a minha deformidade.

Abraçaram-se. Choraram.

Mais algum tempo internados e eles retornam ao seu novo lar. Uma pequena e acolhedora casa.

Ela passou a ter para com o marido cuidados especiais, considerando a sua deficiência visual. Era toda atenção e delicadeza. Uma nova seiva de vida parecia circular em suas veias. E todos os dias, recebendo aquelas manifestações de amor, ele dizia:

– Como eu te amo!

Ela reencontrara razão para continuar a viver e se sentir feliz. Porém, vinte anos depois, em uma madrugada serena, ela falece enquanto dorme.

Amigos solícitos auxiliaram nas tratativas para o sepultamento.

O marido compareceu sem os óculos escuros e a bengala, andando firme. Debruçou-se sobre o corpo da amada, com quem compartilhara os dias por tantos anos, beijou-a ainda uma vez e tornou a expressar:

– Como és linda. Como eu te amo!

Um amigo mais próximo manifestou a sua surpresa.

– O que acontecera: algum milagre lhe devolvera a visão, naquele momento de dor?

– Não, respondeu o homem. Jamais tive problemas visuais. Assim disse, para que pudéssemos continuar a viver juntos e sem traumas para ela. Acreditando que eu não podia enxergar as seqüelas do fogo em seu rosto, pudemos viver felizes por mais vinte anos.

*“Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém...
Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim...
E ter paciência para que a vida faça o resto.”*

William Shakespeare

A RAPOSA E AS UVAS

Uma raposa faminta entrou num terreno onde havia uma parreira, cheia de uvas maduras e muito bonitas, cujos cachos se penduravam, muito alto, em cima de sua cabeça.

A raposa não podia resistir à tentação de chupar aquelas uvas, mas, por mais que pulasse, não conseguia abocanhá-las.

Cansada de pular, olhou mais uma vez os apetitosos cachos e disse:

– Estão verdes...

“É fácil desdenhar daquilo que não se alcança.”

Jean de La Fontaine

A RAPOSA E O CORVO

Estava o corvo num pequeno galho com um succulento pedaço de queijo no bico. A raposa, quando viu, começou a pensar num jeito de conseguir aquela guloseima. Olhou para cima e disse:

– Como você é bonito, amigo. Que penas lindas e brilhantes você tem! Será que a sua voz é tão bonita quanto você? Se for, você deve ser o rei dos passarinhos!

O corvo ficou todo orgulhoso e, para soltar a voz, abriu o bico. E lá veio o queijo direto para a boca da raposa.

“O silêncio é um amigo que nunca trai.”

Confúcio

A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM

Certa vez, Mahatma Gandhi chegou a uma festa dada pelo governador inglês na Índia, vestindo seu tradicional traje, confeccionado por ele mesmo em uma simples máquina de tear. Os criados do governador não o deixaram entrar vestido daquela maneira.

Ele voltou para casa e enviou um pacote ao governador, através de um mensageiro. Dentro continha um terno.

O governador estranhando aquela encomenda, ligou para a casa dele e perguntou-lhe o significado do embrulho.

E Gandhi respondeu:

– Fui convidado para a sua festa, mas não me permitiram entrar por causa da minha roupa. Se é a roupa que vale, eu lhe envie o meu terno.

*“Um homem não pode fazer o certo numa área da vida,
enquanto está ocupado em fazer o errado em outra.
A vida é um todo indivisível.”*

Mahatma Gandhi

A SABEDORIA DO MINISTRO

Existia, em uma terra distante, um rei e seu leal primeiro ministro.

O rei era justo e bondoso. O primeiro ministro era um homem bom, sábio e sempre dizia que a felicidade reinava porque existia um Deus bom e justo, que sempre fazia o que era melhor para todos. O rei seguia os passos de sabedoria do seu primeiro ministro que sempre dizia:

– Tudo que Deus faz é bom.

Essas eram sempre as palavras que faziam com que o rei fosse sensato e bondoso para com os seus súditos.

O rei tinha dois passatempos diários. Um deles era trabalhar com madeira, fazendo talhas e esculturas e o outro, era cavalgar pela floresta todas as manhãs, em companhia de seu primeiro ministro.

Enquanto cavalgavam, os dois conversavam sobre os mistérios da vida. O rei sempre procurava explicações para suas aflições e nessas saídas diárias, em companhia de seu sábio primeiro ministro, ele encontrava conforto para seu coração, muitas vezes cheio de dúvidas e preocupações.

Certo dia, o rei estava trabalhando em sua oficina, serrando madeira, quando, inesperadamente, a serra decepou parte de seu dedo indicador. Desesperado e aflito, mandou chamar seu primeiro ministro. Tinha esperança de que ele pudesse explicar o motivo pelo qual Deus havia permitido que o acidente acontecesse com ele, uma pessoa boa, justa e honesta.

Porém, para surpresa do rei, o ministro, em vez de confortá-lo com palavras de alento e consolo, limitou-se a repetir o que sempre dizia:

– Tudo que Deus faz é bom.

Ao ouvir tamanha afronta, o rei, irado e desconsolado, mandou que os guardas o levassem para a prisão.

Depois do acidente, a vida do rei ficou diferente. Não tinha ninguém para conversar e confidenciar pensamentos, no entanto, continuava com seus passatempos diários, trabalhando a madeira e cavalgando todas as manhãs, só que agora ia sozinho.

Um belo dia, enquanto cavalgava por um recanto mais distante da floresta, foi aprisionado por índios selvagens. Levado para a tribo, amarrado e assustado, a única coisa que o rei poderia fazer era rezar e pedir a Deus que lhe desse proteção e paz.

Chegando à tribo, o rei foi surpreendido por uma grande festa. Tambores e chocalhos soavam, índios pintados dançavam em volta de um altar,

onde um sacerdote permanecia sentado em completo transe, tudo estava preparado para a grandiosa festa de sacrifício aos deuses dos índios.

Após um movimento do sacerdote, alguns índios aproximaram-se do rei, desamarraram suas mãos e começaram a pintá-lo com cores fortes e berrantes. O sacerdote então, aproximou-se e começou a dizer palavras que o rei não compreendia.

Enquanto dançava ao redor do altar, o sacerdote observou que o rei não possuía parte de um dos dedos da mão. Irado e frustrado, ordenou que o rei fosse libertado, pois, um ser incompleto não poderia ser oferecido em sacrifício para os deuses.

Após ser libertado, o rei voltou ao castelo. Enquanto caminhava pela floresta, pensava sobre o que havia acontecido: “realmente tudo que Deus faz é bom.” Se não tivesse perdido parte de um dedo, teria perdido a vida.

Uma questão, porém, ainda perturbava o raciocínio do rei. O que explicaria a permanência do seu fiel primeiro ministro na prisão, durante todo aquele tempo?

Seria este Deus justo apenas para o rei e não para seus súditos?

Chegando ao castelo, o rei ordenou que o primeiro ministro fosse solto e trazido a sua presença. Afinal, era impossível para ele entender o motivo pelo qual Deus havia sido tão injusto com um homem tão bondoso.

Ao vê-lo, o rei contou o que havia acontecido pela manhã e falou:

– Agora compreendo que perdi parte de um dedo, mas em compensação não perdi a minha vida. No entanto, não entendo porque Deus não foi benevolente com você. Como isso pode ter sido bom para você?

O sábio e paciente amigo então lhe respondeu:

– Vossa alteza se esqueceu que tínhamos o costume de cavalgarmos juntos todas as manhãs? O que teria acontecido comigo se eu estivesse em sua companhia na floresta hoje? Afinal, eu tenho todos os meus dedos. Deus faz coisas que, em determinados momentos, não conseguimos compreender e as julgamos erradas, mas no futuro entenderemos que foram em nosso próprio benefício.

E por fim concluiu:

– Tudo que Deus faz é bom.

“Sejamos como a primavera, que renasce cada dia mais bela.”

Clarice Lispector

A SEMENTE

Num acalorado dia de outono, uma menina jogou uma semente dentro de um buraco na terra, recobriu-a e esperou sua flor crescer.

Mas, logo chegaram as neves do inverno e formaram um espesso cobertor branco sobre o chão e a pobre semente não pôde crescer.

Depois de esperar pacientemente durante meses, a menina olhou porta a fora e disse:

– Vamos, sementinha, cresça logo, cresça muito, muito, até que você tenha um caule comprido coberto de lindas folhas verdes e enormes flores amarelas.

Mas, a semente respondeu:

– Ainda estou com frio, enregelada. Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menina.

– A terra enrijecida, em cujo seio me encontro - disse a semente.

– É o que vou fazer - gritou a menina. – Terra, terra, por favor, amoleça para que a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

Mas, a terra respondeu:

– Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menina.

– A neve que me recobre - disse a terra.

– É o que vou fazer - gritou a menina. – Neve, neve, por favor, derreta para que a terra amoleça e a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

Mas, a neve respondeu:

– Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menina.

– Ao sol que me derrete - disse a neve.

– É o que vou fazer - gritou a menina. – Sol, sol, por favor, apareça para que a neve derreta e a terra amoleça e a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

Mas, o sol respondeu:

– Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menina.

– Às nuvens que me recobrem - disse o sol.

– É o que vou fazer - gritou a menina. – Nuvens, nuvens, por

favor, vão embora para que o sol apareça e a neve derreta e a terra amoleça para que a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

Mas, as nuvens responderam:

– Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menininha.

– Ao vento que sopra para longe - disseram as nuvens.

– É o que vou fazer - gritou a menininha. – Vento, vento, por favor, sopra para que as nuvens vão embora e o sol apareça e a neve derreta e a terra amoleça para que a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

Mas, o vento sussurrou em seu ouvido:

– Você terá que pedir a outrem.

– A quem? - perguntou a menininha.

– A Deus que faz tudo crescer - disse o vento.

– É o que vou fazer - gritou a menininha. – Eu deveria ter pensado nisso.

Então ela se ajoelhou, juntou as mãos e pediu.

– Deus, por favor, peça ao vento que sopra, para que as nuvens vão embora e o sol apareça e a neve derreta e a terra amoleça para que a minha sementinha possa se aquecer e se transformar numa flor.

E Deus sorriu para a menininha.

Ela tornou a olhar porta afora. Havia uma brisa morna. As nuvens tinham ido embora, o sol estava brilhando, a neve derretendo e toda a terra amolecendo e se recobrendo de verde.

E em pouco tempo a flor surgiu.

“Há duas formas para viver sua vida: uma é acreditar que não existe milagre; a outra é acreditar que todas as coisas são um milagre.”

Albert Einstein

A SENTENÇA DO REI SALOMÃO

Apresentaram-se, certa vez, diante do rei Salomão, duas mulheres pedindo-lhe que decidisse uma séria controvérsia. A primeira, sendo convidada a falar, disse apontando para a companheira:

– Esta mulher e eu moramos sozinhas na mesma casa, e cada uma de nós tinha apenas um filho. Hoje, durante a noite, morreu-lhe o filho, pois ela sem querer o sufocou durante o sono. Pela manhã, percebendo que eu dormia, veio ela ao meu leito, tirou meu filho e substituiu-o pelo corpo do pequeno morto. Quando despertei, mais tarde, dei com o morto junto de mim, mas reparando bem vi que não se tratava de meu filho.

A outra mãe interrompeu e protestou, gesticulando enfurecida:

– É falso, ó rei! Ela mente! O filho dela morreu. O meu está vivo!

Diante daquele litígio, o rei chamou um de seus soldados e disse-lhe:

– Arranca tua espada, e parte ao meio este menino que é disputado pelas duas mães. Darás uma das metades a uma delas: entregarás a metade restante à outra.

A verdadeira mãe do menino, ao ouvir tão sanguinária e bárbara sentença, ficou traspassada de susto e cheia de angústia, arrebatada pelo amor materno, implorou de joelhos:

– Rei, por quem sois! Não sacrifiqueis o menino! Prefiro, mil vezes, que ele seja entregue vivo à minha rival!

A outra mulher, sacudindo os ombros, murmurava com desdém:

– Não seja nem para mim, nem para ti! Parta-se ao meio.

Ao reparar nas atitudes das mães, Salomão pronunciou, então, a sentença, fazendo ecoar bem forte a sua voz:

– Não se parta o menino!

E, apontando para a mulher que implorava em tom de piedosa súplica, declarou irrevogável:

– Que seja entregue vivo a esta, pois ela é a verdadeira mãe! A outra, a impostora, que mentiu com desfaçatez, será punida com dez chibatadas.

E, diante dessa incomparável sentença todos os homens proclamaram que a sabedoria do rei Salomão era o maior tesouro de Israel.

“Ser grande, é abraçar uma grande causa.”

William Shakespeare

A SERPENTE E O CALUNIADOR

Conta uma lenda antiga que os animais, certo dia, interpelaram a serpente com o seguinte diálogo:

– Serpente, como você sabe muito bem, o leão atira-se contra a presa, mata-a e devora-a. Estraçalhada pelo lobo, a ovelha serve de alimento. O tigre, quando faminto, ataca o carneiro e arrasta-o para o seu covil. E tu, o que fazes? Mordes e inocula veneno. Ora, que proveito você tira da tua perversidade peçonhenta?

Respondeu a serpente, retorcendo-se em um galho rente ao chão:

– Nada espero dos golpes venenosos que desfiro. Do mal que eu faço não tiro o menor proveito. E mesmo procedendo assim, traindo, envenenando, semeando a dor e a morte, ainda não sou pior que o caluniador.

*“Assim como o sol derrete o gelo, a gentileza evapora
mal entendidos, desconfianças e hostilidade.”*

Albert Schweitzer

A SOMBRA DO CAVALO

Naquele pequeno e pacato vilarejo, certo comerciante procurou o líder comunitário - homem sábio e digno - para reclamar de que a poucos dias outro individuo abrira um armazém rival na mesma rua em que ele tinha o seu estabelecimento e que, com isso, iria roubar-lhe toda a freguesia e arruinar-lhe, assim, o meio de vida.

O sábio olhou com seriedade para aquele homem e interrogou-o:

– Já viste o cavalo, levado ao rio para beber, bater com as patas na água e escavar a terra?

– Sim - respondeu o comerciante, compenetrado. É porque está com muita sede.

– Não meu amigo - elucidou o sábio. A razão é outra e não tem nada a ver com a sede. Ao abaixar a cabeça para beber, o cavalo vê a própria sombra, e, assustado, toma-a por outro cavalo, que também esteja bebendo; com medo que não haja água suficiente para ambos, tenta afugentar o intruso. Bate com as patas, agita a lama e torna suja e impura a água que era clara e límpida. Na realidade, toda a inquietação do animal não tem razão de ser; o rio oferece água de sobra e mesmo que fossem muitos os animais, poderiam todos beber fartamente. Tu, também, receias de um concorrente imaginário. Lembra-te, porém, de que a fartura de Deus e da Terra corre perene como um rio e dá abundantemente para todos.

“Quando você enxergar além de si mesmo, conseguirá encontrar a paz de espírito que está procurando.”

George Harrison

A TEIA DE ARANHA

Certa vez, um homem estava sendo perseguido por vários malfeitores que queriam matá-lo. O homem, correndo, virou em um atalho que saía da estrada e entrava pelo meio do mato e, no desespero, elevou uma oração a Deus da seguinte maneira:

– Deus Todo Poderoso fazei com que anjos venham do céu e tapem a entrada da trilha para que os bandidos não me matem!

Nesse momento escutou que os homens se aproximavam da trilha onde ele se escondia e viu que, na entrada da trilha, apareceu uma minúscula aranha. A aranha começou a tecer uma teia na entrada da trilha.

O homem se pôs a fazer outra oração, cada vez mais angustiado:

– Senhor, eu Vos pedi anjos, não uma aranha. Por favor, com Tua mão poderosa coloca um muro forte na entrada desta trilha, para que os homens não possam entrar e me matar.

Então, ele abriu os olhos esperando ver um muro tapando a entrada e viu apenas a aranha tecendo a teia.

Os malfeitores estavam entrando na trilha, na qual ele se encontrava, e ele estava esperando apenas a morte.

Quando passaram em frente da trilha, o homem escutou um dos comparsas dizendo ao chefe:

– Vamos entrar por esta trilha.

Enquanto o chefe respondia com a seguinte negativa:

– Não. Não está vendo que tem até teia de aranha nesta trilha?

*“Um milagre não é a suspensão de uma lei natural,
mas sim o resultado de uma lei maior.”*

Albert Einstein

A TRILHA ABERTA

Certo dia, um bezerro precisou atravessar um pequeno bosque virgem para voltar ao seu pasto. Sendo um animal irracional, abriu uma trilha tortuosa, cheio de curvas, subindo e descendo colinas.

No dia seguinte, um cão que passava por ali usou a mesma trilha para atravessar a floresta. Depois, foi a vez de um carneiro, líder de um rebanho, que, vendo o espaço já aberto, fez seus companheiros o seguirem.

Mais tarde, os homens começaram a utilizar este caminho: entravam e saíam, viravam à direita e à esquerda, abaixavam-se desviando de obstáculos, reclamando e praguejando. Mas, não faziam nada para criar uma nova alternativa de caminho.

Depois de tanto uso, a trilha acabou virando uma sinuosa estradinha, onde os pobres animais se cansavam sob cargas pesadas, sendo obrigados a percorrer em três horas uma distância que poderia ser vencida em trinta minutos, caso não seguissem pelo caminho aberto por um bezerro.

Muitos anos se passaram, e a estradinha tornou-se a rua principal de um vilarejo e, posteriormente, a avenida principal de uma cidade. Todos reclamavam do trânsito, porque o trajeto era mesmo muito ruim.

Enquanto isso, a velha e sábia floresta ria, ao ver que os homens têm a tendência de seguir como cegos o caminho que já está aberto, sem nunca se perguntarem se aquela é a melhor escolha.

“Nenhum pessimista ou acomodado descobriu os segredos das estrelas, nem velejou a uma terra inexplorada, ou abriu um novo céu para o espírito humano.”

Helen Keller

A ÚNICA SOLUÇÃO

Conta-se que o legislador Licurgo foi convidado a proferir uma palestra a respeito de educação. Ele aceitou o convite mas pediu, no entanto, o prazo de seis meses para se preparar.

O fato causou estranheza, pois todos sabiam que ele tinha capacidade e condições de falar a qualquer momento sobre o tema e, por isso mesmo, o haviam convidado.

Transcorridos os seis meses, compareceu ele perante a assembléia em expectativa. Postou-se à tribuna e em seguida, entraram dois criados, cada qual portando duas gaiolas, onde havia um animal, duas lebres e dois cães.

A um sinal previamente estabelecido, um dos criados abriu a porta de uma das gaiolas e a pequena lebre, branca, saiu a correr. Em seguida, o outro criado abriu a gaiola em que estava o cão e este saiu em carreira ao encalço da lebre. Alcançou-a com destreza, trucidando-a rapidamente.

A cena foi dantesca e chocou a todos. Uma grande admiração tomou conta da assembléia e os corações pareciam saltar do peito. Ninguém conseguia entender o que Licurgo desejava com tal agressão.

Mesmo assim, ele nada falou. Tornou a repetir o sinal convencionado e a outra lebre foi libertada. A seguir, o outro cão.

O povo mal continha a respiração. Alguns mais sensíveis, levaram as mãos aos olhos para não ver a reprise da morte bárbara do indefeso animalzinho que corria e saltava pelo palco.

No primeiro instante, o cão investiu contra a lebre. Contudo, em vez de abocanhá-la, deu-lhe com a pata e ela caiu. Logo ergueu-se e se pôs a brincar. Para surpresa de todos, os dois ficaram a demonstrar tranqüila convivência, saltitando de um lado a outro do palco.

Então, e somente então, Licurgo falou:

– Senhores, acabais de assistir a uma demonstração do que pode a educação. Ambas as lebres são filhas da mesma matriz, foram alimentadas igualmente e receberam os mesmos cuidados. Assim igualmente os cães. A diferença entre os primeiros e os segundos é, simplesmente, a educação.

E prosseguiu o discurso dizendo dos benefícios do processo educativo.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

A VACA E O PORCO

Conta-se que um rico fazendeiro foi queixar-se ao padre da paróquia local, dizendo que as pessoas não o viam com bons olhos porque ele não ajudava os outros, nem contribuía com as obras assistenciais da igreja.

Ora, disse o fazendeiro:

– Todos sabem que quando eu morrer deixarei tudo o que tenho para a igreja e seus pobres.

O sacerdote, homem sábio, disse ao fazendeiro:

– Vou lhe contar uma história. A história da vaca e do porco.

Certo dia, o porco foi reclamar com a vaca porque ninguém lhe dava valor. Todos o desprezavam.

Afinal, disse ele, eu dêo tudo o que tenho aos homens. Eles consomem a minha carne, usam meus pelos para fazer pincéis, e aproveitam até meus ossos. Mesmo assim sou um animal desconsiderado. O mesmo não acontece com você, que dá apenas o leite e é reverenciada por todos, concluiu o pobre porco.

A vaca, que ouvia com atenção, falou: talvez seja porque eu dêo um pouco de mim todos os dias, enquanto estou viva, e você só tem utilidade depois de morto.

O fazendeiro agradeceu ao padre pela lição e se retirou pensativo.

*“Um pedaço de pão comido em paz é melhor do
que um banquete comido com ansiedade.”*

Esopo

A VELHICE E A INFÂNCIA

Era uma vez, um velhinho que já contabilizava mais de oito décadas de vida, quase cego e surdo, com os joelhos tremendo. Quando se sentava à mesa para comer, mal conseguia segurar a colher. Derramava muita sopa na toalha e quando, afinal, acertava a boca, deixava sempre cair um bocado pelos cantos.

O filho e a nora dele achavam aquilo uma imundice e ficavam com nojo. Finalmente, acabaram fazendo o idoso se sentar num canto atrás do fogão. Levavam comida para ele numa velha tigela de barro e - o que era pior - nem lhe davam o suficiente.

O velhinho sempre olhava para a mesa com os olhos compridos, muitas vezes cheios de lágrimas.

Um dia, suas mãos tremeram tanto que ele deixou a tigela cair no chão e ela se partiu ao meio. A mulher disse inúmeros impropérios para ele, que não disse nada, apenas suspirou.

No dia seguinte, ela comprou uma tigela de madeira e era aí que ele tinha que comer.

Certo dia, quando estava toda a família sentada na cozinha, o neto do velhinho, que era um alegre menino de quatro anos, estava brincando com uns pedaços de madeira.

– O que é que você está fazendo? - perguntou o pai.

O menino respondeu:

– Estou fazendo um cocho, para papai e mamãe poderem comer quando eu crescer.

O marido e a mulher se olharam durante algum tempo e caíram no choro. Depois disso, trouxeram o avô de volta para a mesa. Desde então, passaram a comer todos juntos e, mesmo quando o velhinho derramava alguma coisa, ninguém dizia nada.

“Lutemos por um mundo novo, um mundo bom, que a todos assegure o anseio de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.”

Charles Chaplin

A VERDADEIRA RIQUEZA

Um dia, um rico pai de família levou seu filho único para viajar para o interior com o firme propósito de mostrar o quanto as pessoas podem ser pobres.

Eles passaram um dia e uma noite no sítio de uma família muito pobre. Quando retornaram da viagem o pai perguntou ao filho:

– Como foi a viagem?

– Muito boa papai!

– Você viu como as pessoas pobres podem ser? - o pai perguntou.

– Sim.

– E o que você aprendeu? - o pai perguntou.

O filho respondeu:

– Eu vi que nós temos um cachorro em casa, e eles têm quatro. Nós temos uma piscina que alcança o meio do jardim, eles têm um riacho que não tem fim. Nós temos uma varanda coberta e iluminada com luz, eles têm as estrelas e a lua. Nosso quintal vai até o portão de entrada, eles têm uma floresta inteira.

Quando o pequeno garoto estava acabando de responder, seu pai já estava estupefato, e seu filho acrescentou:

– Obrigado pai por me mostrar quanto “pobre” nós somos!

*“A verdadeira riqueza não consiste em termos grandes
posses, mas, em termos poucas necessidades.”*

Alex Cardoso de Melo

A VIDA É UM ESPELHO

Ele quase não viu a senhora, com o carro parado no acostamento. Chovia forte e já era noite. Mas percebeu que ela precisava de ajuda. Assim parou seu carro e se aproximou.

O carro dela cheirava a tinta, de tão novinho. Mesmo com o sorriso que ele estampava na face, ela ficou preocupada. Ninguém tinha parado para ajudar durante a última hora. Ele iria aprontar alguma?

Ele não parecia seguro, parecia pobre e faminto. Ele pode ver que ela estava com muito medo e disse:

– Eu estou aqui para ajudar madame, não se preocupe. Por que não espera no carro onde está quentinho? A propósito, meu nome é Rodrigo.

Bem, tudo que ela tinha era um pneu furado, mas, para uma senhora de idade avançada era ruim o bastante.

Rodrigo abaixou-se, colocou o macaco e levantou o carro. Ele já estava trocando o pneu. Mas, ficou um tanto sujo e ainda feriu uma das mãos.

Enquanto apertava as porcas da roda ela abriu a janela e começou a conversar com ele. Contou que era de São Paulo e que só estava de passagem por ali e que não sabia como agradecer pela preciosa ajuda.

Rodrigo apenas sorriu enquanto se levantava.

Ela perguntou quanto devia. Qualquer quantia teria sido muito pouco para ela. Já tinha imaginado todas as terríveis coisas que poderiam ter acontecido, se Rodrigo não tivesse parado e ajudado.

Rodrigo não pensava em dinheiro, aquilo não era um trabalho para ele. Gostava de ajudar quando alguém tinha necessidade e Deus já lhe havia ajudado bastante. Este era seu modo de viver e nunca lhe ocorreu agir de outro modo. E respondeu:

– Se realmente quiser me pagar, da próxima vez que a senhora encontrar alguém que precise de ajuda, dê para aquela pessoa a ajuda de que ela precisar. E acrescentou: e lembre-se de mim.

Esperou até que ela saísse com o carro e também se foi.

Tinha sido um dia frio e deprimente, mas, ele se sentia bem, indo para casa, desaparecendo no crepúsculo.

Alguns quilômetros abaixo, a senhora parou seu carro num pequeno restaurante e entrou para comer alguma coisa.

Era um restaurante muito simples, e tudo ali era estranho para ela. A garçonete veio até ela e trouxe-lhe uma toalha limpa para que pudesse es-

fregar e secar o cabelo molhado e lhe dirigiu um doce sorriso, um sorriso que mesmo os pés doendo por um dia inteiro de trabalho, não pode apagar.

A senhora notou que a garçonne estava com quase oito meses de gravidez, mas, ela não deixou a tensão e as dores mudarem a sua atitude.

A senhora ficou curiosa em saber como alguém que tinha tão pouco, podia tratar tão bem a um estranho. Então, se lembrou de Rodrigo.

Depois que terminou a sua refeição, enquanto a garçonne buscava troco para a nota de cem reais, a senhora se retirou.

Já tinha partido quando a garçonne voltou. Ela queria saber onde a senhora poderia ter ido, quando notou algo escrito no guardanapo, sob o qual tinha mais quatro notas de cem reais.

Existiam lágrimas em seus olhos quando leu o que a senhora escreveu. Dizia:

– Você não me deve absolutamente nada, eu já tenho o bastante. Alguém me ajudou hoje e da mesma forma estou lhe ajudando. Se você realmente quiser me reembolsar por este dinheiro, não deixe este círculo de amor terminar com você, ajude alguém.

Bem, haviam mesas para limpar, açucareiros para encher, e pessoas para servir, e a garçonne voltou ao trabalho.

Aquela noite, quando foi para casa cansada e deitou-se na cama, seu marido já estava dormindo e ela ficou pensando no dinheiro e naquilo que a senhora deixou escrito.

Como pôde aquela senhora saber o quanto ela e o marido precisavam disto? Com o bebê que estava para nascer no próximo mês, como estava difícil!

Ficou pensando na bênção que havia recebido, deu um grande sorriso, agradeceu a Deus e virou-se para o preocupado marido que dormia ao lado, deu-lhe um beijo macio e sussurrou:

– Tudo ficará bem; eu te amo Rodrigo!

A vida é assim, um espelho. Tudo o que você transmite volta para você, e geralmente em dobro.

“Acreditamos que o criador nos fez ricos a todos, sem exceção, porque a riqueza autêntica, a nosso ver, procede do trabalho e todos nós de uma forma ou de outra, podemos trabalhar e servir.”

Chico Xavier

ALÉM DO DEVER

Um homem foi chamado à praia para pintar um barco. Trouxe tinta e pincéis e começou a pintar o barco de um vermelho brilhante, como fora contratado para fazer.

Enquanto pintava, notou que a tinta estava passando pelo fundo do barco. Procurou e descobriu que a causa do vazamento era um buraco e o consertou. Quando terminou a pintura, recebeu seu dinheiro e se foi.

No dia seguinte, o proprietário do barco procurou o pintor e lhe entregou um cheque de grande valor. O pintor ficou surpreso e falou:

– O senhor já me pagou pela pintura do barco.

– Mas isto não é pelo trabalho de pintura - falou o homem. É por ter consertado o vazamento do barco.

– Foi um serviço tão pequeno que não quis cobrar - acrescentou o pintor. Certamente, o senhor está me pagando uma quantia muito alta por algo tão insignificante!

– Meu caro amigo, você não compreendeu - disse o proprietário do barco. Deixe-me contar-lhe o que aconteceu.

– Quando pedi a você que pintasse o barco, esqueci de mencionar o vazamento. Quando o barco secou, meus filhos o pegaram e saíram para uma pescaria. Eu não estava em casa naquele momento. Quando voltei e notei que haviam saído com o barco, fiquei desesperado, pois me lembrei que o barco tinha um furo. Grandes foram meu alívio e minha alegria quando os vi retornando, sãos e salvos. Então, examinei o barco e constatei que você o havia consertado.

– Percebe, agora, o que fez?

– Você salvou a vida de meus filhos! Não tenho dinheiro suficiente para lhe pagar pela sua “pequena” boa ação.

“Quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha, talvez cem vezes, sem que nenhuma rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela que conseguiu, mas todas as que vieram antes.”

Jacob Riis

AMOR EM UMA LATA DE LEITE

Dois irmãozinhos maltrapilhos, provenientes de uma favela - um de cinco anos e o outro de dez - iam pedindo um pouco de comida pelas casas de uma das ruas de São Paulo.

– Estavam famintos!

– Vai trabalhar e não amole, ouvia-se detrás da porta.

– Aqui não tem nada neuquinho, dizia outro.

As múltiplas tentativas frustradas entristeciam as crianças.

Por fim, uma senhora muito atenta disse-lhes:

– Vou ver se tenho alguma coisa para vocês garotinhos! E voltou com uma latinha de leite.

Que festa! Ambos se sentaram na calçada. O menorzinho disse para o de dez anos:

– Você é mais velho, tome primeiro. E olhava para ele com os seus dentes brancos, a boca semi-aberta, mexendo a ponta da língua.

O irmão mais velho leva a lata à boca e, fazendo um gesto de beber, aperta fortemente os lábios para que por eles não penetre uma só gota de leite. Depois, estendendo a lata, diz ao irmão:

– Agora é sua vez. Só um pouco. E o irmãozinho, dando um grande gole exclama: como está gostoso!

– Agora eu, diz o mais velho. E levando a latinha, já meio vazia, à boca, não bebe nada.

Agora você, agora eu, agora você, agora eu... E, depois de quatro, cinco ou seis goles, o menorzinho, de cabelo encaracolado, barrigudinho, com a camisa de fora, esgota o leite todo, ele sozinho.

E então, aconteceu algo extraordinário. O mais velho começou a cantar, a dançar, a jogar futebol com a lata de leite vazia.

Estava radiante, o estômago vazio, mas, o coração trasbordante de alegria. Pulava, com a naturalidade de quem não fez nada de extraordinário, ou melhor, com a naturalidade de quem está habituado a fazer coisas extraordinárias, sem dar-lhes maior importância.

*“Sonho com o dia em que todos levantar-se-ão e compreenderão
que foram feitos para viverem como irmãos.”*

Nelson Mandela

AMOR MAIÚSCULO

Um homem de idade avançada procurou um pronto-socorro, para fazer um curativo na mão ferida. Estava agitado e dizendo-se atrasado para um compromisso muito importante, e enquanto era tratado, a enfermeira perguntou-lhe qual o motivo de tanta pressa. Ele disse que precisava ir a um asilo de anciãos para, como sempre, tomar o café da manhã com sua mulher que estava internada lá. Disse que ela já estava há algum tempo nesse lugar porque tinha um Alzheimer bastante avançado.

Enquanto a enfermeira acabava de fazer o curativo, perguntou-lhe se ela não se alarmaria pelo fato de ele estar chegando mais tarde.

– Não, ele disse. Ela já não sabe quem eu sou. Faz quase cinco anos que não me reconhece.

Estranhando, a enfermeira lhe perguntou:

– Mas se ela já não sabe quem o senhor é, porque essa necessidade de estar com ela todas as manhãs?

Ele sorriu e dando-me uma palmadinha na mão, disse:

– É. Ela não sabe mais quem eu sou, mas eu, contudo, continuo sabendo muito bem quem é ela.

“Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se: Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!”

Albert Einstein

ANDROCLES E O LEÃO

Em Roma, havia um pobre escravo cujo nome era Androcles. Seu senhor era um homem cruel e o tratava tão mal que ele acabou fugindo.

Escondeu-se na selva durante muitos dias, mas, como não conseguia encontrar comida, foi ficando tão fraco e doente que pensou que morreria. Um belo dia, esgueirou-se para dentro de uma caverna e deitou-se por lá, caindo logo em sono profundo.

Passado algum tempo, um barulho o despertou. Um leão entrara na caverna e rugia estrondosamente. Androcles ficou apavorado, pois achou que a fera com certeza o mataria. Entretanto, logo percebeu que o animal não estava irritado; mancava, apenas, como se a pata o incomodasse.

Androcles sentiu-se tão corajoso que pegou-lhe a pata para averiguar o problema. O leão ficou bastante quieto e roçou a cabeça no ombro do homem. Parecia estar dizendo: “Eu sei que me ajudarás.”

Androcles levantou a pata e encontrou um espinho comprido e afiado; era o que tanto incomodava o animal. Pegou a ponta do espinho com os dedos e deu um forte puxão; e pronto! O leão encheu-se de felicidade. Começou a dar pulos de alegria, feito um cãozinho satisfeito, e pôs-se a lambear as mãos e os pés do novo amigo.

Androcles perdeu todo o medo depois do incidente. Ao cair da noite, ele e o leão deitaram-se lado a lado para dormir.

Durante muito tempo, a fera trazia comida diariamente para o homem; e os dois ficaram tão amigos que Androcles passou a gostar muito daquela nova vida.

Um dia, alguns soldados que passavam encontraram Androcles na caverna. Sabiam quem era e levaram-no de volta a Roma.

Dizia a lei naquela época que todo escravo foragido deveria ser posto para lutar contra um leão faminto. Assim sendo, um leão feroz foi caçado e trancado sem alimento por algum tempo e uma data foi marcada para a luta.

Quando chegou a hora, milhares de pessoas se juntaram para assistir ao evento. O povo costumava freqüentar lugares assim naquela época, da mesma forma que hoje em dia assiste aos jogos esportivos.

A porta se abriu e Androcles foi trazido ao recinto. Estava quase morto de tanto medo, pois já se ouviam os rugidos do leão. O infeliz observou a multidão e percebeu que não havia piedade em seus rostos.

E logo o leão faminto entrou rugindo e correndo. Num único pulo, chegou até o pobre escravo. Androcles soltou um grito bem alto, mas não era de medo, e sim, de felicidade. Está ali o seu velho amigo, o leão da caverna.

A multidão, que esperava ver o homem ser cruelmente morto pelo bicho, ficou espantada. Todos viram Androcles abraçar-se ao pescoço do animal; viram o leão deitar-se aos pés do homem e dar-lhe carinhosas lambidas; viram a enorme fera roçar a cabeça contra o rosto do escravo como se quisesse ser acariciado. Não conseguiram entender o significado daquilo.

Passado algum tempo, pediram que Androcles lhes explicasse o que estava acontecendo. Então, levantou-se diante de todos e, com um braço em torno do pescoço do leão, contou-lhes como ele e a fera haviam morado juntos na caverna.

– Sou um homem - disse ele, - contudo homem algum jamais buscou minha amizade. Este pobre leão cuidou de mim e temos um pelo outro o amor de irmãos.

A multidão não era má ao ponto de praticar qualquer crueldade contra o escravo naquele momento.

– Segue tua vida em liberdade - gritaram todos.

E alguns complementaram:

– Soltem também o leão. Concedam aos dois a liberdade.

E assim, Androcles foi libertado e o leão foi-lhe dado de presente. E os dois viveram juntos em Roma por muitos anos.

“Entre a brutalidade para com os animais e para com os homens, só existe uma diferença: a vítima.”

Alex Cardoso de Melo

APRENDENDO A SER HUMILDE

Era uma vez um jovem, que procurava ser humilde em suas ações acreditando que desta forma tornar-se-ia uma pessoa melhor, mais feliz e mais conectada a Deus.

Certo dia, esse jovem foi a um mosteiro e perguntou a um velho sábio que lá vivia:

– Sábio, o que devo fazer para me tornar uma pessoa humilde?

– Se quiser realmente encontrar essa resposta, deve ir ao cemitério e criticar os mortos - disse-lhe o sábio.

Sem questionar, o jovem foi ao cemitério e pôs-se a criticar todos os mortos.

Depois, voltou à presença do sábio, que lhe disse:

– O que os mortos fizeram diante de suas críticas?

– Nada. Não aconteceu absolutamente nada enquanto eu os criticava - respondeu o jovem.

– Muito bom - disse o sábio. Agora você deve voltar ao cemitério e elogiá-los bastante.

Novamente, seguindo a orientação do sábio, o jovem foi ao cemitério e passou várias horas elogiando os mortos.

Depois, voltou à presença do sábio, que lhe perguntou:

– O que os mortos fizeram diante de seus elogios?

– Nada. Não aconteceu absolutamente nada enquanto eu os elogiava - respondeu o jovem.

Então, o sábio disse-lhe:

– Se quiser ser um homem humilde, vai precisar aprender a reagir como os mortos reagiram aos elogios e às críticas. Ou seja, deve manter-se indiferente perante elogios ou críticas, mantendo, porém, a capacidade de perceber a verdade que pode existir na crítica sem deixar que isso lhe traga sofrimento.

“A beleza ideal está na simplicidade calma e serena.”

Johann Goethe

AQUILO QUE É MAIS GRATIFICANTE

Walter ganhou de seu irmão mais velho, como presente de Natal, um automóvel novo. No dia de Natal, quando saiu de casa, percebeu que um garoto de rua andava em volta de seu brilhante carro, admirando-o.

– Este carro é seu? Perguntou o menino.

Walter confirmou com a cabeça. Meu irmão me deu de presente no Natal.

O garoto estava maravilhado.

– Quer dizer que seu irmão deu a você e você não gastou nada? Cara, eu queria...

Walter julgou saber como o garoto completaria a frase. Por certo iria dizer que queria um irmão como o dele. Mas o que o menino disse deixou Walter perplexo.

– Eu queria, continuou o garoto, poder ser um irmão assim.

Walter olhou para o garoto surpreso e, impulsivamente, perguntou:

– Você gostaria de dar uma volta no meu automóvel?

– Sim, eu adoraria - respondeu o garoto.

Depois de uma voltinha, o menino virou-se e, com os olhos resplandecentes disse:

– Você se importa de passar em frente à minha casa?

Walter sorriu consigo mesmo, pensando que sabia exatamente o que o menino queria. Certamente, desejava mostrar aos vizinhos que podia voltar para casa num carrão.

Mas, Walter se enganara outra vez.

– Você dá uma paradinha ali onde estão aqueles degraus? - pediu o menino.

O garoto saiu do carro e subiu os degraus correndo. Logo, Walter o viu voltando. Mas, o menino não estava mais andando tão rápido, estava carregando seu irmãozinho paralítico. Ele o fez sentar no degrau e, abraçando-o carinhosamente, mostrou o carro.

– Veja Cássio, exatamente como eu contei para você lá em cima! O irmão deu-lhe este lindo carro de presente de Natal e isso não lhe custou nem um único centavo.

Algum dia eu vou dar a você um carro como este. Daí, você poderá ver, por você mesmo, as coisas bonitas. As vitrines enfeitadas no Natal, as ruas e árvores iluminadas, as belezas enfim, sobre as quais eu tenho tentado

contar a você.

Walter saiu do carro, pegou o garotinho no colo com extremo cuidado e o colocou no banco da frente, a seu lado.

O irmão mais velho, com olhos brilhantes, sentou-se ao lado dele e os três começaram um inesquecível passeio de Natal.

Naquele momento, Walter compreendeu o porquê é muito mais gratificante dar do que receber.

*“Pouca coisa é necessária para transformar inteiramente
uma vida: amor no coração e sorriso nos lábios.”*

Martin Luther King

AQUILO QUE O CORAÇÃO CARREGA

Conta uma popular lenda do Oriente Médio, que um jovem chegou a beira de um oásis junto a um povoado e aproximando-se de um velho perguntou-lhe:

– Que tipo de pessoa vive neste lugar?

Por sua vez perguntou o ancião:

– Que tipo de pessoa vivia no lugar de onde você vem?

– Oh, um grupo de egoístas e malvados - replicou o rapaz - estou satisfeito de haver saído de lá.

A isso o velho replicou:

– A mesma coisa você haverá de encontrar por aqui.

No mesmo dia, um outro jovem se acercou do oásis para beber água e vendo o ancião perguntou-lhe:

– Que tipo de pessoa vive por aqui?

O velho respondeu com a mesma pergunta:

– Que tipo de pessoa vive no lugar de onde você vem?

O rapaz respondeu:

– Um magnífico grupo de pessoas, amigas, honestas, hospitaleiras.

Fiquei muito triste por ter de deixá-las.

– O mesmo encontrará por aqui, respondeu o ancião.

Um homem que havia escutado as conversas perguntou ao velho:

– Como é possível dar respostas tão diferentes à mesma pergunta?

Ao que o velho respondeu:

– Cada um carrega no coração o meio ambiente em que vive. Aquele que nada encontrou de bom nos lugares por onde passou, não poderá encontrar outra coisa por aqui. Aquele que encontrou amigos ali, também os encontrará aqui porque, na verdade, a nossa atitude mental é a única coisa na nossa vida sobre a qual podemos manter controle absoluto.

“Sempre temos a possibilidade de mudarmos as nossas vidas e as atitudes de todos aqueles que nos cercam, simplesmente mudando a nós mesmos.”

Alex Cardoso de Melo

AQUILO QUE OUVIMOS

Conta-se que um amigo levou um índio para passear no centro de uma grande cidade. Seus olhos não conseguiam crer na altura dos edifícios e ele mal conseguia acompanhar o ritmo frenético das pessoas indo e vindo.

Espantava-se com o barulho ensurdecedor das sirenes, dos carros e das pessoas falando em voz alta.

De repente, o índio falou:

– Ouço um grilo.

O amigo, espantado, retrucou:

– Impossível ouvir um inseto tão pequeno nesta confusão!

O índio insistiu que ouvia o cricrilar de um grilo. Tomou seu amigo pela mão e levou-o até um canteiro de plantas. Afastando algumas folhas, apontou para o pequeno inseto.

– Como? - perguntou o rapaz, ainda sem crer.

O índio pediu-lhe algumas moedas e jogou-as na calçada. Quando elas caíram e se ouviu o tilintar do metal, muita gente se voltou.

Então o índio falou:

– Escutei o grilo porque os meus ouvidos estão acostumados com esse tipo de barulho. As pessoas aqui ouvem o dinheiro cair no chão porque foram condicionadas a reagir a esse tipo de estímulo.

Depois arrematou:

– A gente ouve o que está acostumado ou treinado para ouvir.

*“A Terra não está morrendo, ela está sendo morta.
E aqueles que a estão matando têm nomes e endereços.”*

Alex Cardoso de Melo

ÁRVORE GENEROSA

Certa vez, uma árvore se apaixonou por um garoto.

Seu pai colocou um balanço na árvore e ele imaginava voar, balançando-se sempre mais alto. Subia até o topo da árvore, para ver à distância, imaginando ser um navio e ele estava em alto mar, à busca de descobertas. Na temporada das frutas, ele se servia das maçãs. Cansado, dormia à sua sombra. Eram dias felizes e sem preocupações. A árvore adorava essa época.

O menino cresceu e tornou-se rapaz. Agora, por mais que a árvore o convidasse para brincar, ele não ouvia. Seu interesse era ganhar dinheiro.

A árvore generosa lhe disse, um dia:

– Apanhe minhas maçãs e as venda.

O jovem aceitou a sugestão e a árvore ficou feliz.

Por um largo tempo, ela não o viu. Ele se transferiu para outros lugares, viajou, angariou fama e fortuna. Quando ela o viu, outra vez, sorriu, feliz e o convidou para brincar.

Contudo, ele agora era homem maduro. Estava cansado do mundo. Preocupações lhe enrugavam a testa. Tantos eram os problemas que nem ouviu o coração da árvore bater forte quando ele se encostou à sua sombra, para pensar. Queria desaparecer, desejando fugir dos problemas.

A árvore generosa lhe sussurrou aos ouvidos e agora ele ouviu:

– Derrube-me ao chão, pegue meu tronco e faça um barco para você. Faça uma viagem, navegando nele.

Ele aceitou a sugestão e a árvore tornou a se sentir feliz.

Muitos anos se passaram. Verões de intenso calor, primaveras de flores, invernos de ventos e noites solitárias.

Finalmente, o homem retornou. Estava velho e cansado demais para brincar, para sair em busca de riqueza ou para navegar pelos mares.

A árvore lhe sugeriu:

– Amigo, fui cortada, já não tenho sombra. Sou somente um toco. Que tal sentar e descansar?

O velho aceitou a sugestão e a árvore ficou feliz.

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não haveria pobreza e ninguém morreria de fome.”

Mahatma Gandhi

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Num orfanato, igual a tantos outros, havia uma pobre órfã, de oito anos de idade. Era uma criança triste e sem encantos, de maneiras desagradáveis, evitada pelas outras, e francamente malquista pelos professores.

Por essa razão, a pobrezinha vivia no maior isolamento. Ninguém para brincar, ninguém para conversar. Sem carinho, sem afeto, sem esperança. Sua única companheira era a solidão.

O diretor do orfanato aguardava ansioso uma desculpa legítima para livrar-se dela. E um dia apresentou-se, aparentemente, uma boa desculpa. A companheira de quarto da menina informou que ela estava mantendo correspondência com alguém de fora do orfanato, o que era proibido.

– Agora mesmo, disse a informante, ela escondeu um papel numa árvore.

O diretor e seu assistente, mal puderam esconder a satisfação que a denúncia lhes causara.

– Vamos tirar isso a limpo agora mesmo, disse o superior.

Somando-se ao assistente, pediu para que a testemunha do delito os acompanhasse, a fim de lhes mostrar a prova do crime.

Dirigiram-se os três, a passos rápidos, em direção à árvore na qual estava a mensagem.

De fato, lá estava um papel delicadamente colocado entre os ramos.

O diretor desdobrou, ansioso, o bilhete, esperando encontrar ali a prova de que necessitava para livrar-se daquela criança tão desagradável aos seus olhos. Todavia, para seu desapontamento e remorso, no pedaço de papel um tanto amassado, pôde ler a seguinte mensagem: “A qualquer pessoa que encontrar este papel: eu gosto de você.”

Os três investigadores ficaram tão decepcionados quanto surpresos com o que leram. Decepcionados porque perderam a oportunidade de livrar-se da menina indesejável e surpresos porque perceberam que ela era menos má do que eles próprios.

“Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.”

Jesus de Nazaré

AS BANANAS

Numa experiência científica, um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula.

No meio da jaula uma escada e sobre ela um cacho de bananas.

Quando um dos macacos subia na escada para pegar as bananas, os cientistas jogavam um jato de água fria nos que estavam no chão.

Depois de certo tempo, quando algum macaco ia subir a escada, os outros o pegavam e batiam muito nele. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada para pegar as bananas, sendo retirado pelos outros que o surraram.

Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo deixou de subir a escada.

Um segundo foi substituído e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado com entusiasmo da surra ao novato.

Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu.

Um quarto e, afinal, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas então ficaram com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles porque eles batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria:

– Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui.

“O preconceito é uma opinião sem julgamento.”

Voltaire

AS CAIXAS DE DEUS

Certa noite, um homem teve um sonho. Sonhou que tivera um encontro com Deus e como o homem se apresentava muito triste, Deus o presenteou com duas caixas.

Uma delas era de cor preta, envernizada e a outra de cor dourada, com um belo laço de fita.

– Coloque todas as suas tristezas na caixa preta - recomendou o bom Deus. E as suas alegrias, guarde na caixa dourada.

O homem entendeu Suas palavras e, desde aquele dia, passou a proceder de acordo com a recomendação Divina.

Depois de algum tempo, o homem se surpreendeu porque a caixa dourada ficava cada dia mais pesada e a preta continuava tão leve quanto a noite em que a ganhara de Deus. Tomado de curiosidade, abriu a caixa preta. Queria descobrir por que estava tão leve, se quase todos os dias ele colocava ali, ao menos, uma pequena tristeza.

Foi então que ele percebeu um buraco na base da caixa, por onde saíam todas as suas tristezas.

Pensou alto, falando com Deus:

– Por que, Pai, Você me deu uma caixa com um buraco e uma caixa inteira, sem nenhum vazamento?

O bom Pai respondeu de pronto:

– Meu filho, a caixa dourada é para você contar suas bênçãos. Por isso ela é fechada. A caixa preta é para você deixar ir embora todas as suas tristezas.

“A tristeza resolve-se sozinha, mas a alegria, para que possamos sentir a sua completa extensão, tem que ser dividida com alguém.”

Mark Twain

AS CHAMAS

Quatro velas estavam queimando calmamente. O ambiente estava tão silencioso que se podia ouvir o diálogo entre elas.

A primeira, expandido sua chama, disse:

– Eu sou a paz. Peregrino pelas estradas do sentimento, buscando morada no coração dos homens. Percorro os campos devastados por guerras e canto a minha canção aos ouvidos dos que ainda persistem nas batalhas cruéis. Penetro os lares e espalho o perfume da minha presença. Admito que, apesar da minha luz, as pessoas não têm conseguido me manter acesa.

E, diminuindo sua chama, devagarzinho, apagou-se totalmente.

A segunda, mostrando o colorido da sua chama, falou:

– Eu me chamo fé. Tenho me sentido inútil entre os homens. Eles se encontram cheios de conquistas que não me escutam. Não querem saber de Deus e das verdades espirituais. Insistentemente, tenho batido às portas da razão humana, demonstrando que sem a minha luz, logo cairão em trevas densas e sofridas. Porque eu sou a chama que se apresenta quando o desengano e a dor aparecem. Sou a luz que brilha na noite da desilusão. Mas, como tenho sido desprezada, não faz sentido continuar queimando.

Ao terminar a fala, um vento bateu levemente sobre ela e a apagou.

Baixinho e triste, a terceira se manifestou:

– Eu sou o amor! Não tenho mais forças para queimar. As pessoas me deixam de lado, porque tudo é mais importante do que eu: a carreira, os prazeres, as coisas materiais. Os homens só conseguem enxergar a si próprios, esquecendo até dos que estão à sua volta.

Dito isto, o amor recolheu a sua chama e se apagou.

De repente, entrou uma criança. Olhou as velas apagadas e falou:

– Que é isto? Vocês devem ficar acesas e queimar até o fim!

Foi daí que a quarta vela, que permanecia calada e queimando, falou:

– Não tenha medo, criança. Nem se preocupe. Enquanto a minha chama estiver acesa, podemos acender as outras velas.

Então, a criança apanhou a vela da esperança e acendeu novamente as velas da paz, da fé e do amor.

“Se queres prever o futuro, estuda o passado.”

AS CICATRIZES DO DESCONTROLE

Naquele dia de sol, Antônio chegou feliz e estacionou o reluzente caminhão em frente à sua casa. Após vinte anos de economia e trabalho, ele conseguiu: comprou um caminhão. Orgulhoso, entrou em casa e chamou a esposa para ver sua aquisição. A partir de agora, seria seu próprio patrão.

Ao chegar próximo do caminhão, uma cena o deixou descontrolado. Seu filho de seis anos estava martelando alegremente a lataria do caminhão.

Descontrolado e aos berros, ele investiu contra o pequeno filho. Tomou o martelo das mãos dele e martelou as mãozinhas do garoto.

Sem entender o que estava acontecendo, o menino se pôs a chorar de dor, enquanto a mãe interferiu e retirou o pequeno da cena.

Na seqüência, ela trouxe o marido de volta à realidade e levaram o filho ao hospital, para fazer curativos. O que imaginavam, no entanto, fosse simples, descobriram ser muito grave. As marteladas nas frágeis mãozinhas tinham feito tal estrago que o garoto foi encaminhado para cirurgia.

Passadas várias horas, o cirurgião veio ao encontro dos pais e lhes informou que as dilacerações tinham sido enormes e os dedinhos tiveram que ser amputados. De resto, falou o médico, a criança era forte e tinha resistido bem a cirurgia. Os pais poderiam aguardá-lo no quarto, para onde logo mais seria conduzido.

Com um aperto no coração, os pais esperaram a criança despertar. Quando, finalmente, abriu os olhos e viu o pai o menino sorriu e disse:

– Papai, me desculpe, eu só queria consertar o seu caminhão, como você me ensinou outro dia. Não fique bravo comigo.

O pai, com lágrimas a escorrer pela face, se aproximou do pequeno inocente e disse que não tinha importância o que ele havia feito. Mesmo porque, a lataria do caminhão nem tinha sido estragada.

O menino insistiu:

– Quer dizer que não está mais bravo comigo?

– Não, mesmo, falou o pai.

– Então, perguntou o garoto, se estou perdoado, quando é que meus dedinhos vão nascer novamente?

“Todos os que pegam a espada pela espada perecerão.”

Jesus de Nazaré

AS DUAS VIZINHAS

Existiam duas vizinhas que viviam em pé de guerra. Elas não podiam se encontrar que era briga na certa. Depois de certo tempo, dona Fernanda descobriu o valor da amizade e resolveu que faria as pazes com dona Maria.

Ao se encontrarem na rua, humildemente, disse dona Fernanda:

– Minha querida Maria, já estamos nessa desavença há anos e sem nenhum motivo aparente. Estou propondo para você que façamos as pazes e vivamos como duas boas e velhas amigas.

Dona Maria, na hora estranhou a atitude da velha rival, e disse que iria pensar no caso. E durante o caminho foi matutando:

– Essa Fernanda não me engana, está aprontando alguma coisa e eu não vou deixar barato. Vou mandar-lhe um presente para ver sua reação.

Chegando em casa, preparou uma bela cesta de presentes, cobrindo-a com um lindo papel, mas encheu-a de esterco de vaca.

– Eu adoraria ver a cara da Fernanda ao receber esse “maravilhoso” presente, disse Maria. Vamos ver se ela vai gostar dessa.

E dona Maria pediu para sua empregada levar o presente à casa da rival, com um bilhete dizendo:

– Aceito sua proposta de paz e para selarmos nosso compromisso, envio-te esse lindo presente.

Dona Fernanda estranhou o presente, mas não se exaltou.

– Que ela está propondo com isso? Não estamos fazendo as pazes? - pensou dona Fernanda. Bem, deixa pra lá. Alguns dias depois, dona Maria atende a porta e recebe uma linda cesta de presentes coberta com um belo papel.

– É a vingança daquela asquerosa da Fernanda. O que será que ela aprontou! - disse dona Maria.

Qual não foi sua surpresa ao abrir a cesta e ver um lindo arranjo de flores e um cartão com a seguinte mensagem:

– Eu te ofereço estas flores em prova da minha amizade. Foram cultivadas com o esterco que você enviou e proporcionou excelente adubo para meu jardim. Afinal, cada um dá o que tem em abundância em sua vida.

“A vingança jamais poderá ser o consolo.”

AS JÓIAS DEVOLVIDAS

Narra uma antiga lenda judaica, que um rabino, religioso dedicado, vivia muito feliz com sua família. Esposa admirável e dois filhos queridos.

Certa vez, por imperativos da religião, o rabino empreendeu longa viagem ausentando-se do lar por vários dias.

No período em que estava ausente, um grave acidente provocou a morte dos dois filhos amados.

A mãezinha sentiu o coração dilacerado de dor. No entanto, por ser uma mulher forte, sustentada pela fé e pela confiança em Deus, suportou o choque com bravura.

Todavia, uma preocupação lhe vinha à mente: como dar ao esposo a triste notícia?

Sabendo-o portador de insuficiência cardíaca, temia que não suportasse tamanha comoção. Lembrou-se de fazer uma prece. Rogou a Deus auxílio para resolver a difícil questão.

Alguns dias depois, num lindo final de tarde, o rabino retornou ao lar. Abraçou longamente a esposa e perguntou pelos filhos.

Ela pediu para que não se preocupasse. Que tomasse o seu banho, e logo depois ela lhe falaria dos moços.

Alguns minutos depois, estavam ambos sentados à mesa. A esposa lhe perguntou sobre sua viagem, e logo ele perguntou novamente pelos filhos.

Ela, numa atitude um tanto embaraçada, respondeu ao marido:

– Deixe os filhos. Primeiro quero que me ajude a resolver um problema que considero grave.

O marido, já um pouco preocupado perguntou:

– O que aconteceu? Notei você abatida! Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus.

– Enquanto você esteve ausente, um amigo nosso visitou-me e deixou duas jóias de valor incalculável, para que as guardasse. São jóias muito preciosas! Jamais vi algo tão belo!

– O problema é esse - continuou a esposa. Ele vem buscá-las e eu não estou disposta a devolvê-las, pois já me afeiçoei muito a elas. O que você me diz?

– Ora mulher! Não estou entendendo o seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades! Por que isso agora?

- É que nunca havia visto jóias assim! São maravilhosas!
- Podem até ser, mas não lhe pertencem! Terá que devolvê-las.
- Mas eu não consigo aceitar a idéia de perdê-las!

E o rabino respondeu com firmeza:

– Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo! Vamos devolvê-las, eu a ajudarei. Iremos juntos devolvê-las, hoje mesmo.

– Pois bem, meu querido, seja feita a sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade isso já foi feito. As jóias preciosas eram nossos filhos. Deus os confiou à nossa guarda, e durante a sua viagem veio buscá-los. Eles se foram.

O rabino compreendeu a mensagem. Abraçou sua esposa, e juntos derramaram grossas lágrimas. Sem revolta nem desespero.

“A maior morte, é aquela que ocorre dentro de nós enquanto ainda vivemos.”

Alex Cardoso de Melo

AS MÃOS DE JESUS

A paisagem era desoladora. A guerra havia terminado, mas deixara marcas de morte e destruição por toda parte.

Dos escombros que restaram da pequena cidade, as pessoas buscavam reconstruir suas moradas. Os dias passavam e o trabalho árduo dos moradores ia transformando as ruínas em novos edifícios.

Restava agora restabelecer a igreja local, para que todos pudessem agradecer a Deus a bênção da vida, já que muitos sucumbiram devido aos terrores da guerra.

Mais algum tempo e a igreja estava novamente em pé. Havia, antes das explosões, uma estátua do Cristo considerada verdadeira obra de arte. Era preciso restabelecê-la. Vários artistas unidos resgataram, em meio aos escombros, os pedaços da estátua e a colocaram novamente em pé.

Todavia, apesar de todos os esforços, não encontraram as mãos, que talvez tivessem se transformado em pó.

O tempo passou e finalmente chegou o dia da reinauguração do templo reconstruído. A população foi convidada para a festa e lá se fez presente na hora certa.

Todos estavam curiosos para saber se as mãos do Cristo haviam sido encontradas. A expectativa era grande. No altar estava a obra coberta com um enorme pano branco, esperando o momento oportuno para desvelar-se aos fiéis.

E, por fim, chegou a hora tão esperada. O lençol que cobria a obra foi retirado e lá estava ela...

Para surpresa geral, a estátua estava sem mãos.

Mas a criatividade do artista a todos surpreendeu. No lugar das mãos havia uma frase-súplica de grande efeito:

– Eu não possuo mãos, só posso contar com as suas.

“Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos peço.”

Jesus de Nazaré

AS PEQUENAS DÁDIVAS

A família, constituída do pai e um filho menor era pobre, vivendo com os poucos recursos financeiros que o pai ganhava como vigilante.

Certo dia, o pai adoeceu, ficando acamado por tempo mais longo do que podiam suportar suas economias.

Com falta do que comer em casa, o filho pequeno saiu às ruas pedindo comida para ele e o pai doente. Escondendo as lágrimas pela tristeza e pela preocupação, passou o primeiro dia sem nada conseguir.

No segundo dia, quase ao anoitecer, enquanto revirava um saco com lixo residencial em frente a uma loja que estava encerrando o expediente, viu se aproximar um senhor de meia idade, sorridente, com ar bondoso, que trazia nas mãos uma pequena marmita, quentinha, que lhe ofereceu.

Meio receoso, o menino segurou a marmita ouvindo a recomendação do seu benfeitor:

– Coma enquanto está quente!

– Muito obrigado senhor, mas, gostaria de ir comê-la em casa, para repartir com meu pai. Disse o menino.

Sorridente e paternal, o lojista perguntou-lhe:

– O que o seu pai faz em casa, enquanto você sai por aí procurando o que comer? Ele não trabalha?

– Trabalha sim, e muito. Mas, há dias está acamado. Como acabou o dinheiro para comprar comida, fui obrigado a sair pedindo um pedaço de pão. Só que não tenho recebido nada. Respondeu o pequeno andarilho.

– Você mora muito longe daqui? Continuou o bom senhor.

– Não. Em pouco tempo eu chego lá. E sei que a comida ainda estará quente. Apressou-se em dizer o garoto, com olhos um pouco mais alegres.

– Quer saber, meu pequeno, eu vou até lá com você, se você deixar. Assim, aprendo onde você mora e aproveito para conhecer seu pai. Que tal? Acrescentou o jovem senhor.

O menino concordou e lá se foram os dois.

O quadro, com que se deparou o dadivoso lojista, ao entrar no barraco, era de lastimar.

No entanto, pai e filho sorriam diante do alimento, que o menino rapidamente dividiu em dois pratos e serviu logo ao chegar em casa.

Depois que terminaram a rápida refeição, a primeira nos últimos dois dias, o nobre comerciante despediu-se e retornou ao seu lar, prometendo

voltar em breve.

Alguns dias se passaram, quando, também num final de tarde, entram na loja o menino e seu pai, este um pouco mais disposto, procurando pelo dono.

Vieram para agradecer, disseram à jovem senhora que estava atendendo no balcão, ao tempo que queriam saber o que poderiam fazer para retribuir a dádiva da comida limpa e quentinha, que haviam recebido dele.

Enquanto seu pai falava com a atendente, o menino começou a juntar pedaços de papel que estavam no chão, quando chegou o dono da loja, marido da senhora que os atendia.

Alegria, abraços e boa conversa. Ao se despedirem, o lojista olha demoradamente para o menino e lhe diz:

– Meu pequeno, você não tem o que me agradecer, eu apenas fiz o que faria por um filho. Fico feliz de ter podido ajudar. No entanto, se você quiser, poderá vir trabalhar comigo, ajudando-me na loja, assim, não precisará sair por aí pedindo comida, caso o seu pai volte a adoecer. Que tal?

O menino timidamente olhou para seu pai, como a perguntar com o olhar: e aí, o que eu digo?

O pai, discretamente consentiu com a cabeça, sem nada falar.

A partir daí, o menino começou a trabalhar e voltou para a escola. Cresceu, tornou-se adulto e, na loja continuava a trabalhar. Sempre com seriedade, responsabilidade e espírito de gratidão.

Seu pai veio a falecer, devido a idade avançada.

O casal de lojistas não tinha filhos. Com o tempo, chegou a velhice dos dois. Logo mais, a esposa também falecera.

E aquele menino, agora já um homem, foi quem ficou cuidando da loja e do bondoso lojista, amparando-o na velhice, auxiliando-o na enfermidade, acompanhando-o no dia-a-dia, como devotado filho.

E pensar que tudo começou com um prato de comida!

Uma pequena dádiva, modificando destinos.

Um sorriso, um gesto de carinho, um telefonema, um abraço, um beijo, uma palavra de apoio e de incentivo, uma flor, um bilhete, um aceno, um bombom, um copo com água, um pedaço de pão.

Nós podemos fazer muito, com tão pouco...

“A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.”

Nelson Mandela

AS QUATRO BOLAS

Aquele homem tinha quatro filhos que ele amava mais do que tudo em sua vida. Quando os filhos já estavam crescidos, em plena adolescência, ele começou a notar que cada filho tinha um feitio e esse feitio diferia radicalmente dos feitios de seus irmãos. O mais velho era muito calado, sem ânimo para trabalhar, sempre tímido e combatido para as coisas mais belas e banais da vida. O segundo era cheio de manias, e quando se agarrava, teimoso, a uma idéia, não a deixava; sempre incorrigível, surdo aos conselhos e advertências. O terceiro, inteligente, hábil e esforçado, batalhava para prosperar na vida. O quarto, finalmente, revelava-se violento, impulsivo e desonesto; sempre queria levar vantagens sobre os irmãos e amigos.

Impressionado com aquela inexplicável diversidade de gênios observada entre os filhos adolescentes, o cauteloso pai foi procurar o sábio da região, homem de incontáveis virtudes, consultando-o:

– Tenho, senhor, quatro filhos. Foram por mim educados da mesma forma, com exemplos idênticos e orientados por iguais ensinamentos. Eu e minha esposa tratamos os nossos filhos com bondade, conduzindo-os, sem asperezas, pelo caminho do bem e da virtude. Agora que estão crescidos, prontos para a vida, o que vejo? Cada um deles tem um temperamento, um caráter, um gênio. Um é meigo e bondoso; manifesta-se outro grosseiro e mau; um deseja progredir, prosperar, auxiliar seus amigos, ao passo que o outro é vadio e desinteressado de tudo. Como se explica isso, como se explica essa diferença entre criaturas que beberam a mesma água, comeram o mesmo arroz, viveram sobre o mesmo teto e ouviram as mesmas preces e conselhos?

O sábio levou o deprimido pai à uma sala ampla, de paredes cor de barro. Havia nessa sala apenas uma mesa quadrada, tosca, de ferro; e, sobre a mesa, estavam colocadas quatro bolas escuras.

Pousou o sábio a mão no ombro daquele pai e assim falou com voz serena:

– Está vendo, meu amigo, aquelas quatro bolas? Repare muito bem e observe-as com atenção. São rigorosamente iguais na forma, no tamanho, na densidade e na cor. Tem alguma dúvida? Todas as quatro encerram o mesmo peso. As quatro bolas parecem perfeitamente iguais. Não acha?

– Sim, tudo é certo - concordou o pai, depois de sopesar as quatro bolas e revirá-las nas mãos. Posso jurar que estas quatro bolas são iguais.

– Pois bem - tornou o sábio - as aparências enganam. Enganam os mais ajuizados e os mais precavidos. Atire uma a uma, com a mesma força, com o mesmo impulso, as quatro bolas de encontro com àquela parede.

O pai atirou a primeira bola; e esta, com o forte impacto, achatou-se, esborrachou-se e caiu disforme ao pé da parede.

Tomou, a seguir, a segunda bola e arremessou-a à parede, exatamente como fizera com a primeira.

A segunda bola, ao chocar-se com a parede, ficou pregada no lugar em que havia batido e dali não se despreendeu mais.

Coisa bem diversa ocorreu com a terceira bola. Esta ao ser lançada, como as anteriores, bateu na parede e saltou novamente, perfeita, como se fosse movida por estranha mola segura e firme.

A quarta e última bola, arremessada à parede, deu um estalido forte e fragmentou-se em inúmeros pequenos pedaços que saltaram para todos os lados. Um desses fragmentos poderia ferir quem estava ao seu alcance. Tudo, no caso, parecia inflamar aquele mistério.

– Essas bolas - conclui o sábio - são precisamente como os filhos do mesmo pai. Parecem iguais, deveriam ser idênticos, mas cada um deles tem um caráter, um feitio. A primeira bola, que bateu na parede e caiu como um molambo, é o filho inútil, moleirão; representa a segunda bola, agarrada à parede, o filho teimoso, obstinado, cabeçudo, que não atende a nada e não quer obedecer a ninguém; a terceira bola é o filho prestativo e bom que salta radiante para voltar às mãos do pai e servir de novo; a quarta e última bola é a imagem do desmancha prazeres, violento e impulsivo. Pode o homem conquistar tesouros e colher sabedoria por todos os cantos do mundo, mas só os sentimentos puros e construtivos é que ficam em seu coração.

“Procure ser um homem de valor, antes de ser um homem de sucesso.”

Albert Einstein

AS TAREFAS DO JOVEM PRÍNCIPE

Efraim era um jovem príncipe, herdeiro de um grande reino. Toda manhã, ao despertar, recebia uma lista de tarefas que devia cumprir. Tarefas que o deixavam zangado, porque iam desde limpar os seus sapatos e vestes reais, organizar brinquedos e jogos, até lavar e escovar seu cavalo e organizar o seu quarto.

Embora não gostasse, em respeito a seu pai, o rei, ele obedecia. Mas, não deixava de ficar olhando as terras e campos infundáveis que pertenciam à sua família. Também os rebanhos, palácios e os súditos.

No palácio, onde vivia, existiam muitos criados prontos para executar todas as tarefas. Por isso mesmo, é que o príncipe não entendia porque ele mesmo tinha que limpar os seus sapatos.

Certo dia, ele foi convidado a visitar um pequeno reino para conhecer um príncipe de sua idade, com o intuito de estreitar amizade. O contato com o herdeiro daquele reino, fez Efraim pensar ainda mais em como ele era injustiçado. É que aquele príncipe, tinha a seu serviço três servos. Até o banho era preparado por um deles.

Nada de tarefas a cumprir. Era só dar ordens.

Quando regressou para sua casa, Efraim foi logo falar com seu pai:

– Não entendo - disse ele. Porque o senhor faz isso comigo? Sou seu único filho e herdeiro. Por que devo cumprir tarefas? Devo ser motivo de risos entre todo o povo. Vi hoje, no reino vizinho, o que um verdadeiro herdeiro deve fazer: somente dar ordens.

O rei, paciente, perguntou ao filho:

– Como era o reino que você visitou? Era grande como o nosso?

– É claro que não, pai. É muito menor que o nosso, mais pobre, tem menos súditos e o castelo real é dez vezes menor que o nosso. Veja bem, meu pai, se num reino pobre, o príncipe pode ter três criados para servi-lo, porque eu, num reino tão rico, devo fazer trabalho de criado?

– Pois é, meu filho. Saiba que anos atrás, o reino vizinho era vinte vezes maior do que o nosso. Nós crescemos, fomos ampliando e o reinado vizinho foi perdendo território. Seu avô sempre me dizia: se você não pode sequer limpar os próprios sapatos, como poderá cuidar de todo um reino? Se você não é capaz de organizar seu próprio quarto, como irá governar todo um povo? As tarefas simples, Efraim, nos educam, nos preparam para executar as maiores. Para comandar é preciso saber fazer. Até mesmo para

exigir qualidade. Se você nunca lavou as próprias vestes, como saberá se o outro as lavou bem? Apenas aceitará o que lhe entregam, da forma que vier. Os seus antepassados foram comprando as terras do reino vizinho, que as perdeu por não saber administrar. Talvez, falte ensinar aos príncipes herdeiros, lições de humildade, da importância do trabalho simples, diário.

– O que me diz, filho amado?

O menino pensou um pouco, e declarou:

– Digo que tenho uma grande lista de tarefas para executar agora, e começarei limpando os sapatos que se sujaram de lama pelo caminho.

“Se lhe pedirem para ser varredor de ruas, varra as ruas como Michelangelo pintava, como Beethoven compunha ou como Shakespeare escrevia.”

Martin Luther King

AS TRÊS ESTÁTUAS DO REI

Muitos séculos atrás, em um reino distante do Oriente Médio, vivia um rei muito orgulhoso e que, dando ouvidos aos conselhos de um ministro bajulador, mandou erguer na grande praça na entrada da capital do reino três belíssimas estátuas. A primeira era de bronze, a segunda de prata e a terceira - não obstante ser a maior - era toda de ouro. Todas representavam o rei em atitude de combate e com semblante ameaçador.

Certo dia, o rei repousava na varanda de uma de suas residências e que ficava justamente em frente as suas majestosas estátuas, quando notou um velho beduíno pobrementemente vestido, se aproximando do lugar onde se achavam os três monumentos.

Ao ver a estátua de bronze, o humilde árabe ergueu os braços para o céu e exclamou:

– Que Deus conserve o nosso rei!

Ao defrontar, logo depois, com a estátua de prata o beduíno riu alegremente em voz alta:

– Que Deus abençoe o nosso rei!

Ao topar, porém, com o colossal e dourado monumento, o beduíno atirou-se ao chão, como um louco e começou a gritar desesperado:

– Que Deus salve o nosso rei!

O rei que tudo observara, mandou que seus servos trouxessem aquele aventureiro desconhecido ao seu palácio e em presença de seus conselheiros, interrogou-o sobre a significação dos votos que proferira e das atitudes tão diversas e inesperadas que havia assumido diante de cada uma das estátuas.

O velho beduíno, homem inteligente e astucioso, inclinou-se respeitoso e exclamou:

– Ao ver a estátua de bronze compreendi que representava o nosso rei magnânimo e afortunado. Prestei, pois, como humilde súdito que sou, minhas homenagens à figura imponente e respeitável do soberano, rei e senhor deste rico país. Pensei: “Se não houvesse um rei, justo e forte, para governar e dirigir o povo, este andaria como um grande barco a deriva no oceano”.

– Ao avistar, logo depois, a estátua feita de prata pensei: “Se o rei mandou fazer uma estátua tão cara é porque as arcas com os tesouros do reino transbordam. Há, portanto, notável e completa prosperidade no país! O que é poderoso, reto e consumado político, é digno de reinar na terra”.

– Ao verificar, porém, que a terceira estátua era toda de ouro maciço fiquei assombrado. “O rei enlouqueceu - pensei. Onde já se viu, em que terra, um soberano desperdiçar tanto dinheiro em apenas uma estátua de ouro quando existe tanto benefício a fazer-se e uma enorme necessidade a remediar-se?! Pobre e desventurado rei! Certamente, está completamente dominado pelo delírio das grandezas!” E esta triste conclusão afligiu-me de tal modo que de mim se assenhoreou grande e incontida aflição. Atirei-me desesperado ao chão, e implorei a proteção divina: “Deus salve o nosso rei!”

*“Se Deus criou as pessoas para amar e as coisas para usar.
Por que amamos as coisas e usamos as pessoas.”*

Bob Marley

ASAS PROTETORAS

Fazia um frio terrível naquele início de inverno húngaro. O ar claro parecia coalhado de minúsculas agulhas cristalizadas espetando todos os seres vivos. No meio da tarde, as ruas estavam quase desertas. Uma pessoa ou outra, ainda fora de casa, corria de abrigo em abrigo. Não havia um só cachorro na rua. Não se ouvia um pássaro cantar. Os pardais tinham se escondido em todos os buraquinhos e frestas que encontraram. Os pombos se encolhiam uns contra os outros sob os beirais. Muitos pássaros morriam congelados.

Sob o beiral da varanda de uma casa, abrigava-se um bando de pombos, coladinhos uns nos outros, tentando se aquecer, sem muito sucesso. Uns pardalinhos, desalojados do abrigo em que estavam, viram o bando de pombos e vieram voando até a varanda.

– Queridos pombos - chilrearam os pardais - podemos ficar aqui com vocês? Aí está tão quentinho.

– Suas penas estão molhadas e repletas de gelo. Infelizmente, não podemos recebê-los. Nós também estamos congelando - murmuraram os pombos, desconsolados.

– Mas, estamos quase morrendo.

– Nós também.

– Mas, deve estar quentinho debaixo de suas asas, pombinhos. Por favor, nos deixem pousar aí! Somos tão pequenos e sentimos tanto, tanto frio!

– Venha - arrulhou uma gentil pomba e um pardalzinho trêmulo se acomodou debaixo da asa dela.

– Venha! Venha - disse outro pombinho de bom coração, e outro, e mais outro, até que metade do bando de pombos estava abrigoando cada qual um pardalzinho, debaixo da asa quase enregelada.

As outras pombas diziam:

– Não sejam bobos! Por que arriscam suas vidas para proteger esses pardais que não valem nada?

– Ah, eles são tão pequeninos e indefesos, estão congelando, coitadinhos - arrulharam as pombas. Muitos vão morrer nessa vida gelada e cruel, muitos de nós também. Enquanto temos vida, vamos compartilhar com os mais fracos que nós.

O dia ficava cada vez mais frio. O restinho de sol se escondeu por

traz de nuvens radiantes de luz e o vento aproveitou para soprar com mais força na casa onde os pombos e os pardais esperavam a morte.

Uma hora depois do pôr do sol, os proprietários daquela casa, o casal Andras e Maria Eugênia, chegavam à varanda da residência. Fecharam com força a porta ao entrar e, quando a porta bateu, a filha do casal, a pequena Gaúcha - nome dado em homenagem a uma terra distante que o casal tanto amava - viu um pequeno pombo morto despencar do beiral e cair no chão da varanda.

– Olha, papai - gritou, surpresa. Um pombinho gelado no chão!

Quando Andras saiu para pegar a avezinha, viu o resto do bando encolhidinho sob o beiral. Não conseguiam mais se mover, não conseguiam mais piar. O homem pegou um por um e trouxe todos para a sala. Pouco depois, metade dos pombos arrulhava, levantando as asas, voltando à vida. E de baixo de cada asa que se levantava, saía um pardal.

– Olha, papai! - gritou Gaúcha. Todas as pombinhas que voltaram à vida tinham um pardalzinho perto do coração!

Andras, Maria Eugênia e a pequena Gaúcha levantaram as asas de todos os pombos que ainda não tinham despertado e não acharam nenhum pardal.

O vento lá fora soprava cada vez mais frio, cada vez mais cortantes eram as agulhas do vento cristalizado, mas os pombos que tinham dado abrigo aos pardais enregelados sob as asas trêmulas viviam para saudar o sol dos dias do porvir.

*“A afeição ainda resolverá os problemas da liberdade e da pobreza;
Aqueles que se amam tornar-se-ão invencíveis.”*

Walt Whitman

AUXÍLIO CELESTIAL

Montado em seu cavalo, o fazendeiro dirigia-se à cidade como fazia freqüentemente, a fim de cuidar de seus negócios.

Nunca prestara atenção àquela casa humilde, quase escondida num desvio, à margem da estrada. Naquele dia, porém, experimentou insistente curiosidade. Quem morava ali?

Cedendo ao impulso, aproximou-se. Contornou a residência e, sem desmontar, olhou por uma janela aberta e viu uma garotinha de aproximadamente dez anos, ajoelhada, de mãos postas, olhos lacrimejantes...

– Que faz você aí, minha filha?

– Estou orando a Deus, pedindo socorro... Meu pai morreu, minha mãe está doente, meus quatro irmãos têm fome...

– Quanta bobagem! - disse o fazendeiro. O céu não ajuda ninguém! Está muito distante... Temos que nos virar sozinhos!

Embora irreverente e um tanto rude, ele era um homem de bom coração. Compadeceu-se, tirou do bolso boa soma em dinheiro e a entregou à menina.

– Aí está querida. Vá comprar comida para seus irmãos e remédio para a mamãe! E esqueça a oração.

Isto feito, retornou à estrada. Antes de completar duzentos metros, decidiu verificar se sua orientação estava sendo observada. Para sua grande surpresa, a pequena devota continuava de joelhos.

– Ora essa, menina! Por que não vai fazer o que recomendei? Não lhe expliquei que não adianta pedir?

E a menina, feliz, respondeu:

– Já não estou mais pedindo, estou apenas agradecendo. Pedi a Deus e ele enviou o senhor!

“Um simples pensamento de gratidão elevado ao céu é a mais perfeita oração.”

Alex Cardoso de Melo

AUXÍLIO MÚTUO

Em zona montanhosa, através de região deserta, caminhavam dois velhos amigos, ambos enfermos, cada qual a defender-se quanto possível contra os golpes do ar gelado e de intensa tempestade, quando avistaram uma criança semi-morta na estrada, ao sabor da ventania de inverno.

Um deles, fixou o singular achado e exclamou, irritadiço:

– Não perderei tempo! A hora exige cuidado para comigo mesmo. Sigamos à frente.

O outro, porém, mais piedoso, considerou:

– Amigo, salvemos o pequenino. É nosso irmão em humanidade.

– Não posso, disse o companheiro endurecido. Sinto-me cansado e doente. Este desconhecido seria um peso insuportável. Precisamos chegar à aldeia próxima sem perda de minutos. E avançou em largas passadas.

O viajante de bom sentimento, contudo, inclinou-se para o menino, demorou-se alguns minutos, colando-o paternalmente ao próprio peito, e aconchegando-o ainda mais, marchou adiante, embora mais lentamente.

A chuva gelada caiu pela noite adentro, mas ele, amparando o valioso fardo, depois de muito tempo, atingiu a hospedaria do povoado.

Com enorme surpresa, porém, não encontrou o colega que havia seguido na frente.

Somente no dia seguinte, depois de minuciosa procura, foi o infeliz viajante encontrado sem vida numa vala do caminho alagado.

Seguindo a pressa e a sós, com a idéia egoísta de preservar-se, não resistiu a onda de frio que se fizera violenta, e tombou encharcado, sem recursos com que pudesse fazer face ao congelamento.

Enquanto que o companheiro, recebendo em troca o suave calor da criança que sustentava junto do próprio coração, superou os obstáculos da noite frígida, salvando-se de semelhante desastre.

Descobrira a sublimidade do auxílio mútuo, pois ao ajudar aquele menino abandonado, ajudara a si mesmo. Avançando com sacrifício para ser útil, conseguira triunfar dos percalços do caminho, alcançando assim as bênçãos da salvação recíproca.

“As atitudes são muito mais importantes do que os fatos.”

Alexander Fleming

BENEVOLÊNCIA E FIRMEZA

Conta uma lenda chinesa que, certa vez, achava-se o grande filósofo Confúcio, na sala do rei.

Em dado momento, o soberano, afastando-se por instantes dos ricos mandarins que o rodeavam, dirigiu-se ao sábio chinês e lhe perguntou:

– Dizei-me, ó honrado Confúcio: como deve agir um magistrado? Com extrema severidade a fim de corrigir e dominar os maus, ou com absoluta benevolência, a fim de não sacrificar os bons?

Ao ouvir as palavras do rei, o ilustre filósofo conservou-se calado. Passados alguns minutos de reflexão, chamou um servo e pediu-lhe que trouxesse dois baldes: um com água fervente e outro com água gelada.

Havia na sala, adornando a escada que conduzia ao trono, dois lindos vasos de porcelana. Eram peças preciosas e quase sagradas, que aquele rei apreciava muito. E, com a maior naturalidade, ordenou o filósofo ao servo:

– Quero que enchas estes dois vasos com a água que acabas de trazer, sendo um com a água fervente e o outro com a água gelada!

Preparava-se o servo obediente para despejar, como lhe fora ordenado, a água fervente num dos vasos e a gelada no outro quando o rei, saindo de sua estupefação, interrompeu-o com incontida energia:

– Que loucura é essa, venerável Confúcio! Queres destruir estas obras maravilhosas? A água fervente fará, certamente, arrebentar o vaso em que for colocada e a água gelada fará partir-se o outro!

Confúcio tomou então um dos baldes, misturou a água fervente com a gelada e, com a mistura obtida, encheu os vasos sem perigo. O poderoso monarca e seus mandarins observavam atônitos a atitude do filósofo.

Esse, porém, indiferente ao assombro que causava, aproximou-se do soberano e falou:

– A alma do povo, ó rei, é como um vaso de porcelana, e a justiça é como água. A água fervente da severidade ou a gelada da excessiva benevolência são igualmente desastrosas para a delicada porcelana. Por isso, é sábio e prudente que haja um perfeito equilíbrio entre a severidade, com que se pode corrigir o mau, e a benevolência, com que se deve educar o bom.

“A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados.”

BOA VONTADE

Um homem adquiriu uma fazenda e, dias depois, se encontrou com um de seus novos vizinhos.

– O senhor comprou esta propriedade? - perguntou-lhe o vizinho em tom quase agressivo.

– Comprei-a sim, meu amigo!

– Pois sinto lhe dizer que você terá sérios aborrecimentos. Com as terras, comprou também uma questão nos tribunais.

– Como assim? Não compreendo!

– Vou explicar. Existe uma cerca, construída pelo antigo proprietário, fora da linha divisória. Não concordo com a posição dessa cerca. Desejo defender os meus direitos, e assim irei fazer!

– Peço-lhe, por favor, que não faça semelhante coisa - pediu o novo vizinho - acredito na sua palavra. Se esta cerca não está no lugar devido, iremos e consertaremos tudo de comum acordo.

– O senhor está falando sério? - exclamou o antigo morador.

– É claro que estou!

– Pois se é assim - respondeu o reclamante - a cerca fica como está. O senhor é um homem honrado e digno. Faça mais questão de sua amizade do que de todos os alqueires de terra.

Assim, os dois vizinhos tornaram-se amigos inseparáveis...

“Eu destruo meus inimigos quando faço deles meus amigos.”

Abraham Lincoln

CARTA AO MEU ADORADO FILHO

No dia 29 de abril de 1954, o humorista Carlos Alberto de Nóbrega, na época com dezoito anos, entrava na sala de seu pai, Manoel de Nóbrega, na Rádio Nacional de São Paulo, para iniciar sua carreira profissional como redator.

Ao entrar na sala de trabalho de seu pai, um dos maiores comunicadores da história do rádio do país, Carlos Alberto viu uma pequena mesa, sobre esta mesa uma máquina de escrever e uma carta, que é uma das provas do caráter e honradez de Manoel de Nóbrega, além de um exemplo maravilhoso da relação harmoniosa e amorosa entre pai e filho...

“Meu adorado filho,

Esta será a tua mesa de trabalho. Aqui, ajudarás teu pai no trabalho de todos os dias. Nela, tirarás um pouquinho daquilo que irá constituir a tua família: emoções, alegrias, contentamentos. Ao vê-lo entrar, neste instante à minha sala de trabalho, conduzido por mãos amigas, eu me comovi profundamente. Num segundo, toda a nossa vida passou-me pela cabeça. Ainda ontem, dormias ao meu lado. Velava-te o sono. Acompanhava-te nos teus problemas infantis. Ainda ontem eras um menino livre de preocupações, sem horários, sem deveres, sem responsabilidade. Hoje, já és um mocinho. Até mesa de trabalho tu tens. E com que vaidade eu vejo a tua mesinha colada à minha, com a mesma ligação que existe entre nossas duas vidas - a mesa do papai... a mesinha do filhinho.

Sobre tua mesa de trabalho haverá uma máquina de escrever. Mesa e máquina serão as ferramentas de teu ofício. Pois bem, trata com carinho tuas ferramentas de trabalho. Respeita tua mesa de trabalho, pois é ela quem irá, um dia, te encher de orgulho e satisfação. Hoje, ela é assim, pequenina; mas, um dia, será grande!

Que saibas honrá-la, com um trabalho honrado e digno! Nunca a uses para fazer mal à alguém. Nem mesmo a teus inimigos! Usa-a, sim, para o ganho do teu pão! Usa-a para a defesa de teus ideais! Que ela te inspire a defender os sagrados princípios que sempre foram defendidos por mim, que são do teu conhecimento, nem que tenhas de lutar contra tudo e contra tantos! Use-a em defesa dos pequenos, dos esquecidos, dos que sofrem, dos que apelarem para tua inteligência e tua força. Que ganhes nela o

pão honrado para ti e para os teus filhos!

Esta mesa veio cortar, em definitivo, uma fase da tua vida. Ela me mostrou que tua infância já acabou e que começa agora, para ti, a fase de lutas, de sofrimentos, de derrotas, de vitórias! Mas, debes depositar em Deus a tua fé. Quem traz Deus no coração não teme adversários. E não há vitórias sem luta!

Trabalha, meu filho. Trabalha com amor, dedicação, coragem, renúncia, abnegação e probidade! Se assim o fizeres, eu direi sempre e em todas as fases de minha vida o que digo agora, de olhos molhados: eu me orgulho de ti, meu filho!

Em tua pequenina mesa de trabalho, deposito minhas esperanças e o meu beijo.”

Do papai, Manoel de Nóbrega.

São Paulo, 29 de abril de 1954.

*“O tempo que você levar para falar mal de alguém,
use-o para falar bem de quem merece.”*

Manoel de Nóbrega

CARTA DE UM MENOR ABANDONADO

Quando saías esta manhã de tua casa levando pela mão o teu filho, fiquei admirando os seus sapatos novos, seu lindo capote de lã, sua pasta de couro cheia de livros, um bonito estojo e a farta merenda que ele levava para o colégio.

Tu me olhaste com desprezo e seguraste o braço do teu filho, com receio que ele me tocasse.

Pensaste, por acaso, no meu infortúnio, no meu abandono, nos meus pés descalços e na minha roupa toda rasgada?

Será que eu poderia contagiar teu filho?

É claro que te esqueceste imediatamente do incidente; subiste no teu carro e te perdeste no tráfego louco de nossa cidade, como se perdem sempre todos os meus sonhos.

Ali, sozinho e abandonado, dei asas à minha imaginação e fiquei pensando: que diferença existe entre mim e aquele garoto?

Temos mais ou menos a mesma idade, nascemos na mesma pátria; enquanto ele joga futebol com bolas coloridas, eu chuto pedras; ele dorme agasalhado em sua cama macia, e eu me deito no chão sobre jornais velhos; ele tem comida gostosa e variada, e eu tenho que catar algo nas latas de lixo; ele vai ao colégio para aprender a ler e escrever, enquanto eu vivo na rua aprendendo a roubar e a me defender.

São essas, por acaso, as nossas diferenças?

Será que a culpa é minha?

Será que sou culpado de ter nascido, sorrir sem saber quem é meu pai e tendo por mãe uma mulher sofrida e ignorante? Não fui eu que decidi não ir à escola e também não é minha culpa não ter casa para morar e nem comida para me alimentar.

Alguém resolveu assim e eu nem sei quem foi!

Não posso culpar ninguém porque a minha inocente ignorância nem isso permite.

Não posso sair desta situação sozinho, porque sou incapaz de fazê-lo sem uma generosa ajuda.

Então, como nada é feito, cada vez se acentua mais a diferença entre mim e o menino que levavas pela mão.

No futuro, ele será como tu. Um homem de bem e de muito conceito, respeitado por toda a sociedade.

E eu? Serei um reles vagabundo que se torna ladrão e caminha em direção ao cárcere.

É até possível que, dentro de alguns anos, o menino e eu voltemos a nos encontrar.

Ele, como juiz de Direito, e eu, como réu delinqüente, ele para purificar a sociedade de tipos como eu, e eu para cumprir o meu desgraçado destino; ele para julgar os meus atos, e eu para padecê-los.

Como posso ser condenado ao cárcere, quando jamais tive uma escola para freqüentar?

E quando fiz as coisas à minha maneira, chega o peso da lei e a força da justiça para me aniquilar.

Será que tudo isso é justo?

Amigo, não peço a tua mão, pois ela é do teu filho; nem a roupa, nem a cama, nem o livro e nem a comida que só a ele pertencem.

Somente te peço que quando me encontrares na rua, sujo, esfarrapado e abandonado, grave a minha imagem em tua mente e, se sobrar um minuto na tua atribulada vida diária, meditas amigo..., meditas..., como podes me salvar?

Sem indiferença, com certeza, poderemos fazer alguma coisa!

“Tudo o que a sua mão encontrar para fazer, faça-o com todo o seu coração.”

Jesus de Nazaré

CARTA DE UMA MÃE

Caro Mundo,

Meu filho começou hoje na escola. Durante algum tempo, tudo será estranho e diferente para ele. Eu gostaria que você o tratasse com carinho.

Até aqui, sempre estive ao lado dele. Aquieto seu coração. Curo suas feridas. Estou por perto quando ele cai, rala o joelho ou tropeça. Mas agora tudo será diferente. Ele sairá pela porta, acenará para mim e começará sua grande aventura. Ele irá aprender sobre disputas e sofrimento.

Para viver neste mundo é preciso fé, amor e coragem. Por isso, eu gostaria que você o pegasse pela mão e ensinasse o que ele precisa saber.

Ensine-o, mas com carinho. Ensine-o que, para cada malandro, existe também um herói. E que, em verdade, há muito mais heróis do que malandros. Heróis anônimos que realizam grandes proezas todos os dias. Fale-lhe muito mais dos heróis. Incentive-o a se tornar um deles.

Ensine-o que para cada político corrupto existe um líder dedicado. E narre-lhe detalhes das vidas desses líderes para que os possa imitar.

Ensine-o que para todo inimigo existe também um amigo. Diga-lhe como conquistar e conservar amigos.

Ensine-o sobre as maravilhas dos livros de ciência, arte e grandeza.

Dê a ele um momento de silêncio para que possa ponderar sobre o mistério dos pássaros no céu, das abelhas ao sol e das flores nas campinas.

Ensine-o que é muito mais digno fracassar do que trapacear.

Ensine-o a ter fé nas próprias idéias, mesmo quando todo mundo lhe disser que ele está errado.

Ensine-o que seu coração e sua alma nunca devem estar à venda.

Ensine-o a fechar os ouvidos para o clamor da multidão... E manter-se firme e disposto a lutar quando achar que está certo.

Ensine-o com carinho, mas não o mime, pois é o teste do fogo que produz o aço mais resistente.

Mundo, veja o que pode fazer por meu filho. Ele é alguém especial.

*“O que somos é o presente de Deus para nós.
O que nos tornamos é o nosso presente para Deus.”*

Alex Cardoso de Melo

CENOURAS, OVOS E CAFÉ

Uma filha se queixou a seu pai sobre sua vida e de como as coisas estavam difíceis. Ela já não sabia mais o que fazer e queria desistir. Estava cansada de lutar e combater. Quando resolvia um problema, outro surgia.

Seu pai, um “chef”, levou-a até a cozinha dele. Encheu três panelas com água e colocou cada uma delas em fogo alto.

Logo, as panelas começaram a ferver. Numa ele colocou cenouras, noutra ovos e na última, pó de café. Em silêncio, deixou que tudo fervesse.

A filha deu um suspiro e esperou, imaginando o que ele fazia.

Cerca de vinte minutos depois, ele apagou as bocas de gás. Pescou as cenouras e colocou-as numa tigela. Retirou os ovos e colocou-os em outra tigela. Então pegou o café com uma concha e colocou-o numa xícara.

Virando-se para ela, perguntou:

– Querida, o que você está vendo?

– Cenouras, ovos e café - ela respondeu.

Ele pediu-lhe para experimentar as cenouras. Ela obedeceu e notou que estavam macias. Então, pediu que pegasse um ovo e o quebrasse. Ela obedeceu e verificou que o ovo endurecera com a fervura. Finalmente, ele pediu que tomasse um gole do café. Ela sorriu ao provar o aroma delicioso.

Então, ela perguntou humildemente:

– O que isto significa, pai?

Ele explicou que cada um deles havia enfrentado a mesma adversidade, água fervendo, mas, que cada um reagira de maneira diferente.

A cenoura entrara forte, firme e inflexível. Mas, depois de ter sido submetida à água fervendo, ela amolecera e se tornara frágil.

Os ovos eram frágeis. Sua casca fina protegia o líquido interior. Mas depois de serem colocados na água fervendo, seu interior se tornou rijo.

Já o pó de café, contudo, era incomparável. Depois que fora colocado na água fervente, ele havia mudado a água.

– Qual deles é você? - ele perguntou à sua filha.

Quando a adversidade bate à sua porta, como você responde?

Você é uma cenoura, um ovo ou um pó de café?

“Amar é acolher, é compreender, é fazer o outro crescer.”

COMO AÇÚCAR

Certo dia, a professora, querendo saber se todos tinham estudado a lição sobre ensino religioso, perguntou as crianças quem saberia explicar quem é Deus?

Uma das crianças levantou o braço e disse:

– Deus é o nosso pai, Ele fez a terra, o mar e tudo que está nela; nos fez como filhos dele.

A professora, querendo buscar mais respostas, foi mais longe:

– Como vocês sabem que Deus existe, se nunca O viram?

A sala ficou toda em silêncio...

Victorino, um menino muito tímido, levantou as mãozinhas e disse:

– A minha mãe me disse que Deus é como o açúcar no meu leite que ela faz todas as manhãs. Eu não vejo o açúcar que está dentro da caneca no meio do leite, mas se ela tira, o leite fica sem sabor. Deus existe, e está sempre no meio de nós, só que não O vemos, mas se Ele sair de perto, nossa vida fica... sem sabor.

A professora sorriu, e disse:

– Muito bem Victorino, eu ensinei muitas coisas a vocês, mas você me ensinou algo mais profundo que tudo o que eu já sabia. Eu agora sei que Deus é o nosso açúcar e que está todos os dias adoçando a nossa vida!

A professora deu-lhe um beijo carinhoso e saiu encantada e surpresa com a resposta da criança.

“Só existe uma religião: a religião do amor. Só existe uma linguagem: a linguagem do coração. Só existe um Deus: e Este é Onipresente.”

Sathya Sai Baba

CONQUISTAS

Certo dia, muitos anos atrás, Charley Paddock, famoso atleta norte-americano, fazia uma palestra num ginásio e a certa altura disse:

– Quem sabe, haja aqui alguém que ganhará provas olímpicas.

Encerrada a assembléia, aproximou-se dele um jovem negro, magriçela, de pernas finas, que estivera sentado ao fundo do salão, e lhe disse:

– Eu daria tudo para ganhar uma corrida importante algum dia.

Paddock olhou para ele e respondeu calorosamente:

– E você pode, meu filho. Basta que faça disso sua meta de vida e dê tudo de si para alcançá-la.

Em 1936, aquele jovem, cujo nome era Jesse Owens, ganhou várias medalhas de ouro nas olimpíadas de Berlim e quebrou diversos recordes.

Adolf Hitler, ao saber de seu maravilhoso desempenho, ficou furioso, pois a realização do sonho daquele jovem representou um duro golpe para o louco sonho do ditador, de criar uma raça ariana superior.

Quando Jesse Owens voltou para os Estados Unidos teve uma recepção festiva nas ruas. Naquele dia, outro rapazinho negro, de pernas finas, conseguiu comprimir-se entre a multidão, chegou perto dele e disse:

– Eu gostaria muito de correr numa olimpíada quando crescer!

Jesse lembrou-se do que lhe acontecera, apertou a mão do garoto e disse:

– Sonhe alto, meu filho. E dê tudo de si para chegar lá.

Em 1948, era o rapazinho, Harrison Dillard, que ganhava medalhas de ouro nos jogos olímpicos de Londres.

Por sua vez, um jovem estudante, entusiasmado com tudo isso, estava treinando salto em altura, preparando-se para um campeonato estadual. Após cada salto, seu técnico elevava um pouco mais o sarrafo. Afinal ele colocou na altura do recorde da prova.

O rapaz protestou:

– Ah, não. Como é que vou saltar essa altura?

Ao que o treinador replicou:

– Atire o coração por cima do sarrafo e seu corpo irá junto.

“O melhor caminho para o aperfeiçoamento humano é o da ajuda mútua.”

CONSCIÊNCIA DO DEVER

Há muito tempo, na Grécia Antiga, um escultor estava lapidando um bloco de pedra.

Com extremo cuidado, examinava a rocha com o cinzel, lascava um fragmento por vez, avaliando as medidas com suas mãos vigorosas antes de dar mais um golpe.

Quando estivesse pronta, a peça serviria de capitel, aquela parte superior das colunas. Ela seria içada e colocada sobre o topo de um comprido pilar. A coluna comporia o suporte do teto de um templo majestoso.

Um funcionário do governo que passava, vendo o esforço do escultor, se aproximou e lhe perguntou:

– Para que gastar tanto tempo e esforço nessa parte? Essa peça vai ficar a quinze metros do chão. Nenhum olho humano será capaz de ver esses detalhes.

O velho artista descansou o martelo e o cinzel. Enxugou o suor da testa, fixou seu interlocutor e respondeu:

– Mas Deus verá!

*“Não faças da tua vida um rascunho.
Poderás não ter tempo de passá-la a limpo.”*

Mário Quintana

CONSTRUINDO PONTES

Dois irmãos, que moravam em fazendas vizinhas, separadas apenas por um riacho, entraram em conflito. Foi a primeira grande desavença em toda uma vida de trabalho lado a lado. Mas agora tudo havia mudado. O que começou com um pequeno mal entendido, finalmente explodiu numa troca de palavras ríspidas, seguidas por semanas de total silêncio.

Numa manhã, o irmão mais velho ouviu baterem na sua porta. Ao abri-la, notou um homem com uma caixa de ferramentas na mão.

– Estou procurando trabalho - disse ele - talvez você tenha algum serviço para mim.

– Sim, claro! - disse o fazendeiro - você vê aquela fazenda ali, além do riacho? É do meu vizinho. Na realidade do meu irmão mais novo. Nós brigamos e não posso mais suportá-lo. Vê aquela pilha de madeira ali no celeiro? Pois a use para construir uma cerca bem alta.

– Acho que entendo a sua situação - disse o carpinteiro - mostre-me onde estão a pá e os pregos.

O irmão mais velho entregou todo o material e foi para a cidade. O homem ficou ali cortando, medindo, trabalhando o dia inteiro. Quando o fazendeiro chegou, não acreditou no que viu: em vez da cerca, uma ponte foi construída, ligando as duas margens do riacho. Era um belo trabalho, mas, o fazendeiro ficou enfurecido e falou:

– Você foi atrevido construindo essa ponte depois do que lhe contei.

Mas, as surpresas não pararam aí. Ao olhar novamente para a ponte viu o seu irmão se aproximando de braços abertos. Por um instante permaneceu imóvel do seu lado do rio. Mas, de repente, num só impulso, correu na direção do outro e abraçaram-se, chorando no meio da ponte. Enquanto isso, o carpinteiro que fez o trabalho partia com sua caixa de ferramentas.

– Espere, fique conosco! Disse o irmão mais velho.

E o carpinteiro respondeu:

– Eu adoraria, mas tenho outras pontes para construir.

“Não há barreiras que o ser humano não possa transpor.”

Helen Keller

COPO D'ÁGUA

Um conferencista falava sobre gerenciamento da tensão. Levantou um copo com água e perguntou à platéia:

– Quanto vocês acham que pesa este copo d'água?

As respostas variaram entre vinte até quinhentos gramas.

O conferencista, então, comentou:

– Não importa o peso absoluto. Depende de por quanto tempo vou segurá-lo. Se eu seguro por um minuto, tudo bem. Se eu seguro durante uma hora, eu terei uma dor no meu braço. Se eu seguro durante um dia inteiro, você terá que chamar uma ambulância. E é exatamente o mesmo peso, mas quanto mais tempo eu passo segurando-o, mais pesado fica.

E concluiu:

– Se carregamos nossos pesos o tempo todo, mais cedo ou mais tarde, nós não seremos mais capazes de continuar, pois a carga vai tornando-se crescentemente mais pesada. O que você tem que fazer é deixar o copo em algum lugar e descansar um pouco antes de segurá-lo novamente. Temos que deixar a carga de lado periodicamente, do jeito que puder!

“Estamos sempre nos preparando para viver e não vivemos.”

Ralph Waldo Emerson

CORAGEM E OUSADIA

Era uma vez, um lindo riacho de águas cristalinas, que serpenteava entre as montanhas.

Em certo ponto de seu percurso, notou que à sua frente havia um pântano imundo, por onde deveria passar.

Olhou, então, para Deus e protestou:

– Senhor, que castigo! Eu sou um riacho tão límpido, tão formoso, e o senhor me obriga a atravessar um pântano sujo como este! Como faço agora?

Deus, então, lhe respondeu:

– Isso depende da sua maneira de encarar o pântano. Se ficar com medo, você diminuirá o ritmo de seu curso, dará voltas e, inevitavelmente, acabará misturando suas águas com as do pântano, o que o tornará igual a ele. Mas, se você o enfrentar com velocidade, com força, com decisão, suas águas se espalharão sobre ele, então, a umidade as transformará em gotas que formarão nuvens, e o vento levará essas nuvens em direção ao oceano. Aí você se transformará em mar, realizando seu objetivo, seu grande sonho!

*“A vida é uma pedra de amolar: desgasta-nos ou afia-nos,
conforme o metal de que somos feitos.”*

George Bernard Shaw

CORRIDA DE SAPOS

Era uma vez, uma corrida de sapinhos! O objetivo desta disputa era atingir o alto de uma grande torre.

Havia no local uma multidão assistindo. Muita gente para vibrar e torcer por eles.

Começou a competição. Mas, como a multidão não acreditava que os sapinhos pudessem alcançar o alto daquela torre, o que mais se ouvia era:

– Que pena! Esses sapinhos não vão conseguir.

– Não vão conseguir! E os sapinhos começaram a desistir.

Porém, havia um que persistia e continuava a subida, em busca do topo.

A multidão continuava gritando:

– Que pena! Vocês não vão conseguir!

Os sapinhos estavam mesmo desistindo um por um, menos aquele sapinho que continuava tranqüilo, embora cada vez mais arfante.

Já ao final da competição, todos desistiram - menos ele.

A curiosidade tomou conta de todos.

Queriam saber o que tinha acontecido.

E assim, quando foram perguntar ao sapinho como ele havia conseguido concluir a prova, aí sim conseguiram descobrir que ele era surdo.

“Quando você se move no positivo, seu destino é a estrela mais brilhante.”

Bob Marley

DANDO O MELHOR

Muitas coisas se falam a respeito do genial Beethoven. O fato de ter composto extraordinárias sinfonias, mesmo após a total surdez, é sempre lembrado.

Exatamente por causa de sua surdez, ele era muito pouco sociável. Enquanto pôde, escondeu o fato de sua audição estar comprometida. Ele evitava as pessoas, porque a conversa se lhe tornara uma prática difícil e humilhante. Era o atestado público da sua deficiência auditiva.

Certo dia, um grande amigo de Beethoven foi surpreendido pela morte súbita de seu filho. Assim que soube, o músico correu para a casa do amigo, pleno de sofrimento.

Beethoven não tinha palavras de conforto para oferecer. Não sabia o que dizer. Percebeu, contudo, que num canto da sala havia um piano.

Durante trinta minutos, ele extravasou suas emoções da maneira mais eloqüente que poderia. Tocou piano. Ao contato dos seus dedos, as teclas acionadas emitiram lamentos e melodiosa harmonia de consolo.

Assim que terminou, ele foi embora. Mais tarde, o amigo comentou que nenhuma outra visita havia sido tão significativa quanto aquela.

Na ausência de palavras, Beethoven deixou que falassem os seus mais sinceros sentimentos.

“Não existe verdadeira inteligência sem bondade.”

Ludwig van Beethoven

DEIXAR SECAR PRIMEIRO

Contam que um célebre pensador de um reino distante, quando ainda era muito moço, teve um desentendimento muito grave com um de seus melhores amigos. Sentindo-se insultado, declarou que ia imediatamente exigir satisfações daquele que o havia ofendido.

Um velho professor, informado do caso, aproximou-se do rapaz e disse-lhe:

– Meu caro aluno, tenho longa experiência de vida e conheço todas as conseqüências tristes dos atos impetuosos. Um insulto é como a lama que cai em nossa blusa. A lama pode ser retirada facilmente, com uma simples escova, quando já está seca. Deixe secar primeiro. Não seja apressado. Espere até que se acalme e verá como tudo será facilmente resolvido.

O rapaz aceitou o conselho do professor e o resultado foi tão feliz que, no dia seguinte, o colega que o insultara veio lhe pedir desculpas.

“Nunca bata uma porta; você pode querer voltar pela mesma direção!”

Alex Cardoso de Melo

DESAFIOS

Nos primeiros anos do século XX, uma jovem negra americana de nome Mary Jane McLeod Bethune, filha de ex-escravos, tinha o sonho de tornar-se professora. Naquela época, a absurda lei de segregação racial nos Estados Unidos era muito severa com os negros.

Quando Mary terminou o ensino médio, ganhou uma bolsa de estudos de uma humilde costureira. No entanto, após se formar, ela não tinha alunos. Quando foi nomeada professora, não tinha escola.

Sem pestanejar, ela providenciou três caixotes de cebola, colocou-os debaixo de uma árvore em um depósito de lixo. Chamou três crianças da região, descendentes de escravos, e começou a ensiná-las a ler e escrever.

Quando Henry Ford, um dos homens mais ricos e importantes da época em todo o mundo, foi a região em que Mary morava, ela foi visitá-lo.

À porta, foi barrada pelo mordomo, também negro, que lhe perguntou como ela ousava procurar o senhor Ford, sendo negra.

Sem titubear, ela falou em alto e bom som:

– Eu tenho uma entrevista marcada com o senhor Ford. Marquei por telefone.

Ouvindo-a, Henry Ford pediu-lhe que entrasse. Ao vê-la, exclamou:

– Eu não sabia que a senhora era negra!

– Não totalmente, respondeu Mary Jane. Duvido que o senhor conheça dentes mais alvos e olhos mais brancos do que os meus.

Ela lhe disse que precisava da ajuda dele para construir a sua escola. Queria que ele fosse conhecer o terreno e com ela construísse a escola dos seus sonhos.

Convencido por aquela mulher de caráter espontâneo e firme, desceu com ela pelo elevador e foi até ao local.

Quando chegaram ao depósito de lixo Mary Jane falou:

– É aqui, senhor, que eu desejo construir a minha escola.

– Mas, é um depósito de lixo. - falou ele.

– Ora, disse Mary Jane, sempre esqueço destes detalhes. A minha escola de verdade está em minha cabeça. Eu preciso do seu dinheiro para tirá-la de minha mente e colocá-la ali.

Ele lhe deu vinte mil dólares.

Posteriormente, ela conseguiu se reunir com outros grandes executivos norte-americanos, como John D. Rockefeller, James Gamble e Thomas

H. White. Poderosos homens brancos, para os quais Mary Jane não pediu apenas novas doações em dinheiro, como também que eles se tornassem membros do conselho de sua escola.

Essa admirável mulher tornou-se o símbolo da educadora mundial, transformando sua escola em referência para a educação de meninas e meninos negros segregados nas escolas tradicionais, cuja a qualidade do ensino ultrapassou em muito os padrões de educação para alunos afro-americanos e rivalizando com as melhores escolas exclusivas para estudantes brancos da primeira metade do século XX. Anos mais tarde, ela fundou a Faculdade Bethune-Cookman (atualmente, Universidade Bethune-Cookman) e em 1936, tornou-se a primeira mulher negra a dirigir uma agência federal. Liderou projetos educacionais e voltados aos direitos civis até a sua morte, em maio de 1955.

*“Invista sempre na alma humana.
Quem sabe, não possa ser um diamante bruto.”*

Mary Jane McLeod Bethune

DIFÍCIL CONVIVÊNCIA

Durante a era glacial, muitos animais morriam por causa do frio.

Os porcos-espinhos, percebendo esta situação, resolveram se juntar em grupos, assim se agasalhavam e se protegiam mutuamente.

Mas os espinhos de cada um feria os companheiros mais próximos, justamente os que forneciam calor. E, por isso, tornaram a se afastar uns dos outros. Voltaram a morrer congelados e precisavam fazer uma escolha: desapareceriam da face da Terra ou aceitavam os espinhos do semelhante.

Com sabedoria, decidiram voltar e ficar juntos.

Aprenderam assim a conviver com as pequenas feridas que uma relação muito próxima podia causar, já que o mais importante era o calor do outro.

Sobreviveram.

Assim, o melhor grupo não é aquele que reúne membros perfeitos, mas aquele onde cada um aceita os defeitos do outro e consegue perdão pelos próprios defeitos.

*“Sábio é aquele que com todos aprende. É forte o que vence a si mesmo.
Rico o que se contenta com o que possui. No entanto, só aquele que
respeita a pessoa humana merece por sua vez respeito.”*

Talmude

DUAS CRIANÇAS

Conta certa lenda, que estavam duas crianças patinando num lago congelado. Era uma tarde nublada e fria, e aquelas crianças brincavam des preocupadas.

De repente, parte do gelo se quebrou e uma delas caiu, ficando presa na fenda que se formou. A outra, vendo seu amigo preso e se congelando, tirou um dos patins e começou a golpear o gelo com todas as suas forças, conseguindo por fim, quebrá-lo e libertar o amigo.

Quando os bombeiros chegaram, e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino:

– Como conseguiu fazer isso? É impossível que você tenha quebrado o gelo, sendo tão pequeno e com mãos tão frágeis!

Nesse instante, um ancião que passava pelo local comentou:

– Eu sei como ele conseguiu.

Todos perguntaram:

– Pode nos dizer como?

E respondeu o idoso:

– É simples, não havia ninguém ao seu redor para lhe dizer que não seria capaz.

“Ser criança é dureza, todo mundo manda em mim.

Se pergunto o motivo, me respondem ‘porque sim’.

Isso é falta de respeito, ‘porque sim’ não é resposta,

atitude autoritária, coisa que ninguém gosta!

Adulto deve explicar pra criança compreender,

esses ‘podes’ e ‘não puedes’, pra aceitar sem se ofender!”

Criança exige carinho, e sim! Consideração!

Criança é gente, é pessoa, não bicho de estimação!”

Tatiana Belinky

EDUCAÇÃO

Dois amigos caminhavam, conversando alegremente rumo a uma banca de jornal. Chegando a banca, um dos homens cumprimentou o jornalista amavelmente, mas como retorno recebeu um tratamento rude e grosseiro.

Pegando o jornal, que foi atirado em sua direção, o homem sorriu atenciosamente e desejou ao jornalista um bom final de semana.

Quando os dois desciam calmamente pela rua, o seu amigo, ainda atônito, perguntou-lhe:

– Ele sempre te trata com tanta grosseria?

– Sim, infelizmente é sempre assim.

– E você é sempre tão atencioso e amável com ele?

– Sim, sou.

– Por que você é tão educado, já que ele é tão rude com você?

– Porque não quero que ele decida como eu devo agir. Nós somos nossos próprios donos. Não devemos nos curvar diante de qualquer vento que sopra, nem estar à mercê do mau humor, mesquinha, impaciência e da raiva dos outros. Não são os ambientes que nos transformam, e sim nós que transformamos os ambientes.

E finalizou dizendo:

– Ninguém pode estragar o seu dia, a menos que você permita!

*“Quem não é senhor do próprio pensamento,
não é senhor das próprias ações.”*

Victor Hugo

EM BUSCA DA FELICIDADE

Uma moça, jovem e bonita, sentia-se momentaneamente infeliz e em busca constante da verdadeira felicidade. Andando pela rua viu um homem puxando uma carroça. Ao observar a cena, pensou:

– Pobre homem! Fazendo o trabalho de um animal irracional. Isso é que deve ser infelicidade!

Pensando em ouvir de seus lábios muitas lamentações, aproximou-se e lhe perguntou:

– O senhor é muito infeliz, não é? Afinal, fazendo diariamente um trabalho desses...

Porém, o homem a fez mudar imediatamente a paisagem íntima, ao responder entusiasmado:

– Não, senhora! Sou uma pessoa muito feliz. Tenho saúde que nem mesmo preciso de um animal para puxar minha carroça. Tenho força, e graças a isso consigo o meu sustento passeando pela cidade e ainda ganho saudações de pessoas jovens e bonitas como a senhora.

– Só não sou mais feliz, porque não vejo todas as pessoas sorrindo e sendo felizes como eu...

“Faça o que for necessário para ser feliz. Mas não se esqueça que a felicidade é um sentimento simples, você pode encontrá-la e deixá-la ir embora por não perceber sua simplicidade.”

Mário Quintana

ENFRENTANDO OS OBSTÁCULOS

Durante anos, um velho fazendeiro tinha arado ao redor de uma grande pedra, que ficava no centro de um de seus campos de cultivo. Ele já havia quebrado várias lâminas do arado devido aquela pedra e tinha cultivado um ódio mórbido por ela.

Um dia, depois de quebrar outro arado, e se lembrando de toda a dificuldade que a pedra lhe tinha causado durante anos, decidiu finalmente fazer algo que resolvesse o problema definitivamente.

Quando pôs uma alavanca debaixo da pedra, foi pego de surpresa ao descobrir que a pedra tinha apenas poucos centímetros de espessura, e que ele poderia, facilmente, quebrá-la com uma marreta.

Quando estava carregando os pedaços da pedra ele não se conteve e começou a rir sozinho, enquanto se lembrava de toda a dificuldade que a pedra tinha lhe causado durante anos e como teria sido melhor se tivesse enfrentado o obstáculo inicialmente e quebrado a pedra mais cedo.

*“Obstáculos são aquelas coisas medonhas que você vê,
quando tira os olhos de seu objetivo.”*

Henry Ford

ENTRE A CRISE E A OPORTUNIDADE

Um homem vivia na beira da estrada e vendia cachorros-quentes. Não tinha rádio e, por deficiência de visão, não podia ler jornais. Em compensação, vendia bons cachorros-quentes.

Ele colocou um cartaz na beira da estrada, anunciando a mercadoria, e ficou por ali gritando quando alguém passava:

– Olha o cachorro-quente especial!

E as pessoas compravam.

Devido ao crescimento de suas vendas, ele aumentou os pedidos de pão e salsicha, e acabou construindo uma mercearia.

Então, ao telefonar para o filho que morava em outra cidade e contar as novidades, o filho disse-lhe:

– Pai, o senhor não tem ouvido rádio? Não tem lido jornais? Há uma crise muito séria e a situação internacional é perigosíssima!

Diante disso, o pai pensou:

– Meu filho estuda na universidade, ouve rádio e lê jornais, portanto, deve saber o que está dizendo!

Então, ele reduziu os pedidos de pão e salsichas, tirou o cartaz da beira da estrada, e não ficou por ali apregoando os seus cachorros-quentes. As vendas caíram do dia para a noite e ele disse ao filho:

– Você tinha razão, meu filho, a crise é muito séria!

“O homem deve criar as oportunidades e não somente encontrá-las.”

Francis Bacon

ESOPO E A LÍNGUA

Esopo era um escravo de rara inteligência que servia à casa de um conhecido chefe militar da antiga Grécia.

Certo dia, quando seu patrão conversava com um companheiro sobre os males e as virtudes do mundo, Esopo foi chamado a dar opinião sobre o assunto, ao que respondeu seguramente:

– Tenho a mais absoluta certeza de que a maior virtude da Terra está à venda no mercado.

– Como? Perguntou o amo surpreso. Tens certeza do que você está falando? Como podes afirmar tal coisa?

– Não só afirmo, como, se meu amo permitir, irei até lá e trarei a maior virtude da Terra.

Com a devida autorização do amo, saiu Esopo e, alguns minutos depois, voltou carregando um pequeno embrulho.

Ao abrir o pacote, o velho chefe encontrou vários pedaços de língua, e, enfurecido, deu ao escravo uma chance para explicar-se.

– Meu amo, não vos enganei, retrucou Esopo. A língua é, realmente, a maior das virtudes. Com ela podemos consolar, ensinar, esclarecer, aliviar e conduzir. Pela língua os ensinamentos dos filósofos são divulgados, os conceitos religiosos são espalhados, as obras dos poetas se tornam conhecidas de todos. Por acaso podes negar essas verdades, meu amo?

– Boa, meu caro, retrucou o amigo do amo. No entanto, já que és desembaraçado, que tal trazer-me agora o pior vício do mundo.

– É perfeitamente possível, senhor, e com nova autorização de meu amo, irei novamente ao mercado e de lá trarei o pior vício de toda Terra.

Concedida a permissão, Esopo saiu novamente e dali a instantes voltava com outro pacote semelhante ao primeiro.

Ao abri-lo, os amigos encontraram novamente pedaços de língua. Desapontados, interrogaram o escravo e obtiveram surpreendente resposta:

– Por que vos admirais de minha escolha? Do mesmo modo que a língua, bem utilizada, se converte numa sublime virtude, quando relegada a planos inferiores se transforma no pior dos vícios. Através dela tecem-se as intrigas e as violências verbais. Através dela, as verdades mais santas, por ela mesma ensinadas, podem ser corrompidas e apresentadas como anedotas vulgares e sem sentido. Através da língua, estabelecem-se as discussões infrutíferas, os desentendimentos prolongados e as confusões populares que

levam ao desequilíbrio social. Por acaso podeis refutar o que digo? Indagou Esopo.

Impressionados com a inteligência invulgar do serviçal, ambos os senhores calaram-se, comovidos, e o velho chefe, naquele mesmo instante, reconhecendo o disparate que era ter um homem tão sábio como escravo, deu-lhe a liberdade.

Esopo aceitou a libertação e tornou-se, mais tarde, um contador de fábulas muito conhecido da Antigüidade e cujas histórias até os dias de hoje se espalham por todo mundo.

*“Só entende o valor do silêncio, quem tem necessidade
de se calar para não ferir alguém.”*

Jean-Jacques Rousseau

ESTRATÉGIA

Certa vez, estava um cego sentado no passeio, com um boné em seus pés e um pedaço de madeira que, escrito com giz branco, dizia:

– Por favor, ajudem-me, sou cego.

Um publicitário que passava por ele, parou e observou umas poucas moedas no boné. Compadecido com a situação e sem pedir permissão, ele pegou o cartaz, um giz e escreveu outro anúncio. Voltou a colocar o pedaço de madeira sobre os pés do cego e se foi.

No fim da tarde, o publicitário voltou a passar em frente ao cego que pedia esmolas, e seu boné estava cheio de notas e moedas.

O cego reconheceu seus passos e lhe perguntou se tinha sido ele que escreveu seu cartaz e, sobretudo, o que ele tinha escrito.

O publicitário confirmou e respondeu-lhe:

– Nada que não esteja certo com seu anúncio, no entanto com outras palavras. Sorriu e seguiu seu caminho.

O novo cartaz dizia: “Hoje é primavera, e não posso vê-la!”.

Mudemos de estratégia quando as coisas não saem como desejamos e veremos que o resultado poderá ser diferente.

*“Há pensamentos que são orações. Há momentos nos quais,
seja qual for a posição do corpo, a alma está de joelhos.”*

Victor Hugo

ESTRELA DO MAR

Era uma vez, um escritor que morava em uma tranqüila praia, junto de uma colônia de pescadores.

Todas as manhãs, ele caminhava à beira do mar para se inspirar, e à tarde ficava em casa escrevendo.

Certo dia, caminhando na praia, ele viu um vulto que parecia dançar.

Ao chegar mais perto, ele reparou que se tratava de um jovem que recolhia estrelas do mar da areia para, uma por uma, jogá-las novamente de volta ao oceano.

– Por que está fazendo isso?, perguntou o escritor.

– Você não vê!, explicou o jovem: a maré está muito baixa e o sol está brilhando. Elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia.

O escritor espantou-se.

– Meu jovem, existem milhares de quilômetros de praias por este mundo afora, e centenas de milhares de estrelas do mar espalhadas pela praia. Que diferença faz? Você joga umas poucas de volta ao oceano. A maioria vai perecer de qualquer forma.

O jovem pegou mais uma estrela na praia, jogou de volta ao oceano, olhou para o escritor e disse:

– Para essa aqui eu fiz a diferença.

Naquela noite o escritor não conseguiu escrever sequer uma linha, nem conseguiu adormecer. Pela manhã, voltou à praia, procurou o jovem, e uniu-se a ele, juntos, jogaram estrelas do mar de volta ao oceano.

Sejamos, portanto, mais um dos que querem fazer do mundo um lugar melhor.

Sejamos a diferença!

“Não importa o quanto fazemos, mas, quanto amor colocamos naquilo que fazemos.”

Madre Teresa de Calcutá

EU ESTOU PREOCUPADO

Estou preocupado em melhorar o mundo;
Estou preocupado com a justiça;
Estou preocupado com a fraternidade;
Estou preocupado com a verdade.

E quando isso preocupa, não se pode defender a violência;
Pois, com violência, mata-se o assassino, mas não o assassinato;
Com violência, mata-se o mentiroso, sem se estabelecer a verdade;
Com violência, mata-se quem nos odeia, mas não se mata o ódio;
A escuridão não elimina a escuridão, apenas a luz a eliminará”.

Trecho adaptado do discurso “E agora, para onde vamos?”, proferido por Martin Luther King em Atlanta, EUA, no dia 16 de agosto de 1967. Poucos meses antes de seu brutal assassinato, em Memphis, EUA, no dia 4 de abril de 1968, por um franco atirador e extremista branco.

“A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas, como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafio.”

Martin Luther King

EU OUVI UM NÃO

Desde pequena Julia tinha uma paixão: dançar. Ela sonhava em ser uma grande bailarina do Ballet Bolshoi.

Um dia, Julia teve sua grande chance. Conseguiu uma audiência com o mestre do Bolshoi, que estava selecionando jovens aspirantes para a companhia.

Dançou como se fosse seu último dia na Terra. Colocou tudo que sentia e que aprendera em cada movimento. Ao final, aproximou-se do mestre e lhe perguntou:

– Então, o senhor acha que posso me tornar uma grande bailarina?

Na longa viagem de volta à sua aldeia, Julia, em meio às lágrimas, imaginou que nunca mais aquele “não” sairia de sua mente.

Dez anos mais tarde, Julia, já uma estimada e competente professora de balé, criou coragem para ir à performance anual do Bolshoi em sua cidade. Sentou-se bem à frente e notou que aquele mesmo senhor que lhe disse o “não” ainda era o mestre.

Após o concerto, aproximou-se do cavalheiro e lhe contou o quanto doera, dez anos atrás, ouvir-lhe dizer que não seria capaz de participar do Bolshoi.

– Mas, minha filha, eu digo isso a todas as aspirantes, respondeu o mestre.

– Como o senhor poderia cometer uma injustiça dessas? Eu dediquei toda minha vida! Todos diziam que eu tinha o dom. Eu poderia ter sido um sucesso se não fosse o descaso com que o senhor me avaliou!

Havia solidariedade e compreensão na voz do mestre, mas, ele não hesitou ao responder:

– Perdoe-me, minha filha, mas, você nunca poderia ter sido grande o suficiente, se você foi capaz de abandonar o seu grande sonho ao ouvir o primeiro não.

“A persistência é o caminho do êxito.”

Charles Chaplin

EXIGINDO SEMPRE MAIS

Conta-se que um açougueiro realizava suas atividades, quando adentrou ao estabelecimento um cachorro. Ele se preparou para enxotá-lo, quando percebeu que o animal trazia um saco à boca. Verificou que, dentro do saco, havia um bilhete. Atendeu o que estava escrito, devolvendo ao cão o saco, com carne bem acondicionada e o troco dos valores que encontrara.

O animal, com o saco à boca, saiu tranqüilamente do açougue e foi andando pela calçada.

O açougueiro ficou intrigado:

– De quem seria aquele cão tão bem treinado?

Resolveu segui-lo. O cão chegou na esquina, levantou-se nas patas traseiras e apertou o botão do semáforo para travessia de pedestres, parando o trânsito de veículos.

Então, atravessou a rua, na faixa de pedestres. Mais adiante, outro semáforo estava vermelho e o cão parou. Quando o sinal ficou verde, o cão atravessou. Chegou a um ponto de ônibus e esperou. Quando o primeiro ônibus parou, o cão olhou para o letreiro e não entrou. Quando outro ônibus parou, um pouco depois, o animal voltou a olhar o letreiro. Dessa vez, entrou e ficou perto da porta, acompanhando o trajeto com atenção.

O homem do açougue estava perplexo. Nunca vira nada igual.

Depois de várias quadras, o cão desceu do ônibus e caminhou um pequeno trecho. Frente a uma casa, abriu o portão e entrou. Parou frente à porta e começou a bater com a cabeça na madeira. Depois, foi à janela e tornou a bater a cabeça contra o vidro, várias vezes.

Finalmente, a porta se abriu. Um homem grande e mal humorado veio para fora e começou a agredir o cão, chamando-o de traste inútil.

O açougueiro não agüentou. Deteve a agressão e falou ao homem:

– O que é isto? Você tem um animal extraordinário, treinado, inteligente e o agride desta maneira?

– Inteligente? - gritou o dono. Ele é um tonto. Já falei um milhão de vezes e este inútil vive esquecendo de levar a chave da porta.

*“O homem de bem exige tudo de si próprio;
o homem medíocre espera tudo dos outros.”*

FAZENDO A SUA PARTE

Um grande incêndio avançava sobre a floresta destruindo tudo o que encontrava pelo caminho.

Os animais, assustados, correm desesperadamente para se proteger na outra margem do rio.

O “rei leão” procura por todos os seus amigos: lá estão os sapos, as cobras, os esquilos, as cabras, coiotes, os macacos, enfim, todos os animais.

Com isso, ele sorri satisfeito pensando: pelo menos aqui todos eles estão seguros.

Perto dali, o pequenino beija-flor enche seu biquinho com água do rio, voa e do alto solta aquelas gotas sobre o imenso fogo.

Depois do quinto mergulho na água o leão faz a pergunta esperada por todos:

– Beija-flor, você acha que vai conseguir apagar este incêndio com estas gotinhas?

– Não, responde a pequenina ave, mas estou fazendo a minha parte!

“Só a participação cidadã é capaz de mudar um país.”

Betinho

FEIJÕES

Reza a lenda que um experiente monge, próximo de se aposentar, precisava encontrar um sucessor.

Entre seus discípulos, dois já haviam dado mostras de que eram os mais aptos, mas apenas um o poderia. Para sanar suas dúvidas, o mestre lançou um intrigante desafio, para por a sabedoria dos dois à prova: ambos receberiam alguns grãos de feijão, que deveriam colocar dentro dos sapatos, para então empreender a subida de uma grande montanha.

Dia e hora marcado, começa a prova.

Nos primeiros quilômetros, um dos discípulos começou a mancar. No meio da subida, parou e tirou os sapatos. As inúmeras bolhas em seus pés já sangravam, causando imensa dor. Ficou para trás, observando seu oponente sumir de vista.

Prova encerrada, todos de volta ao pé da montanha, para ouvir do monge o óbvio anúncio.

Após os festejos, o derrotado aproxima-se e pergunta ao vencedor como é que ele havia conseguido subir e descer com os feijões nos sapatos:

– Antes de colocá-los em meu sapato, eu os cozinhei. Seja carregando feijões, ou problemas, existe sempre um jeito mais fácil de levar a vida. Problemas são inevitáveis. Já a duração do sofrimento, é você quem determina.

*“Milhões viram a maçã cair, mas Isaac Newton
foi aquele que perguntou o porquê.”*

Alex Cardoso de Melo

FLOR RARA

Havia uma jovem que tinha tudo: um marido maravilhoso, filhos perfeitos, um emprego que lhe rendia um bom salário e uma família unida.

O problema é que ela não conseguia conciliar tudo. O trabalho e os afazeres lhe ocupavam todo tempo e ela estava sempre em débito. Se o trabalho lhe consumia tempo demais, ela tirava dos filhos; quando surgiam imprevistos, ela deixava de lado o marido.

E assim, as pessoas que ela amava eram deixadas para depois, até que um dia, seu pai, um homem muito sábio, lhe deu um presente: uma flor muito rara, da qual só havia um exemplar em todo o mundo.

O pai lhe entregou o vaso com a flor e lhe disse:

– Filha, esta flor vai lhe ajudar mais do que você imagina! Você terá apenas que regá-la e podá-la de vez em quando, e, às vezes, conversar um pouco com ela. Se assim fizer, ela enfeitará sua casa e dará em troca esse perfume maravilhoso. A jovem ficou emocionada, afinal a flor era linda.

Mas o tempo foi passando, os problemas surgiam, o trabalho consumia todo seu tempo e a vida confusa não lhe permitia cuidar da flor.

Ela chegava em casa, e as flores estavam lá, não mostravam sinal de fraqueza, apenas estavam lá, lindas, perfumadas. Então ela passava direto.

Até que um dia, sem mais nem menos, a flor morreu. Ela chegou em casa e levou um susto! A planta, antes exuberante, estava morta, suas raízes estavam ressecadas, suas flores murchas e as folhas amareladas.

A jovem chorou muito e contou ao pai o que havia acontecido.

Seu pai então respondeu:

– Eu já imaginava que isso aconteceria, e, infelizmente, não posso lhe dar outra flor, porque não existe outra igual a essa. Ela era única, assim como seus filhos, seu marido e sua família. Todos são bênçãos que o Senhor lhe deu, mas você tem que aprender a regá-los, podá-los e dar atenção, pois assim como a flor, os sentimentos também morrem. Você se acostumou a ver a flor sempre lá, viçosa, perfumada e se esqueceu de cuidar dela.

Por fim, o pai amoroso e sábio concluiu:

– Filha! Cuide das pessoas que você ama!

“Não se enganem. Uma gotinha no oceano faz, sim, muita diferença.”

FLORES NA ESTRADA

Certo homem morava numa importante cidade e trabalhava numa fábrica, na região periférica desta metrópole. Todos os dias, ele pegava o ônibus pela manhã e viajava cinquenta minutos até o trabalho. À tardinha, fazia o caminho de volta para a casa.

No ponto seguinte ao que o homem subia, entrava uma velhinha, que procurava sempre sentar próxima à janela. Abria a bolsa, tirava um pacotinho e passava a viagem jogando alguma coisa para fora do ônibus.

Um dia, o homem reparou na cena e ficou curioso. No dia seguinte, a mesma coisa.

Certa vez, o homem sentou-se ao lado da velhinha e não resistiu:

– Bom dia, desculpe a minha curiosidade, mas, o que a senhora joga pela janela?

– Bom dia, respondeu a velhinha. Jogo sementes.

– Sementes? Sementes de que?

– De flor. É que eu viajo neste ônibus todos os dias. Olho para fora e a estrada é tão vazia. Gostaria de poder viajar vendo flores coloridas por todo o caminho. Imagine como seria bom.

– Mas, a senhora não vê que as sementes caem no asfalto, são esmagadas pelos pneus dos carros, devoradas pelos passarinhos. A senhora acha que essas flores vão nascer aí, na beira da estrada?

– Acho, meu filho. Mesmo que muitas sejam perdidas, outras caem na terra e com o tempo vão brotar.

– Mesmo assim, demoram a crescer, precisam de água.

– Ah, eu faço minha parte. Sempre há dias de chuva. Além disso, apesar da demora, se eu não jogar as sementes, as flores nunca vão nascer.

Dizendo isso, a velhinha virou-se para a janela aberta e recomeçou seu “trabalho”. O homem desceu logo adiante, achando que a velhinha já estava meio caduca.

O tempo passou...

Certo dia, no mesmo ônibus, sentado próximo à janela, o homem teve uma grata surpresa. Olhou para fora e viu muitas margaridas na beira da estrada, hortênsias azuis, rosas, cravos, dalias, entre outras. A paisagem estava colorida, perfumada e linda.

O homem lembrou-se da velhinha, procurou-a no ônibus e acabou perguntando para o cobrador, que conhecia todo mundo.

– A velhinha das sementes? Pois é, ela morreu de pneumonia no mês passado.

O homem voltou para o seu lugar e continuou olhando a paisagem florida pela janela. Quem diria, as flores brotaram mesmo, pensou. Mas de que adiantou o trabalho da velhinha? A coitada morreu e não pode ver esta beleza toda.

Nesse instante, o homem escutou uma risada de criança. No banco da frente, um garotinho apontava pela janela entusiasmado:

– Olha mãe, que lindo, quanta flor pela estrada. Como se chamam aquelas azuis?

Então, o homem entendeu o que a velhinha tinha feito. Mesmo não estando ali para contemplar as flores que tinha plantado, ela devia estar feliz. Afinal, tinha dado um presente maravilhoso para as pessoas. No dia seguinte, o homem entrou no ônibus, sentou-se próximo a uma janela e tirou um pacotinho de sementes do bolso.

“Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente.”

Érico Veríssimo

FRANCISCO E O LOBO

Muito tempo atrás, Gúbio, uma cidade da Itália, estava tomada de grande medo. Na floresta da região vivia um grande e feroz lobo, o qual, não somente devorava os animais, como os homens, de modo que todos do povoado estavam apavorados.

Por este motivo, cercaram toda a cidade com altas muralhas e reforçaram as portas. Todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate.

Certa vez, quando um pequenino homem chamado Francisco chegou naquela cidade, estranhou o medo do povo. Ele percebeu que a culpa não podia ser unicamente do lobo. Havia no fundo dos corações outra causa que era tão destrutiva, como parecia ser o lobo. Logo, Francisco ofereceu-se para ajudar.

Resolveu sair ao encontro do lobo, sozinho e desarmado, mas, cheio de simpatia e benevolência pelo animal.

O perigoso lobo, de fato, foi ao encontro de Francisco, raivoso e de boca aberta pronto para devorá-lo!

Mas, quando o lobo percebeu as boas intenções de Francisco e ouviu como este se dirigia a ele como a um “querido irmão”, cessou de correr e ficou muito surpreso.

As boas vibrações de Francisco de Assis anularam a violência que havia no irmãozinho” lobo.

De olhos arregalados, viu que esse homem o olhava com bondade.

Francisco então falou para o lobo:

– Irmãozinho lobo, quero somente conversar com você, caso você esteja me entendendo, levante, por favor, a sua patinha para mim!

O irmãozinho lobo, então, perante a tão forte vibração de amor e carinho, perdeu toda a sua maldade. Levantou confiante, a pata da frente, e calmamente a pôs na mão aberta de Francisco.

Então, Francisco disse-lhe amorosamente:

– Querido irmãozinho lobo, vou fazer um trato com você. De hoje em diante, vou cuidar de você meu irmão. Você vai morar em minha casa, vou lhe dar comida e você irá sempre me acompanhar e seremos sempre amigos. Você por sua vez, também será amigo de todas as pessoas da cidade, pois, de agora em diante você terá uma casa, comida e carinho, sendo assim, não precisará mais matar nem agredir ninguém, para sobreviver.

Com a promessa de nunca mais lesar nem homem, nem animal, foi o lobo com Francisco até a cidade.

Também o povo da cidade abandonou sua raiva e começou a chamar o lobo de "irmão", prometendo dar-lhe todos os dias o alimento necessário.

Finalmente, o “irmão lobo” morreu de velhice, pelo que, todos da cidade tiveram grande pesar.

Ainda hoje se mostra em Gúbio, um sarcófago feito de pedra, no qual os ossos do lobo estão depositados e guardados com grande carinho e respeito durante séculos.

“Todas as coisas da criação, são filhos do Pai e irmãos do homem. Deus quer que ajudemos aos animais, se necessitam de ajuda. Todas as criaturas em desgraça têm o mesmo direito a serem protegidas.”

São Francisco de Assis

GRATIDÃO

O homem pôr detrás do balcão olhava a rua distraidamente. Uma garotinha se aproximou da loja e amassou o narizinho contra a vitrine.

Os olhos, da cor do céu, brilhavam quando viu determinado objeto. Entrou na loja e pediu para ver o colar de turquesa azul.

– É para minha irmã. Pode fazer um pacote bem bonito?, diz ela.

O dono da loja olhou desconfiado para a garotinha e lhe perguntou:

– Quanto de dinheiro você tem?

Sem hesitar, ela tirou do bolso da saia um lenço todo amarradinho e foi desfazer os nós. Colocou-o sobre o balcão e feliz, disse:

– Isso dá?

Eram apenas algumas moedas que ela exibia orgulhosa.

– Sabe, quero dar este presente para minha irmã. Desde que morreu nossa mãe ela cuida da gente e não tem tempo para ela. É aniversário dela e tenho certeza que ficara feliz com o colar, que é da cor de seus olhos.

O homem colocou o colar em um estojo, embrulhou com um vistoso papel vermelho e fez um laço caprichado com fita verde.

– Tome! - disse para a garota. Leve com cuidado.

Ela saiu feliz saltitando pela rua.

Ainda não acabara o dia quando uma linda jovem, de cabelos loiros e olhos azuis, adentrou a loja. Colocou sobre o balcão o embrulho e indagou:

– Este colar foi comprado aqui? Quanto custou?

– Ah!, falou o dono da loja. O preço de qualquer produto da minha loja é sempre um assunto confidencial entre o vendedor e o cliente.

A moça continuou:

– Mas minha irmã tinha somente algumas moedas! O colar é verdadeiro, não é? Ela não teria dinheiro para pagá-lo!

O homem tomou o estojo, refez o embrulho com extremo carinho, colocou a fita e o devolveu a jovem, dizendo:

– Ela pagou o preço mais alto que qualquer pessoa pode pagar. Ela deu tudo o que tinha.

“Se nossos olhos se afeiçoarem à contemplação da singeleza e da simplicidade, simples e singelos serão nossos corações.”

JULGAMENTO PRECIPITADO

Era uma serena manhã de domingo. No metrô de uma metrópole, as pessoas estavam calmamente lendo jornais, divagando, descansando com os olhos semicerrados. Era uma cena calma e tranqüila.

Subitamente, um homem entrou no vagão com os filhos. As crianças faziam algazarra e se comportavam mal. O clima mudou imediatamente.

O pai das crianças sentou-se ao lado de um homem, que já estava incomodado com aquela bagunça, e fechou os olhos, ignorando a situação.

As crianças corriam de um lado para o outro, atiravam objetos e até chegam a puxar os jornais dos passageiros, incomodando a todos.

Mesmo assim o pai não fazia nada.

Para aquele homem, incomodado com tamanha falta de educação, era quase impossível evitar a irritação. Ele não conseguia acreditar que o pai daquelas crianças pudesse ser tão insensível a ponto de deixar que seus filhos incomodassem os outros daquele jeito, sem tomar uma atitude.

Dava para perceber que as demais pessoas também estavam irritadas.

A certa altura, enquanto ainda mantinha a calma e o controle, o homem virou-se para aquele pai e disse:

– Senhor, seus filhos estão perturbando muitas pessoas. Será que não poderia dar um jeito neles?

Aquele pai olhou para o homem, que o advertia, e como se estivesse tomando consciência da situação naquele momento, disse-lhe calmamente:

– Sim, creio que o senhor tem razão. Acho que deveria fazer algo. Acabamos de sair do hospital, onde a mãe deles acaba de falecer. Eu não sei o que pensar e parece que eles também não sabem como lidar com isso.

Nós podemos imaginar como aquele homem se sentiu naquele exato momento...

Diante da resposta inesperada, ele passou a ver toda a situação de um modo diferente. E como via diferente, pensava, sentia e agia de um jeito diferente.

“Não julgueis para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos.”

Jesus de Nazaré

LENÇÓIS SUJOS

Um casal, recém-casados, mudou-se para um bairro muito tranqüilo.

Na primeira manhã que passavam na casa, enquanto tomavam café, a mulher reparou que sua vizinha pendurava lençóis no varal e comentou com o marido:

– Que lençóis sujos ela está pendurando no varal! Está precisando de um sabão novo. Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

O marido observou calado.

Três dias depois, também durante o café da manhã, a vizinha pendurava lençóis no varal e novamente a mulher comentou com o marido:

– Nossa vizinha continua pendurando os lençóis sujos! Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

E assim, a cada três dias, a mulher repetia seu discurso, enquanto a vizinha pendurava suas roupas no varal.

Passado um mês, a mulher se surpreendeu ao ver os lençóis muito brancos sendo estendidos, e empolgada foi dizer ao marido:

– Veja, ela aprendeu a lavar as roupas, será que a outra vizinha lhe deu sabão? Porque eu não fiz nada.

O marido calmamente lhe respondeu:

– Não, hoje eu levantei mais cedo e lavei a vidraça da nossa janela!

“Não exijas dos outros qualidades que ainda não possuias.”

Chico Xavier

LIÇÃO DE CRIATIVIDADE

Um cachorrinho perdido na selva vê um tigre faminto correndo em sua direção. Pensa rápido, vê alguns ossos no chão e se põe a mordê-los. Então, quando o tigre está pronto para atacá-lo, o cachorrinho diz:

– Ah, que delícia este tigre que acabo de comer!

O tigre para bruscamente e sai apavorado correndo do cachorrinho, e no caminho vai pensando:

– Que cachorro bravo! Por pouco não come a mim também.

Um macaco, que havia visto toda a cena, sai correndo atrás do tigre e conta como ele tinha sido enganado.

O tigre, furioso, diz:

– Cachorro maldito! Vai me pagar!

O cachorrinho vê que o tigre vem atrás dele de novo, e desta vez, traz o macaco montado em suas costas.

Ah, macaco traidor! O que faço agora?, pensou o cachorrinho.

Ao invés de sair correndo, ele ficou de costas, como se não estivesse vendo absolutamente nada. Quando o tigre está a ponto de atacá-lo novamente, o cachorrinho diz:

– Macaco preguiçoso! Faz meia hora que eu mandei me trazer outro tigre, e ele ainda não voltou!

“Em momentos de crise, só a criatividade é mais importante do que o conhecimento.”

Albert Einstein

MAIS CINCO MINUTOS

No parque, uma mulher sentou-se ao lado de um homem em um banco perto do playground.

– Aquele, logo ali, é meu filho. Ela disse, apontando para um menino usando um suéter vermelho e que deslizava no escorregador.

– Bonito garoto - o homem respondeu e completou - aquela usando vestido branco, pedalando sua bicicleta, é minha filha.

Então, olhando o relógio, o homem chamou a sua filha.

– Juliana, o que você acha de irmos?

E Juliana suplicou:

– Mais cinco minutos, pai. Por favor, só mais cinco minutos.

O homem concordou e Juliana continuou pedalando sua bicicleta, para alegria de seu coração.

Os minutos se passaram e o pai levantou-se e novamente chamou sua filha.

– Hora de ir agora.

Outra vez Juliana pediu:

– Mais cinco minutos, pai. Só mais cinco minutos.

O homem sorriu e disse:

– Está certo!

– O senhor é um pai muito paciente - a mulher comentou.

O homem sorriu e disse:

– O irmão mais velho de Juliana foi morto por um motorista bêbado no ano passado quando andava com sua bicicleta perto daqui. Eu nunca passei muito tempo com ele e agora eu daria qualquer coisa por apenas mais cinco minutos com ele. Eu me prometi não cometer o mesmo erro com Juliana. Ela acha que tem mais cinco minutos para andar de bicicleta. Na verdade, eu é que tenho mais cinco minutos para vê-la brincar.

Em tudo na vida estabelecemos nossas prioridades. O que são as suas prioridades?

Dê a alguém que você ama mais cinco minutos de seu tempo hoje!

“O que vale não é o quanto se vive, mas como se vive.”

Martin Luther King

MAMÃE ÁGUIA

A águia empurrou gentilmente seus filhotes para a beirada do ninho. Seu coração se acelerou com emoções conflitantes, ao mesmo tempo em que sentiu a resistência dos filhotes a seus insistentes cutucões.

Por que a emoção de voar tem que começar com o medo de cair? Pensou ela.

O ninho estava colocado bem no alto de um pico rochoso. Abaixo, somente o abismo e o ar para sustentar as asas dos filhotes.

E se justamente agora isto não funcionar? Ela pensou...

Apesar de todo o medo, a águia sabia que aquele era o momento. A sua missão estava prestes a se completar, restava ainda uma pequena tarefa final: o empurrão.

A águia encheu-se de coragem. Enquanto seus filhotes não descobrirem suas asas não haverá propósito para suas vidas.

Enquanto eles não aprenderem a voar não compreenderão o privilégio que é nascer águia.

O empurrão era o melhor presente que ela podia oferecer-lhes. Era seu supremo ato de amor.

Então, um a um, ela os precipitou para o abismo. E eles voaram!

Às vezes, nas nossas vidas, as circunstâncias fazem o papel de águia. São elas que nos empurram para o abismo.

E quem sabe não são elas, as próprias circunstâncias, que nos fazem descobrir que temos asas para voar.

“Você pode voar, muito alto.”

Ayrton Senna da Silva

MARCAS DE BATOM

Numa escola pública estava ocorrendo uma situação inusitada: uma turma de meninas de doze anos, que usava batom, todos os dias removia o excesso beijando o espelho do banheiro.

O diretor andava bastante aborrecido porque o zelador tinha um trabalho enorme para limpar o espelho ao final do dia. Mas, como sempre, na tarde seguinte, lá estavam as mesmas marcas de batom.

Ele chegou a chamar a atenção delas por quase dois meses, e nada mudou, todos os dias acontecia à mesma coisa.

Certo dia, o diretor juntou o grupo de meninas e também o zelador no banheiro, explicou pacientemente que era muito complicado limpar o espelho com todas aquelas marcas que elas faziam. Depois de uma hora falando, e elas com cara de deboche, o diretor pediu ao zelador para demonstrar a dificuldade do trabalho.

O zelador, imediatamente pegou um pano seco, molhou-o no vaso sanitário e passou no espelho.

Nunca mais apareceram marcas no espelho!

*“Você não pode confiar em seus olhos quando
sua imaginação está fora de foco.”*

Mark Twain

MATANDO UMA CRIANÇA

Certo dia entra no consultório de um obstetra muito experiente, uma jovem com a seguinte abordagem:

– Doutor, o senhor terá de me ajudar num problema muito sério. Este meu bebê ainda não completou um ano e estou grávida novamente. Não quero filhos em tão curto espaço de tempo, mas, num espaço bem maior entre um e outro.

E então o médico perguntou:

– Muito bem. E o que a senhora quer que eu faça?

A mulher, já esperançosa, respondeu:

– Desejo interromper esta gravidez e conto com a ajuda do senhor.

O médico então pensou um pouco e depois do seu silêncio disse a mulher:

– Acho que tenho um método melhor para solucionar o problema. E é menos perigoso para a senhora.

A mulher sorriu, acreditando que o médico aceitaria seu pedido.

E então ele completou:

– Veja bem, minha senhora, para não ter de ficar com dois bebês de uma vez, em tão curto espaço de tempo, vamos matar este que está em seus braços. Assim, o outro poderá nascer. Se o caso é matar, não há diferença para mim entre um e outro. Até porque, sacrificar este que a senhora tem nos braços é mais fácil, pois, a senhora não correrá nenhum risco.

A mulher apavorou-se e disse:

– Não doutor! Que horror! Matar uma criança é um crime!

O médico sorriu e, depois de algumas considerações, viu que a sua lição surtira efeito. Convenceu a mãe que não há menor diferença entre matar a criança já nascida e matar uma criança ainda por nascer, mas, viva no seio materno.

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.”

Mahatma Gandhi

MEU LAR É UM INFERNO

O pobre homem chegara ao fundo do poço e resolveu procurar seu rabino para pedir conselhos.

– Santo rabi! - clamou ele. As coisas estão indo muito mal comigo, e piorando a cada momento! Somos pobres, tão pobres, que minha esposa, meus seis filhos, meus sogros e eu temos que viver num casebre de um só cômodo. Estamos sempre no caminho uns dos outros e com os nervos à flor da pele por causa de todos os nossos problemas. Não paramos de brigar e discutir. Acredite: meu lar é um inferno!

O rabino ponderou a questão gravemente.

– Meu filho - disse por fim. Prometa que fará tudo exatamente como eu lhe disser e sua condição irá melhorar.

– Eu prometo, rabi - respondeu o homem atormentado. Farei tudo e qualquer coisa que me pedir.

– Diga-me, então, que animais ainda possui?

– Tenho uma vaca, uma cabra e algumas galinhas.

– Ótimo! Volte para sua família e coloque as galinhas dentro de casa para morar com vocês.

O pobre homem ficou estupefato, mas como havia prometido, voltou para casa e levou as galinhas para morar com a família dentro de casa.

Alguns dias depois, porém, retornou ao rabino e lamentou-se:

– Rabi! Fiz como você havia dito e levei as galinhas para dentro de casa. Mas o que aconteceu foi horrível, rabi, foi horrível. As coisas estão piores do que nunca! Minha vida está um verdadeiro inferno. A casa está agora cheia de penas e titica de galinha! Salva-me, rabi, por favor!

– Meu filho - respondeu o rabino com serenidade. Não se desespere. Volte para casa e coloque agora a cabra dentro de casa para morar com vocês. Deus irá ajudá-lo!

O pobre homem achou que enlouqueceria, mas voltou para casa e levou a cabra para dentro de casa. Mas não demorou até que voltasse ao rabino.

– Rabi! - lamuriou-se. Ajude-me, salve-me! A cabra está destruindo tudo dentro de casa: está transformando a minha vida num pesadelo. O cheiro está insuportável e ninguém agüenta mais a sujeira.

– Meu filho - condoeu-se o rabino. Não se desespere mais. Deus irá ajudá-lo. Volte para casa e traga também a vaca para morar com vocês.

O pobre homem achou que ia enlouquecer, mas voltou para casa e levou a vaca para morar com toda a família dentro de casa. Logo no dia seguinte, porém, voltou desesperado ao rabino.

– Rabi, rabi! Todos os seus conselhos só estão trazendo desgraças! As coisas não param de piorar. A vaca transformou minha casa num curral e agora estamos vivendo de fato no meio do esterco. Como podemos dividir o nosso espaço com um animal? É um inferno, rabi, um inferno!

– Meu filho, você tem razão. Volte e tire todos os bichos de dentro de casa.

No mesmo dia o homem correu para procurar o rabino.

– Rabi, rabi! - gritou ele com o rosto resplandecente. Minha vida voltou a ser um paraíso. A casa está limpa, sossegada e vazia como não se via há muito tempo. É um prazer viver nela.

“Presta atenção em seus pensamentos, pois eles se tornarão palavras. Presta atenção em tuas palavras, pois elas se tornarão atos. Presta atenção em teus atos, pois eles se tornarão hábitos. Presta atenção em teus hábitos, pois eles se tornarão seu caráter. Presta atenção em teu caráter, pois ele determinará seu destino.”

Talmude

MUITO MAIS QUE SORTE

Conta-se que certa vez, dois irmãos foram admitidos em uma mesma empresa na função de faxineiro, visto que tinham pouca instrução.

Um dia, foi oferecida a oportunidade para todos que a quisessem de, após o término do expediente, ficar até mais tarde e cursar o supletivo por conta da empresa.

Um dos irmãos, imediatamente agarrou a chance. O outro, porém, acomodado à própria situação, disse:

– Eu, hein, fazer hora-extra sem receber para isso...

Em outras ocasiões, a mesma história se repetiu: oportunidades eram oferecidas, cursos de digitação e informática, noções de contabilidade, treinamentos em relacionamento humano, etc. Um agarrava de frente todas as oportunidades, investindo todo o tempo possível em seu desenvolvimento pessoal e profissional; o outro, sempre com justificativas para não ser explorado, apresentava desculpas das mais diversas, tais como: e o meu futebol, meu programa de televisão, o barzinho com os amigos, etc.

Passado algum tempo, aquele irmão que investira seu tempo com afinco em seu aperfeiçoamento foi se destacando. Tanto que, à medida que foram surgindo vagas na empresa, a ele eram oferecidas. E isto exigia ainda mais empenho e, prontamente, ele dedicava-se mais e mais.

Tempos depois, chegou a gerente, não apenas mais um gerente, mas sim o melhor gerente da empresa. E foi feita uma festa em homenagem ao rapaz.

Na festa, alguém que não sabia do parentesco entre o ainda faxineiro e o então gerente, aproximou-se daquele e disse:

– Formidável este gerente!

– É... e ele é meu irmão. - disse o faxineiro.

– Seu irmão? - exclamou, incrédulo, o interlocutor. E ele é gerente e você faxineiro?

– É. Na vida ele teve sorte! - concluiu o faxineiro.

“O competidor vitorioso não surge por acaso. A competição exige talento, esforço e teimosia. Muita teimosia.”

Alberto Santos Dumont

MUNDO VIRTUAL

Entrei apressado e com fome no restaurante. Escolhi uma mesa bem afastada do movimento, pois, queria aproveitar aqueles poucos minutos que eu dispunha naquele dia atribulado, para comer e consertar alguns problemas de programação de um sistema que estava desenvolvendo, além de planejar minha viagem de férias que a tempos não sei o que são.

Pedi uma salada e um suco de laranja, afinal de contas, fome é fome, mas, regime é regime. Abri meu laptop e levei um susto com aquela voz baixinha atrás de mim.

- Tio, dá um trocado?
- Não tenho, menino.
- Só uma moedinha para comprar um pão.
- Está bem, compro um para você.

Para variar, minha caixa de entrada estava lotada de e-mails. Fico distraído vendo as poesias, as formatações lindas, dando risadas com as piadas malucas.

- Tio, pede para colocar margarina e queijo também.
- Percebo que o menino tinha ficado ali.

– Ok. Vou pedir, mas, depois me deixa trabalhar, pois estou muito ocupado, tudo bem?

Chega minha refeição e junto com ela meu constrangimento. Faço o pedido do menino, e o garçom me pergunta se quero que mande o garoto ir “a luta”.

Meus resquícios de consciência, me impedem de dizer. Digo que está tudo bem. Deixe-o ficar. Que traga não o pão, mas, uma refeição decente para ele.

Então, ele sentou à minha frente e me perguntou:

- Tio, o que você tá fazendo?
- Estou lendo uns e-mails.
- O que são e-mails?
- São mensagens eletrônicas mandadas por pessoas via Internet.

Sabia que ele não ia entender nada, mas, a título de livrar-me de maiores questionamentos disse:

- É como se fosse uma carta, só que vem pela Internet.
- Tio, você tem Internet?
- Tenho sim, essencial ao mundo de hoje.

– O que é Internet?

– É um local no computador, onde nós podemos ver e ouvir muitas coisas, notícias, filmes, músicas, conhecer pessoas, ler, escrever, sonhar, trabalhar, aprender. Tem de tudo no mundo virtual.

– E o que é virtual?

Resolvo dar uma explicação simplificada, novamente na certeza que ele pouco vai entender, mas vai me liberar para eu comer minha refeição, sem culpas.

– Virtual é um local que imaginamos, algo que não podemos pegar, tocar. É lá que criamos muitas coisas que gostaríamos de fazer. Criamos nossas fantasias, transformamos o mundo em algo, como queríamos que ele fosse.

– Legal isso. Adoro!

– Mocinho, você entendeu o que é virtual?

– Sim, também vivo neste mundo virtual.

– Você tem computador?

– Não, mas meu mundo também é desse jeito... virtual.

Minha mãe trabalha, fica o dia todo fora, só chega muito tarde e quase não a vejo, eu fico cuidando do meu irmãozinho, que vive chorando de fome e eu dou água para ele pensar que é sopa, minha irmã mais velha sai todo dia, diz que vai vender o corpo, mas não entendo, pois, ela sempre volta com o corpo, meu pai está na cadeia há muito tempo, mas, sempre imagino nossa família reunida em casa, muita comida, muitos brinquedos, dia de Natal e eu indo ao colégio para virar médico um dia.

– Isso é virtual não é tio?

Fechei meu laptop, não antes que lágrimas caíssem sobre o teclado. Esperei que aquele menino terminasse de literalmente “devorar” o prato dele, paguei a conta e o troco dei para o garoto, que me retribuiu com um dos mais belos e sinceros sorrisos que já recebi na vida e com um “brigado tio você é legal!”.

Ali, naquele instante, tive a maior prova do virtualismo insensato em que vivemos, todos os dias, enquanto a realidade dura e cruel nos rodeia de verdade e fazemos de conta que não percebemos!

“Miséria é o maior crime moral que se pode cometer.”

Betinho

NÃO ACREDITO EM BARBEIROS

Um homem foi ao barbeiro e enquanto tinha seus cabelos cortados, conversava com ele. Falava da vida e de Deus. Pouco depois, o barbeiro incrédulo não agüentou e falou:

– Deixa disso, meu caro, Deus não existe!

– Por quê?

– Ora, se Deus realmente existisse, não haveria tantos miseráveis, passando fome! Olhe em volta e veja quanta tristeza. É só andar pelas ruas e enxergar!

– Bem, esta é a sua maneira de pensar, não é?

– Sim, claro!

O freguês pagou o corte de cabelo e estava saindo, quando avistou um maltrapilho imundo, com longos e feios cabelos, barba desgrenhada, suja, abaixo do pescoço. Não agüentou, voltou e interpelou o barbeiro:

– Sabe de uma coisa? Não acredito em barbeiros!

– Como?

– Não acredito. Pois se existissem barbeiros, não haveria pessoas de cabelos e barbas compridas!

– Ora, eles estão assim porque querem. Se desejassem mudar, viriam até mim!

Ao que o homem respondeu:

– Entendeu agora?

“Diante de Deus todos somos igualmente sábios e igualmente tolos.”

Albert Einstein

O ALCE E OS LOBOS

A água do lago estava tão limpa que parecia um espelho.

Todos os animais que foram até o lá beber água viram suas imagens refletidas no lago.

O urso e seu filhote pararam admirados e foram embora.

O alce continuou admirando a sua imagem:

– Mas que bela cabeça eu tenho.

De repente, observando suas pernas, ficou desapontado e disse:

– Nunca tinha reparado em minhas pernas. Como são estranhas e feias! Elas estragam toda a minha beleza!

Enquanto examinava sua imagem refletida no lago, o alce não percebera a aproximação de um bando de lobos que afugentara todos os seus companheiros.

Quando finalmente se deu conta do perigo, o alce correu assustado para dentro do mato. Mas, enquanto corria, seus chifres se embaraçavam nos galhos, deixando-o quase ao alcance dos lobos.

Por fim, o alce conseguiu escapar dos perseguidores, graças às suas pernas, finas e ligeiras.

Ao perceber que já estava a salvo, o alce exclamou aliviado:

– Que grande susto! Os meus chifres são lindos, mas quase me fizeram morrer! Ah, se não fossem as minhas pernas!

“Não devemos valorizar só o que é bonito, sem valorizar o que é útil.”

Jean de La Fontaine

O AMOR DE UMA MÃE NO INFERNO

Foi em dezembro de 1944 que tudo começou. Caminhões chegaram ao campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha, e despejaram cinquenta e quatro crianças. A mais velha tinha catorze anos e havia muitos bebês.

No alojamento das mulheres, Luba Gercak dormia. Ela acordou sua vizinha de beliche e lhe perguntou:

– Está escutando? É choro de criança.

A vizinha de beliche lhe disse que voltasse a dormir. Ela devia estar sonhando.

Todos naquele alojamento conheciam a triste história de Luba. Ainda adolescente, se casara com um marceneiro e tiveram um filho, o pequeno Isaac. Quando veio a guerra, os nazistas lhe arrancaram dos braços o filho de três anos e o jogaram em um caminhão, com outras crianças e idosos. Todos inúteis para o trabalho e, portanto, com destino certo: a câmara de gás. Posteriormente, ela pôde ver um outro caminhão arrastando o corpo, sem vida, do marido.

No primeiro momento, desistira de viver. Depois, a fé lhe visitou a alma e ela percebeu que Deus esperava muito mais dela. Então, passou a ser voluntária nas enfermarias.

Agora, Luba ouvia choro de crianças. Quem seriam?

Abriu a porta do alojamento e viu muitos meninos, meninas, bebês apinhados, em choro, no meio do campo. Separados de seus pais, se encontravam desnutridos e tinham fome e frio.

Luba as trouxe para dentro. E com o intenso protesto das demais ocupantes do infecto alojamento, ela as repreendeu, dizendo:

– Vocês não são mães? Se fossem seus filhos, diriam para que eu os deixasse morrer de frio? Eles são filhos de alguém.

Em verdade, o que todas as suas companheiras temiam era a fúria dos soldados da SS.

Luba agradeceu a Deus por ter lhe enviado aquelas crianças. O seu filho morreria, mas, faria tudo para que aquelas crianças vivessem.

Foi até um oficial da SS no acampamento e lhe contou o que fizera. Pôs sua mão no braço dele e suplicou. Ele se deu conta que ela o tocara, o que era terminantemente proibido, e lhe aplicou um soco em pleno rosto, fazendo-a cair.

Ela se levantou e com o seu lábio sangrando muito falou:

– Sou mãe. Perdi meu filho em Auschwitz. Você tem idade para ser avô. Por que há de querer maltratar crianças e bebês?

– Fique com elas. Foi a resposta seca do oficial.

Mas, ficar com elas não era suficiente. Era necessário alimentá-las. Nos dias que se seguiram, todas as manhãs, ela perambulava pelo depósito, cozinha e padaria, implorando, barganhando e roubando alimentos.

Os meninos ficavam à janela e quando a viam chegar diziam uns aos outros:

– Lá vem irmã Luba. Ela traz comida pra nós!

À noite, ela cantava canções de ninar e as abraçava. Era a mãe que lhes faltava. As crianças, que falavam holandês, não entendiam as palavras de Luba, que era polonesa, mas, compreendiam seu amor.

Em 15 de abril de 1945, os tanques britânicos entraram no campo, vitoriosos e em seis idiomas passaram a rugir os alto-falantes: Estão livres! Livres!

Luba conseguira salvar cinqüenta e duas das cinqüenta e quatro crianças que adotara como filhos do coração.

Em abril de 1995, cinqüenta anos após a libertação, cerca de trinta homens e mulheres se reuniram na sede da prefeitura de Amsterdã para homenagear aquela mulher, que recebera, em nome da rainha Beatriz da Holanda, a medalha de prata por serviços humanitários.

No entanto, ela declarou que sua maior recompensa era estar com aqueles seus filhos que, com o apoio de Deus, conseguira salvar da sombra dos campos da morte.

Por isso tudo, nunca pensemos que somos muito pequenos para lutar pelas grandes causas ou que estamos sós. Quem batalha pela justiça, tem um insuperável aliado que se chama Deus, nosso Pai Maior.

“Como os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los.”

Zilda Arns

O AMOR NO CORAÇÃO

Em uma sala de aula, uma pequena criança perguntou à professora:

– Professora, o que é o amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta que fizera. Ela pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio no recreio e trouxesse o que despertasse nele o sentimento de amor.

As crianças saíram apressadas e, ao voltarem, a professora disse:

– Quero que cada um mostre o que trouxe consigo.

A primeira criança disse:

– Eu trouxe esta flor, não é linda?

A segunda criança falou:

– Eu trouxe esta borboleta colorida, vou colocá-la em minha coleção.

A terceira criança completou:

– Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele caiu do ninho junto com outro irmão. Não é uma gracinha?

E assim, as crianças foram apresentando os seus exemplos.

Terminada a exposição, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta e com vergonha, pois, nada havia trazido.

A professora se dirigiu a ela e perguntou:

– Meu bem, porque você nada trouxe?

E a criança, timidamente, respondeu:

– Desculpe, professora. Vi a flor e senti o seu perfume, pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo. Vi a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído entre as folhas, mas, ao subir na árvore notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto, professora, trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

A professora agradeceu, pois, ela fora a única criança que percebera que só podemos trazer o amor no coração.

“Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.”

Albert Schweitzer

O AMOR REAL

O pequeno garoto, ao ver as fotos antigas de seus avós, se deparou com a imagem de um casal formado por uma linda jovem e um rapaz baixo e com uma corcunda grotesca. Eram seus avós, e ele questionou sua mãe sobre aquela união tão incomum, gerando a seguinte narrativa:

Certo dia, aquele jovem visitou um parceiro comercial e conheceu a sua linda filha. E logo se apaixonou perdidamente por ela. Entretanto, a moça, ao vê-lo, logo o repeliu. Aquela aparência disforme quase a enojou.

Na hora de partir, o rapaz se encheu de coragem e dirigiu-se ao quarto da moça. Desejava ter sua última oportunidade de falar com ela.

A jovem era uma visão de beleza e o rapaz ficou entristecido porque ela se recusava até mesmo a olhar para ele.

Timidamente, ele lhe dirigiu uma pergunta muito especial:

– Você acredita em casamentos arranjados no céu?

Com os olhos pregados no chão, ela respondeu:

– Acredito!

– Também acredito. - afirmou o rapaz. Sabe, acredito que no céu, quando um menino vai se preparar para nascer, Deus lhe anuncia a menina com quem vai se casar. Pois quando eu me preparava para nascer, Deus me mostrou minha futura noiva. Ela era muito bonita e o bom Deus me disse:

– Sua mulher será bela, contudo terá uma corcova.

Imediatamente, eu supliquei:

– Senhor, uma mulher com uma corcova será uma tragédia. Por favor, permita que eu seja encurvado e que ela seja perfeita.

A jovem, emocionada, olhou nos olhos do rapaz. Aquela era a mais linda declaração de amor que já recebera. Lentamente, estendeu a mão para ele e o acolheu no coração. Casou-se com ele e foi uma esposa devotada.

E concluindo, a mãe diz para o pequeno herdeiro daquele casal:

– O amor verdadeiro tem lentes especiais para ver o outro. Vê, além da aparência física, a essência. E assim, ama o que é real.

“A cada dia, mais me convengo de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.”

Carlos Drummond de Andrade

O ANDARILHO E O OURIVES

Um andarilho, muito cansado e com fome, chega a uma pequena vila e pergunta a um de seus humildes moradores se poderia lhe dar abrigo e algo para comer. O solícito camponês lamenta muito não poder auxiliá-lo e explica que aquela comunidade era formada quase que em sua totalidade por pequenos lavradores, porém, devido às intempéries dos últimos meses, a colheita havia sido perdida por completo e todos os habitantes daquela região passavam por grandes dificuldades.

– Você quer dizer que ninguém nesta vila pode me dar abrigo e um pouco de comida? - perguntou o andarilho amargamente.

– Bem - admitiu o camponês - há um renomado ourives, que mora próximo à saída de nossa vila. Mas trata-se do pior avarento da região. Ele não auxilia ninguém de nossa comunidade nestes dias tão difíceis, o que dirá de um forasteiro como você.

– Apenas me diga onde ele mora - disse o andarilho confiantemente. Sei como lidar com esse tipo.

Em poucos minutos, o andarilho já estava batendo à porta da mansão do rico ourives.

Um empregado veio atendê-lo e antes que pudesse fechar à porta ao observar a figura do andarilho este disse-lhe:

– Vim ver o ourives a negócios.

O empregado levou-o rapidamente à presença de seu patrão.

– Em que posso servi-lo? - perguntou polidamente o ourives.

– Quanto o senhor me daria por um diamante sem falhas, tão grande quanto um ovo?

– Infelizmente, não posso dizer sem vê-lo - retrucou o ourives, num tom de indiferença, embora seus olhos faiscassem de cobiça. Passe o final de semana comigo, descanse um pouco e recupere-se de sua viagem, depois, falaremos de negócios.

– Detesto causar este incômodo ao senhor, mas já que insiste...

Durante todo o sábado, o estranho foi tratado como um rei. O anfitrião cuidou para que o hóspede não deixasse a casa nem por um minuto, com medo que outra pessoa se aproximasse e tivesse acesso às informações da pedra preciosa. Na tarde de domingo, o anfitrião tocou no assunto que havia estado no centro de seus pensamentos.

– Bem, agora vamos ver o diamante.

– Diamante? Mas que diamante? - perguntou o andarilho, com inocência, enquanto se levantava para deixar o local.

– Você disse que tinha um diamante grande como um ovo - disparou o ourives, com uma suspeita que trazia rubor ao seu rosto.

– Caro senhor, eu nunca disse isto! Tudo que eu fiz foi perguntar quanto o senhor ofereceria se eu tivesse um.

*“Se o dinheiro for a sua esperança de independência, você jamais a terá.
A única segurança verdadeira consiste numa reserva de sabedoria,
de experiência e de competência.”*

Henry Ford

O ARROZ E O TABULEIRO DE XADREZ

Muitos séculos atrás, em um reino da Ásia Menor, havia um rei que era muito apreciado pelo seu povo por ser justo e bondoso. No entanto, o rei era muito orgulhoso, um orgulho que muitas vezes beirava a arrogância.

Segundo a lenda, o filho único deste rei morreu na guerra, enquanto comandava o exército de seu reino. O rei ficou inconsolável durante anos, até que seu melhor amigo e sábio da região, ensinou-lhe o jogo de xadrez.

Jogaram muitas vezes, até que, numa partida, o rei foi obrigado a sacrificar uma peça importante para fazer um ataque. Naquele momento, a perda do filho ganhou novo sentido - ela permitiu manter o reino a salvo.

Agradecido pela lição, o rei quis recompensar o sábio, dizendo-lhe:

– Meu nobre amigo, peça o que quiser como recompensa pela sua paciência e nobreza, presenteando-me com tão maravilhosa lição, que paira sobre minha alma como um valioso conforto para minha dor.

O sábio agradeceu e disse ao rei, que bastaria um grão de arroz.

O rei sentiu-se ofendido e com orgulho e arrogância respondeu-lhe:

– Como ousas pedir-me um reles grão de arroz como presente!

Ao notar a situação delicada que se desenrolava e a alteração no semblante e tom de voz do rei, o sábio replicou:

– Amigo, não brigemos. Veja este tabuleiro de xadrez e façamos da seguinte forma: dobre a recompensa para cada casa do tabuleiro (dois grãos na segunda, quatro na terceira, oito na quarta e assim por diante).

O rei aceitou a proposta, no entanto, após uma semana, ele solicitou que o amigo viesse ao seu encontro e em um tom manso e com certa dose de vergonha comunicou que não poderia cumprir com o combinado, pois seus calculistas ao realizarem as multiplicações propostas chegaram ao total de 18.446.744.073.709.551.615 grãos, algo como quatrocentas toneladas de arroz, superior a produção de todos os reinos da região.

O sábio sorriu para o rei e disse-lhe com bondade:

– Meu amigo, eu já sabia que este seria o montante de grãos, por isso pedi apenas um grão de arroz, que com um bom plantio, paciência e muito trabalho, também poderá chegar a ser quatrocentas toneladas de arroz.

“A arte de escutar e aprender é uma luz que dissipa a escuridão da ignorância.”

O BARQUEIRO

Um viajante ia caminhando em solo distante, as margens de um grande lago de águas cristalinas. Seu destino era a outra margem.

Ele suspirava profundamente e fixava seu olhar no horizonte, quando a voz de um homem coberto de idade, um barqueiro, quebrou o silêncio momentâneo, oferecendo-se para transportá-lo.

O pequeno barco envelhecido, no qual a travessia seria realizada, era provido de dois remos de madeira de carvalho.

Logo seus olhos perceberam o que pareciam ser letras em cada remo. Ao colocar os pés empoeirados dentro do barco, o viajante pôde observar que se tratava de duas palavras, num deles estava entalhada a palavra “acreditar” e no outro “agir”.

Não podendo conter a curiosidade, o viajante perguntou as razões daqueles nomes originais dados aos remos.

O barqueiro respondeu pegando aquele seu primeiro remo chamado “acreditar” e remando com toda força, o barco então, começou a dar voltas sem sair do lugar em que estava.

Em seguida, ele pegou o remo “agir” e remou com todo o seu vigor. Novamente o barco girou em sentido oposto, sem ir adiante.

Finalmente, o velho barqueiro, segurando os dois remos, remou com eles simultaneamente e o barco, impulsionado por ambos os lados, navegou através das águas do lago chegando ao seu destino, a outra margem.

Então o barqueiro disse ao viajante:

– Esse porto se chama “auto-confiança”. Simultaneamente é preciso “acreditar” e também “agir” para que possamos alcançá-lo.

*“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas graça das graças é não desistir nunca.”*

Dom Hélder Câmara

O BEIJA-FLOR

Alexandre era um garoto estudioso, no entanto, muito impaciente.

Se ele estivesse fazendo a lição de casa e algo saísse errado, logo se irritava. Jogava longe o caderno, a régua, o lápis e desistia do trabalho.

A atitude preocupava seus pais. Os conselhos eram reprisados todos os dias, sem nenhum efeito.

Uma manhã, ao abrir a janela do seu quarto, Alexandre viu um lindo beija-flor sobrevoando o jardim.

Debruçou-se na janela e ficou observando. O pequenino pássaro, de penas verdes e azuis, batia rapidamente as asas, parava diante de uma flor. Depois descia até o chão, pegava um raminho e subia até o galho de um pinheiro. Tornava a descer e subir, sempre carregando raminhos no bico.

A cena deixou Alexandre extasiado. Chamou o pai, a mãe, o irmão. Todos ficaram longo tempo olhando o trabalho contínuo do beija-flor que logo teve ajuda da sua companheira.

O encantamento era geral.

Naquela noite, houve uma tempestade. Ventos fortes. Chuva.

Pela manhã, o ninho estava no chão. Alexandre ficou olhando triste. Tanto trabalho por nada.

Logo o sol saiu. Os ramos secaram e a natureza tornou a sorrir.

O casal de beija-flores se apresentou no jardim e recomeçou a tarefa. Raminho após raminho foi sendo levado. A construção deste novo ninho demorou alguns dias. Tinha a forma de uma concha bem funda. A fêmea se acomodou e botou dois ovinhos.

Alexandre passou a visitar o ninho. Se a fêmea se afastava, ele ia dar uma espiadela.

Numa bela tarde, que grata surpresa! Os filhotes haviam nascido. Já estavam com os bicos abertos, esperando que a mãe colocasse o alimento.

Nessa hora, o pai de Alexandre aproveitou para falar:

– Você já imaginou, meu filho, se no dia daquela tempestade, quando o ninho caiu, os beija-flores tivessem desistido?

“Nossa maior fraqueza está em desistir. O caminho mais certo de vencer é tentar mais uma vez.”

Thomas Edison

O CÁLICE DAS PÉROLAS

Era uma vez um homem pobre. Um homem muito pobre, que de precioso só tinha um cálice.

Nele, ele bebia a água do riacho que passava próximo à sua casa. Nele, bebia leite, quando o conseguia, em troca de algum trabalho.

Era pobre, mas feliz. Feliz com sua esposa, que o amava. Feliz em sua pequena e humilde casa, que o sol abraçava em todos os dias quentes, tornando-a semelhante a um forno. Feliz com a árvore nos fundos do terreno, onde escapava da canícula.

Saía pelas manhãs em busca de algum trabalho que lhe garantisse o alimento a ele e à esposa, a cada dia.

Assim transcorria a vida, em calma e felicidade. Nas tardes mornas, quando retornava ao lar, era sempre recebido com muita alegria. Era um homem feliz. Trazia o coração em paz, sem maiores vãos de ambição.

Certo dia, lembrando momentos saudosos de sua tenra infância, uma lágrima caiu de seus olhos, dentro do cálice. De imediato, o homem ouviu um pequeno ruído, como de algo sólido, que bateu no fundo daquele recipiente. Olhou e recolheu entre os dedos uma pérola. Sua lágrima se transformara em uma maravilhosa pérola.

Então, o homem pensou que poderia ficar rico se chorasse bastante.

Como não tinha motivos para chorar, começou a criá-los. Precisava se tornar uma pessoa triste, chorosa, para enriquecer.

Com o dinheiro da venda das pérolas pensava em comprar lindas roupas para sua esposa, uma casa mais confortável, propriedades, um carro. E assim foi. Ele começou a buscar motivos para ficar triste e chorar muito.

Agindo desta forma, conseguiu muitas riquezas. Ele poderia tornar a ser feliz. No entanto, desejava mais.

As pequenas coisas da vida que antes lhe ofertavam grandes alegrias, agora, de nada valiam.

Que lhe importava o raio de sol para se aquecer no inverno? Com todo o dinheiro que ganhou com as pérolas, ele mandou colocar calefação interna em toda sua residência.

Por que aguardar os ventos generosos para arrefecer o calor nos dias de verão? Com dinheiro, ele pediu para ser instalado um moderno sistema de ar condicionado em toda a sua casa. E também no carro, e no escritório que adquiriu para gerir os negócios que o dinheiro gerara.

E a tristeza sempre precisava ser maior, do tamanho da ambição que o dominava. Nunca era o bastante. Os afagos da esposa, no final do dia e nos amanheceres de luz deixaram de ser imprescindíveis.

Ele não podia perder tempo. Precisava chorar. Precisava descobrir fórmulas de ficar mais triste e derramar mais lágrimas.

Finalmente, quando o homem se deu conta, estava sem esposa, sem amigos. Só... com seu dinheiro, toda sua imensa fortuna.

Chorando agora, estava tão desolado, que nem mais se importava em despejar o dique das lágrimas no cálice.

A depressão tomara conta dele e nada mais tinha significado.

*“As suas lágrimas não substituem o suor que você deve
verter em benefício da sua própria felicidade.”*

Bezerra de Menezes

O CÃO E A SOMBRA

Um cão, com um pedaço de carne na boca, atravessava uma ponte sobre uma correnteza.

Olhando para baixo, viu a própria sombra dentro d'água. Pensando que o reflexo era outro cão, com um pedaço maior de carne na boca, ele decidiu roubá-lo e, para tanto, abriu as mandíbulas. O seu pedaço de carne caiu na correnteza e lá se foi...

“Quem tudo quer, tudo perde.”

Esopo

O CÃO RAIVOSO

Um certo cachorro costumava atacar sorrateiramente e morder os calcanhares de quem encontrasse pela frente. Seu dono, então, pendurou um sino em seu pescoço, assim ele alertava as pessoas de sua presença onde quer que estivesse.

O cachorro cresceu, orgulhoso e vaidoso do seu sino, e caminhava tilintando-o pela rua.

Um velho cão de caça então lhe disse:

– Por quê você se exhibe tanto? Este sino que carrega não é, acredite, nenhuma honra ao mérito, mas, ao contrário uma marca de desonra, um aviso público para que todas as pessoas o evitem por ser perigoso.

Notoriedade não é fama.

“Nenhum gesto de gentileza, por menor que seja, é perdido.”

Esopo

O CAPITÃO E O MARINHEIRO

Um capitão, ainda jovem, tinha acabado de se formar na escola de oficiais da marinha e estava servindo num grande navio de guerra: a nau capitânia.

Sua frota estava fazendo exercícios num imenso arquipélago, próximo a milhares de ilhas. Eles já estavam chegando no final do dia, o tempo estava péssimo, com névoa densa e a visibilidade muito ruim.

Essa nau capitânia transportava o almirante que estava comandando os exercícios e o oficial que estava servindo no posto de comando. Num certo momento, o vigia contou ao comandante que havia uma luz piscando do lado direito.

O comandante perguntou se aquela luz a direita estava constante ou em movimento. Se estivesse constante, estaria numa rota de colisão com o navio. O vigia confirmou que a luz estava parada e num curso de colisão.

O comandante mandou uma mensagem diretamente para o suposto navio informando que estava num curso de colisão e que seria necessário mudar o curso em vinte graus, imediatamente.

A seguinte mensagem voltou:

– É melhor vocês mudarem seu curso imediatamente.

O capitão pensou que a tripulação do outro navio não sabia quem ele era e transmitiu outra mensagem:

– Eu sou um capitão, favor mudar seu curso em vinte graus.

Voltou outra mensagem:

– Eu sou marinheiro de segunda classe, favor mudar o curso, senhor.

O comandante ficou enfurecido e enviou sua mensagem final:

– Somos a nau capitânia desta frota. Não podemos manobrar tão rápido. Mude seu curso imediatamente em vinte graus. Isto é uma ordem!

Esta foi a mensagem que retornou:

– Senhor, aqui é um farol.

*“Ser humilde com os superiores é uma obrigação, com os colegas
uma cortesia, com os inferiores é uma nobreza.”*

Benjamin Franklin

O CARNEIRINHO PERDIDO

A mãe ovelha amava aquele carneirinho com a mesma intensidade com que todas as mães amam seus filhos.

Era um filhote pequenino, de perninhas finas e com muita pouca lã ainda. Passava toda a noite dormindo, aconchegado no calor da lã de sua mãe. Durante todo o dia, mordiscava a relva, bebia água do riacho e brincava na pradaria.

– Cuide do meu carneirinho - a mãe ovelha tentou dizer ao pastor do rebanho. Ele é muito pequenino e frágil para cuidar de si.

O pastor compreendeu e tratou de observar com extrema atenção aquele carneirinho, embora houvesse mais de cem ovelhas no rebanho.

Tratava-se de um ótimo pastor, ou não teria conseguido cuidar de todos. Todas as manhãs, ele abria o portão do ovil e o rebanho saía. Ele então conduzia os animais a um pasto verde na encosta de um morro e ali passava o dia tomando conta. Havia lobos nas redondezas, à espera de uma chance para pegar os carneirinhos, mas o pastor os mantinha afastados.

Quando o sol começava a descer por trás do morro, o pastor já conduzia o rebanho de volta ao ovil. E antes de fechar o grande portão, sempre contava suas ovelhas para verificar se não faltava alguma.

As tempestades em lugares altos assim são terríveis. Certo dia, houve uma grande tempestade, com vento muito forte, chuva fria e raios no céu. A ovelha mãe ficou muito assustada, sem saber para onde ir e seguiu as outras ovelhas, que quase se esmagavam ao descer correndo a encosta. Mas, o pastor as conduziu com tranquilidade, indicando o caminho de volta com o cajado. Chamava cada uma pelo nome que lhes dera. Ele ia à frente para evitar que a tormenta as espantasse novamente antes de se sentirem mais seguras, pois já se avistava o ovil.

Ao atravessarem o portão, uma por uma, ele as contou. Faltava uma.

Então, o pastor olhou nos olhos suplicantes da mãe ovelha. Ela estava tentando dizer que seu filhote se perdera na tempestade.

Se não fosse um bom pastor, ele poderia pensar que um carneirinho daqueles não seria uma grande perda. Mas, pensou apenas no imenso frio que estaria sentindo o bichinho com tão pouca lã, no meio da tempestade. E lembrou-se de que, além da tormenta, escutara o uivo dos lobos.

Pois, o bom pastor encarou o vento e a chuva, e saiu para encontrar o carneirinho.

Já estava tão escuro que ele mal podia enxergar seus pés. O vento estava muito frio, a chuva encharcava o seu manto e as inúmeras pedras cortavam-lhe os pés. Qualquer outro pastor teria desistido. Mas, o bom pastor via, através da tempestade, os olhos sofridos da mãe do carneirinho, e prosseguiu até encontrá-lo perdido, deitado, com muito medo e com frio, à beira da estrada.

O pastor pegou o carneirinho nos braços. O animalzinho estava com frio demais para voltar andando. Levou-o para casa no colo, com o mesmo cuidado que qualquer mãe tem pelo seu bebê. Ficou imensamente feliz ao chegar ao ovil e poder devolvê-lo à mãe. Convidou todos os seus vizinhos a virem partilhar de sua alegria, pois nenhum carneiro sequer havia se extra-
viado do rebanho.

Os vizinhos estranharam um pouco a alegria exacerbada do pastor.

– Um simples carneirinho entre mais de cem ovelhas - disseram. Que diferença faria este filhote num rebanho tão grande?

O bom pastor sabia. O carneirinho que se perdeu era um dentre os seus, e ele os amava a todos.

*“Lamento a sociedade que não melhora, nem tome em consideração,
as condições dos animais. Sua proteção deveria fazer parte
da moral e da cultura de todos os povos.”*

Alex Cardoso de Melo

O CASTIÇAL

Tagil era um homem pobre. Jardineiro, ganhava a vida no trabalho diário com flores e plantas.

Certo dia, ele se dirigia para casa quando encontrou no caminho um homem prestes a ser assaltado.

De alma nobre e ânimo valente, logo foi em socorro daquele desconhecido. Graças à sua corajosa interferência, os dois ladrões fugiram sem causar maiores danos físicos.

Reconhecido, o quase assaltado resolveu premiar o seu salvador. Por ser um rico mercador e possuir muitas peças de alto valor, tomou de uma caixa amarela de couro lavrado e a deu ao jardineiro.

Tagil foi rápido para casa. Mal podia conter sua curiosidade. O que será que lhe teria dado o rico senhor? Como a caixa pesasse, ele pensou que poderiam ser muitas moedas de prata. Ao abrir a caixa para conhecer as preciosidades que ela devia conter, ficou desiludido.

Era apenas um castiçal. Um castiçal de metal escuro e pesado. Tagil ficou muito aborrecido. Afinal, arriscara sua vida lutando contra os salteadores da estrada e ao final, somente ganhara aquilo.

O que ele faria com um castiçal?

Convencido da simplicidade e inutilidade daquele presente, ele atirou o enigmático castiçal a um canto.

Abandonado, o objeto ficou rolando pela casa.

Toda vez que o jardineiro visualizava o castiçal, mais se amargurava lembrando do episódio.

Descuidadamente, o castiçal caiu no terreiro e ficou ao relento por muitos dias.

De outra feita, serviu de calço para um móvel partido. Até como martelo foi utilizado pelo seu dono.

Como as dificuldades da vida de Tagil se avolumassem, ele precisou sair daquela casa e foi morar em outras paragens. Levou consigo quase tudo que possuía, mas deixou sobre a mesa suja, o castiçal. Afinal, era uma coisa imprestável!

Ora, aconteceu que na casa deixada por Tagil, veio morar um jovem músico. Descobrimo o castiçal em desleixo, teve logo a impressão de que deveria ser uma peça curiosa.

Tirou-lhe todo o pó e livrou-o das manchas que o recobriam. Viu

então, que na base da peça havia várias figuras. Um belo navio, que parecia vencer as ondas e uma bailarina graciosa que dava a impressão de dançar no meio de um lindo jardim.

Virando um pouco mais a peça, descobriu um majestoso templo com torres apontadas para o céu. E, finalmente, um corcel negro a galopar sobre uma montanha de nuvens.

Quanta beleza!

O músico imaginou que aquele castiçal deveria ser uma preciosidade. Tratou de mostrá-lo a várias pessoas, até conseguir que um rico colecionador de peças raras o comprasse, por uma fortuna incalculável.

O que nas mãos de Tagil era uma peça inútil, transformou-se em uma verdadeira preciosidade aos olhos inteligentes e sensíveis do músico.

Assim são muitas as pessoas no mundo que, à semelhança do jardineiro, possuem ao seu lado tesouros incalculáveis, mas cujos olhos não se apercebem do que os rodeia.

*“Para compreendermos o valor da âncora,
necessitamos enfrentar uma tempestade.”*

Alex Cardoso de Melo

O CAVALO DE UM SÁBIO

Um sábio do deserto possuía um cavalo famoso, que certo beduíno de uma tribo próxima, cobiçava. O beduíno ofereceu em troca do cavalo, todos os seus camelos, porém o sábio não aceitou a proposta. Certo dia, o beduíno disfarçou-se, cobrindo o rosto e vestindo-se de farrapos, colocou-se à beira do caminho por onde passaria o sábio montado em seu belo alazão.

Quando viu que o sábio se aproximava, o desonesto beduíno implorou com voz triste e sucumbida:

– Sou um infeliz peregrino! Encontro-me há três dias doente e sem forças para sair deste lugar em busca de alimento. Socorrei-me, ó senhor!

O sábio ofereceu-lhe bondosamente para levá-lo na garupa do cavalo; o beduíno, porém, replicou:

– Não posso levantar-me senhor! Não tenho mais forças!

Comovido diante de tão deplorável miséria, desceu o sábio do cavalo e com dificuldade colocou o falso mendigo sobre a sela de seu belo animal.

No primeiro momento de descuido do sábio, o tratante esporeou o animal e afastou-se dizendo:

– Tenho agora este cavalo em meu poder. Vou levá-lo para a minha tenda quer queiras ou não!

O sábio pediu que parasse um momento, pois solicitaria um favor.

O ladrão, na certeza de que não poderia ser perseguido, deteve-se.

– Apoderaste-te de meu cavalo - disse o sábio - e desejo que te sirva. Peço-te, porém, que não reveles a maneira indigna pela qual o obtiveste.

– E por que não? - indagou o beduíno.

– A razão é simples - explicou o sábio. Pode acontecer que alguém encontrando-se realmente enfermo, se veja forçado a pedir auxílio e o viajante poderá desconfiar do infeliz e negar-lhe assistência. Você será a causa de que muitos se abstenham de praticar a caridade pelo receio da traição.

Envergonhou-se o beduíno ao ouvir aquelas palavras e inspirado pelo arrependimento desceu do cavalo e devolveu-o ao seu legítimo dono. O sábio convidou-o a ir até a sua tenda, onde passaram juntos vários dias, e do caso nasceu, entre eles, sincera amizade que durou toda a vida.

“É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.”

O CAVALO E O FAZENDEIRO

Certo dia, o cavalo de um camponês caiu num poço. Não chegou a se ferir, mas, não podia sair dali por conta própria. Por isso, o animal chorou fortemente durante horas, enquanto o camponês pensava no que fazer.

Finalmente, o camponês tomou uma decisão cruel: concluiu que já que o cavalo estava muito velho e que o poço estava mesmo seco, precisaria ser tapado de alguma forma. Portanto, não valia a pena se esforçar para tirar o cavalo de dentro do poço. Ao contrário, chamou seus vizinhos para ajudá-lo a enterrar vivo o animal.

Cada um deles pegou uma pá e começaram a jogar terra dentro do poço. O cavalo não tardou a se dar conta do que estavam fazendo com ele e chorou desesperadamente.

No entanto, para a surpresa de todos, o cavalo aquietou-se após algumas pás de terra que levou. O camponês finalmente olhou para o fundo do poço e se surpreendeu com o que viu.

A cada pá de terra que caía sobre suas costas o cavalo sacudia, dando um passo sobre esta mesma terra que caía ao chão. Assim, em pouco muito tempo, todos viram como o cavalo conseguiu chegar até a boca do poço, passar por cima da borda e sair dali trotando.

A vida vai te jogar muita terra nas costas. Principalmente se você já estiver dentro de um poço. O segredo para sair do poço é sacudir a terra que se leva nas costas e dar um passo sobre ela.

Cada um de nossos problemas é um degrau que nos conduz para o alto. Podemos sair dos mais profundos buracos se jamais nos dermos por vencidos. Use a terra que te joga para seguir adiante!

“Nunca se abale, pois, até um pé no traseiro, te faz caminhar para a frente.”

Charles Chaplin

O CIRURGIÃO E O MECÂNICO

Em uma oficina renomada daquela grande cidade, um mecânico desmonta o cabeçote de uma moto, quando próximo a ele encontra-se Paulo, um cirurgião cardiologista famoso e dono da moto. Ele está, atentamente, olhando o mecânico trabalhar.

O mecânico para por um minuto o seu trabalho e pergunta:

– Doutor, posso fazer uma pergunta para o senhor?

O cirurgião, um tanto surpreso, concorda e vai até a moto, na qual o mecânico está trabalhando.

O mecânico se levanta e começa:

– Doutor, olhe este motor. Eu abro seu coração, tiro todas válvulas, conserto-as, ponho-as de volta e fecho novamente e, quando eu termino, ele volta a trabalhar como se fosse novo. Por que é, então, que eu ganho tão pouco e o senhor ganha tanto, se o nosso trabalho é praticamente o mesmo?

Paulo dá um sorriso, se inclina e fala baixinho ao mecânico:

– Tente fazer isso com o motor funcionando!

*“Escolha um trabalho que você ame e não terá
que trabalhar um único dia em sua vida.”*

Confúcio

O CONSELHO DOS CAMUNDONGOS

Um dia, os camundongos se reuniram para decidir a melhor maneira de lutar contra o inimigo comum, o gato. Discutiram horas seguidas, sem encontrar um bom plano.

Afinal, um ratinho pediu a palavra e disse:

– Sabemos que o grande perigo é quando o gato se aproxima tão mansamente que não percebemos sua presença. Proponho que se coloque um guizo no pescoço do gato. Graças ao barulho do guizo, saberemos da aproximação, e teremos tempo para fugir.

Todos aplaudiram a idéia brilhante. Mas um ratinho experiente pediu também a palavra e disse:

– A idéia realmente é ótima. Mas quem vai pendurar este guizo no pescoço do gato?

“É mais fácil falar do que fazer.”

Esopo

O CONCERTO DA PAREDE

Conta uma lenda, que uma semana antes do Natal o arcanjo Miguel pediu que seus anjos visitassem a Terra. Desejava saber se estava tudo pronto para a celebração do nascimento de Jesus. Enviou-os em duplas, sempre um anjo mais velho e experiente em companhia de um anjo jovem e aprendiz, de modo que pudesse ter uma opinião mais abrangente e atual do que ocorria na cristandade.

Uma dessas duplas foi designada para o Brasil, e terminou chegando tarde da noite. Como não tinham onde dormir, pediram abrigo numa das grandes mansões que podem ser vistas em alguns bairros nobres da cidade de São Paulo.

O dono da casa, um “quatrocentão” à beira da falência, era católico fervoroso, e logo reconheceu os enviados celestiais, pelas auréolas douradas na cabeça. Mas, como estava ocupado, preparando uma grande festa para celebrar o Natal, e não queria desarrumar a decoração quase terminada, pediu que fossem dormir no porão.

Embora os lindos cartões de Boas Festas sempre tenham ilustrações de neve caindo, a data no Brasil é em pleno verão. No porão para onde os anjos foram enviados fazia um calor terrível e o ar era quase irrespirável. Deitaram-se em um piso sujo e muito duro, mas antes de começarem suas orações, o anjo mais velho notou uma rachadura na parede. Levantou-se, consertou-a usando os seus poderes divinos, e voltou a sua prece noturna. Passaram a noite como se estivessem no inferno, tamanho era o calor.

Dormiram muito mal, mas precisavam cumprir a missão que lhes fora confiada. No dia seguinte, percorreram a grande metrópole. Preencheram relatórios e, quando a noite tornou a cair, começaram a viajar para o interior do país. Mas, confundidos novamente pela diferença de horário, encontraram-se sem lugar para dormir.

Bateram à porta de uma casa humilde, aonde um simpático casal veio atendê-los. Por não conhecerem as gravuras medievais que retratam os mensageiros de Deus, não reconheceram os dois peregrinos, mas “se estavam precisando de um abrigo, a casa era deles”, disseram. Prepararam um jantar, apresentaram o bebê recém nascido e ofereceram o próprio quarto, pedindo desculpas pelo calor, porque eram pobres e não tinham dinheiro para comprar um aparelho de ar condicionado.

Quando acordaram no dia seguinte, encontraram o casal em prantos

e banhado em lágrimas. O único bem que eles tinham, uma vaquinha que dava leite, queijo e o sustento para a família, havia aparecido morta no campo. Despediram-se dos peregrinos, envergonhados porque não podiam preparar um café da manhã, já que não havia mais de onde tirar leite.

Enquanto eles andavam pela estrada de terra, o anjo mais jovem demonstrava toda a sua revolta:

– Não posso entender sua maneira de agir! O primeiro homem tinha tudo o que precisava, e ainda assim você o ajudou. Quanto a este pobre casal, que nos recebeu tão bem, você não fez nada para aliviar o sofrimento deles!

– Muitas vezes, as coisas não são o que parecem - disse o anjo mais velho. Quando estávamos naquele porão horrível, notei que havia muito ouro armazenado na parede da mansão, deixado ali por um proprietário antigo que não tinha herdeiros. A rachadura estava expondo parte daquele tesouro e resolvi escondê-lo novamente, porque o dono da casa não sabia ajudar quem precisava.

– Ontem, enquanto dormíamos na cama que o casal nos oferecera, notei que um terceiro convidado havia chegado: era o anjo da morte. Fora enviado para levar a pequena criança, mas como eu o conheço há muitos anos, convenci-o a tirar a vida da vaca, em seu lugar.

E o anjo mais velho finalizou, dizendo:

– Lembre-se do dia que está prestes a ser comemorado: ninguém quis receber Maria, exceto os pastores. E por causa disso eles foram os primeiros a verem o Menino Jesus.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.”

Érico Veríssimo

O CORVO E O VASO

O corvo estava morrendo de sede. Viu um vaso que tinha tão pouca água que o bico não alcançava. Tentou derrubar o vaso com as asas, mas era muito pesado. Tentou quebrar com o bico e as garras, mas era muito duro.

O corvo, com medo de morrer de sede tão perto da água, teve uma idéia brilhante. Pegou algumas pedrinhas e foi jogando dentro do vaso. A água subiu e ele pode beber.

“No fim tudo dá certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim.”

Fernando Sabino

O CULTIVADOR

Havia um homem que cultivava a terra, a plantar um trigal. Vivia debruçado sobre a enxada, do amanhecer ao pôr do sol.

Então, juntava-se à família para gozar as delícias do aconchego familiar da esposa e dos filhos.

Não importava o tempo que fizesse: sol, chuva, vento, frio ou calor, lá estava o homem a amainar a terra, libertá-la das ervas daninhas, providenciar o adubo, colocar a semente na intimidade da cova, providenciar a água e tratá-la com muito carinho.

Aquela atividade contínua despertou o interesse de um viajante que por ali transitava com regularidade. E, certo dia, o viajante se aproximou do cultivador e lhe perguntou:

– Bom homem, vejo que estás cansado e no seu limite. Por que não descansas dessa lida tão rude?

Sem se deter, o agricultor respondeu:

– Não posso. Amo a terra. Amo meu trabalho. E por estar velho e cansado devo andar ainda mais depressa. Tenho menos tempo a dispor e muitas tarefas a fazer.

O viajante alongou a vista pelo imenso trigal, que balançava ao vento como mar de ouro líquido e comentou:

– A terra recompensa o teu amor. O trigal está maravilhoso e será produtiva a colheita.

– Mas não sou eu quem colhe, respondeu o agricultor. Eu apenas planto. Minha mulher e meus filhos é que fazem a colheita da generosidade do solo.

O viajante despediu-se e seguiu o seu caminho. Necessitando fazer uma grande viagem, ausentou-se por vários meses.

Retornando, ao passar pela mesma estrada, encontrou o homem às voltas com sua lavoura. Era uma tarde fria, sem sol. A natureza toda parecia chorar, desanimada.

O viajante se aproximou do trabalhador incansável e observou que sulcos profundos lhe vincavam a face. Estava mais cansado, envelhecido e triste. Vestia-se de luto.

– Perdeste algum ente querido? - perguntou.

O cultivador, com voz arrastada, respondeu:

– Perdi, senhor. Toda minha família, em poucas semanas, um a um

se foram, devorados por febre maligna. Fiquei sozinho.

O viajante se comoveu com tanta dor. Entretanto, por observá-lo ainda a trabalhar, sem descanso, na terra, ousou indagar:

– Se toda a sua família morreu, por que você continua nesta tarefa cansativa? Já não tens mais quem colha os frutos. Semeias o trigo, mas nem tua mulher, nem teus filhos irão colher as espigas maduras.

– Ah, meu senhor, respondeu o outro, parando por um instante seu trabalho. Isto não me preocupa. Prosseguirei plantando. Quem necessite, virá colher o trigo farto. E são tantos os que têm necessidades.

Surpreso pelo desprendimento do camponês, o viajante concluiu:

– Tens razão, bom homem. Quisera Deus que muitos fossem como tu, a plantar sem esperar a colheita.

“A ambição universal dos homens é viver colhendo o que nunca plantaram.”

Adam Smith

O DESAFIO DOS TRÊS LEÕES

Numa determinada floresta havia três leões.

Certo dia, o macaco, representante eleito dos animais súditos, fez uma reunião com toda a bicharada da floresta e disse:

– Nós, os animais, sabemos que o leão é nosso rei, mas há uma dúvida no ar: existem três leões fortes. Ora, a qual deles nós devemos prestar homenagem? Quem, dentre eles, deverá ser o nosso verdadeiro rei?

Os três leões souberam da reunião e comentaram entre si:

– É verdade, a preocupação da bicharada faz todo o sentido, uma floresta não pode ter três reis. Precisamos saber qual de nós será escolhido. Mas como descobrir?

Essa era a grande questão. Lutar entre si eles não queriam, pois eram muito amigos. O impasse estava formado.

De novo, todos os animais se reuniram para discutir uma solução para o caso. Depois de muito pensarem, eles tiveram uma idéia excelente.

O macaco se encontrou com os três felinos e contou o que os animais reunidos decidiram:

– Bem, senhores leões, encontramos uma solução desafiadora para o problema. A solução está na Montanha Difícil.

– Montanha Difícil? Como assim?

– É simples, ponderou o macaco. Decidimos que vocês três deverão escalar a Montanha Difícil. Aquele que atingir o seu pico primeiro será consagrado o rei dos reis.

A Montanha Difícil era a mais alta entre todas naquela floresta.

O desafio foi aceito.

No dia combinado, milhares de animais cercaram a montanha para assistir a grande escalada.

O primeiro tentou. Não conseguiu. Foi derrotado.

O segundo tentou. Não conseguiu. Foi derrotado.

O terceiro tentou. Não conseguiu. Foi derrotado.

Os animais estavam curiosos e impacientes, afinal, qual deles seria o rei, uma vez que os três foram derrotados?

Foi nesse momento que uma águia, idosa na idade e grande em sabedoria, pediu a palavra:

– Eu sei quem deve ser o rei!

Todos os animais fizeram um silêncio de grande expectativa.

- A senhora sabe, mas como? Todos gritaram para a águia.
- É simples - confessou a sábia águia. Eu estava voando entre eles, bem de perto e, quando eles voltaram fracassados para o vale, eu escutei o que cada um deles disse para a montanha.
- O primeiro leão disse: Montanha, você me venceu!
- O segundo leão disse: Montanha, você me venceu!
- O terceiro leão também disse: Montanha, você me venceu por enquanto! Mas você, montanha, já atingiu seu tamanho final, enquanto eu ainda estou crescendo.
- A diferença, completou a águia, é que o terceiro leão teve a atitude de um vencedor diante da derrota, e quem pensa assim é maior que seu problema, é rei de si mesmo e está preparado para ser rei dos outros.
- Os animais da floresta aplaudiram entusiasticamente ao terceiro leão, que foi coroado rei entre os reis.

“Há muitas pessoas vivendo numa prisão imaginária, são os prisioneiros de suas próprias mentes, ali jogados pelas limitações impostas a si mesmas, aceitando a pobreza e a derrota.”

Andrew Carnegie

O DEUS DE ALBERT EINSTEIN

Albert Einstein, certa vez, em Nova York, em num diálogo com um rabino, foi indagado se acreditava em Deus. E respondeu:

– Tenho a origem judaica arraigada em meu interior. Acredito no Deus de Spinoza, que revela a harmonia em tudo o que existe. Não acredito, porém, que Deus se preocupe pela sorte das ações dos homens.

Por causa desta declaração, muitas polêmicas foram geradas entre Einstein, físicos e religiosos. Muitos se manifestaram, dizendo que a Teoria da Relatividade deveria ser revista. Diziam que por trás da controvérsia daquele físico, estava o terrível fantasma do ateísmo. Que ele disseminava dúvidas com relação à presença de Deus e sobre a criação do Universo.

A resposta do genial físico foi serena e comovente. Disse ele:

– Minha religião consiste na admiração pela humildade dos espíritos superiores, pois esses não se apegam aos detalhes, ante os nossos espíritos incertos. Por esse motivo racional, diante da superioridade desse Universo, é que localizo e faço a idéia de Deus. Não sou ateu. Quem quer deduzir isso das minhas teorias científicas, não fez por entendê-las. Creio pessoalmente em Deus e nunca em minha vida cedi à ideologia ateia. Não há oposição entre ciência e religião. O que existe são cientistas com idéias que não evoluíram com o passar do tempo. Vejo na experiência cósmica uma religião nobre, uma fonte científica para profundas pesquisas. Busco entender cada estrela contida nesse imenso Universo, que não é material. Quem assim não procede, sentindo a sensação de querer levitar no infinito, realmente não sabe viver, porque está morto, diante de tanta beleza divina. Há muitas formas de o ser humano crer em Deus. Há, para muitos, o Deus jurídico, legislador, agente policial da moralidade, que, através do medo, estabelece essa distância da verdadeira crença. Deus está em todas as minhas teorias e invenções. Ele está presente em tudo e creio que em todos, até nas formas mais primitivas. Essa é a minha religião e o Deus em que creio.

“Saber que existe algo insondável, sentir a presença de algo profundamente racional, radiantemente belo, algo que compreendemos apenas em forma rudimentar – é esta a experiência que constitui a atitude genuinamente religiosa. Neste sentido, e neste sentido somente, eu pertencço aos homens profundamente religiosos.”

Albert Einstein

O DISCÍPULO HONESTO

Certa vez, um sábio rabino de uma grande comunidade, resolveu testar a honestidade de seus discípulos e convocou-os para uma reunião em que lhes foi feita uma pergunta:

– O que vocês fariam se encontrassem pelo caminho uma carteira cheia de dinheiro?

Um dos discípulos respondeu:

– Devolveria para o dono.

O rabino pensou: “A resposta veio tão rapidamente que eu devo considerar se foi realmente sincera.”

O outro falou:

– Ficaria com o dinheiro se ninguém tivesse me visto.

O rabino disse consigo mesmo: “A língua é sincera, mas o coração é perverso.”

E um terceiro foi dizendo:

– Bem, rabino, para ser honesto, ficaria tentado a guardar o dinheiro para mim. Portanto, pediria a Deus que me desse forças para resistir à tentação e agir corretamente.

E o rabino concluiu: “Ai está. Eis o homem em quem eu confiaria.”

“Construímos muros demais e pontes de menos.”

Isaac Newton

O DOMADOR DE ELEFANTES

Em meados do século XVII, um príncipe indiano anunciou na região que precisava, com certa urgência, de um domador de elefantes. Dito isso, apresentou-se um homem, ainda jovem, e que se dizia perito nesse perigoso ofício.

– Conheço, ó rei! - declarou o domador - três maneiras seguras por meio das quais será fácil domesticar um elefante. A primeira é pelas argolas de prata...

– Está bem - interrompeu secamente o monarca - aceito a tua oferta. Poderás amanhã, iniciar o trabalho. O elefante bravio, de minha predileção, será trazido para o pátio. Terás no fim uma boa recompensa.

Momentos depois, ao deixar o palácio, o vaidoso domador passou ao lado de um grupo de servos e um destes proferiu um gracejo qualquer. Não se conteve o domador e, em um ataque de cólera, avançou impetuoso contra o jovem e o feriu gravemente.

Preso pelos guardas, foi o agressor conduzido a presença do príncipe.

– O que foi isso meu amigo? - interpelou, muito sério o monarca. O que se passou afinal?

– Senhor - respondeu o domador, com tremores na voz. Não poderei ocultar a verdade. Ao sair deste palácio, depois da audiência, cruzei, com um grupo de servos. Um destes dirigiu-me uma provocação. Eu não me contive. Avancei contra o rapaz e castiguei-o com extrema violência. Foi tudo, confesso, obra irrefletida do impulso de um momento.

Ponderou, então, o príncipe, serenamente, com intencional frieza:

– Como pretendes domesticar um elefante imenso e bravio, se não és capaz de conter a fera odienta que vive dentro de ti? Aprende primeiro, meu amigo, a dominar os teus impulsos, o teu gênio e a tua cólera.

E, numa decisão irrevogável, concluiu:

– Retira-te daqui! Não mais me interessa tua colaboração. Educa-te primeiro, para que possas, depois, educar.

“Cada fracasso ensina ao homem algo que ele precisava aprender.”

Charles Dickens

O ELEFANTE E A CORDA

Há mais de cem anos, os treinadores de circo utilizam um método para que os elefantes jamais se rebelem.

Ainda criança, o bebê elefante é amarrado, com uma corda muito grossa, a uma estaca firmemente cravada no chão. Ele tenta saltar-se várias vezes, mas não tem forças suficientes para tal proeza.

Depois de um ano, tanto a estaca como a corda, ainda são suficientes para manter o pequeno elefante preso; ele continua tentando se soltar, sem conseguir. Então, o animal passa a entender que a corda sempre será mais forte do que ele, e desiste de suas iniciativas.

Quando chega à idade adulta, o elefante ainda se lembra que, por muito tempo, gastou energia à toa tentando sair do seu cativeiro. A essa altura, o treinador pode amarrá-lo com um pequeno fio, junto a um cabo de vassoura, que ele não tentará mais buscar a liberdade.

“Os anos enrugam a pele, mas renunciar ao entusiasmo faz enrugam a alma.”

Albert Schweitzer

O ELOGIO AO PEQUENO ESCRITOR

A vida do século XIX não era nada fácil para aquele jovem rapaz londrino. Enquanto seu pai definhava na cadeia, dores excruciantes de fome corroíam o seu estômago. Para alimentar-se, o garoto aceitou um emprego colocando rótulos em garrafas de graxa em um lúgubre armazém infestado de ratos. Dormia em um quartinho desolador no sótão com outros rapazes, enquanto sonhava secretamente tornar-se escritor. Tendo estudado apenas por quatro anos, possuía pouca segurança em suas habilidades. A fim de evitar os risos zombeteiros que esperava, escapou furtivamente no meio da noite para enviar seu primeiro manuscrito.

Uma história depois da outra era recusada até que, finalmente, uma foi aceita. Não lhe pagaram por ela, mas, ainda assim, um famoso editor elogiou seu trabalho.

O reconhecimento que recebeu com a publicação daquela história mudou sua trajetória. Se não fosse pelo encorajamento daquele editor, ele poderia ter passado toda a sua vida trabalhando em uma fábrica infestada de ratos.

Você já deve ter ouvido falar nesse persistente garoto, cujos livros causaram tantas mudanças no tratamento dado às crianças e aos pobres em todo o mundo: seu nome era Charles Dickens.

*“Se alguém me ofender, procurarei elevar tão alto a minha alma,
de forma que a ofensa não consiga me alcançar.”*

Charles Dickens

O ESTÍMULO MAIS VALIOSO

Conta-se que uma família do Leste Europeu foi forçada a sair de sua casa, quando inimigos invadiram a localidade onde viviam.

Para fugir aos horrores da guerra, perceberam que sua única chance seria atravessar a cadeia de montanhas que circundavam a cidade. Se conseguissem ter êxito na escalada, alcançariam o país vizinho e estariam a salvo.

A família compunha-se de dez pessoas, de diversas idades. Todas elas reuniram-se e planejaram os detalhes: a saída de casa, por onde tentariam a difícil travessia. O problema era o avô. Com muitos anos aos ombros, ele não estava muito bem. A viagem seria dura.

– Deixem-me aqui - falou ele. Serei um empecilho para o êxito de vocês. Somente atrapalharei. Afinal, os soldados não irão se importar com um homem velho como eu.

Entretanto, os filhos insistiram para que ele fosse. Chegaram até a afirmar que se ele não fosse, eles também ali permaneceriam.

Vencido pelas argumentações, o idoso cedeu.

A família partiu em direção à cadeia de montanhas. A caminhada era feita em silêncio. Todo esforço desnecessário deveria ser poupado.

Como entre eles havia uma menina de apenas um ano, combinaram que, a fim de que ninguém ficasse exausto, ela seria carregada por todos os componentes da família, em sistema de revezamento. Depois de inúmeras horas de subida difícil, o avô se sentou em uma rocha. Deixou pender a cabeça e quase em desespero, suplicou:

– Deixem-me para trás. Não vou conseguir. Continuem sozinhos.

– De forma alguma o deixaremos. O senhor tem de conseguir. Vai conseguir. Falou com entusiasmo o filho.

– Não - insistiu o avô. Deixem-me aqui.

O filho não se deu por vencido. Aproximou-se do amado pai e energeticamente lhe disse:

– Vamos, pai. Precisamos muito do senhor. Além disso, esta é a sua vez de carregar o bebê.

O homem levantou o rosto. Viu as fisionomias cansadas de todos. Olhou para o bebê enrolado em um cobertor, no colo do seu neto de treze anos. O garoto era muito magrinho e parecia estar realizando um esforço sobre-humano para segurar o pesado fardo.

O avô se levantou.

– Claro - falou. É a minha vez. Passem-me o bebê.

Ele ajeitou a menina no colo. Olhou para o seu rostinho inocente e sentiu uma força renovada. Um enorme desejo de ver sua família a salvo, numa terra neutra, em que a guerra seria somente uma memória distante tomou conta dele.

– Vamos - disse, com determinação. Já estou melhor. Só precisava descansar um pouco. Vamos andando.

O grupo prosseguiu, com o avô carregando sua netinha. Naquela noite, a família conseguiu cruzar a fronteira a salvo.

Todos os que iniciaram o longo e cansativo percurso pelas montanhas conseguiram terminá-lo. Inclusive o avô.

“Todos os seres vivos tremem diante da violência. Todos temem a morte, todos amam a vida. Projete você mesmo em todas as criaturas. Então, a quem você poderá ferir? Que mal você poderá fazer a alguém?”

Buda

O ESTRANHO HOMEM TATUADO

Ele era assustador. Sentado na grama com seu cartaz de papelão, seu cão (que era adorável) e tatuagens nos braços e pescoço. O cartaz anunciava que estava cansado e com fome e pedia ajuda.

Eu me sinto compelida a ajudar qualquer um que necessite.

Meu marido, ao mesmo tempo, adora e odeia esta “qualidade”.

Isto, freqüentemente, o faz nervoso, e eu sabia que se ele me visse naquele momento, ficaria nervoso. Mas, ele não estava comigo.

Eu arranquei vagarosamente com meu carro e através do retrovisor, contemplei aquele homem estranho, com tatuagem e tudo. Talvez, com pouco mais de quarenta anos.

Usava uma daquelas bandanas amarrada sobre a cabeça, dando-lhe a aparência de um pirata.

Qualquer um poderia ver que ele estava muito sujo, quase um maltrapilho, e tinha a barba por fazer.

Mas, se você olhasse um pouco mais de perto, veria que todas as suas coisas estavam bem organizadas em um pequeno pacote. No entanto, ninguém parava para auxiliá-lo.

Eu via que alguns motoristas davam uma rápida olhada e já prestavam atenção em outra coisa, qualquer outra coisa.

Estava muito quente. Eu podia ver nos olhos daquele homem, como deprimido e cansado se sentia. O suor escorrendo pelo rosto, enquanto eu estava com o ar condicionado ligado.

Eu peguei minha bolsa e tirei uma nota de dez reais.

Francisco, meu filho mais velho, com doze anos, sabia exatamente o que eu estava querendo fazer.

– Posso levar para ele, mãe?

– Sim, mas tenha cuidado. Eu o adverti e lhe entreguei o dinheiro.

Eu prestei atenção, pelo espelho, enquanto meu filho se aproximou do homem, e com um sorriso tímido, lhe entreguei o dinheiro.

Eu vi o homem, assustado, levantar-se lentamente, pegar o dinheiro e guardar no bolso de trás.

– Bem, pensei comigo mesma, pelo menos agora ele poderá comer alguma coisa.

Me senti satisfeita e orgulhosa de mim mesma. Tinha feito uma boa ação e agora eu poderia continuar meu dia.

Quando Francisco voltou ao carro, olhou-me com tristeza, os olhos suplicantes, e disse:

– Mãe, o cachorrinho está com muito calor.

Eu sabia que tinha que fazer mais. E pedi ao Francisco:

– Volte e diga-lhe para ficar por ali, diga que estaremos de volta em quinze minutos.

Francisco saiu do carro e correu até o desconhecido tatuado. Eu pude notar como o homem estava surpreso. Mas concordou.

Corremos até o supermercado mais próximo. Compramos alguma comida; um saco grande de ração e uma vasilha de água para o cachorrinho; duas garrafas de água (uma para o cão, uma para o seu dono) e mais alguns biscoitos para o homem.

Voltamos rapidamente ao ponto onde o deixamos, e lá estava ele, esperando imóvel.

E ninguém mais parava para ele. Com as mãos tremendo, eu agarrei os sacos e sai do carro, todas as minhas quatro crianças seguiram-me, cada uma carregando um “presente”. Enquanto andávamos até ele, eu tive um pequeno receio: e se ele for perigoso?

Quando olhei em seus olhos vi algo que me assustou e me deixou envergonhada por meu julgamento. Eu vi lágrimas. Ele lutava, como um menino, para segurar as lágrimas.

Vendo aquela cena eu pensava: há quanto tempo ninguém mostrava alguma bondade com este homem?

Eu disse a ele que esperava que não estivesse muito pesado para ele carregar e mostrei o que tínhamos trazido.

Ele parecia uma criança no Natal. Quando entreguei a vasilha para água, ele a arrebatou de minhas mãos como se fosse ouro e me disse que não tinha como dar água a seu cão.

Meus olhos encheram-se de lágrimas quando ele disse:

– Madame, eu nem sei o que dizer. Então colocou as mãos sobre a cabeça e começou a chorar.

Este homem tatuado, este homem “assustador”, era tão delicado, tão doce, tão humilde.

Eu sorri, me segurando e disse:

– Simplesmente não diga nada.

Enquanto nos afastávamos, pude percebê-lo ajoelhado, os braços em torno de seu cão, beijando seu focinho e sorrindo.

Eu tenho tanto..., minhas preocupações agora me parecem tão tolas e insignificantes.

Eu tenho um lar maravilhoso, um bom marido, quatro belas e sadias crianças. Eu tenho uma cama confortável. Eu gostaria de saber onde aquele homem dormiria à noite.

Minha filha, Clara, virou-se para mim e disse com a voz muito doce:
– Mãe, estou me sentindo tão bem.

Embora pareça que nós tenhamos o ajudado. O homem com suas tatuagens é que nos deu um presente, do qual jamais me esquecerei. Ele ensinou que não importa a aparência, dentro de cada um de nós existe um ser humano merecedor de bondade, de compaixão e de aceitação.

A cada noite eu oro para o homem com as tatuagens e seu cão. E eu espero que, ao longo de minha vida, Deus envie mais pessoas como ele para me lembrar do que é realmente importante.

*“Aprendemos a voar como pássaros, a nadar como peixes,
mas não aprendemos a conviver como irmãos.”*

Martin Luther King

O EXEMPLO DE MABEL

Mabel Hubbard era uma adorável menina de quatro anos quando teve um violento ataque de escarlatina e, repentinamente, tornou-se apática e calada.

Alguns dias após este evento, a criança reclamou:

– Por que os pássaros não cantam? Por que vocês não falam comigo?

Aquelas perguntas cortaram o coração dos seus pais que, só então, perceberam que a enfermidade deixara sua filha completamente surda. Mas ela tinha uma vantagem sobre as demais crianças que nasciam surdas. Ela sabia falar. Como preservar isso, era o grande desafio para seus pais.

O diretor de uma escola para cegos, em Boston, lhes disse que eles poderiam preservar a fala da filha, desde que a obrigassem a falar sempre, que jamais aceitassem gestos. Que eles a ensinassem através da vibração. Fizessem-na sentir a garganta ao falar, o ronronar do gato, o latido do cão, o piano e a ler o movimento dos lábios.

Assim foi, embora fosse doloroso por vezes não dar à criança o leite que apontava insistente. Não, até ela pedir:

– Quero leite.

Ou então fingirem que não estavam vendo seus gestos desesperados para ir passear, até que ela falasse:

– Quero ir passear. Quero sair.

Quatro anos depois, Mabel estava adaptada em todos os aspectos à vida normal. A professora que ensinava suas irmãs, a ela também o fez. Ela aprendeu a ler, escrever, soletrar.

A outra batalha que seus pais precisaram superar foi com o próprio Legislativo Estadual. Naquela época, as crianças surdas, ao atingirem dez anos de idade, eram simplesmente enviadas para asilos no Estado vizinho.

E o seu pai, advogado, começou a lutar para que se elaborassem leis para a criação de escolas para surdos. A própria Mabel foi levada frente a uma comissão, a fim de provar que crianças surdas tinham capacidade de aprendizado.

Um dos funcionários afirmou que a recuperação da fala pela criança surda custava muito mais do que compensaria ouvi-la falar. Além do que, concluía, mesmo que o surdo dissesse algumas poucas palavras, por maior que fosse o êxito atingido na articulação destas palavras, a sua inteligência continuaria sempre em trevas.

Mabel conseguiu derrubar todas aquelas afirmações, demonstrando os seus conhecimentos de história, geografia, matemática, respondendo às questões que lhe foram formuladas e lendo de forma fluente. Nada jamais intimidou aquela menina. Ela fora criada numa família com muitos parentes. Estava acostumada a viver em meio a muita gente.

Ao lhe perguntarem se era surda, ela olhou com espanto para sua professora e, intrigada, indagou:

– Senhorita, o que é uma criança surda?

Até então, não percebera que era diferente.

Essa criança se tornou mais tarde a esposa de um homem que desde sua meninice vivia às voltas com o som: Alexander Graham Bell.

Tornou-se uma pessoa única e excepcional. Era alegre, espirituosa, imensamente cativante. Durante quase cinquenta anos amparou e inspirou seu brilhante e excêntrico marido, o inventor do telefone.

*“Nunca ande pelo caminho traçado, pois, ele conduz
somente até onde os outros foram.”*

Alexander Graham Bell

O FARMACÊUTICO ATEU

Um farmacêutico, famoso em sua vila, vangloriava-se de seu ateísmo.

Certo dia, uma garotinha adentrou sua farmácia. Ela trazia um semblante preocupado. Estendeu uma receita e pediu que a preparasse.

O farmacêutico, homem sensível, emocionou-se ao ver o sofrimento da criança, que, enquanto ele preparava a fórmula, assim se expressava:

– Prepare logo, moço, o médico disse que minha mãe precisa com urgência dessa medicação.

Com habilidade, ele preparou a fórmula, recebeu seu pagamento e entregou o embrulho para a menina, que saiu apressada, quase a correr.

Retornou o profissional para suas prateleiras, quando se deu conta, estarrecido, que cometera um terrível engano na receita da menina. Em vez de utilizar uma substância medicamentosa, usara a dosagem de violento veneno, capaz de causar a morte a qualquer pessoa. As pernas bambearam. O coração bateu descompassado. Foi até a rua e olhou. Nem sinal da pequena. Onde procurá-la? O que fazer?

De repente, como se fosse tomado de uma força misteriosa, o farmacêutico pôs-se a pedir o auxílio de Deus.

– Deus, se existes, me perdoa. Faze com que aconteça alguma coisa, qualquer coisa para que ninguém beba daquela droga que preparei. Salva-me, Deus, de cometer um assassinato involuntário.

Ainda se encontrava em oração, quando alguém aciona a campainha do balcão. Pálido, preocupado, ele vai atender.

Era a menina das tranças douradas, com os olhos cheios de lágrimas e cacos de vidro na mão, que lhe solicita:

– Moço, pode preparar de novo, por favor? Tropecei, cai e derrubei o vidro. Perdi todo o remédio. Pode fazer de novo, pode?

O farmacêutico se reanima. Prepara nova fórmula e a entrega, dizendo que não custa nada. Ainda deseja votos de saúde para a mãe da garota.

A partir desse dia, o farmacêutico reformulou suas idéias. Decidiu ler a respeito daquilo que não entendia, pois, embora sua descrença, Deus que é Pai de todos, atendeu sua oração e lhe estendeu Sua misericórdia.

“Quando damos um passo em direção de Deus, Ele dá sete passos em nossa direção.”

Alex Cardoso de Melo

O FILHOTE DE CERVO

Certa vez, um jovem cervo conversava com sua mãe:

– Mãe, você é muito maior do que um lobo, é também mais veloz e possui chifres poderosos para se defender, por que então, insiste em temê-los tanto?

A mãe, amargamente, sorriu e disse:

– Tudo que você falou é verdade meu filho, mesmo assim quando eu escuto um simples latido de lobo, me sinto extremamente fraca e só penso em correr o mais que puder.

“Para a maioria das pessoas, é mais cômodo conviver com seus medos e fraquezas, mesmo sabendo que podem superá-los.”

Esopo

O FÓSFORO E A VELA

Certo dia, o fósforo disse para a vela:

– Minha missão é te acender.

– Ah não - disse a vela. Tu não vês que se me acendes, meus dias estarão contados. Não faça uma maldade dessa comigo.

– Então queres permanecer toda a tua vida assim dura, fria, sem nunca ter brilhado, perguntou o fósforo.

– Mas ter que me queimar. Isso dói demais e consome todas as minhas forças, murmurou a vela.

– Tens toda razão - respondeu o fósforo, esse é precisamente o mistério de tua vida. Tu e eu fomos feitos para ser luz. O que eu, como fósforo, posso fazer é pouco, mas, se passo a minha chama para ti, cumprirei com o sentido de minha vida. Eu fui feito justamente para isso: para começar o fogo. Tu és vela. Tua missão é brilhar. Toda tua dor e energia se transformará em luz e calor.

Ouvindo isso a vela olhou para o fósforo, que já se estava apagando e disse:

– Por favor, acende-me.

“O amor não deve ser apenas uma chama: deve ser também uma luz.”

Henry David Thoreau

O FRIO QUE VEM DE DENTRO

Seis homens ficaram bloqueados numa cabana por uma avalanche de neve. Teriam que esperar até o amanhecer, para poderem receber socorro.

Cada um deles trazia um pouco de lenha e havia uma pequena fogueira ao redor da qual, eles se aqueciam.

Se o fogo apagasse, todos aqueles homens morreriam de frio antes que o dia clareasse.

Chegou a hora de cada um colocar sua lenha na fogueira. Era a única maneira de poderem sobreviver.

O primeiro homem era um racista. Ele olhou demoradamente para os outros cinco e descobriu que um deles tinha a pele escura. Então, raciocinou consigo mesmo: Aquele negro! Jamais darei parte da minha lenha para aquecer um negro. E guardou-a protegendo-a dos olhares dos demais.

O segundo homem era um rico avarento. Ele estava ali porque esperava receber os juros de uma dívida. Olhou ao redor e viu no círculo em torno do fogo bruxuleante, a presença de um homem da montanha, que trazia sua pobreza no aspecto rude do semblante e nas roupas muito velhas e remendadas. Ele fez contas do valor da sua lenha e enquanto mentalmente sonhava com o seu lucro, pensou: Eu, dar a minha lenha para aquecer um preguiçoso.

O terceiro homem era o negro. Seus olhos faiscavam de inúmeros ressentimentos e ira. Não havia qualquer sinal de perdão ou mesmo aquela superioridade moral que o sofrimento ensinava. Seu pensamento era muito prático: é bem provável que eu precise desta lenha para me defender. Além disso, eu jamais daria minha lenha para salvar a vida daqueles que me oprimem. E guardou sua lenha com cuidado.

O quarto homem era o pobre da montanha. Ele conhecia mais do que os outros os caminhos, os perigos e os segredos da neve. Ele pensou: esta nevasca pode durar vários dias. Vou guardar minha lenha.

O quinto homem parecia alheio a tudo. Era um alienado. Olhando fixamente para as brasas. Nem lhe passou pela cabeça oferecer da lenha que carregava. Ele estava preocupado demais, com suas próprias visões (ou alucinações?) para pensar em ser útil.

O último homem trazia nos vincos da testa e nas palmas calosas das mãos, os sinais de uma vida de trabalho. Seu raciocínio era curto e rápido. Esta lenha é minha. Custou o meu trabalho. Não darei a ninguém nem

mesmo o menor dos meus gravetos.

Com todos estes pensamentos em mente, aqueles seis homens permaneceram imóveis.

A última brasa da fogueira se cobriu de cinzas e, finalmente, aquela fonte de calor que os aquecia se apagou.

Ao alvorecer do novo dia, quando os homens do socorro chegaram à cabana encontraram seis cadáveres congelados, cada qual segurando um feixe de lenha.

Olhando para aquele triste quadro, o chefe da equipe de socorro lamentou e disse:

– O frio que os matou não foi o frio de fora, mas o frio que vem de dentro.

*“Cada um pensa em mudar a humanidade,
mas ninguém pensa em mudar a si mesmo.”*

Leon Tolstói

O GALO DE BRIGA E A ÁGUIA

Dois grandes galos estavam disputando em uma luta feroz, o direito de comandar o galinheiro de uma chácara.

Por fim, um pôs o outro para correr.

O galo derrotado afastou-se e foi se recolher num lugar sossegado.

O vencedor, do alto de um muro, bateu suas asas e exultante cantou com toda sua força.

Uma águia, que pairava ali perto, lançou-se sobre ele e com um bote certo levou-o preso em suas poderosas garras.

O galo derrotado saiu do seu canto, e, daí em diante reinou absoluto livre de disputa.

“O orgulho e a arrogância é o caminho mais curto para a ruína.”

Esopo

O GALO E A RAPOSA

Empoleirado em um alto galho de árvore, o galo estava de sentinela, vigiando o campo para ver se não havia perigo para as galinhas e pintinhos que ciscavam o solo à procura de minhocas.

A raposa, que passava por ali, logo os viu e imaginou o maravilhoso almoço que teria se comesse um deles. Quando viu o galo de vigia, a astuta raposa logo inventou uma historinha para enganá-lo.

– Amigo galo, pode ficar sossegado. Não precisa cantar para avisar às galinhas e os pintinhos que estou chegando. Eu vim em paz.

O galo, desconfiado, perguntou:

– O que aconteceu? As raposas sempre foram nossas inimigas. Os nossos amigos são os patos, coelhos e cachorros. O que é isso agora?

Mas, a espertalhona continuou:

– Caro amigo, esse tempo já passou! Todos os bichos fizeram as pazes e estão convivendo em harmonia. Não somos mais inimigos. Para eu provar o que digo, desça daí para que possa lhe dar um grande abraço!

O que a raposa queria, na verdade, era impedir que o galo voasse para longe. Se ele descesse até onde ela estava, seria fácil dar-lhe um bote.

Mas o galo não era bobo. Desconfiado das reais intenções da raposa, perguntou:

– Você tem certeza de que os bichos são todos amigos agora? Isso quer dizer que você não tem mais medo dos cães de caça?

– Claro que não! - confirmou a raposa.

Então o galo disse:

– Ainda bem! Porque daqui de cima estou avistando um bando de cães de caça, que vem correndo para cá. Mas, como você disse, não há perigo algum, não é mesmo?

– O quê?! - gritou a raposa, apavorada.

– São os seus amigos! Não precisa fugir, cara raposa. Os cães estão vindo para lhe dar um grande abraço, como esse que você quer me dar.

Mas a raposa, tremendo de medo, fugiu em disparada, antes que os cães chegassem.

“Muitas vezes, quem quer enganar acaba sendo enganado.”

Jean de La Fontaine

O GAROTO E A FLOR

O estacionamento estava deserto quando sentei para ler embaixo dos longos ramos de um velho carvalho. Desiludido da vida, com boas razões para chorar, pois o mundo estava tentando me afundar. E se já não fosse razão suficiente para arruinar o dia, um garoto ofegante se aproximou.

Ele parou na minha frente, cabeça pendente, e disse cheio de alegria:
– Veja o que encontrei!

Na sua mão uma flor, e que triste visão, pétalas caídas, amassadas.

Querendo me ver livre do garoto, fingi pálido sorriso e me virei.

Mas, ao invés de recuar, ele se sentou ao meu lado, levou a flor ao nariz e declarou com estranha surpresa:

– O cheiro é ótimo, e é bonita também, por isso a peguei para você.

A flor à minha frente estava morta, nada de cores vibrantes como vermelho, mas, eu sabia que tinha que pegá-la, ou ele jamais sairia de lá.

Então me estendi para pegá-la e respondi:

– O que eu precisava.

Mas, ao invés de colocá-la na minha mão, ele a segurou no ar sem qualquer razão. Nessa hora notei, pela primeira vez, que o garoto era cego, que não podia ver o que tinha nas mãos.

Ouvi minha voz sumir, lágrimas despontaram ao sol enquanto lhe agradecia por escolher a melhor flor daquele jardim.

– Por nada, ele sorriu.

E então voltou a brincar sem perceber o impacto que teve em meu dia. Me sentei, e pus-me a pensar como ele conseguiu enxergar um homem auto piedoso sob um velho carvalho.

Como ele podia saber do meu sofrimento auto indulgente? Talvez, ele tenha sido abençoado com a verdadeira visão. Através dos olhos de uma criança cega, finalmente entendi que o problema não é o mundo, e sim eu.

E por todos os momentos em que eu mesmo fui cego, agradei por ver a beleza da vida e apreciei cada segundo. Então, levei aquela flor ao nariz e senti a fragrância de uma rosa, e sorri quando vi o garoto cego, com outra flor em mãos, prestes a mudar a vida de um triste senhor de idade.

“Se meus olhos não me deixaram aprender, tive de encontrar outra forma.”

O GENTIL PROFETA

Desde sua infância, o pequeno José Datrino já era possuidor de um comportamento atípico. Por volta dos treze anos de idade, passou a ter premonições sobre sua missão na Terra, na qual acreditava que um dia, depois de constituir família e obter independência financeira, deixaria tudo em prol de sua missão. Este comportamento causou preocupação em seus pais, que chegaram a suspeitar que o filho sofresse de algum tipo de loucura.

Como todo profeta, sentiu um chamado divino que veio através de um acontecimento de grande densidade trágica: o incêndio do circo norte-americano na cidade de Niterói, no dia 17 de dezembro de 1961, no qual foram mortas cerca de quinhentas pessoas, em sua grande maioria crianças. Na época, ele já era um empresário de transporte de cargas bem sucedido em Guadalupe, Estado do Rio de Janeiro, e sentiu-se capaz de ser o consolador das famílias daquelas vítimas. Deixou tudo para trás e tomou um de seus caminhões, colocando sobre ele, duas pipas de cem litros de vinho e junto às barcas em Niterói distribuía o vinho em copos de plástico dizendo: “quem quiser tomar vinho não precisa pagar nada, é só pedir por gentileza, é só dizer agradecido”. Devido a este questionamento, José Datrino, passou a ser chamado de José Agradecido ou Profeta Gentileza.

Ele também interpretou a queima do circo como uma metáfora da queima do mundo, assim como é organizado, que vende tudo, destrói tudo, destruindo a própria humanidade. Segundo ele, devíamos construir outro mundo a partir da gentileza, o que ele fez em miniatura, transformando o local da tragédia num belo jardim, chamado “Paraíso Gentileza”. Aquela foi sua morada por mais de quatro anos, onde foi consolador voluntário, confortando os familiares das vítimas da tragédia - principalmente pais que perderam seus filhos no incêndio - com suas palavras de bondade.

Ensinava com insistência: em lugar de “muito obrigado” devemos dizer “agradecido” e ao invés de “por favor” devemos usar “por gentileza”, porque ninguém é obrigado a nada e devemos ser gentis uns para com os outros e relacionarmo-nos por amor e não por favor.

Após deixar o local que foi denominado “Paraíso Gentileza”, começou a sua jornada como personagem andarilho. Era visto em ruas, praças, nas barcas da travessia entre as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, em trens e ônibus, fazendo sua pregação e levando palavras de amor, bondade e respeito ao próximo e pela natureza a todos que cruzassem seu caminho.

Aos que o chamavam de louco, ele respondia: “sou maluco para te amar e louco para te salvar”.

A partir de 1980, preencheu todas as cinquenta e cinco pilastras do viaduto do Caju, na cidade do Rio de Janeiro, com inscrições em verde e amarelo propondo sua crítica do mundo e sua alternativa ao mal-estar de nossa civilização. Não era louco como parecia, mas um profeta da têmpera dos profetas bíblicos como Amós ou Oséias e que pregou o amor e a gentileza por mais de trinta anos, como andarilho pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Este homem extremamente simples, propunha com muita sabedoria a gentileza como irradiação do cuidado e da ternura essencial, para combater todas as mazelas do mundo moderno.

“Gentileza gera gentileza.”

Profeta Gentileza

O HOMEM RICO

Um homem muito rico resolveu viajar. Então, pegou seu iate e saiu pelo mundo. Certo dia, chegou a uma ilha maravilhosa, cheia de riachos, de água cristalina e cachoeiras. Tinha também diversas árvores frutíferas e muito peixe. O homem rico começou a caminhar pela ilha e encontrou um homem deitado numa rede, olhando para aquele mar muito azul. Chegou bem perto do homem e puxou conversa:

- Muito bonito tudo por aqui...
- É... disse o homem, sem tirar os olhos daquele mar.
- Tem muito peixe nesse mar?
- É só jogar a rede e pegar quantos quiser.
- Por que você não pesca bastante?
- Para que?
- Ora, você pega um montão de peixes e vende.
- Para que?
- Com o dinheiro destes peixes, você compra uma canoa maior, vai mais no fundo e pega mais peixe ainda.
- Para que?
- Com o dinheiro você compra mais um barco, pega mais peixe e ganha mais dinheiro.
- Para que?
- Você vai juntando, cada vez mais dinheiro, compra cada vez mais barcos, até chegar uma dia em que você terá uma indústria de pesca.
- Para que?
- Ora, meu bom homem, você então será um homem poderoso, um homem rico, terá tudo que quiser, tudo o que sonhar, poderá comprar um iate como o meu, poderá comprar uma ilha como esta e então ficar o resto da vida descansando, sem preocupações.
- E o que é que eu estou fazendo agora?

“O dinheiro não é necessário para comprar uma única necessidade da alma.”

Henry David Thoreau

O HOMEM TRISTE

Você passou por mim com simpatia, mas, quando viu meus olhos parados, indagou em silêncio o porque vagueio pelas ruas.

Talvez, por isso apressou o passo, e ainda que eu quisesse chamar, a palavra desfaleceu na boca.

É possível que você suponha que eu desisti do trabalho, no entanto, ainda hoje bati de porta em porta em vão.

Muitos disseram que ultrapassei a idade para ganhar o pão, como se a maturidade do corpo fosse condenação à inutilidade.

Outros, desconhecendo que eu vendi a minha melhor roupa para aliviar a esposa enferma, me despediram apressados, crendo que fosse eu um vagabundo sem profissão.

Não sei se você notou quando o policial me arrancou da frente da vitrine, a gritar palavras duras, como se eu fosse um malfeitor vulgar. Contudo, acredite, nem me passou pela mente a idéia de um furto. Eu apenas admirava os bolos expostos, recordando os filhinhos a me abraçarem com fome, quando retorno a casa.

Talvez, você tenha observado as pessoas que me endereçavam inúmeros gracejos, imaginando que eu fosse um bêbado, porque eu tremia, apoiado ao poste. Afastaram-se todos, com manifesto desprezo, mas, não tive coragem de explicar que não me alimento há três dias.

A você, todavia, que me olhou sem medo e com compaixão, ousou rogar apoio e cooperação. Agradeço a dádiva que me ofereça em nome do Cristo que dizemos amar, e peço para que me restitua a esperança, a fim de que eu possa honrar com alegria o dom de viver.

Para isso, basta que se aproxime de mim sem asco, para que eu saiba, apesar de todo meu infortúnio, que ainda sou seu irmão.

“Se conheces algum episódio desagradável, acerca da viagem de alguém, cala-te e ora pela paz desse alguém, porque não conheces a estrada que trilharás amanhã, em cujos obstáculos poderás perder o próprio equilíbrio.”

Meimei

O JOGO DE XADREZ

Naquela pequena vila vivia um sábio, que de todas as formas tentava trazer à razão um grande pecador, figura nefasta daquela comunidade.

Em certa ocasião, o sábio convidou aquele homem de má índole para uma partida de xadrez e, durante o jogo, fez um movimento errado propositalmente. O homem ia aproveitar-se do “engano”, mas o sábio pediu que ele o desculpasse. Não tardou, porém, e o sábio “enganou-se” novamente e, desta vez, o adversário negou-se a relevar a falta. Disse-lhe então o sábio, com afetuosa simplicidade e pegando-lhe pelo braço:

– Ficas impaciente com o teu parceiro que comete dois erros numa partida de xadrez, e esperas que Deus e toda a nossa comunidade perdoe os inúmeros erros e pecados de tua vida.

Cheio de remorso e com vergonha, o homem prometeu corrigir a sua conduta.

*“Uma boa cabeça e um bom coração formam
sempre uma combinação formidável.”*

Nelson Mandela

O JURAMENTO DO DESONESTO

Aquele homem simples e honesto confiava cegamente em seu amigo. Sua confiança era tamanha, que ele deixou aos seus cuidados todas as suas economias - vinte moedas de ouro - antes de partir em uma viagem para socorrer parentes doentes em uma região longínqua.

Decorridos alguns meses e ao retornar à cidade, o homem reclamou a quantia ao amigo, sendo que o indigno depositário esquivou-se declarando:

– Está equivocado meu amigo. De mim já recebeste todo o dinheiro. Nada mais tenho de teu em meu poder.

Inconformado, o dono do dinheiro exigiu que o amigo fosse até o juiz da cidade e repetisse essa declaração, sob juramento. O tratante aceitou o pedido. Antes porém, tomou de um bastão oco, enfiou nele as moedas de ouro e levando o bastão como se fosse uma bengala, compareceu ao tribunal. Convidado a proferir o juramento voltou-se para o amigo humilhado e queixoso e disse apressadamente:

– Segura esta bengala, enquanto eu profiro o juramento que exigiste.

E a seguir, em voz alta, na presença do juiz e de cidadãos ilustres da cidade, proclamou com voz pausada:

– Juro, pelo sagrado nome de Deus e diante destes ilustres cidadãos presentes neste tribunal, que nas mãos deste homem entreguei o dinheiro que foi confiado aos meus cuidados.

Ao ouvir essas palavras, o outro homem, tomado de cólera, largou sem querer o bastão, que caiu e rolou pelo piso. Com a queda partiu-se o cabo da falsa bengala e as moedas de ouro, com profundo escândalo para todos os presentes, espalharam-se pelo chão.

O sábio juiz que presidia o singular julgamento, frio e imperturbável, dirigiu-se ao reclamante e sentenciou:

– Apanha, meu amigo, essas moedas. Elas, pela vontade suprema de Deus, voltaram às tuas mãos.

“De tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se o poder nas mãos dos maus, o homem chega a rir-se da honra, desanimar-se de justiça e ter vergonha de ser honesto.”

O LADRÃO E O CÃO DE GUARDA

Um ladrão veio à noite para assaltar uma casa. Ele trouxe consigo inúmeros pedaços de carne, para que pudesse acalmar o cão de guarda, de modo que este não chamasse a atenção do seu dono com latidos.

Assim que o ladrão jogou-lhe os pedaços de carne, o cachorro disse:

– Se você pensava em parar a minha boca, cometeu um grande erro. Esta repentina gentileza vinda de suas mãos, apenas me deixou muito mais atento. Por trás desse inesperado favor a mim, você deve ter um interesse oculto em seu próprio benefício e para prejudicar o meu dono.

“A gratidão é a virtude das almas nobres.”

Esopo

O LENHADOR E A RAPOSA

Em uma aldeia distante, vivia um lenhador que acordava muito cedo e trabalhava o dia inteiro cortando lenha.

Esse lenhador recentemente ficara viúvo e tinha um filho lindo, de poucos meses, e também uma raposa, sua amiga, tratada como bicho de estimação e de sua total confiança.

Todos os dias, o lenhador saía para trabalhar e deixava a raposa cuidando de seu filho e todas as noites ao retornar do trabalho, a raposa ficava feliz com sua chegada.

Os vizinhos do lenhador alertavam que aquela raposa era um bicho, um animal selvagem, portanto, não era confiável. Quando sentisse fome, comeria a criança.

O lenhador sempre retrucando com os vizinhos, falava que isso era uma grande bobagem. A raposa era sua amiga e jamais faria isso.

Os vizinhos insistiam:

– Lenhador abra os seus olhos! A raposa vai comer seu filho. Quando sentir fome, comerá seu filho!

Certo dia, ao chegar em casa, muito exausto do trabalho e cansado dos comentários, viu a raposa sorrindo como sempre e sua boca totalmente ensangüentada.

O lenhador suou frio e sem pensar duas vezes acertou o machado na cabeça da raposa.

Ao entrar no quarto desesperadamente, encontrou seu filho no berço dormindo serenamente. Ao lado do berço, uma cobra morta.

O lenhador enterrou o machado e a raposa juntos.

Se você confia em alguém, não importa o que os outros pensem a respeito, siga sempre o seu caminho e seu coração, não se deixe influenciar, e principalmente, nunca tome decisões precipitadas.

*“Conbeço muitas razões pelas quais eu morreria, mas
não conbeço nenhuma pela qual eu mataria.”*

Mahatma Gandhi

O LENHADOR HONESTO

Há muito tempo, numa floresta verdejante e silenciosa, próximo a um lindo riacho de águas cristalinas e espumantes corredeiras, vivia um pobre lenhador que trabalhava muito para sustentar a família. Todos os dias, empreendia a árdua caminhada floresta adentro, levando ao ombro seu afiado machado. Partia sempre assobiando contente com a sua vida, pois sabia que enquanto tivesse saúde e o machado, conseguiria ganhar o dinheiro suficiente para comprar todo o pão que a família precisava.

Um dia, estava ele cortando um enorme carvalho perto do rio. As lascas voavam longe e o barulho do machado ecoava pela floresta com tanta força que parecia haver uma dúzia de lenhadores trabalhando.

Passado algum tempo, ele resolveu descansar um pouco. Recostou o machado na árvore e virou-se para sentar, mas tropeçou numa raiz velha e retorcida, e antes que pudesse pegá-lo, o machado deslizou pela ribanceira abaixo, indo parar no fundo do rio.

O pobre lenhador vasculhou as águas tentando encontrar o machado, mas aquele trecho era profundo demais. O rio continuava correndo com a mesma tranqüilidade de sempre, ocultando o tesouro perdido.

– O que hei de fazer? Perdi o machado! Como vou dar de comer aos meus filhos? - gritou o lenhador.

Mal acabara de falar, surgiu de dentro do riacho uma bela mulher. Era a fada do rio que viera até a superfície ao ouvir o lamento.

– Por que você está sofrendo tanto? - perguntou, em tom amável.

O lenhador contou a fada o que acontecera e ela mergulhou logo em seguida, tornando a aparecer na superfície segundos depois com um lindo machado todo de prata.

– É este o machado que você perdeu?

O lenhador pensou em todas as coisas lindas que poderia comprar para os filhos com toda aquela prata! Mas o machado não era dele, então balançou a cabeça, dizendo:

– Meu machado era de aço.

A fada das águas colocou o machado de prata sobre a barranca do rio e tornou a mergulhar. Voltou logo depois e mostrou outro machado, ainda mais impressionante, ao lenhador:

– Talvez este machado seja o seu?

– Não é não! Esse é de ouro! Vale muito mais do que o meu.

A fada das águas colocou o machado de ouro na barranca do rio. Mergulhou novamente, e após algum tempo tornou a subir à tona, desta vez trazendo o machado perdido do lenhador.

– Esse é o meu! É o meu, sim; sem dúvida!

– É o seu - disse a fada das águas, - e agora também são seus os outros dois machados. São um presente do rio, por você ter dito a verdade.

À noitinha, o lenhador empreendeu a árdua caminhada de volta para casa com os três machados às costas, assobiando contente e pensando em todas as coisas boas que eles iriam trazer para sua família.

“Nenhum homem jamais se perdeu em uma estrada reta.”

Abraham Lincoln

O LIMITE DA INVEJA

Conta-se que um velho monge eremita viajava através das aldeias, sempre ensinando o bem.

Chegando a noite e estando nas montanhas, o monge sentiu muito frio. Ele buscou um lugar para se abrigar e um discípulo jovem ofereceu-lhe a própria caverna. Cedeu-lhe a cama pobre, onde uma pele de animal estava estendida.

O monge aceitou e repousou. No dia seguinte, quando o sol estava radiante e ele deveria prosseguir a sua peregrinação, desejou agradecer ao jovem pela hospitalidade.

Então, apontou o seu indicador para uma pequena pedra que estava próxima e ela se transformou em uma pepita de ouro.

Sem palavras, o velho procurou fazer com que o rapaz entendesse que aquela era a sua doação, um agradecimento a ele. Contudo, o rapaz se manteve triste.

Então, o religioso parou e pensou por um momento. Depois, num gesto inesperado, apontou uma enorme montanha e ela se transformou inteiramente em ouro.

O mensageiro, num gesto significativo, fez o rapaz entender que ele estava lhe dando aquela montanha de ouro em gratidão.

Porém, o jovem continuava triste. O velho não pôde conter mais a sua surpresa e lhe perguntou:

– Meu filho, afinal, o que você quer de mim? Estou lhe dando uma montanha inteira de ouro.

O rapaz, apressado, respondeu:

– Eu quero o vosso dedo.

“O homem deseja tantas coisas, e no entanto precisa de tão pouco.”

Johann Goethe

O LUGAR CERTO

O dia havia apenas amanhecido e o agricultor solitário já capinava a lavoura. Aquele seria, como outros tantos, um dia de trabalhos árduos de sol a sol.

Ele sulcava o solo e ao mesmo tempo pensava em sua vida. Como era difícil a luta diária para sustentar a família.

Algumas vezes, se surpreendeu questionando a Justiça Divina, que o escolhera para o trabalho duro, enquanto privilegiava outros com tarefas leves e agradáveis.

O sol já ia alto quando ele, cansado, tirou o chapéu e limpou o suor que escorria pelo rosto. Apoiou o braço sobre o cabo da enxada e se deteve a olhar ao redor por alguns instantes.

Ao longe, podia-se ver a rodovia, que cruzava aquelas plantações e ele avistou um ônibus que transitava pelas cercanias.

Imediatamente, pensou consigo mesmo:

– Vida boa deve ser a daquele motorista de ônibus. Trabalha sentado e sem muito esforço conduz muita gente a vários destinos. Não toma chuva nem sol e ainda de quebra deve ouvir uma musiquinha para se distrair.

De fato, o motorista de ônibus trabalha sentado e não está sujeito diretamente às intempéries.

Todavia, ao ser ultrapassado por um automóvel de luxo, começou a pensar de si para consigo:

– Vida boa mesmo deve ser a desse executivo, dirigindo um carrão de luxo! Não tem patrão para cobrar horários e também não tem que passar dias na estrada como eu, longe de casa e da família.

No entanto, logo à frente, o executivo pensava em como era difícil a sua labuta. As preocupações com os negócios, as viagens longas, as reuniões intermináveis, o salário dos empregados no final de todo mês, os impostos, aplicações, investimentos e outras tantas coisas para resolver.

Mergulhado em seus pensamentos, olhou para o céu e avistou um avião que cruzava os ares, e disse como quem tinha certeza:

– Vida boa é a de piloto de avião. Conhece o mundo inteiro de graça, não precisa enfrentar esse trânsito infernal, as pressões das responsabilidades e por resultados cada vez maiores e o salário é compensador.

Dentro da cabine daquela aeronave, estava um homem a pensar nos seus próprios problemas:

– Como é dura a vida que eu levo. Muitas semanas longe da esposa, dos filhos, dos amigos. Vivo mais tempo no ar do que no solo e, para agravar, estou sempre preocupado com as centenas de pessoas que viajam sob minha responsabilidade.

Nesse instante, um ponto escuro no solo lhe chamou a atenção. Ele observou atentamente e percebeu que era um homem trabalhando na lavoura. Exclamou para si mesmo, com certa melancolia:

– Ah, como eu gostaria de poder estar no lugar daquele agricultor, trabalhando tranqüilamente em meio à vegetação, tendo o sol como companhia e ouvindo o canto dos pássaros, sem maiores preocupações! E ao final do dia voltar para casa, abraçar a esposa e os filhos, jantar e repousar serenamente ao lado daqueles que tanto amo. Isso sim é que é vida boa!

“A felicidade depende das qualidades próprias do indivíduo e não do estado material ou do meio em que ele se encontra.”

Allan Kardec

O MAL DAS PRESSUPOSIÇÕES

Ele olhou pela abertura da porta e encontrou o amigo que há tanto tempo não via. Estranhou que ele viesse acompanhado por um cão. Um cachorro forte, saltitante e ar agressivo. Abriu a porta e cumprimentou o amigo, efusivamente.

– Quanto tempo!

– Quanto tempo - ecoou o outro.

O cão aproveitou a saudação e entrou casa adentro. Logo, um barulho na cozinha demonstrava que ele tinha virado qualquer coisa. O dono da casa encompridou as orelhas. O amigo visitante porém, nada.

– A última vez que nos vimos foi em...

O cão passou pela sala, entrou no quarto e novo barulho, desta vez de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelo do proprietário da casa, mas perfeita indiferença do visitante.

– Quem morreu foi o Álvaro, você se lembra dele?

O cão saltou sobre um móvel, derrubou um abajur, logo trepou as patas sujas no sofá e deixou a marca digital e indelével de seu crime. Os dois amigos, tensos, agora fingiram não perceber.

Por fim, o visitante se despediu e já ia saindo quando o dono da casa perguntou:

– Não vai levar seu cão?

– Cão? Ah, o cão! Oh, agora eu estou entendendo. Não é meu não. Quando entrei, ele entrou comigo tão naturalmente que eu logo pensei que fosse seu.

“Se você julga as pessoas, não tem tempo de amá-las.”

Mark Twain

O MENDIGO E A CERCA

Achava-se aquele gentil homem à janela, quando viu, do outro lado da rua, um mendigo a esfregar as costas em um cercado. Informado por um de seus auxiliares de que o pobre homem não tinha, havia meses, com que pagar um banho, deu-lhe algum dinheiro para o banho, o alimento e também uma muda de roupa.

Muito próximo dali, dois desocupados que acompanharam toda a cena, foram até a cerca e, para atrair a atenção daquele generoso homem, puseram-se a esfregar energeticamente às costas numa das estacas. Mas, ao invés de lhes dar auxílio, aquele senhor ao avistá-los colocou ambos para correr dizendo-lhes impropérios.

– Fora daqui seus desocupados! - bradava ele num tom inconformado. A mim é que vocês não iludem! Fora daqui seus aproveitadores!

– Mas, por que acreditaste no outro? - protestou um dos homens, fitando aquele senhor com a face enrubescida.

– Por que ele estava sozinho e, naturalmente, sentindo aflição nas costas, só encontrou um meio: esfregar-se na cerca. Mas, vocês dois, se não fossem cínicos e impostores, cada um coçaria as costas do outro.

“A preguiça anda tão devagar que a pobreza facilmente a alcança.”

Confúcio

O MENDIGO E O REI

Há muito tempo, compareceram no Tribunal Divino, dois homens recém-chegados de um pequeno reino da Terra. Um deles trazia o sinal da muleta em que se apoiara por boa parte de sua vida, além de um semblante de revolta. O outro mostrava as marcas da coroa que lhe havia adornado a cabeça, juntamente com um semblante sereno, que transbordava bondade.

Na presença de um dos anjos do Senhor, ambos foram colocados na balança da justiça, que analisaria o peso de suas faltas durante toda as suas jornadas pela Terra.

Postos, um a um, na balança, o primeiro acusou enorme peso. Era ainda presa fácil de lutas inferiores.

O segundo, no entanto, revelava grande leveza.

Inconformado, contudo, disse o primeiro:

– Onde está a tal apregoada Justiça Divina? Fui um mendigo paupérrimo e em constante sofrimento, enquanto ele...

E indicando o outro:

– Enquanto ele era rei... Passei fome durante toda a minha vida, ao passo que inúmeras vezes eu o vi no banquete lauto. Esmolava na rua, avistando-o na carruagem. Conheci a nudez, reparando-o sob manto dourado, quando seguia em triunfo... Vivi entre os últimos, ao passo que ele sempre aparecia como o primeiro entre os primeiros...

O outro baixou a cabeça, humilhado, em silêncio...

Mas, o anjo sereno, que representava o Senhor e a tudo escutara em silêncio, falou em tom persuasivo:

– Viste-o na mesa farta, mas não lhe percebeste os enormes sacrifícios ao comer por obrigação inúmeras vezes. Notaste-o em luxuosos carros; entretanto, jamais lhe observaste o coração agoniado, em prantos de dor, ante os problemas dos súditos a que devia assistência. Fitaste-o sob o manto dourado nos dias de júbilo popular, todavia, não lhe contempleste as enormes chagas de sofrimento moral, diante das preocupantes questões insolúveis... Conheceste-o entre os maiores da Terra, entretanto, não sabes quantos punhais de hipocrisia, intolerância, crueldade, arrogância e ingratidão trazia cravados no peito, embora fosse obrigado a sorrir... Além disso, na posição de soberano, podia ferir e não feriu, humilhar e não humilhou, prejudicar e não prejudicou, desertar e não desertou... Na situação de mendigo, não foste lançado a semelhantes problemas da tentação...

Diante do companheiro triste, o ex-monarca recebeu passaporte para adentrar as portas do céu.

Sozinho e em lágrimas, perguntou, então, o ex-mendigo:

– E agora?

O anjo abraçou-o, sensibilizado, e informou:

– Agora, renascerás na Terra e serás também rei.

*“A paz em nós não resulta de circunstâncias externas e sim da
nossa tranquilidade de consciência no dever cumprido.”*

Chico Xavier

O MENINO ALEIJADO

Era pequenininho e aleijado. Tinha seis anos aquele triste menino. Sua mãe era uma pobre lavadeira e eles moravam em uma casa humilde no subúrbio de uma grande cidade.

Ele passava seus dias sentadinho ao lado da janela, olhando o beco onde moravam. Dava para ver um pedacinho do céu azul acima do telhado da casa do outro lado da ruela. Às vezes uma nuvem branca navegava no pedacinho de céu azul. Às vezes o céu ficava cinzento.

Mas, o beco era muito mais interessante. Sempre tinha gente. De manhã cedinho passavam mulheres e homens apressados para o trabalho. Depois, vinham as crianças brincar, jogar bola e soltar suas pipas. Às vezes, também brincavam de roda, e, geralmente, brigavam bastante. Na primavera, vinha o homem do realejo e todos se alegravam.

O menino via tudo isso, todo dia, com seu rostinho triste. Só quando via a mãe dele chegando, ele sorria e acenava com a mão.

– Queria poder ajudar você, mãe - disse ele uma noite. Você trabalha tanto e eu não faço nada.

– Ah, você faz, sim! - disse ela animada. Você me ajuda quando vejo seu rostinho sorrindo na janela. Você me ajuda quando acena para mim. Meu trabalho fica muito mais leve, porque sei que você vai acenar para mim quando eu chegar.

– Então vou acenar mais forte - disse ele.

Na noite seguinte, um operário que voltava cansado do trabalho viu a mãe do menino acenar para a janela e olhou para cima. Viu aquela carinha sorridente na janela lá no alto. E que sorriso feliz! O homem levou a mão ao boné e, também sorrindo, cumprimentou o menino. Um pouco encabulado o menino retribuiu o cumprimento.

Na noite seguinte o operário falou com um companheiro de trabalho para olhar lá para cima, "para ver aquele menino, coitadinho, tão quietinho, na janela". Os dois operários cumprimentaram sorridentes com o boné e o rosto do menino se abriu num sorriso.

Os dias se passaram e cada vez mais pessoas cumprimentavam o menino. Alguns saíam do seu caminho habitual apenas para dar um sorriso para o menino. A vida daquelas pessoas já não era mais tão dura quando pensavam como devia ser para aquele pequeno menino preso à janela. Às vezes, alguém jogava uma flor para ele, uma laranja ou maçã, uma figura

colorida. Quando viam que ele estava olhando, todas as crianças paravam de brigar e começavam a fazer jogos para divertir o menino. Ficavam muito felizes ao ver como ele se alegrava só de olhar as brincadeiras deles.

– Diga ao seu garoto que não podemos mais passar os nossos dias sem ele - disse um operário à mãe do menino.

– Vendo a coragem dele, todos nós nos sentimos mais corajosos e gratos à Deus. Diga isso ao menino.

E o menino sorriu, ainda mais feliz.

“Sofremos muito com o pouco que nos falta e agradecemos pouco o muito que temos.”

William Shakespeare

O MENINO DE ROUPA VERMELHA

Aquele pequeno menino de olhos amendoados nasceu infectado com o vírus da AIDS, transmitido por sua mãe. Desde o início de sua vida dependeu de remédios para sobreviver.

Aos cinco anos, sofreu um procedimento cirúrgico para colocar um cateter numa veia do seu tórax, a fim de que a medicação fosse injetada na corrente sanguínea. O cateter se conectava a uma bomba que ele carregava numa mochila que levava nas costas.

Algumas vezes, ele precisava também de oxigênio para ajudar na respiração. Mas nada disso o fazia abrir mão de um único minuto de sua infância.

Mesmo com a mochila nas costas e arrastando o tanque de oxigênio em um carrinho, ele brincava e corria. Todos aqueles que o conheciam se maravilhavam com sua alegria e com a energia que essa alegria lhe dava.

Sua mãe o adorava, mas freqüentemente reclamava da agitação do filho. Dizia que ele era tão dinâmico que ela precisava vesti-lo de vermelho para poder localizá-lo, rapidamente, entre as crianças no pátio.

O tempo passou e a doença venceu aquele pequeno dinamo. Ele e a mãe ficaram mal e foram hospitalizados.

Quando ficou claro que o fim de sua vida se aproximava, sua mãe conversou com ele sobre a morte. Ela disse, entre outras coisas, que ele ficasse calmo, pois brevemente os dois estariam juntos no céu.

Poucos dias antes de morrer, ele chamou o agente de saúde que o auxiliava em suas dificuldades e lhe pediu, quase em segredo:

– Vou morrer logo, mas não estou com medo. Quando eu morrer, por favor, me ponha uma roupa vermelha.

Depois de uma pausa e ante o espanto de quem o ouvia, concluiu:

– É que a mamãe prometeu me encontrar no céu. Como eu tenho certeza que vou estar brincando quando ela chegar lá, quero ter certeza de que ela poderá me achar.

“Deixo-vos o amor. Deixo-vos a esperança. Deixo-vos o desafio de desenvolver a confiança um no outro. Deixo-vos o respeito ao uso do poder. Deixo-vos a fé. Deixo-vos a dignidade e a tolerância.”

Mary Jane McLeod Bethune

O MINISTRO QUE FALAVA COM OS PÁSSAROS

Desde que subiu ao trono - e ao contrário de todos os seus antecessores - aquele rei mostrou-se violento, perverso e ambicioso.

Preocupado apenas em obter cada vez mais poder e dinheiro para a sua corte - arrogante e inútil - e satisfazer aos seus caprichos mais vergonhosos, o rei jamais hesitou em sobrecarregar as suas cidades de impostos pesadíssimos. Os comerciantes arruinavam-se; os operários, oprimidos pelas dificuldades, fugiam; os pequenos fabricantes abandonaram suas indústrias. Por todos os recantos do reino surgia a miséria com o seu lamentável cortejo de calamidades.

– E tudo isso por quê?

Por causa de um rei insensato e egoísta que não zelava pela felicidade de seu povo e vivia indiferente à prosperidade de seu reino.

No entanto, aquele rei tinha um ministro que se distinguia de toda a corte, por ser um homem bom e piedoso.

Seramente preocupado com a situação de penúria a que havia chegado o seu povo, resolveu intervir junto ao poderoso rei a fim de acabar com aquela situação angustiada.

O que devo fazer? Tentar dar conselhos ao rei? Seria uma grande imprudência, uma loucura. Qualquer advertência ou a menor ponderação provocaria uma irritação terrível no espírito do arrogante soberano, e novas calamidades iriam cair sobre aquele povo já tão sofrido.

No entanto, o bondoso e sábio ministro teve uma idéia inteligente e original.

Uma noite, sem que ninguém percebesse, foi o ministro ao grande jardim do palácio e enterrou, exatamente debaixo do banco onde o rei tinha o hábito de sentar-se, uma caixa cheia de sedutoras moedas de ouro.

Passaram-se vários dias.

Certa tarde, depois de uma fatigante e aventureira caçada, resolveu o rei repousar à sombra das belas árvores que adornavam os jardins de seu palácio. Sentou-se o monarca precisamente no pequeno banco de sua predileção. À pequena distância, em outro banco, achava-se o sábio ministro.

O dia caía calma e lentamente. Uma agradável brisa agitava as folhas amareladas que jaziam entre os seixos claros que forravam as alamedas.

De repente, dois pássaros vieram pousar num galho de uma árvore próxima e puseram-se a cantar alegremente.

Mostrou-se o astuto ministro, desde logo, estranhamente preocupado com os pássaros. Acompanhava, com a maior atenção, todos os movimentos das aves. Em dado momento, pôs-se a rir; logo depois ficou muito sério e com trejeitos do rosto demonstrava imensa contrariedade.

Achou o desconfiado rei profundamente esquisita a atitude de seu ministro e interrogou-o com um tom de suspeita:

– O que você está notando de diferente naqueles pássaros ministro?

Assumindo atitude de quem se sente constrangido por ser pego em falta grave, respondeu o ministro:

– Majestade! Vejo-me forçado a confessar um segredo que durante vinte anos, com o maior empenho, ocultei aos meus amigos mais íntimos.

– Que segredo é esse? - interpelou, com energia, o monarca.

– Aprendi, ó rei, com um querido mestre de um reino distante e já falecido, a complicada linguagem das aves e todas as expressões que elas usam quando se comunicam. Posso servir de intérprete para as andorinhas, gansos, pombos e corujas! Os pássaros, com seus gorjeios, falam, ou melhor, conversam uns com os outros e todas as frases que eles articulam eu as entendo muito bem.

Surpreendido com aquela extraordinária revelação, procurou logo o rei certificar-se da verdade. E perguntou ao seu digno ministro.

– E que estavam àqueles pássaros falando há pouco?

Tornou o ministro:

– Aquele passarinho cinza, que se acha agora no extremo do galho, narrava ao outro uma interessante peraltice praticada, nas margens de um lago, por um dos seus filhos. E eu achei graça!

– E o que teria dito o outro? - insistiu o monarca, sem saber disfarçar a grande curiosidade.

– O outro respondeu, ou melhor, gorjeou: “Ali está o nosso querido rei tranqüilo, sentado naquele banco e mal poderá imaginar que no chão, exatamente naquele lugar, se encontra enterrado um valioso tesouro!”

Depois de uma ligeira pausa, o ministro prosseguiu, muito sério:

– Ora, isso é mentira, pensei. Como pode um pássaro, voando pelas alturas, descobrir tesouros enterrados na terra? Fiquei contrariado ao perceber que o pássaro pretendia divertir-se à nossa custa!

– Ele falou em tesouro! - exclamou com alvoroço o rei.

– É espantoso! É preciso que nos certifiquemos de tudo, verificando se disse ou não a verdade.

Levantou-se imediatamente o monarca e, num tom imperativo de confiança, mandou retirar o banco e determinou que os servos fizessem ali

mesmo uma escavação. A três palmos, abaixo do solo, foi encontrado um pequeno cofre com mais de cem moedas de ouro. Era a caixa que o ministro astuciosamente havia colocado, dias antes, para iludir o soberano.

Exultou o rei com o precioso achado.

O tesouro, não havia a menor dúvida, fora revelado pelo pássaro. Era certo, pois, que o ministro compreendia a linguagem da passarada inquieta.

Desse dia em diante o rei, convencido de que o seu ministro era um tradutor exímio de pios e gorjeios, não dispensou mais a sua companhia. Levava-o às caçadas, encontros, audiências, festas e passeios. E, sempre que surgiam pássaros estranhos, o ministro era intimado a traduzir todas as expressões canoras, pois o insaciável monarca esperava que outra ave viesse do céu a revelar a existência de novos e valiosos tesouros perdidos no seio da terra.

O inteligente ministro - aproveitando-se da credulidade daquele rei - adquiriu um prestígio extraordinário.

Vários casos ocorridos posteriormente vieram, aliás, confirmar o dom maravilhoso do singular intérprete.

Um dia, por exemplo, durante uma jornada pelo deserto, o rei perdeu o seu rico punhal; o ministro que vira a arma cair, não disse nada ao monarca no momento da perda. Mas, no dia seguinte - fingindo traduzir a frase de uma andorinha - indicou precisamente o local em que se achava o punhal perdido.

E assim, de dia para dia, o ministro reafirmava diante do rei as suas habilidades como tradutor de pássaros.

Chegara a hora do ministro pôr fim ao seu engenhoso plano.

Regressava certa vez, já ao cair da tarde, o rei de uma extenuante excursão. Acompanhava-o, como sempre, o sábio ministro. Ao passar junto a um muro em ruínas, o rei avistou duas corujas.

Voltou-se o crédulo soberano para o seu ministro e disse-lhe muito sério:

– Gostaria de saber, ó ministro, o que estão aquelas astuciosas corujas conversando!

Obediente à ordem que acabara de receber, parou o ministro e pôs-se em atitude de quem procurava ouvir atentamente uma palestra.

Súbito, porém, o ministro mostrou-se tomado de um indizível rancor. Saltou bruscamente do cavalo e, apanhando uma pedra na beira da estrada, arremessou-a violentamente contra uma das corujas, esforçando-se para não atingi-la e bradando enfurecido:

– Miserável! Caluniadora! Que Deus castigue essa infâmia!

– Que é isso? - estranhou o rei. Que disse a coruja?

Desculpou-se humildemente o ministro. As expressões proferidas pela coruja eram indignas de serem ouvidas.

O monarca, porém, insistiu:

– Exijo, ó ministro, que me digas a verdade, seja ela qual for!

Ao ouvir a ordem enérgica do rei, o ministro, com falso constrangimento, narrou o seguinte:

– A principio as corujas falaram banalidades. De repente, porém, uma delas reclamou da outra: “Você prometeu à minha filha, como dote, sete cidades arruinadas! E onde estão essas cidades! Vejo muitas casas e castelos arruinados; mas cidades, reduzidas a ruínas e escombros, ainda não avistei nenhuma!” Respondeu a outra, que parecia mais velha: “Tenha paciência, minha boa amiga. Dentro de poucos meses você não terá sete, mas setenta cidades arruinadas! Todo mundo sabe disto.” “E sabe por quê?”, indagou a coruja mais moça. “Ora”, acudiu a velhota com ironia, “basta observar a forma inepta e criminosa que o rei está governando seu país. Esse monarca é tão mau e perdulário, que dentro de poucos meses reduzirá este belo país a um montão de ruínas.”

– Ao ouvir tal injúria - prosseguiu o ministro - eu não me contive. Tomei de uma pedra e tentei logo castigar a coruja atrevida que proferia tão graves e injustas acusações contra o nosso bondoso soberano.

O rei ouviu em silêncio toda a narrativa do seu ministro. As graves queixas - que o astucioso ministro atribuía à velha coruja - calaram profundamente em seu espírito. A ele, unicamente a ele, cabia a grave culpa de levar o país à ruína. Resolveu, pois, modificar sua forma de administrar as coisas do reino. Reformou todo o seu ministério, escolheu bons secretários e, orientado por judiciosos conselheiros, aboliu os gastos inúteis, suprimiu os impostos extorsivos, ergueu novas escolas e construiu asilos para os pobres e hospitais para os enfermos.

O país foi conduzido, assim, para um largo e feliz período de paz e prosperidade.

“Sede como os pássaros que, ao pousarem um instante sobre ramos muito leves, sentem-nos ceder, mas cantam! Eles sabem que possuem asas.”

Victor Hugo

O MOMENTO DA AURORA

Certo dia, um rabino israelense, que dava aulas para um grupo de crianças em uma escola de Jerusalém, reuniu seus alunos e perguntou:

– Como é que nós sabemos o exato momento em que a noite acaba e o dia começa?

– Quando, à distância, nós somos capazes de distinguir uma ovelha de um cachorro. Disse um menino.

O rabino não ficou contente com a resposta.

– Na verdade - disse outro aluno - sabemos que já é dia quando podemos distinguir, à distância, uma oliveira de uma figueira.

– Não é uma boa definição - respondeu o sábio.

– Qual a resposta, então? - perguntaram os garotos.

E o rabino falou:

– Quando um palestino se aproxima e nós o confundimos com nosso irmão, este é o exato momento da aurora, o momento em que a noite acabou e o dia começa.

“Não acredito em choques de civilizações, pois, acredito que haja uma só civilização: a nossa, a civilização humana.”

Sérgio Vieira de Mello

O MONGE E A PROSTITUTA

Vivia um monge nas proximidades do templo de Shiva. Na casa em frente, morava uma prostituta. Observando a quantidade de homens que a visitavam, o monge resolveu chamá-la.

– Você é uma grande pecadora - repreendeu-a. Desrespeita a Deus todos os dias e todas as noites. Será que você não consegue parar e refletir sobre a sua vida depois da morte?

A pobre mulher ficou abalada com as duras palavras do monge; com sincero arrependimento orou a Deus, pedindo perdão. Pediu também com muita humildade que o Todo Poderoso a fizesse encontrar uma nova maneira de ganhar seu sustento.

Mas, não encontrou nenhum trabalho diferente daquele. E, depois de uma semana passando fome, voltou a prostituir-se.

Porém, cada vez que entregava o seu corpo a um estranho, rezava ao Senhor e pedia perdão.

O monge, muito irritado porque seu conselho não produzira efeito, pensou consigo mesmo: “a partir de agora vou contar quantos homens entram naquela casa, até o dia da morte desta pecadora”.

E desde esse dia, ele não fazia outra coisa em sua vida a não ser vigiar a rotina daquela prostituta: a cada homem que entrava em sua casa, ele colocava uma pedra num monte.

Passado algum tempo, o monge tornou a chamar a prostituta até a porta de sua residência e lhe disse:

– Vê este monte? Cada uma dessas pedras representa um pecado mortal que você cometeu, mesmo depois de minhas advertências. Agora torno a dizer: cuidado com as más ações!

A mulher começou a tremer, percebendo como se avolumavam seus pecados. Voltando para casa, derramou muitas lágrimas de sincero arrependimento, orando:

– Ó Senhor, quando Vossa misericórdia irá me livrar desta miserável vida que levo?

Sua prece foi ouvida. Naquele mesmo dia, o anjo da morte passou por sua casa e a levou. Por vontade de Deus, o anjo cruzou a rua e também carregou o monge consigo.

A alma da prostituta subiu imediatamente aos céus, enquanto os demônios levaram o monge ao inferno. Ao se cruzarem no meio do caminho,

o monge viu o que estava acontecendo e clamou:

– Oh, Senhor, essa é a Tua justiça? Eu que passei a minha vida em devoção e pobreza, agora sou levado ao inferno, enquanto essa prostituta, que viveu em constante pecado, está subindo ao céu!

Ouvindo isso, um dos anjos respondeu:

– São sempre justos os desígnios de Deus. Você achava que o amor de Deus se resumia a julgar o comportamento do próximo. Enquanto você enchia seu coração com a impureza do pecado alheio, esta mulher orava fervorosamente dia e noite. A alma dela ficou tão leve depois de chorar, que podemos levá-la até o paraíso. Já a sua alma ficou tão carregada de pedras, que não conseguimos fazê-la subir até o alto.

“Antes de começar a criticar os defeitos dos outros, enumere ao menos dez dos teus.”

Abraham Lincoln

O NARIZ DO CAMELO

Certa noite muito fria, um beduíno estava deitado em sua tenda quando um camelo afastou as abas de entrada e ficou espiando lá dentro.

– Eu imploro, meu amo - disse o camelo - permita-me deixar meu nariz aqui dentro. Está frio demais lá fora.

– Pois muito bem - bocejou o beduíno, apático e entediado. Faça o que quiser.

O camelo enfiou o nariz dentro da tenda.

– Se eu pudesse aquecer o pescoço também... - disse.

– Para mim dá no mesmo - respondeu o beduíno.

O animal avançou o pescoço e distraiu-se durante um certo tempo olhando em torno. Depois de virar a cabeça para lá e para cá, acabou falando de novo:

– Só vai ocupar mais um pequenino espaço se eu colocar as minhas patas dianteiras dentro da tenda. Eu me sentiria melhor, muito melhor!

O beduíno apenas deu de ombros e rolou para o lado, dando mais espaço.

Mal o camelo plantara as patas dianteiras dentro da tenda, observou:

– Meu amo, do jeito que estou, as abas estão ficando abertas. Acho melhor entrar por inteiro.

– Como quiser - concordou o beduíno, afastando-se ainda mais para o animal poder entrar inteiro.

O camelo entrou, entupindo a tenda. E logo começou a olhar feio para o beduíno.

– Estou achando - disse - que não há lugar suficiente para nós dois aqui dentro. É melhor você ir lá para fora, já que é bem menor. Só assim vai ter lugar suficiente para mim.

Dito isso, empurrou o beduíno, jogando-o no frio e na escuridão.

“Apesar de tudo eu ainda creio na bondade humana.”

Anne Frank

O NÁUFRAGO

Após um naufrágio, o único sobrevivente agradeceu a Deus por estar vivo e ter conseguido se agarrar a uma parte dos destroços para poder ficar boiando.

Este único sobrevivente foi parar em uma pequena ilha desabitada, fora de qualquer rota de navegação, e ele agradeceu novamente.

Com uma enorme dificuldade e restos dos destroços, ele conseguiu montar um pequeno abrigo para que pudesse se proteger do sol, da chuva, de animais e, também para guardar seus poucos pertences, e como sempre, agradeceu.

Nos dias seguintes, a cada alimento que conseguia caçar ou mesmo colher, ele agradecia.

No entanto, num certo dia, quando voltava da busca por alimentos, ele encontrou o seu abrigo em chamas, envolto em altas nuvens de fumaça, terrivelmente desesperado, ele se revoltou e gritava chorando:

– O pior aconteceu! Perdi tudo! Deus, por que fizeste isso comigo?
Chorou tanto, que adormeceu, profundamente cansado.

No dia seguinte bem cedo, foi despertado pelo som de um navio que se aproximava.

– Viemos resgatá-lo, disseram.

– Como souberam que eu estava aqui?, perguntou ele.

– Nos vimos o seu sinal de fumaça!

E comum sentirmo-nos desencorajados e até mesmo desesperados, quando as coisas vão mal. Mas, Deus age em nosso benefício, mesmo nos momentos de dor e sofrimento.

“Crer que o Universo não tenha um Criador, é o mesmo que acreditar que o dicionário é o resultado de uma explosão na tipografia.”

Benjamin Franklin

O NOVO AMIGO DO REI

Há muitos anos, na Pérsia, havia um rei que era conhecido como um homem honesto e justo. Toda noite ele vagava pelas ruas da cidade, disfarçado, para assim conhecer melhor os seus súditos.

Certa vez, durante uma de suas andanças, notou uma pobre cabana. Ao olhar pela janela, viu um homem diante de uma refeição bem simples, agradecendo a Deus pelo alimento. O rei bateu na porta e perguntou-lhe se aceitava um convidado.

– Um convidado é uma dádiva de Deus, disse o homem. Por favor, sente-se e junte-se a mim.

E, assim, repartiu sua simples refeição com o rei. Os dois conversaram por muito tempo e o rei perguntou-lhe como ganhava a vida.

– Sou sapateiro, respondeu o homem, caminho o dia inteiro consertando os sapatos do povo, e à noite, compro comida com o dinheiro que ganho.

– E o que será do dia de amanhã?, perguntou o rei.

– Não me preocupo com isso, retrucou o homem. Agradeço a Deus pelo dia de hoje e vivo um dia de cada vez.

O rei ficou muito impressionado com essa atitude e prometeu voltar no dia seguinte.

Para testar o novo amigo, o rei promulgou um decreto: ninguém poderia consertar sapatos sem uma licença. E voltou a visitá-lo na noite seguinte, encontrando-o sentado em sua pobre cabana, comendo, bebendo e agradecendo a Deus pelo alimento.

O homem convidou-o novamente a participar de sua frugal refeição, porque para ele “um convidado era um presente de Deus”. E o rei ouviu o homem lhe contar:

– Não podendo consertar sapatos, por decreto do rei, resolvi tirar água do poço para as pessoas, para ganhar um pouco de dinheiro e comprar meu sustento.

– E o que você faria se o rei proibisse isso também?, perguntou o monarca.

– Agradeceria a Deus pela minha saúde e buscaria uma nova forma de conquistar o meu sustento.

Mas o rei decidiu testar, mais uma vez, o homem e decretou que seus súditos estavam proibidos de tirar água dos poços sem licença.

Após duas noites, voltando novamente à cabana, o rei foi recebido por seu novo amigo com alegria e o ouviu dizer que passara a cortar lenha para garantir seu sustento e, quando isto também foi proibido pelo rei, não desanimou e apresentou-se ao palácio para fazer parte da guarda real.

No dia seguinte, o homem que foi sapateiro, depois carregador de água e, em seguida, lenhador, recebeu a espada, para ser guarda. À noite, sem ter recebido o pagamento, foi até uma loja e trocou a lâmina de sua espada por um pouco de comida e colocou uma lâmina de madeira no cabo, cobrindo-a com a bainha.

Logo depois, o rei chegou. Eles seguiram o mesmo ritual, comendo e conversando até tarde. O amigo lhe contou sobre a espada.

– E se houver uma inspeção nas espadas, o que fará?, quis saber o rei.

– Pedirei a Deus inspiração e serenidade para encontrar uma saída.

No dia seguinte, o capitão dos guardas ordenou ao homem que decapitasse um prisioneiro, por ordem do rei.

– Nunca matei ninguém em toda a minha vida. Como posso fazer isso?, retrucou o homem, abaixando a cabeça e pedindo aos céus inspiração para aquela situação tão delicada.

Logo ocorreu-lhe uma brilhante idéia e se precipitou para obedecer à ordem do rei. Na frente de uma multidão que viera para assistir a execução, pegou a sua espada e gritou:

– Deus Todo Poderoso, o Senhor sabe que eu não sou um assassino. Se o prisioneiro for culpado, deixe minha espada ser de aço. Mas, se ele for inocente, faça com que a lâmina de aço transforme-se em madeira.

Dizendo isso, puxou a bainha e a espada era de madeira, deixando todos pasmos de surpresa.

O rei chamou o sapateiro e o abraçou. Contou-lhe sobre o seu disfarce e os testes pelos quais o fizera passar.

– Eu jamais tinha encontrado um homem com tanta fé, disse o rei.

E foi assim que o sapateiro, que se tornou carregador de água e, depois, lenhador e, afinal, guarda real, tornou-se o conselheiro do rei.

“Alguns anos atrás, existiam aqueles que me diziam: bom, você tem três grandes fatores contra você: é negro, cego e pobre. Porém, Deus me disse, eu vou te tornar rico em inspiração, para que possas inspirar outras pessoas e criar músicas que encorajem o mundo a ser um lugar melhor para todos, com mais esperança e positividade. Eu acreditei Nele e não neles.”

O OLEIRO E O POETA

Há muito tempo, em uma cidade do Oriente Médio, ocorreu uma desavença entre um jovem poeta e um oleiro.

Para evitar que o tumulto se agravasse, eles foram levados à presença do juiz do lugarejo.

O juiz, homem íntegro e bondoso, interrogou primeiramente o oleiro, que parecia muito exaltado.

– Disseram-me que você foi agredido? Isso é verdade?

– Sim, senhor juiz, confirmou o oleiro. Fui agredido dentro de minha casa por este poeta. Eu estava, como de costume, trabalhando em minha oficina, quando ouvi um ruído e a seguir um baque. Quando fui à janela pude constatar que o poeta havia atirado com violência uma pedra, que partiu um dos vasos que estava a secar perto da porta.

– Exijo uma indenização! Gritava o oleiro.

O juiz voltou-se para o poeta e perguntou-lhe serenamente:

– Como justifica o seu estranho proceder?

– Senhor juiz, o caso é simples. Disse o poeta.

Há três dias eu passava pela frente da casa do oleiro, quando percebi que ele declamava um dos meus poemas. Notei com tristeza que os versos estavam errados. Meus poemas eram mutilados pelo oleiro.

Aproximei-me dele e ensinei-lhe a declamá-los da forma certa, o que ele fez sem grande dificuldade.

No dia seguinte, passei pelo mesmo lugar e ouvi novamente o oleiro a repetir os mesmos versos de forma errada. Cheio de paciência tornei a ensinar-lhe a maneira correta e pedi-lhe que não tornasse a deturpá-los.

Hoje, finalmente, eu regressava do trabalho quando, ao passar diante da casa do oleiro, percebi que ele declamava minha poesia estropiando as rimas e mutilando vergonhosamente os versos.

Não me contive. Apanhei uma pedra e parti um de seus vasos. Como vê, meu comportamento nada mais é do que uma represália pela conduta do oleiro.

Ao ouvir as alegações do poeta, o juiz dirigiu-se ao oleiro e declarou:

– Que esse caso, caro oleiro, sirva de lição para o futuro. Respeite as obras alheias a fim de que os outros respeitem as suas. Se você, equivocadamente, julgava-se no direito de quebrar o verso do poeta, achou-se também o poeta, egoisticamente, no direito de quebrar o seu vaso.

E a sentença foi a seguinte:

– Determino que o oleiro fabrique um novo vaso de linhas perfeitas e cores harmoniosas, no qual o poeta escreverá um de seus lindos versos. Esse vaso, será vendido em leilão e a importância obtida pela venda deverá ser dividida em partes iguais entre ambos.

A notícia sobre a forma inesperada como o sábio juiz resolveu aquela disputa espalhou-se rapidamente.

Foram vendidos muitos vasos feitos pelo oleiro e adornados com os versos do poeta. Em pouco tempo eles prosperaram muito. Tornaram-se amigos e cada qual passou a respeitar e a admirar o trabalho do outro.

O oleiro mostrava-se arrebatado ao ouvir os versos do poeta, enquanto o poeta encantava-se com os vasos admiráveis do oleiro.

“Todo homem deve ser respeitado como indivíduo.”

Albert Einstein

O PACOTE DE BISCOITO

Aquela moça estava à espera de seu vôo, na sala de embarque de um grande aeroporto. Como ela deveria esperar por muitas horas pelo seu vôo, resolveu comprar um livro para matar o tempo. Comprou, também, um pacote de biscoitos.

Sentou-se numa poltrona confortável, na sala VIP do aeroporto, para que pudesse descansar e ler em paz.

Ao seu lado sentou-se um homem.

Quando ela pegou o primeiro biscoito, o homem também pegou um. Ela se sentiu indignada, mas, não disse nada, apenas pensou: "Mas que cara de pau! Se eu estivesse mais disposta, lhe daria um soco no olho para que ele nunca mais esquecesse!"

A cada biscoito que ela pegava, o homem também pegava um. Aquilo a deixava tão indignada que não conseguia nem reagir.

Quando restava apenas um biscoito, ela pensou: "o que será que este abusado vai fazer agora?"

Então, o homem dividiu o último biscoito ao meio, deixando a outra metade para ela.

Ah! Aquilo era demais! Ela estava bufando de raiva!

Então, ela pegou suas coisas e se dirigiu ao local de embarque.

Quando se sentou, confortavelmente, numa poltrona já no interior do avião, olhou dentro da bolsa para pegar uma bala, e, para sua surpresa, o pacote de biscoitos estava lá, ainda intacto, fechadinho.

Ela sentiu tanta vergonha!

Só então ela percebeu que a errada era ela, sempre tão distraída!

Ela havia esquecido que seus biscoitos estavam guardados na bolsa.

O homem havia dividido os biscoitos dele sem se sentir indignado, nervoso ou revoltado, enquanto ela tinha ficado muito transtornada, pensando estar dividindo os dela com ele.

E já não havia mais tempo para se explicar, nem pedir desculpas...

*"Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos.
Com nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo."*

O PALÁCIO MARAVILHOSO

Conta-se que certa vez, um rei do Iêmen, chamado Hiamir, chamou um dos seus ministros e disse-lhe:

– Quero fazer uma longa viagem à Tiapur, uma região longínqua, pobre, triste, árida e sem conforto. Determino que vá antes de mim, e logo que lá chegar, mande que seja construído um magnífico palácio, com largas varandas de marfim e pátios floridos. Nesse palácio ficarei hospedado durante uma temporada, com tranqüilidade e conforto.

O vizir respondeu humildemente:

– Escuto e obedeco, ó rei.

Dias depois, o vizir partiu, em caravana com camelos carregados de ouro.

Ao chegar à cidade o vizir ficou desolado com o estado de abandono em que se achava o povo.

Encontrou por todas as estradas muitas crianças famintas e centenas de infelizes, morrendo de inanição.

Os quadros de miséria e sofrimento que se desenrolavam, a todo instante, torturavam o coração do poderoso ministro.

Ele trouxera mais de trinta mil dinares, que deveriam ser gastos na construção de um grandioso palácio!

No entanto, levado por um impulso irresistível, em vez de executar a ordem do rei, o vizir resolveu gastar o dinheiro que trazia, beneficiando a infeliz população.

Mandou construir diversos abrigos para os desamparados. Distribuiu mantimentos entre os necessitados. Determinou que os enfermos fossem, sem demora, medicados e forneceu pão aos que padeciam fome.

Ao fim de alguns meses, notava-se uma transformação completa de toda a cidade.

Os homens haviam voltado ao trabalho e por toda a parte reinava a alegria e a prosperidade.

As crianças brincavam alegremente nos pátios e as mulheres cantavam nas portas das tendas.

E do palácio maravilhoso, encomendado pelo rei, nada existia.

Quando o rei Hiamir chegou a Tiapur foi recebido por uma grande manifestação de júbilo da população.

– Sinto-me muito feliz - confessou o monarca - por saber que sou

sinceramente estimado pelos meus súditos. Mas onde estará o palácio de Tiapur? Perguntou.

– Antes de falar sobre o palácio, tenho um pedido a fazer. Disse-lhe o vizir.

– Segundo as leis, aquele que o desobedecer, praticando um abuso de confiança, deve ser condenado à morte. Pois, houve, ó rei, um homem de sua confiança que praticou tal delito. Espera-se que seja determinada a execução do culpado sem demora. Disse o vizir serenamente.

– Quem é o acusado? Questionou o rei.

– O criminoso sou eu. Disse o vizir sem hesitar.

E sem ocultar a menor parcela da verdade, o vizir descreveu a miséria em que se encontrava o povo. Por fim, confessou que, penalizado diante de tanto sofrimento, em vez de construir o palácio, resolveu gastar os recursos que lhe foram confiados para mudar a triste sorte da população.

– Não cumpri a ordem recebida, por isso, aguardo o castigo de que me fiz merecedor. Concluiu.

– Levante-se, meu amigo. Ordenou emocionado o rei.

– Vejo que seu trabalho é responsável pela edificação do mais belo dos palácios que já conheci. Vejo torres cintilantes nas fisionomias alegres das crianças; admiro as largas varandas de marfim no sorriso radiante de cada um de meus súditos; reconheço os pátios floridos no olhar de gratidão das mães felizes. Como é majestoso e belo, ó vizir, o maravilhoso palácio que a sua bondade fez se erguer nas terras de Tiapur.

“Não existe grandeza quando a simplicidade, bondade e a verdade estão ausentes.”

Leon Tolstói

O PARTO DA PRATARIA

Naquela agradável cidade, dois de seus moradores mais populares tinham a fama de jamais terem sido enganados, ninguém jamais conseguiu passar a perna neles. Um deles era José, sujeito de meia idade que sobrevivia à base de pequenos biscates. O outro era João, um senhor de idade, rico e avarento.

Apesar da fama que ambos tinham naquela pequena comunidade, jamais tinham se defrontado, mas o dia havia chegado.

José decidiu desafiar João, o velho sovina, a um duelo de sagacidade. Ele foi à casa do avarento e, após uma acalorada discussão, o persuadiu a emprestar-lhe uma taça de prata.

No dia seguinte, José não somente devolveu a taça, mas também deu a João uma taça pequena.

– Para que é a taça extra? - perguntou o velho avarento, desconfiado.

– Pegue-a sem medo, ela pertence a você de direito. Veja, na noite passada sua taça grande deu à luz esta taça pequena. Assim, achei mais do que justo dá-la a você.

– Um imbecil inocente - pensou o velho avarento. Muito bem - disse em voz alta, com dificuldade em disfarçar a sua alegria - enquanto você for honesto o suficiente para admiti-lo, serei honesto o suficiente para aceitá-lo.

– Obrigado, disse José. E agora, gostaria de tomar emprestado um candelabro de prata para o fim de semana. Estou aguardando a visita de um familiar importante e gostaria de causar-lhe boa impressão.

– Claro meu amigo! Sinta-se à vontade! - respondeu João, com um sorriso irônico entre os dentes.

Na segunda-feira seguinte, José devolveu o candelabro e mais um suporte para velas separado.

– Seu candelabro deu à luz a este suporte, explicou José.

João era por demais astucioso para discutir com José o absurdo que era um objeto inanimado dar à luz outro.

– Sempre que eu puder ser útil no futuro, me chame, disse prazerosamente, enquanto aceitava o presente recém nascido.

– Já que o senhor me dá esta oportunidade, gostaria de pedir-lhe uma nova gentileza, disse José. Estou aguardando a visita de meu sogro amanhã e, apenas para impressioná-lo, gostaria de tomar emprestado seu relógio de ouro, cravejado com diamantes.

O velho avarento imediatamente teve visões do “relógio bebê” de valor comparável ao “pai”. Ele imediatamente passou o relógio para José, certo de que ele voltaria na próxima noite.

– Que grande idiota ignorante! - pensou João desdenhosamente.

Mas José não devolveu o relógio valiosíssimo nem na noite seguinte, nem na semana posterior e muito menos no mês que se seguiu. Então, o velho avarento foi até a humilde moradia de José e exigiu a devolução de seu relógio.

– Onde está meu relógio de ouro? - questionou João com grande exaltação.

– Me dói ter de lhe dizer isto - explicou José - mas seu relógio caiu doente e morreu.

– Morreu? Isto é ridículo!

– Por que ridículo? - perguntou José calmamente. Se uma taça e um candelabro de prata podem ter filhos, como você concordou, então por que um relógio de ouro não pode falecer?

“O maior enganado é aquele que engana a si próprio.”

Ralph Waldo Emerson

O PASTOR E O LOBO

Um pastor encontrou uma vez um lobinho que a mãe abandonara.

Levou o lobinho para casa, tratou dele e ensinou-o a roubar carneiros dos rebanhos vizinhos.

O lobo cresceu e aprendeu tão bem que um dia roubou um carneiro do rebanho do próprio pastor.

– Por que fizeste isto comigo? - perguntou o pastor, queixoso.

– Por que me ensinaste a roubar? - retrucou o lobo.

“Quem ensina o mal, com o mal será castigado.”

Esopo

O PASTORZINHO E O LOBO

Todos os dias, um jovem pastor levava um rebanho de ovelhas às montanhas perto da aldeia.

Um dia, por brincadeira, ele correu de lá de cima gritando:

– Um lobo! Um lobo!

Os habitantes da aldeia trataram de apanhar pedaços de pau para caçar o lobo e encontraram o pastorzinho às gargalhadas, dizendo:

– Eu só queria brincar com vocês!

E, vendo que a brincadeira realmente assustava os aldeões, gritou no dia seguinte:

– Um lobo!

Novamente, os moradores da aldeia trataram de apanhar suas armas de madeira.

Tantas vezes o fez que a gente da aldeia não prestava mais atenção aos seus gritos mentirosos.

Mais alguns dias, e ele voltou a gritar:

– Um lobo! Um lobo! Socorram-me!

Um dos homens disse aos outros:

– Já não acredito. Ele não nos engana mais.

E era de fato um lobo, que dizimou todo o rebanho do pastorzinho.

“Os mentirosos não ganham senão uma coisa: não serem acreditados mesmo quando dizem a verdade.”

Esopo

O PIQUENIQUE DAS TARTARUGAS

Uma família de tartarugas decidiu sair para um piquenique.

As tartarugas, sendo naturalmente lentas, levaram sete anos para prepararem-se para seu passeio. Finalmente, a família de tartarugas saiu de casa para procurar um lugar apropriado.

Durante o segundo ano da viagem, encontraram um lugar ideal!

Por aproximadamente seis meses limparam a área, desembalaram a cesta de piquenique e terminaram os arranjos. Então, descobriram que tinham esquecido o sal. Um piquenique sem sal seria um desastre, todas concordaram.

Após uma longa discussão, a tartaruga mais nova foi escolhida para voltar em casa e pegar o sal, pois era a mais rápida da família. A pequena tartaruga lamentou, chorou e esperneou. Finalmente, ela concordou em ir, mas com uma condição: que ninguém comeria até que ela retornasse.

A família consentiu e a pequena tartaruga saiu.

Três anos se passaram e a pequena tartaruga não tinha retornado.

Cinco anos... seis anos... então, no sétimo ano de sua ausência, a tartaruga mais velha não agüentava mais conter sua fome. Ela anunciou que ia comer e começou a desembalar um sanduíche.

Nesta hora, a pequena tartaruga saiu de trás de uma árvore e gritou:

– Viu! Eu sabia que vocês não iam me esperar. Agora que eu não vou mesmo buscar o sal.

“Correr não adianta, é preciso partir a tempo.”

Jean de La Fontaine

O PLANTADOR DE ÁRVORES

Um rei seguia pela estrada com toda sua comitiva, quando viu um homem velho plantando uma arvorezinha.

Achou aquela atitude muito estranha, já que a árvore demoraria em crescer e, quando desse frutos, o velho não estaria mais lá para aproveitar.

E então, o rei perguntou ao velho plantador de árvores por que ele insistia numa tarefa tão inútil. Ao que o homem respondeu:

– Fico feliz em plantar, mesmo não sendo eu quem vai colher. Nós não estamos aproveitando hoje as árvores que foram plantadas há muitos anos? Plantar é o que importa. Não o colher.

O rei considerou muita sábia a atitude daquele homem e, comovido, entregou-lhe um saco com moedas de ouro como prêmio à sabedoria do plantador de árvores.

E ele agradeceu assim:

– Viu como são as coisas? Eu mal acabei de plantar a minha árvore e já estou colhendo frutos valiosos.

*“Para cada mil homens dedicados a cortar as folhas do mal,
há apenas um atacando as raízes.”*

Henry David Thoreau

O PODER DA GENTILEZA

Samuel era um rabino que, na década de 1930, vivia numa aldeia polonesa. Gostava de dar longas caminhadas pelo campo. Era conhecido pela sua gentileza, pela forma com que a todos se dirigia.

As relações entre cristãos e judeus não eram boas naquela aldeia. Mesmo assim, toda vez que o rabino passava pelo Sr. Müller, um camponês de origem alemã, o cumprimentava com um “bom dia”. Naturalmente que não havia resposta. O lavrador lhe voltava as costas, em silêncio.

O rabino, contudo, não desistia. Todos os dias, nas manhãs de sol, passava e cumprimentava o Sr. Müller.

Finalmente, depois de muito tempo, o lavrador decidiu corresponder aquele cumprimento. Primeiro, com um leve toque no chapéu. Depois, ele acrescentou um sorriso. Mais tarde, gritava de volta: bom dia, rabino.

Os anos se passaram. Chegaram os nazistas e o rabino e sua família foram feitos prisioneiros e levados a um campo de concentração. O rabino foi sendo transferido de um campo para outro até chegar em Auschwitz.

Desembarcando do trem, ele entrou em uma enorme fila de seleção. Enquanto caminhava, percebeu que no início da fila o comandante indicava com um bastão para onde o prisioneiro deveria ir: esquerda ou direita. A esquerda, era a morte imediata. A direita, algum tempo de sobrevivência.

O coração palpitava, a fila seguia e ele pensava: esquerda ou direita? Morrerei ou viverei? Que tipo de homem, pensou, seria aquele comandante que assim decidia sobre a vida e a morte de outros tantos homens?

Quando estava apenas a uma pessoa de distância do oficial, afastou o medo e olhou com curiosidade para o rosto do comandante. Naquele momento, o homem se voltou e os olhos de ambos se encontraram.

O rabino olhou fixamente nos olhos que o fitavam e disse baixinho:

– Bom dia, Sr. Müller.

Os olhos do comandante tremeram por um segundo e ele respondeu:

– Bom dia, rabino.

Estendeu o bastão para a frente. Apontou a direita e gritou: passe.

E o rabino passou para a direita, para a vida.

“A guerra traz à tona o pior em cada um de nós.”

Oskar Schindler

O PODER DA “NÃO VIOLÊNCIA”

O doutor Arun Gandhi, neto do inesquecível e saudoso Mahatma Gandhi, contou a seguinte história sobre a vida sem violência.

Eu tinha dezesseis anos e vivia com meus pais, na instituição que meu avô havia fundado e que ficava a vinte e nove quilômetros da cidade de Durban, na África do Sul.

Vivíamos no interior, em meio aos canaviais, e não tínhamos vizinhos, por isso minhas irmãs e eu sempre ficávamos entusiasmados com a possibilidade de irmos até a cidade, para visitar os amigos ou ir ao cinema.

Certo dia, meu pai pediu-me que o levasse até a cidade, onde ele participaria de uma conferência durante o dia todo. Eu fiquei radiante com esta oportunidade. Como íamos até a cidade, minha mãe me deu uma lista de coisas que precisava do supermercado e de outras lojas da região, como passaríamos o dia todo, meu pai me pediu que tratasse de alguns de seus assuntos pessoais pendentes, como levar o carro à oficina.

Quando me despedi de meu pai ele me disse:

– Nos vemos aqui, às dezessete horas, e voltaremos para casa juntos.

Depois de cumprir todas as tarefas, fui até o cinema mais próximo. Distraí-me tanto com o filme que esqueci da hora. Quando me dei conta eram bem mais que dezessete horas. Corri até a oficina, peguei o carro e apressei-me a buscar meu pai. Já eram quase dezoito horas.

Ao me deparar com ele, meu pai perguntou-me ansioso:

– Porque chegou tão tarde?

Eu me sentia muito mal pelo ocorrido, e não tive coragem de dizer que estava vendo um filme. Então, lhe disse que o carro não ficara pronto, e que tivera que esperar um bom tempo até que o mecânico terminasse o serviço. O que eu não sabia era que ele já havia telefonado para a oficina. Ao perceber que eu estava mentindo, disse-me:

– Algo não está certo no modo como o tenho criado, porque você não teve a coragem de me dizer uma simples verdade. Vou refletir sobre o que fiz de errado com a sua educação. Desta forma, caminharei os vinte e nove quilômetros até nossa casa para pensar sobre isso.

Assim, vestido em suas melhores roupas e calçando sapatos elegantes, começou a caminhar para casa pela estrada de terra sem iluminação.

Não pude deixá-lo sozinho... Assim, guiei por cinco horas atrás dele, vendo meu pai sofrer por causa de uma mentira estúpida que eu havia dito.

Decidi ali mesmo que nunca mais mentiria em minha vida.

Muitas vezes me lembro deste episódio e penso: se meu pai tivesse me castigado da maneira como normalmente nós castigamos nossos filhos, será que eu teria aprendido a lição? Não, não creio. Teria sofrido o castigo e continuaria fazendo o mesmo. Mas esta ação não-violenta foi tão forte que ficou impressa em minha memória como se fosse ontem.

Este é o poder da vida sem violência.

“Assim como uma gota de veneno compromete um balde inteiro, também a mentira, por menor que seja, estraga toda nossa vida.”

Mahatma Gandhi

O PODER DAS PALAVRAS

Durante uma palestra, enquanto um orador fala sobre o poder do pensamento positivo e das palavras, um participante levanta a mão e diz:

– Desculpe-me, mas não é porque eu vou dizer felicidade, felicidade, felicidade!, que me sentirei melhor, e não é porque direi infelicidade, infelicidade, infelicidade!, que eu irei me sentir pior. As palavras são isso mesmo, apenas palavras.

O orador ouve atentamente a explanação e ao final responde:

– Cale-se, seu idiota, você é incapaz de compreender o que eu digo!

O participante fica paralisado com a grosseria, muda de cor instantaneamente e enquanto prepara-se para replicar agressivamente, o orador levanta a mão e diz com calma e gentileza:

– Peço que você me desculpe. Eu não queria ofendê-lo ou magoá-lo. Peço que você aceite as minhas mais sinceras desculpas.

O participante acalma-se, enquanto os demais participantes murmuraram, iniciando uma agitação na sala.

O orador intervém, novamente, respondendo ao participante:

– Você agora tem a resposta à questão que levantou: certas palavras desencadeiam dentro de nós raiva e cólera, outras acalma-nos. Agora você compreende melhor o poder das palavras?

“Seja sempre o dono de tua língua, para não ser escravo de tuas palavras.”

Alex Cardoso de Melo

O PODER DO CRACHÁ

Certa vez, um policial federal, foi a uma fazenda e disse ao seu dono, um velho fazendeiro:

– Preciso inspecionar toda a sua fazenda, por suspeita de plantação ilegal de maconha!

O fazendeiro gentilmente respondeu:

– Ok, mas não vá àquele campo ali. Apontando para uma certa área.

O policial lhe diz indignado:

– O senhor sabe que tenho o poder do Governo Federal comigo?, e tira do bolso um crachá, mostrando-o ao fazendeiro.

E continua, dizendo-lhe:

– Este crachá me dá autoridade de ir aonde quero e entrar em qualquer propriedade. Não preciso pedir ou responder a nenhuma pergunta! Está claro? Fiz-me entender?

O fazendeiro, muito educado e um pouco constrangido com aquela situação, pede desculpas e volta para os seus afazeres.

Poucos minutos depois, o fazendeiro ouve uma enorme gritaria e vê o policial correndo para salvar sua própria vida, perseguido pelo maior touro da fazenda. A cada passo, o touro chegava mais perto, dando a impressão que atingiria o policial, antes que ele conseguisse alcançar um lugar seguro.

Ao ver o policial extremamente apavorado, o fazendeiro - homem muito simples e bondoso - larga suas ferramentas, corre para a cerca e, desesperado, grita com todas as forças de seus pulmões:

– Seu crachá, mostra o seu crachá!

“Quase todos os homens são capazes de suportar adversidades, mas se quiser por à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder.”

Abraham Lincoln

O PONTO NEGRO

Conta-se que um professor preparou sua aula estendendo um grande lençol branco numa das paredes da sala.

Na medida em que os alunos iam entrando, tinham sua curiosidade despertada por aquele objeto estranho estendido bem à sua frente.

O professor iniciou a aula perguntando a todos os alunos o que eles viam. O primeiro que se manifestou disse que via um pontinho negro, no que foi seguido pelos demais. Todos conseguiram ver o pontinho negro que fora colocado, de propósito, no centro do lençol branco.

Depois de perguntar a todos se o ponto negro era a única coisa que viam, e ouvir a resposta afirmativa, o professor lançou outra questão:

– Vocês não estão vendo todo o resto do lençol? Vocês conseguem somente ver o pequeno ponto preto, e não percebem a parte branca, que é muito mais extensa?

Naquele exato momento os alunos entenderam o propósito da aula: ensinar a ampliar e educar a visão, para perceber melhor o conjunto e não ficar atento somente aos pormenores ou às coisas negativas.

“Muitas vezes, fazemos os nossos caminhos e lhes chamamos de destino.”

Benjamim Disraeli

O PREÇO DA LIBERDADE

Conta-se que Ciro, rei da Pérsia, durante uma de suas campanhas, venceu e aprisionou um príncipe da Líbia.

O príncipe foi levado a presença do rei vencedor, juntamente com sua esposa e filhos.

Ciro perguntou-lhe:

– O que me dás se eu te conceder a liberdade?

– A metade do meu reino - foi a resposta.

– E se der liberdade, também, a teus filhos?

– Entrego-te, neste caso, a outra metade do meu reino.

– Que me darás, então, pela liberdade da tua esposa? - questionou o rei persa.

O príncipe percebeu que tinha agido precipitadamente ao oferecer tudo o que tinha, esquecendo-se assim de sua companheira; depois de meditar por um momento declarou com firmeza:

– Dou-lhe em troca, neste caso, a minha liberdade.

– O rei ficou tão surpreso ao ouvir a resposta que concedeu liberdade para toda a família sem exigir resgate, nem fiança.

Ao regressar para casa, o príncipe perguntou a sua esposa se ela não havia reparado na fisionomia serena e ativa do soberano persa.

E a dedicada esposa respondeu:

– Não olhei absolutamente para nada, pois tinha meus olhos fixos naquele que estava disposto a dar-se a si mesmo pela minha liberdade.

“Liberdade significa responsabilidade. É por isso que tanta gente tem medo dela.”

George Bernard Shaw

O PREÇO DA VAIDADE

Certo dia, o maior comerciante daquele reino árabe, compareceu à corte ostentando um magnífico turbante. Sabia que o rei ia admirá-lo e que, portanto, poderia vender-lhe o tal turbante.

– Quanto você pagou por esta maravilha? - perguntou o rei, ao ver o comerciante adentrar em seu castelo.

– Mil moedas de ouro, majestade.

Percebendo a tramóia, o vizir cochichou ao rei:

– Só um idiota pagaria tanto por um turbante.

Ao ouvir este comentário, disse o rei:

– Afinal, por que você pagou essa fortuna? Nunca ouvi falar de um turbante que custasse mil moedas de ouro.

– Ah, majestade, paguei esta fortuna, porque sabia que, em todo o mundo, só um único rei compraria esse tipo de coisa.

Encantado com o elogio, o rei ordenou que dessem ao comerciante duas mil moedas de ouro e ficou com o turbante.

Mais tarde, longe da presença do rei, o comerciante disse ao vizir:

– Você pode muito bem conhecer o valor de um turbante, mas sou eu quem conhece as fraquezas dos reis.

“Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio.”

Sigmund Freud

O PREÇO JUSTO

Alexandre era um homem sábio que morava em uma pequena cidade do interior. Certo dia, ele estava preparando um jantar para alguns amigos, quando percebeu que o sal havia terminado.

Desta forma, chamou seu pequeno filho, Lucas, e disse-lhe:

– Lucas, vá até a venda e compre sal. Mas, pague um preço justo por ele: nem mais caro, nem mais barato.

O filho ficou surpreso:

– Compreendo que não deva pagar mais caro, pai. Mas, se puder barganhar um pouco, por que não economizar algum dinheiro?

– Numa cidade grande, isso é aconselhável. Mas, numa cidade pequena como a nossa, todos perecerão.

Quando os convidados, que assistiram à conversa, quiseram saber por que não se devia comprar o sal mais barato, Alexandre respondeu:

– Quem vender o sal abaixo do preço, estará agindo assim porque precisa desesperadamente de dinheiro. Quem se aproveitar desta situação, estará demonstrando desrespeito pelo suor e pela luta de um homem que trabalhou para produzir algo.

– Mas, isso é realmente muito pouco para que uma cidade como a nossa seja destruída! - argumentaram os convidados.

Também no início do mundo, a injustiça era pequena. Mas, cada um acrescentava alguma coisa a mais, sempre achando que aquele pouquinho não tinha muita importância, e vejam onde terminamos chegando hoje.

*“De nada adianta a tecnologia realizar a produção sem emprego,
se a economia não consegue inventar o consumo sem salário.”*

Alex Cardoso de Melo

O PREGO E A CERCA

Era uma vez, um menino que tinha um mau temperamento.

Certo dia, após um de seus ataques de raiva, o pai deu-lhe um saco de pregos e disse a ele que cada vez que perdesse a calma, deveria pregar um dos pregos na cerca.

No primeiro dia, o menino pregou dezessete. Nas semanas seguintes, como ele aprendeu a controlar um pouco o seu temperamento, o número diminuiu consideravelmente.

Ele descobriu que era mais fácil se segurar do que pregar aqueles pregos na cerca.

Finalmente, chegou o dia em que o menino não perdeu a calma em nenhum momento. Ele então falou ao seu pai sobre isso e o pai sugeriu que o menino tirasse da cerca um prego por dia se ele não perdesse a calma.

Os dias passaram e o menino, então, estava finalmente pronto para dizer ao pai que tinha retirado todos os pregos da cerca.

O pai, então, o pegou pela mão e foram até a cerca onde lhe disse:

– Você fez muito bem meu filho, mas veja só os buracos que restaram na cerca. A cerca nunca mais será a mesma! Quando você fala algumas coisas com raiva, elas deixam cicatrizes como estas aqui. Você pode enfiar uma faca em alguém e retirá-la, não importa quantas vezes peça desculpas, a ferida ainda estará lá.

E o pai finalizou dizendo:

– Um ferimento verbal muitas vezes é ainda mais cruel do que um físico, embora as palavras possam cair no esquecimento, as marcas deixadas pelo significado são para sempre.

“Cuidado com as palavras pronunciadas em discussões e brigas, e que revelem sentimentos e pensamentos que na realidade você não sente e também não pensa. Pois minutos depois, quando a raiva passar, você delas não se lembrará mais, porém, aquele a quem tais palavras foram dirigidas, jamais as esquecerá.”

Charles Chaplin

O PRESENTE MAIS ESPECIAL

Aquela era uma pequena cidade perdida entre a exuberância da mata e o escarpado da serra. Uma cidade do interior como muitas outras. Na única escola havia uma só classe de alunos e uma professora. As crianças, de variadas idades, eram amadas por ela e com carinho acolhidas todos os dias para o ensino. Para aquela mestra, cada criança era uma criatura especial.

Quando chegou o dia do professor, os alunos desejavam lhe dizer que também a amavam muito e lhe levaram presentes.

Agitadas, cada uma delas desejava entregar antes a sua dádiva.

Os filhos do dono da chácara próxima trouxeram uma cesta de frutos. Cada um mais bonito e cheiroso que o outro.

Os filhos do dono da granja trouxeram uma boa quantidade de ovos.

A filha da cozinheira do restaurante trouxe um belo bolo de cenoura.

Os três irmãos que viviam na fazenda lhe trouxeram um cabritinho.

A cada um, emocionada, ela abraçava e agradecia.

Por fim, o menino-índio, o único na escola, lhe deu uma concha.

Ela ficou encantada com a beleza da concha e, recordando seus tempos de infância, colocou-a no ouvido para escutar o barulho do mar.

Ficou embevecida. Pela sua mente passaram as alegres cenas dos dias em que, criança, brincava na areia e molhava os pés nas ondas da praia.

Quando foi abraçar o menino, reparou que suas pernas e pés estavam empoeiradas, a unha do dedão estava quebrada e seu short estava sujo.

A camisa estava molhada de suor. Braços e mãos estavam imundos. Em seu rostinho suado os olhos faiscavam de alegria, percebendo todo o encanto da professora com a concha.

Foi no confronto com esses olhos que ela se deu conta de que a praia mais próxima estava a três horas de caminhada. Considerando a volta, isso significava seis horas de caminhada ininterrupta. E perguntou ao menino:

– Mas você foi buscar essa concha para mim tão longe?

Sorrindo ainda, ele respondeu:

– A caminhada faz parte do presente.

“Jamais nos esqueçamos, de que a gentileza e o respeito no trato pessoal, também significam caridade.”

Alex Cardoso de Melo

O QUE MAIS SE PREOCUPAVA

Certa vez, houve um concurso numa escola, cujo tema era: “a criança que mais se preocupa com os outros.”

O vencedor foi um menino cujo vizinho - um senhor de oitenta e dois anos - acabara de ficar viúvo. Ao notar o velhinho no seu quintal, em lágrimas, o garoto pulou a cerca, sentou-se no seu colo e ali ficou por muito tempo.

Quando voltou para casa, a mãe do pequeno garoto lhe perguntou o que dissera ao pobre homem.

– Nada - disse o menino. Ele tinha perdido a sua mulher, e isso deve ter doído muito. Eu fui apenas ajudá-lo a chorar.

“Nunca devemos envergonharmo-nos das nossas próprias lágrimas.”

Charles Dickens

O QUE TE FAZ MELHOR

Durante uma conversa, uma mesa-redonda sobre religião e paz entre os povos, perguntaram ao Dalai Lama:

– Santidade, qual a melhor religião?

O questionador confessa que esperava que ele dissesse: é o budismo tibetano. Ou são as religiões orientais, mais antigas que o cristianismo.

No entanto, o Dalai Lama fez uma pequena pausa, deu um sorriso, olhou seu inquiridor bem nos olhos, desconcertando-o um pouco, como se soubesse da certa dose de malícia na pergunta, e afirmou:

– A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor.

Diante de tão sábia resposta, o participante voltou a perguntar:

– O que me faz melhor?

– Aquilo que te faz mais compassivo; aquilo que te faz mais sensível e desapegado, mais amoroso e humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião.

“Só existem dois dias do ano em que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã. Portanto, hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.”

Dalai Lama

O QUEBRADOR DE PEDRAS

Era uma vez, um simples quebrador de pedras que estava sempre insatisfeito consigo mesmo e com sua posição na vida. Certo dia, ao passar em frente a uma rica e linda mansão, ele pensou: "quão poderoso é este mercador!" A inveja tomou conta de seu corpo e, naquele momento, ele desejou que pudesse ser como o comerciante.

Para sua grande surpresa, repentinamente, ele tornou-se o comerciante e passou a usufruir todo o luxo e poder daquele importante mercador. Embora, fosse invejado e detestado por todos aqueles menos poderosos e ricos do que ele. Algum tempo depois, um alto oficial do governo passou à sua frente na rua, carregado em uma grande liteira de seda, acompanhado por submissos atendentes e escoltado por inúmeros soldados, que batiam gongos para afastar a plebe. Todos, não importa quão ricos, tinham que se curvar à sua passagem.

Quão poderoso é este oficial! - ele pensou. Gostaria de poder ser um alto oficial!

Então, ele tornou-se o alto oficial, carregado em sua liteira de seda para qualquer lugar que fosse, temido e odiado pelas pessoas à sua volta. O tempo passou, e em um dia quente de verão, o oficial sentiu-se desconfortável na suada liteira de seda. Ele olhou para o sol e este fulgia orgulhoso no céu, indiferente pela sua reles presença abaixo.

Quão poderoso é o sol! - ele pensou. Gostaria de ser o sol!

Então, ele tornou-se o sol. Brilhando ferozmente, lançando seus raios para a terra, sobre tudo e todos, crestando os campos, amaldiçoado pelos fazendeiros e trabalhadores. Mas um dia uma enorme nuvem negra ficou entre ele e a terra, e seu calor não mais pôde alcançar o chão.

Quão poderosa é a nuvem de tempestade! - ele pensou. Gostaria de ser uma nuvem!

Então, ele tornou-se a nuvem, inundando com chuva campos e vilas, levando temor a todos. Mas repentinamente ele percebeu que estava sendo empurrado para longe com uma força descomunal, e soube que era o vento que fazia isso.

Quão poderoso é o vento! - ele pensou. Gostaria de ser o vento!

Então, ele tornou-se o vento de furacão, soprando as telhas das casas, desenraizando árvores, temido e odiado por todas as criaturas na terra. Mas, em determinado momento, ele encontrou algo que ele não foi capaz

de mover nem um milímetro, não importasse o quanto ele soprasse em sua volta, lançando-lhe rajadas de ar. Ele viu que o objeto era uma grande e alta rocha.

Quão poderosa é a rocha! - ele pensou. Gostaria de ser uma rocha!

Então, ele tornou-se a rocha. Mais poderoso do que qualquer outra coisa na terra, eterno, inamovível. Mas, enquanto ele estava lá, orgulhoso pela sua força, ele ouviu o som de um martelo batendo em um cinzel sobre uma dura superfície e sentiu a si mesmo sendo despedaçado.

O que seria mais poderoso do que uma rocha? - pensou, surpreso.

Ele olhou para baixo de si e viu a figura de um quebrador de pedras.

“As dificuldades são o aço estrutural que entra na construção do caráter.”

Carlos Drummond de Andrade

O REI E A CAMISA

Certa vez, um rei adoeceu gravemente. Com o passar dos dias, seu estado de saúde piorava. Os médicos e sábios tentaram de tudo, mas nada funcionava. Estavam perdendo as esperanças quando a velha criada falou:

– Eu lhes mostrarei como salvar o rei. Se vocês puderem encontrar um homem feliz, tirar-lhe a camisa e vesti-la no rei, ele se recuperará.

Então, o rei enviou seus mensageiros. Eles cavalgaram por todos os cantos do reino e não encontraram um homem feliz. Ninguém estava satisfeito; todos tinham uma queixa.

– Aquele alfaiate estúpido! - ouviram um homem rico dizer. Fez as calças muito curtas! E a propósito, a comida está péssima! Este cozinheiro não consegue fazer nada direito?

– O que há de errado com os nossos filhos? - resmungou o moleiro para a esposa. Eles nunca fazem o que mandamos! Não ensinam boas maneiras na escola? E fazem tanto barulho! Mande-os brincar lá fora.

– Meu teto está vazando - reclamou o artesão. Isto não pode acontecer! O governo não pode fazer alguma coisa?

Os mensageiros do rei não ouviram nada além de queixas e lamentos, aonde quer que fossem. Se um homem era rico, não tinha o bastante; se era pobre, culpava alguém. Se era saudável, havia a sogra indesejável. Se tinha uma boa sogra, a gripe o acometia. Todos reclamavam de tudo.

Finalmente, uma noite o próprio filho do rei, ao passar por uma cabana ouviu alguém dizer:

– Obrigado Senhor! Concluí meu trabalho diário e ajudei meu semelhante. Comi meu alimento, e agora posso deitar-me e dormir em paz. O que mais poderia eu desejar?

O príncipe exultou por ter encontrado um homem feliz. Mandou que levassem a camisa do homem ao rei e pagassem o quanto ele pedisse.

Mas, quando os mensageiros do rei foram à cabana despir o homem feliz, descobriram que ele era pobre demais e sequer possuía uma camisa.

*“Recomende aos seus filhos moralidade; somente isso,
e não o dinheiro, poderá fazê-los felizes.”*

Ludwig van Beethoven

O REINO A QUE VOCÊ PERTENCE

Conta-se que certa ocasião, um imperador alemão realizou uma visita a uma das mais afastadas províncias dos seus domínios.

Passando por uma pequena escola, situada à beira da estrada, em uma zona rural, resolveu interromper a viagem e visitar os alunos.

Todos os professores e crianças o receberam com muita emoção, respeito e acatamento.

No meio de tanto entusiasmo, houve quem improvisasse um discurso para saudar a ilustre personagem.

O imperador ficou surpreso e feliz com a recepção.

Percebendo que a classe era viva, inteligente e desinibida, sentiu-se muito à vontade entre os alunos.

Depois de ouvi-los cantar, declamar e discursar, ele resolveu se divertir um pouco com eles. Pediu a seu secretário que lhe trouxesse uma laranja e, mostrando-a aos meninos e meninas, perguntou:

– Qual de vocês é capaz de me responder a que reino pertence esta fruta que tenho na mão?

– Ao reino vegetal. Respondeu de imediato uma garota risonha, de olhos brilhantes e muito comunicativa.

– Surpreendente! Disse o imperador. E continuou:

– Já que você respondeu com tanta precisão, vou lhe fazer outras duas perguntas. Espero que você responda correta e imediatamente. Se me responder sem hesitar, eu lhe dou uma medalha como prêmio. Aceita o desafio?

– Aceito, sim senhor. Falou prontamente a garota.

Então, colocando a mão no bolso de sua farda, tirou uma moeda e a mostrou à menina, indagando:

– E esta moeda, a que reino pertence?

– Ao reino mineral. Disse ela.

– E eu, a que reino pertencço? Questionou o imperador.

Houve um rápido momento de silêncio. Os colegas se entreolharam. A garota apagou o sorriso alegre. Ficou séria e constrangida. Ficou preocupada em ofender o imperador, dizendo que ele pertencia ao reino animal.

Mas, afinal, a resposta seria a correta. Contudo, pensava que poderia perder a medalha e até ser repreendida.

Então, de repente, uma resposta lhe veio à mente. Os seus lindos

olhos voltaram a brilhar, um sorriso iluminou a sua face e ela respondeu, alto e claro:

– O senhor pertence ao reino de Deus!

A resposta da menina causou admiração entre os colegas, professora e toda a comitiva que acompanhava o imperador.

Foi, no entanto, o próprio imperador que mais se sentiu tocado pela afirmativa da garota.

Com voz embargada, entregou a medalha prometida e, emocionado, falou:

– Espero que eu seja digno desse reino, minha filha!

*“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível
e, de repente, você estará fazendo o impossível.”*

São Francisco de Assis

O RETRATO DE UM FILHO

Um homem muito rico e seu filho tinham grande paixão pela arte.

Possuíam obras de grande valor na sua coleção, de Picasso a Rafael. Sempre se sentavam juntos para admirar aquelas preciosidades.

Quando um conflito surgiu na região, o filho foi para a guerra, deixando o pai com o coração partido.

Durante uma batalha, enquanto resgatava um soldado ferido, o jovem foi morto. O pai recebeu a notícia e sofreu a morte do filho único.

Um mês mais tarde, alguém bateu na porta da sua casa. Um jovem, com um enorme pacote nas mãos, falou-lhe:

– O senhor não me conhece, mas sou o soldado pelo qual seu filho deu a vida. Ele salvou muitas vidas naquele dia e estava levando-me a um lugar seguro quando uma bala o atingiu no peito. Ele falava do senhor e do seu amor pela arte e por isso gostaria que o senhor aceitasse um presente.

Ele entregou-lhe o pacote e disse com carinho:

– Eu sei que isto não é muito, pois não sou um grande artista, mas acredito que seu filho ia gostar se o senhor o recebesse.

O pai abriu o pacote e surpreendeu-se com o retrato do filho amado. Ele contemplou, com profunda admiração, a maneira como o soldado tinha retratado a personalidade do filho na pintura. Ficou tão fascinado pela expressão dos olhos do seu filho que os seus próprios marejaram de lágrimas.

Ele agradeceu ao jovem e ofereceu-se para pagar-lhe pelo quadro.

– Oh, não senhor, falou o rapaz. Eu nunca poderei pagar o que seu filho fez por mim. É um presente. Aceite-o, junto com a minha gratidão.

O pai pendurou o quadro acima da lareira e, cada vez que os visitantes e convidados chegavam a sua casa, ele lhes mostrava o retrato do seu filho, antes de mostrar sua famosa galeria.

Aquele pai morreu alguns meses mais tarde e publicou-se um leilão para todas as pinturas que possuía. Muita gente importante e influente foi ao leilão com grandes expectativas.

Sobre a plataforma estava o retrato do seu filho. O leiloeiro bateu o seu martelo para dar início e falou:

– Começaremos o leilão com este retrato do seu filho. Quem vai fazer a primeira oferta por este quadro?

Fez-se um grande silêncio. Então, uma voz no fundo do salão, gritou:

– Queremos ver as pinturas famosas! Esqueça-se desse!

No entanto, o leiloeiro insistiu:
– Alguém oferece algo por esta pintura? Cem mil dólares?
Outra voz gritou com raiva:
– Não viemos aqui por essa pintura! Viemos para ver Van Gogh, Rembrandt, Rafael, Picasso. Vamos às ofertas de verdade!
Ainda assim, o leiloeiro continuava seu trabalho.
– O filho, o filho, quem vai levar o filho?
Finalmente, uma voz vinda dos fundos se fez ouvir:
– Eu dou dez dólares pela pintura!
Era o velho jardineiro do pai e do filho. Sendo muito pobre, era o único valor que poderia oferecer.
– Temos dez dólares, quem dá vinte? - gritou o leiloeiro.
Outro grito se ouviu ao fundo:
– Mostra-nos de uma vez as obras de arte!
Uma vez mais, o leiloeiro insistiu:
– Dez dólares pela oferta! - dará alguém vinte?
A multidão já estava inquieta. Ninguém queria o retrato do filho e sim as que representavam valioso investimento para suas próprias coleções.
Por fim, o leiloeiro bateu o martelo e falou:
– Dou-lhe uma, dou-lhe duas... vendida por dez dólares!
O homem que estava sentado na segunda fila gritou feliz:
– Até que enfim começaremos com a coleção!
O leiloeiro soltou o martelo e disse:
– Sinto muito, damas e cavalheiros, mas o leilão chegou ao fim.
– Mas, onde estão as pinturas? - perguntaram assustados.
– Sinto muito. - falou o leiloeiro. Quando me chamaram para dirigir este leilão, foi-me falado de uma condição estipulada no testamento. Eu não estava autorizado a revelar até este momento. Somente a pintura do filho seria leiloada. Aquele que a adquirisse herdaria absolutamente todos os bens do falecido, incluindo sua coleção de obras de arte. Assim, o homem que ficou com o retrato do filho herdou tudo. E finalizou, declarando uma menção do pai, deixada em meio às instruções do leilão:
– Não há bem que possa valer mais do que um filho. Um verdadeiro afeto se constitui num dos mais valiosos e duradouros patrimônios da alma.

*“Ninguém é tão pobre que nada tenha a oferecer,
nem tão rico que nada tenha a receber.”*

Alex Cardoso de Melo

O RIDÍCULO E A IRONIA

Conta uma velha lenda, que existia, outrora, na Índia, um homem egoísta e de terríveis sentimentos, a quem era intolerável o êxito de seus companheiros: torturava-o ver os seus patrícios triunfando na vida pelo trabalho ou pela inteligência. Um rancor surdo o devorava por dentro.

Esmagado pela incapacidade de lutar e vencer, o homem procurou a Inveja e pediu-lhe uma arma que pudesse agredir, impunemente, seus felizes colegas triunfadores.

A Inveja deu-lhe logo o Ridículo, dizendo:

– Com o Ridículo poderás agredir todos os que vencem na vida com dignidade; com o Ridículo poderás ferir os bons e puros de coração; com o Ridículo poderás investir contra o mérito, a competência e a honra alheia, turvando as obras dos homens de grande imaginação!

Desse dia em diante, o Ridículo e a Ironia passaram a constituir a arma predileta dos invejosos, dos incapazes e dos homens sem dignidade.

“Nunca deixe alguém te dizer que você não pode fazer alguma coisa. Se você tem um sonho, você tem que protegê-lo. Muitas pessoas não conseguem fazer alguma coisa elas mesmas, e querem dizer que você também não consegue. Se você quer alguma coisa, vá atrás. Ponto final.”

Chris Gardner

O SÁBIO E O PÁSSARO

Conta-se que, certa vez, um homem muito maldoso resolveu pregar uma peça em um mestre, famoso por sua sabedoria.

Preparou uma armadilha infalível, como somente os maus podem conceber. Ele tomou de um pássaro e o segurou nas mãos, imaginando que iria até o idoso e experiente mestre, formulando-lhe a seguinte pergunta:

– Mestre, o passarinho que trago nas mãos está vivo ou morto?

Naturalmente, se o mestre respondesse que estava vivo, ele o esmagaria em sua mão, mostrando o pequeno cadáver. Se a resposta fosse que o pássaro estava morto, ele abriria as mãos, libertando-o e permitindo que voasse, ganhando as alturas. Qualquer que fosse a sua resposta, o mestre incorreria em erro aos olhos de todos que assistissem a cena.

Assim pensou e assim o fez.

Quando vários discípulos se encontravam ao redor do venerado senhor, ele se aproximou e formulou a pergunta fatal.

O sábio olhou profundamente o homem em seus olhos. Ele parecia examinar os mais profundos entornos de sua alma. Depois disso, ele respondeu, calmo e seguro:

– O destino desse pássaro, meu filho, está em suas mãos.

“A raiva não pode ser superada pela raiva. Se uma pessoa demonstra raiva de você, e você mostrar raiva em troca, o resultado é um desastre.”

Dalai Lama

O SANGUE DO POVO E A ÁGUA DO RIO

Um rio separava dois reinos e os agricultores o usavam para regar seus campos, porém uma seca muito grande atingiu a região e a água não chegou para todos.

Primeiro brigaram uns com os outros, e logo seus reis enviaram exércitos para proteger os respectivos súditos. A guerra era eminente. Buda, então encaminhou-se à fronteira onde acampavam os dois exércitos.

– Dizei-me, falou, dirigindo-se aos dois reis - que vale mais: a água do rio ou o sangue de vossos povos?

– Não há dúvida, contestaram os reis - que o sangue destes homens vale mais do que a água do rio.

– Oh, reis insensatos - disse Buda. Sacrificarão o bem mais precioso para obter aquilo que vale muito menos! Se continuarem com esta batalha, derramareis o sangue de vossa gente e não tereis aumentado o caudal do rio em uma só gota.

Os reis, envergonhados, resolveram pôr-se de acordo de maneira pacífica e repartir a água. Pouco depois chegaram as chuvas e houve irrigação para todos.

“A paz vem de dentro de você mesmo. Não a procure à sua volta.”

Buda

O SOL E O VENTO

O sol e o vento discutiam sobre qual dos dois era mais forte e o vento disse:

– Provarei que sou o mais forte. Vê aquele velho que vem lá embaixo com um capote? Aposto como posso fazer com que ele tire o capote mais depressa do que você.

Então, o sol recolheu-se atrás de uma nuvem e o vento soprou até quase se tornar um furacão, mas quanto mais ele soprava, mais o velho segurava o capote junto a si.

Finalmente, o vento acalmou-se e desistiu de soprar.

Então, o sol ressurgiu de trás da nuvem e sorriu bondosamente para aquele senhor. Imediatamente ele esfregou o rosto e tirou o capote.

O sol disse então ao vento, que a gentileza e a amizade eram sempre mais fortes que a fúria e a força.

“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada.”

William Shakespeare

O SONHO DE MARTIN

Martin era uma criança observadora que amava a liberdade.

Ele podia suportar broncas, mas as reações de desprezo causavam-lhe grande impacto emocional. Infelizmente, elas foram muito constantes nos principais capítulos de sua vida.

A sua pele era negra e ele não entendia como isso poderia justificar a discriminação que sofria pelas pessoas que tinham a pele branca. Para ele, brancos e negros, tinham os mesmos sentimentos, a mesma capacidade de pensar, a mesma necessidade de ter amigos e de amar.

Quando repousava sua cabeça no travesseiro, o jovem Martin viajava no mundo de suas idéias e se questionava: Por que os negros não podem freqüentar as mesmas escolas, os mesmos clubes, os mesmos bancos das igrejas, o mesmo transporte público que os brancos? Por que não posso ter amigos brancos? Não somos todos seres humanos?

Ele conheceu de perto a dor indecifrável da humilhação. Sofria pela discriminação de que era vítima todo o seu povo.

Resolveu fazer o curso teologia a fim de navegar pelo mundo espiritual e encontrar respostas para o injusto mundo social onde estava inserido. Penetrou no sonho de Deus que nunca fez discriminação de pessoas, nunca distinguiu nobres de miseráveis, reis de súditos, lúcidos de loucos.

Foi contagiado pelo sonho dos direitos humanos e do incondicional respeito pela vida.

Nessa trajetória conheceu a história dos maiores mestres de nossa história. A humanidade de Jesus Cristo influenciou a humanidade do jovem Martin. Viu nele o modelo perfeito de alguém que combatia toda a forma de discriminação.

Ao ler sobre Jesus, Martin ficava impressionado com sua coragem de correr riscos para proteger as pessoas segregadas de seu tempo. Os sonhos do mestre Jesus colocaram combustível nos sonhos de Martin.

Mais tarde, resolveu fazer uma incursão pela filosofia e aprendeu a não calar a sua voz. Tinha uma carreira promissora.

Poderia ter seguido seu próprio caminho e seus próprios interesses. No entanto, preferiu dar seu tempo e sua inteligência para alterar a história dos outros. Queria contribuir para o bem da humanidade. Tinha pouco mais de vinte e cinco anos, mas era arrojado, culto e determinado.

Sonhava em mostrar aos desprezados que eles não deveriam se enver-

gonhar de si mesmos, que nada é mais digno do que um ser humano.

Posteriormente, participou ativamente do movimento em prol dos direitos civis. O clima era tenso e ele sabia que poderia perder a vida a qualquer momento. Mas não conseguia silenciar seus sonhos.

Tornou-se um grande líder.

Sua casa sofreu atentados à bomba, mas isso não o silenciou. Sofreu um atentado na noite de autógrafos de seu livro “A caminho da liberdade”. Sobreviveu, recuperou-se e continuou seu trabalho.

Foi preso diversas vezes, mas nada parecia abalar aquele grande sonhador. Sua voz contagiava corações e, por isso, recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1964.

E, em 4 de abril de 1968, em Memphis, foi morto por um atirador.

Martin Luther King Jr. morreu pelos seus sonhos, os quais jamais morreram com ele. Vivem, ainda, e viverão para sempre, no coração e na alma de todos aqueles que se deixam tocar pela sua linda história e magnífica mensagem de vida.

*“Mesmo as noites totalmente sem estrelas podem anunciar
a aurora de uma grande realização.”*

Martin Luther King

O SONHO E A ORAÇÃO

Aquele jovem rapaz tinha o hábito de semanalmente se reunir com seus familiares para fazerem suas orações em grupo.

Em uma dessas reuniões, enquanto seu tio lia a passagem do dia, ele reparou que a maioria dos presentes dormia. Então, comentou com seu pai:

– Nenhum desses dorminhocos é capaz de ficar atento à palestra. Jamais chegarão até Deus!

E o seu pai respondeu:

– Meu filho querido, procura seu caminho com fé e deixa cada um cuidar de si. Quem sabe, em seus sonhos, todos eles estão conversando com Deus. Eu preferia mil vezes que você estivesse dormindo como eles, a ter que escutar este seu julgamento duro e a sua terrível condenação.

“A maior habilidade de um líder é desenvolver habilidades extraordinárias em pessoas comuns.”

Abraham Lincoln

O SORRISO DE DEUS

Havia um pequeno menino que tinha o desejo de se encontrar com Deus. Ele sabia que tinha um longo caminho pela frente.

Certo dia, encheu sua mochila com pedaços de bolo e refrigerante e saiu para brincar no parque.

Quando ele andou umas três quadras, encontrou um velhinho sentado em um banco da praça olhando os pássaros.

O menino sentou-se junto a ele, abriu sua mochila e ia tomar um gole de refrigerante, quando olhou o velhinho e viu que ele estava com fome, então, lhe ofereceu um pedaço de bolo.

O velhinho, muito agradecido, aceitou e sorriu ao menino. Seu sorriso era tão incrível que o menino quis ver de novo; então, ele ofereceu-lhe um pouco de seu refrigerante.

Mais uma vez, o velhinho sorriu. O menino estava tão feliz! Ficaram sentados ali sorrindo, comendo bolo e bebendo guaraná pelo resto da tarde.

Quando começou a escurecer o menino estava cansado e resolveu voltar para casa, mas, antes de sair ele deu um grande abraço no velhinho.

Aí, o velhinho deu-lhe o maior sorriso que o menino já havia visto.

Quando o menino entrou em casa, sua mãe surpresa perguntou ao ver a felicidade estampada em sua face:

– O que você fez hoje que te deixou tão feliz assim?

Ele respondeu:

– Eu passei a tarde com Deus. Você sabia, que Ele tem o mais lindo sorriso que eu jamais vi?

Enquanto isso, o velhinho chegou em casa com o mais radiante sorriso na face e seu filho perguntou:

– Por onde você esteve que está tão feliz?

E o velhinho respondeu:

– Comi bolo e tomei guaraná no parque, com Deus. Você sabe que Ele é bem mais jovem do que eu pensava?

A face de Deus está presente em todas as pessoas e coisas que são vistas com os olhos do amor e do coração!

“Os doentes e mais humildes são a imagem de Deus.”

Irmã Dulce

O SULTÃO E O VIZIR

Durante trinta anos, um vizir, que era conhecido e admirado por sua lealdade, sinceridade e devoção a Deus, serviu ao seu senhor. Sua honestidade, entretanto, gerou inimigos na corte, que espalhavam calúnias a seu respeito. Falavam ao ouvido do sultão o dia todo, até que ele começou a desconfiar e acabou condenando à morte o homem que lhe servia tão bem.

Naquele reino, quem fosse condenado à morte, era amarrado e jogado no cercado onde o sultão mantinha os seus cães de caça mais ferozes. Os animais estraçalhariam a vítima de imediato.

Antes de ser jogado aos cães, porém, o vizir fez um último pedido: precisaria de dez dias de tregua. Nesse tempo pagaria dívidas, devolveria artigos que as pessoas lhe deram para guardar, dividiria seus bens entre os membros da sua família e indicaria um guardião para os seus filhos.

Com a garantia de que retornaria, o sultão lhe concedeu o pedido.

O vizir foi para casa, juntou cem moedas de ouro, e foi visitar o caçador que cuidava dos cães do sultão. Ofereceu-lhe as moedas e disse-lhe:

– Deixe-me cuidar dos cães durante dez dias.

O caçador concordou e durante os dez dias seguintes o vizir cuidou das feras com muita atenção, tratando-as bem e alimentando-as bastante. No final dos dez dias, elas estavam comendo na sua mão.

No décimo primeiro dia, o vizir foi chamado à presença do sultão, e este assistiu enquanto o vizir era jogado aos cães. Mas quando as feras o viram, correram até ele, o mordiscaram com afeto e começaram a brincar.

O sultão, surpreso, perguntou por que os cães pouparam sua vida.

O vizir dirigiu um sorriso ao sultão e respondeu calmamente:

– Cuidei desses cães durante dez dias e o senhor viu o resultado. Eu cuidei do senhor durante trinta anos, e qual foi o resultado? Fui condenado à morte por causa de falsas acusações levantadas por meus inimigos.

O sultão, corado de vergonha, não só perdoou o vizir, como lhe deu belas roupas e lhe entregou os homens que o haviam difamado.

Mas o nobre vizir os libertou, continuando a tratá-los com bondade.

*“Assim como o homem não pode viver sem sonhos, ele não pode viver sem esperança.
Se os sonhos refletem o passado, a esperança convoca o futuro.”*

O SUMIÇO DO PEIXE

Logo ao nascer do sol, Gabriel foi para o seu recanto favorito à beira do rio. Lançou o anzol e pegou um peixe gordo e reluzente, pesando exatamente cinco quilos.

Levou-o para casa e orgulhosamente exibiu-o para a mulher.

– É o peixe mais bonito que já pesquei - disse. Cinco quilos de puro prazer. Vou fazer um belo banquete esta noite!

E saiu de casa para trabalhar.

A mulher não conseguia tirar os olhos do peixe. Estava com água na boca; o peixe era tentador. Acabou não resistindo mais! Cozinhou o peixe e mandou chamar o irmão dela; empanturraram-se até não sobrar nem uma migalha.

À noite, Gabriel chegou logo procurando o peixe.

– Sinto muito - sussurrou a mulher - mas enquanto eu trabalhava no jardim o gato entrou na cozinha e comeu tudo, da cabeça ao rabo!

O homem pegou o gato e colocou-o sobre uma balança. Pesou exatamente cinco quilos.

– Bem, se isso é o meu peixe, onde foi parar o gato? - perguntou. E se isso é o gato, onde será que foi parar o meu peixe?

“Se me dessem a chance de dar um presente para a próxima geração, seria a habilidade de cada indivíduo aprender a rir de si mesmo.”

Charles Schulz

O TAMANHO DE NOSSA DOR

Um velho mestre pediu a um jovem aprendiz triste que colocasse uma mão cheia de sal em um copo d'água e bebesse.

– Qual é o gosto? - perguntou o mestre.

– Ruim. - disse o aprendiz.

O mestre sorriu e pediu ao jovem que pegasse outra mão cheia de sal e levasse a um lago. Os dois caminharam em silêncio e o jovem jogou o sal no lago. Então, o velho mestre disse:

– Beba um pouco dessa água.

Enquanto a água escorria do queixo do jovem, o mestre perguntou:

– Qual é o gosto?

– Bom! - disse o rapaz.

– Você sente o gosto do sal? - perguntou o mestre

– Não. - disse o jovem.

O mestre então sentou ao lado do jovem, pegou sua mão e disse:

– A dor na vida de uma pessoa não muda. Mas o sabor da dor depende aonde a colocamos. Então quando você sentir dor, a única coisa que você deve fazer é aumentar o sentido das coisas. Deixe de ser um copo e torne-se um lago.

“Apenas um raio de sol é suficiente para afastar várias sombras.”

São Francisco de Assis

O TANQUE DE AREIA

Um menininho brincava no tanque de areia da praça naquela manhã de sábado. Tinha com ele sua caixa de carrinhos e caminhões, seu balde plástico e uma pá vermelha brilhante. No processo de criar as estradas e túneis na areia macia, ele descobriu uma pedra grande no meio do tanque de areia.

O mocinho cavou ao redor da pedra, conseguindo desalojar a sujeira. Com muito esforço, usando as mãos, os pés e em todas as posições possíveis, ele conseguiu empurrar a pedra através do tanque de areia. Era um menino muito pequeno e a pedra, para ele, era enorme. Quando o menino alcançou a borda do tanque de areia, ele descobriu que mais difícil ainda ia ser passar a pedra sobre a pequena parede.

Determinado, o menininho empurrou, empurrou e empurrou, mas a cada vez que ele achava ter feito algum progresso, a pedra virava e rolava de volta para o tanque. O menininho grunhiu, lutou, empurrou, mas sua única recompensa era ter a pedra rolando de volta, esmagando seus dedinhos rechonchudos.

Finalmente, ele rompeu em lágrimas de frustração.

Durante todo o tempo, seu pai o observava de sua janela, aguardando o desenvolvimento de todo o drama. No momento em que as lágrimas caíram, uma sombra caiu sobre o menino. Era seu pai que, serenamente, mas com firmeza, lhe disse:

– Filho, por quê você não usou toda a força que tinha disponível?

Derrotado, o menino respondeu:

– Mas eu usei, pai! Usei toda a força que eu tinha!

– Não, meu filho. - corrigiu o pai bondosamente. Você não usou toda a força que você tinha. Você não me pediu ajuda.

E o pai do pequeno menino se abaixou, pegou a pedra e a retirou do tanque de areia.

“A pessoa certa é a que está ao seu lado nos momentos incertos.”

Pablo Neruda

O TESOURO DE BRESA

Houve outrora, na Babilônia, um pobre e modesto alfaiate, que era muito conhecido em seu reino por ser um homem inteligente e trabalhador, que não perdia a esperança de vir a ser riquíssimo.

Como e onde, no entanto, encontrar um tesouro extraordinário e tornar-se, assim, rico e poderoso?

Certo dia, parou na porta de sua humilde casa, um velho mercador da Fenícia, que vendia uma infinidade de objetos extravagantes.

Por curiosidade, o alfaiate começou a examinar as bugigangas oferecidas, quando descobriu, entre elas, uma espécie de livro de muitas folhas, onde se viam caracteres estranhos e desconhecidos.

Era uma preciosidade aquele livro, afirmava o mercador, e custava apenas três dinares.

Era muito dinheiro para o pobre alfaiate, razão pela qual o mercador concordou em vender-lhe o livro por apenas dois dinares.

Logo que voltou a ficar sozinho, o humilde alfaiate tratou de examinar, sem demora, o bem que havia adquirido. Qual não foi sua surpresa quando conseguiu decifrar, na primeira página, a seguinte legenda: “O segredo do tesouro de Bresa”.

– Que tesouro seria esse? – pensou o alfaiate em voz alta.

Ele recordava vagamente de já ter ouvido qualquer referência a ele, mas não se lembrava onde, nem quando.

Mais adiante, ele decifrou: “o tesouro de Bresa, enterrado pelo gênio do mesmo nome entre as montanhas do Harbatol, foi ali esquecido, e ali se acha ainda, até que algum homem esforçado venha a encontrá-lo”.

Muito interessado, o esforçado tecelão dispôs-se a decifrar todas as páginas daquele livro, para apoderar-se de tão fabuloso tesouro. Mas, as primeiras páginas eram escritas em caracteres de vários povos, o que fez com que ele estudasse intensamente os hieróglifos egípcios, a língua dos gregos, os dialetos persas e o idioma dos judeus.

Em função disso, ao final de três anos, ele deixava a sua profissão de alfaiate e passava a ser o intérprete do rei, pois não havia na região ninguém que soubesse tantos idiomas estrangeiros. Passou a ganhar muito mais e a viver em uma confortável casa.

Continuando a ler o livro, encontrou diversas páginas repletas de cálculos, números e figuras. Para entender o que lia, estudou matemática com

os calculistas da cidade e, em pouco tempo, tornou-se grande conhecedor das transformações aritméticas.

Graças aos seus novos conhecimentos, calculou, desenhou e construiu uma grande ponte sobre o rio Eufrates, o que fez com que o rei o nomeasse prefeito.

Ainda por força da leitura do livro, ele estudou profundamente as leis e princípios religiosos de seu país, sendo nomeado primeiro-ministro daquele reino, em decorrência de seu vasto conhecimento. Passou a viver em suntuoso palácio e recebia visitas dos príncipes mais ricos e poderosos do mundo.

Graças a seu trabalho e ao seu conhecimento, o reino progrediu rapidamente, trazendo riquezas e alegria para o seu povo. No entanto, ainda não conhecia o segredo de Bresa, apesar de ter lido e relido todas as páginas do livro.

Certa vez, ele teve a oportunidade de questionar um venerando e muito sábio sacerdote a respeito daquele mistério, que sorrindo ternamente esclareceu:

– O tesouro de Bresa já encontra-se em seu poder a muito tempo, pois, graças ao livro, você adquiriu grande saber, que lhe proporcionou os invejáveis bens que possui. Afinal, Bresa significa saber e Harbatol quer dizer trabalho.

“Um país não muda pela sua economia, política e nem mesmo sua ciência; muda sim pela sua cultura.”

Betinho

O TOLO QUE ERA SÁBIO

Todos os dias, um homem muito pobre ia esmolar na feira, e todas as pessoas adoravam vê-lo fazendo o papel de tolo, com o seguinte truque: mostravam-lhe duas moedas diferentes, uma valendo dez vezes mais que a outra. O homem sempre escolhia a menor.

A história correu pela cidade. Dia após dia, grandes grupos de homens e mulheres mostravam as duas moedas e o homem sempre ficava com a menor.

Até que apareceu na feira um senhor generoso, cansado de ver o homem sendo ridicularizado daquela maneira. Chamando-o a um canto da praça, disse-lhe:

– Sempre que lhe oferecerem duas moedas, escolha a maior. Assim terá mais dinheiro e não será considerado idiota pelos outros.

O homem lhe respondeu:

– O senhor parece ter razão, mas se eu escolher a moeda maior, as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro, para provar que sou mais idiota que elas. O senhor não sabe quanto dinheiro já ganhei, usando este truque.

E cheio de sabedoria acrescentou:

– Não há nada de errado em se passar por tolo, se na verdade o que você está fazendo é inteligente.

*“O saber a gente aprende com os mestres e os livros.
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”*

Cora Coralina

O TOQUE DE OURO

Conta-se que havia um rei muito rico chamado Midas.

Embora possuísse muitas riquezas, ainda assim não estava satisfeito com toda a sua fortuna, ele queria mais.

Mantinha seu tesouro guardado em enormes cofres nos subterrâneos do palácio, e passava muitas horas por dia contando e recontando seus preciosos bens.

Tinha também o rei Midas uma filha, seu nome era Áurea, a quem ele muito amava e desejava, ardentemente, transformar na mais rica princesa do mundo.

A pequenina, porém, não se importava com a riqueza do pai.

Ela gostava, em verdade, de seu jardim, das flores e do sol.

Passava todo o seu tempo sozinha, pois seu pai estava sempre ocupado, buscando novas maneiras de conseguir mais e mais ouro, nunca tendo tempo para brincar ou passear com ela.

Um dia, quando o rei Midas encontrava-se sozinho trancado em uma das ricas salas onde costumava admirar suas valiosas jóias, notou a presença de um estranho que lhe sorria.

Surpreso, o rei Midas pôs-se a conversar com o estranho, a fim de descobrir como ele havia conseguido ali entrar.

A conversa, porém, tomou outro rumo e o rei Midas confessou ao estranho que seu maior desejo era ser capaz de transformar em ouro tudo que tocasse.

O estranho disse-lhe, então, que a partir da manhã seguinte o seu desejo seria atendido, passando ele a ter o toque do ouro.

Como o estranho desapareceu sem deixar qualquer vestígio, o rei pensou ter sido tomado por alguma alucinação e imaginou como seria maravilhoso se seu sonho tornasse-se realidade.

Na manhã seguinte, quando os primeiros raios de sol invadiram seus aposentos, o rei esticou a mão e tocou a coberta da cama que subitamente transformou-se em ouro puro.

Maravilhado com aquele prodígio, ele saltou da cama e correu pelo quarto, tocando em tudo o que ali havia.

O manto real, os chinelos, os móveis, tudo virou ouro.

Maravilhado o rei decidiu fazer uma surpresa para a filha e foi até o jardim e tocou todas as flores, transformando-as em ouro, certo de que isso

alegraria também a pequenina Áurea.

Quando voltou ao quarto percebeu, um tanto contrariado, que não mais conseguia alimentar-se, nem matar sua sede, pois, tudo que suas mãos tocavam transformava-se imediatamente em ouro.

Nesse momento, Áurea entrou no quarto do pai aos prantos, com uma das rosas na mão, dizendo-lhe que todas as suas flores encontravam-se naquele estado: sem vida, duras e feias, que não mais se podia sentir-lhes o perfume, nem mesmo a maciez das pétalas.

Ao notar toda a preocupação que tomou o semblante do querido pai, ela aproximou-se lentamente e o envolveu em um carinhoso abraço.

No mesmo instante, o rei Midas soltou um grito de pavor.

Ao tocá-lo o lindo rostinho da filha transformou-se em ouro brilhante, os olhos não mais viam, tampouco os lábios conseguiam beijá-lo.

Ela havia deixado de ser uma adorável e carinhosa menina para transformar-se em uma estatueta de ouro.

Desesperado, o poderoso rei, ciente de sua desdita, jogou-se ao chão percebendo que havia perdido o único bem que era realmente importante.

*“A sabedoria superior tolera, a inferior julga; a superior perdoa, a inferior condena.
Tem coisas que o coração só fala para quem sabe escutar.”*

Chico Xavier

O ÚLTIMO DOS MORTAIS

Um homem triste morava na parte superior de uma velha casa em ruínas. Pardieiro sem dono. Paredões sem ninguém. Supunha-se o último dos mortais.

Contudo, era firme na fé e orava, quase com orgulho, todas as noites: “Deus de bondade, Deus dos aflitos, da Terra sois o maior. Deus de bondade, graças Te dou por ainda me alimentar com algumas batatas por dia”. Creio mesmo ser o último dos mortais.

Mais dois anos se passaram, quando, ao sentir-se mais aflito e mais infeliz, resolveu partir ao rumo de outras terras. Quem sabe nesta jornada seria um pouco menos infeliz.

Ele, que sempre saía na direção do quintal à procura das raízes que o sustentavam, desta vez saiu do lado oposto, no propósito de partir. Nunca havia saído por lá.

Ao descer o último aclive, ouviu um barulho.

Alguém gemia, e ele voltou para ver.

Só então, pôde verificar que um aleijado, completamente em chagas, morava embaixo, sobre um leito de palha vivendo somente das cascas de batatas que ele atirava fora.

Naquele momento entendeu que geralmente o ser humano sempre se considera o mais infeliz, sem sequer, pelo menos, olhar para seu lado.

“Infelizmente, ainda existem pessoas no mundo, que quando se levantam pela manhã, não sabem de onde virá - e quando virá - a sua próxima refeição.”

Alex Cardoso de Melo

O VASO COM RACHADURAS

Conta uma lenda indiana, que um homem transportava água todos os dias para a sua aldeia, usando dois grandes vasos que prendia nas extremidades de um pedaço de madeira, que colocava atravessado nas costas.

Um dos vasos era mais velho que o outro e tinha rachaduras; cada vez que o homem percorria o caminho até sua casa, metade da água depositada naquele vaso se perdia.

Durante aproximadamente dois anos o homem fez o mesmo percurso. O vaso mais novo estava sempre muito orgulhoso de seu desempenho e tinha certeza de que estava à altura da missão para o qual tinha sido criado, enquanto o outro vaso morria de vergonha por cumprir apenas metade de sua tarefa, mesmo sabendo que aquelas rachaduras eram frutos de muitos anos de trabalho.

Estava tão envergonhado que um dia, enquanto o homem se preparava para pegar água no poço, decidiu conversar com ele:

– Quero lhe pedir desculpas, já que, pelo meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e assim saciar a metade da sede que o espera em sua casa.

O homem sorriu e lhe disse:

– Quando voltarmos, por favor, olhe cuidadosamente o caminho.

Assim foi feito. E o vaso notou que, do seu lado, cresciam muitas flores e plantas pelo caminho.

– Vê como a natureza é mais bela do seu lado? - perguntou o homem. Sempre soube que você tinha rachaduras, e resolvi aproveitar-me deste fato. Semeei hortaliças, flores e legumes, e você as tem regado todos os dias. Já recolhi muitas rosas para decorar minha casa, alimentei meus filhos com alface, couve e cebola. Se você não fosse como é, como poderia ter feito tudo isso?

*“Com o passar dos anos, envelhecemos e adquirimos outras qualidades.
É sempre possível aproveitar cada uma dessas novas qualidades
para desenvolvermos o melhor que carregamos dentro de nós.”*

Alex Cardoso de Melo

O VELHO AVARENTO

Um velho avarento possuía uma grande barra de ouro, que mantinha enterrada no chão. Todos os dias, ele ia até onde estava enterrada a barra para dar uma olhada.

Um dia, descobriu que a barra fora roubada, e começou a se descabelar e a se lamentar aos brados.

Um vizinho, ao vê-lo naquele estado, disse:

– Mas para que tanta tristeza? Enterre uma pedra no mesmo lugar e finja que é de ouro. Vai dar na mesma, pois quando o ouro estava aí você não o usava para nada!

“O milionário devia envergonhar-se de morrer rico.”

Andrew Carnegie

O VENDEDOR DE BALÕES

Era uma vez, um velho homem que vendia balões numa quermesse. Evidentemente, o homem era um bom vendedor, pois, deixou um balão vermelho soltar-se e elevar-se nos ares, atraindo, desse modo, uma multidão de jovens compradores de balões.

Havia ali perto um menino negro. Estava observando o vendedor e, é claro, apreciando os balões.

Depois de ter soltado o balão vermelho, o homem soltou um azul, depois um amarelo e finalmente um branco.

Todos foram subindo até sumirem de vista.

O menino, de olhar atento, seguia a cada um. Ficava imaginando mil coisas, mas, uma coisa o aborrecia, o homem não soltava o balão preto.

Então, aproximou-se do vendedor e lhe perguntou:

– Moço, se o senhor soltasse o balão preto, ele também subiria como os outros?

O vendedor de balões, compreendeu o questionamento, sorriu para o menino, arrebitou a linha que prendia o balão preto e enquanto ele se elevava nos ares disse:

– Não é a cor filho, é o que está dentro dele que o faz subir.

*“Não lamentamos tanto os crimes dos perversos,
quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos.”*

Martin Luther King

O VERDADEIRO TESOURO

O dono de um tradicional comércio, amigo do poeta Olavo Bilac, abordou-o na rua:

– Sr. Bilac, estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que o senhor poderia redigir um anúncio para o jornal?

Olavo Bilac apanhou o papel e escreveu:

“Vende-se uma encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredado, cortada por cristalinas e marejantes águas de um ribeirão. A casa banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda.”

Meses depois, o gentil poeta encontra com o amigo e pergunta-lhe se havia vendido o sítio.

– Nem pense mais nisso, disse o homem.

E completou:

– Quando li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha!

“Se cada um de nós varresse a frente do nosso lugar, o mundo todo seria limpo.”

Johann Goethe

O VEREDICTO

Conta uma antiga lenda que, na Idade Média, um homem muito religioso foi injustamente acusado de ter assassinado uma mulher.

Na verdade, o autor era pessoa influente no reino e, por isso, procurou-se um “bode expiatório” para acobertar o verdadeiro assassino.

O homem foi levado a julgamento e o resultado foi a condenação à forca. Ele sabia que tudo seria feito para condená-lo e que teria poucas chances de sair vivo desta história.

O juiz, que também estava combinado para levar o pobre homem à morte, simulou um julgamento justo, fazendo uma proposta ao acusado que provasse sua inocência.

Disse o juiz:

– Sou de uma profunda religiosidade e por isso vou deixar sua sorte nas mãos do Senhor; vou escrever em um pedaço de papel a palavra inocente e noutro pedaço a palavra culpado. Você sorteará um dos papéis e aquele que sair será o veredicto. O Senhor decidira seu destino, determinou o juiz.

Sem que o acusado percebesse, o juiz separou os dois papéis, mas, em ambos escreveu culpado, de maneira que, naquele instante, não existia nenhuma chance do acusado se livrar da forca.

Não havia saída. Não haviam alternativas para o pobre homem.

O juiz colocou os dois papéis em uma mesa e mandou que o acusado escolhesse um. O homem pensou por alguns segundos, orou em silêncio, aproximou-se confiante da mesa, pegou um dos papéis e imediatamente colocou-o na boca e o engoliu.

Os presentes ao julgamento reagiram surpresos e indignados com a atitude do homem.

– Mas o que você fez? E agora? Como vamos saber qual o veredicto?

– É muito fácil, respondeu o homem. Basta olhar o outro pedaço que sobrou e saberemos que acabei engolindo o seu contrário.

Imediatamente o homem foi libertado.

Por mais difícil que seja uma situação, não deixe de acreditar e lutar até o último momento. Seja criativo! Quando tudo parecer perdido, ouse!

“Não peçamos tarefas iguais às nossas forças, mas forças iguais às nossas tarefas.”

Helen Keller

O ZELADOR DA FONTE

Conta uma lenda austríaca, que num pequeno povoado, próximo as montanhas, havia um pacato habitante da floresta que foi contratado pelo conselho municipal para cuidar de todas as piscinas que guarneciam a fonte de água da comunidade.

O cavaleiro com silenciosa regularidade, inspecionava as colinas, retirava folhas e galhos secos, limpava o limo que poderia contaminar o fluxo da corrente de água fresca.

Ninguém lhe observava as longas horas de caminhada ao redor das colinas, nem o esforço para a retirada de entulhos.

Aos poucos, o povoado começou a atrair turistas. Cisnes graciosos passaram a nadar pela água cristalina.

Inúmeras rodas d'água de várias empresas da região começaram a girar dia e noite.

As plantações eram naturalmente irrigadas, a paisagem vista dos restaurantes era de uma beleza extraordinária.

Os anos foram passando. Certo dia, o conselho da cidade se reuniu, como fazia semestralmente.

Um dos membros do conselho resolveu inspecionar o orçamento e colocou os olhos no salário pago ao zelador da fonte.

De imediato, alertou aos demais e fez um longo discurso a respeito de como aquele velho estava sendo pago há anos, pela cidade.

E para quê? O que é que ele fazia, afinal? Era um estranho guarda da reserva florestal, sem utilidade alguma.

Seu discurso a todos convenceu. O conselho municipal dispensou o trabalho do zelador.

Nas semanas seguintes, nada de novo. Mas no outono, as árvores começaram a perder as folhas.

Pequenos galhos caíam nas piscinas formadas pelas nascentes. Certa tarde, alguém notou uma coloração meio amarelada na fonte. Dois dias depois, a água estava escura. Mais uma semana e uma película de lodo cobria toda a superfície ao longo das margens.

O mau cheiro começou a ser exalado por toda a cidade. Os cisnes emigraram para outras localidades. As rodas d'água começaram a girar lentamente, e depois de algum tempo pararam. Os turistas abandonaram o local. Até a enfermidade chegou ao povoado.

O conselho municipal tornou a se reunir, em sessão extraordinária, e reconheceu o erro grosseiro que havia cometido. Imediatamente, tratou de novamente contratar o zelador da fonte.

Algumas semanas depois, as águas do autêntico rio da vida começaram a clarear. As rodas d'água voltaram a funcionar. Voltaram os cisnes e a vida foi retomando seu curso habitual.

“O único lugar aonde sucesso vem antes do trabalho é no dicionário.”

Albert Einstein

OS CAMINHOS DE HÉRCULES

Conta uma antiga lenda grega que, quando Hércules ainda era jovem, saiu um dia para levar um recado de seu padrasto. Caminhava triste, mergulhado em pensamentos amargos. Questionava-se porque os outros jovens, não melhores do que ele, levavam uma vida fácil e cheia de prazer, enquanto para ele a vida era só trabalho e dor.

Ruminando essas questões, chegou a uma bifurcação de estradas. Diante da incerteza sobre qual caminho deveria seguir, parou e olhou atentamente. A estrada à sua direita era montanhosa e acidentada. Não havia beleza nela e nem nos seus arredores, mas conduzia diretamente às montanhas azuis que se perdiam na distância.

A estrada à esquerda era larga e em linha reta, com árvores frondosas oferecendo sombras tentadoras em ambos os lados. Os pássaros cantavam alegres e as flores enfeitavam as margens de todo o caminho. No entanto, essa estrada terminava em bruma e neblina muito antes de chegar às maravilhosas montanhas azuis que se podia ver ao longe.

Enquanto o rapaz estava parado, em dúvida quanto à direção a seguir, vieram duas belas mulheres em sua direção, cada uma delas por uma das estradas. A que veio pelo caminho florido alcançou-o antes e era linda como um dia de verão. Tinha as faces coradas, olhos faiscantes e dizia-lhe palavras tentadoras:

– Oh, nobre jovem, não se curve mais ao trabalho e às tarefas árduas; siga-me. Eu o conduzirei por caminhos muito agradáveis, onde não há tempestades para perturbar nem problemas para aborrecer. Você terá uma vida fácil, sem responsabilidades. Bebida, comida requintada, ricas vestes, muita música e alegria. Venha comigo e a sua estrada será um sonho de contentamento.

A essa altura aproximou-se a outra bela mulher e falou ao rapaz:

– Eu não lhe prometo nada, exceto o que irá conquistar por suas próprias forças. A estrada pela qual o conduzirei é acidentada e difícil. Terá que subir muitos morros e descer por vales e pântanos. As vistas que por vezes você descortinará do topo dos morros são grandiosas, gloriosas, mas os vales profundos são escuros e a subida é penosa. No entanto, a estrada leva às montanhas azuis da felicidade eterna, que você já pode ver no horizonte. Não se consegue alcançá-las sem trabalho. De fato não há nada que valha a pena possuir se não tiver sido ganho com esforço. Se você quiser

frutos e flores, deve plantá-los e cultivá-los. Se quiser o amor de seus companheiros, deve amá-los e sofrer por eles; se quiser gozar dos favores dos céus, deve se tornar digno desses favores; se quiser gozar da felicidade plena, não deve desprezar a árdua estrada que a ela conduz.

Hércules viu que essa mulher, embora fosse tão bela quanto a outra, tinha o semblante puro e suave, como a manhã ensolarada de primavera.

– Qual é o seu nome? - perguntou.

– Alguns me chamam de Trabalho. - respondeu. Porém, outros me conhecem como Virtude.

Ele virou-se para a primeira mulher e perguntou:

– E qual é o seu nome?

Ela respondeu com um sorriso nos lábios:

– Alguns me chamam Prazer, mas eu prefiro ser conhecida como a alegre e feliz...

– Virtude. - disse Hércules. Tomarei a ti por minha guia! A estrada do trabalho e do esforço honesto deverá ser a minha e meu coração não mais abrigará a amargura nem o descontentamento.

Ele tomou a mão da Virtude e seguiu pela estrada reta e agreste que conduzirá às claras montanhas azuis no horizonte distante.

“Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado.”

Rui Barbosa

OS DOIS CAMINHOS

Ao chegar junto a uma encruzilhada, aquele viajante que vinha de terras distantes avistou um senhor sentado à beira da estrada, com olhar sereno e que demonstrava grande sabedoria. Dirigindo-se àquele amável ancião, o viajante perguntou:

– Meu bom senhor, qual é o caminho mais curto para a cidade?

Respondeu-lhe o ancião, ao apontar-lhe para uma das estradas:

– Fique sabendo, ó forasteiro, que este caminho aqui, à direita, é curto, porém a viagem por ele é muito longa e demorada. O outro, que fica à esquerda, é longo, mas o viajante que seguir por ele chegará mais cedo à cidade!

Esta obscura e nebulosa resposta, que parecia desafiar a sagacidade e sabedoria do viajante deixou-o confuso.

Porém, o viajante não quis pedir novas informações e, simulando que havia decifrado aquele enigma, agradeceu a atrapalhada indicação e seguiu viagem.

No entanto, o viajante mal caminhara alguns minutos, depois de contornar um pequeno morro, e já avistou as primeiras casas da cidade.

O viajante ficou extremamente intrigado com o caso. Por que aquele gentil senhor da encruzilhada afirmou que este caminho seria longo uma vez que, ao contrário, foi curtíssimo?

Resolvido a esclarecer o curioso enigma, o viajante retornou à encruzilhada e lá chegando encontrou o ancião sentado no mesmo local.

– Meu senhor! - exclamou o viajante. Sem querer abusar de vossa infinita gentileza, mas eu gostaria apenas de saber por que motivo você me dissestes, há pouco, que este caminho, à direita, era curto com a singularidade de ser longa a viagem para quem tomasse por ele? Achei-o pequeno e fiz em pouco tempo todo o seu percurso.

– Meu filho - respondeu carinhosamente o bom velhinho - julgas, então, que a viagem pelo caminho por ti escolhido foi breve? Se meditares um instante apenas, verás que não tens razão! Foi tão longa que, apesar de teres partido há bastante tempo, ainda não chegaste à cidade! A curiosidade obrigou-te a voltar até aqui!

E, sem desviar seus olhos serenos do viajante, continuou:

– Se tivesse ido pelo outro caminho, à esquerda, para abreviar uma jornada que sabias ser longa, terias, por certo, andado muito mais depressa

e já estarias, neste momento, dentro dos muros da cidade. Acredito que você não voltaria a interrogar-me como fizeste agora! Eis por que, meu filho, é curto mas de longo percurso este caminho à direita, ao passo que o outro, à esquerda, é longo mas de breve jornada.

E, finalmente, com um sorriso destinado ao viajante, concluiu:

– Fique certo, meu estimado jovem, de que encontrarás, na vida, muitos caminhos assim!

*“Quem anda duzentos metros sem vontade anda seguindo
o próprio funeral, vestindo a própria mortalha.”*

Walt Whitman

OS DOIS LADRÕES E A CHAMINÉ

Conta uma antiga lenda judaica, que um humilde camponês, morador de uma pequena cidade do leste europeu, bateu à porta do rabino de sua comunidade. Ele foi gentilmente convidado a entrar e explicou, um tanto envergonhado, que sempre desejou entender o Talmude - registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo - mas, até aquele momento, nunca teve coragem de pedir orientação.

– Por favor, Rabi - implorou - ensina-me o que é o Talmude.

– Explicar o Talmude? - o rabino sorriu serenamente. Mesmo muitos de nossos estudiosos não conseguem entendê-lo por completo. Como pode um camponês, simples como você, compreender de imediato todas as leis completas e com sutis nuances de significado contidas no Talmude?

O camponês insistiu e o rabino, vendo toda sua seriedade, concordou resignado e disse-lhe:

– Agora, acompanhe cada palavra cuidadosamente. Dois ladrões invadem uma casa pela chaminé e, uma vez lá dentro, descobrem que um está com o rosto sujo e o outro com o rosto limpo. Qual deles irá se lavar?

– Isto é fácil - respondeu o camponês. Aquele com o rosto sujo.

O rabino balançou a cabeça.

– Isto é o que eu quis dizer a respeito de lhe ensinar o Talmude. Se você pensar por um instante, meu amigo, perceberá que aquele com o rosto limpo olhará para o outro que está com o rosto sujo e pensando que seu próprio rosto está imundo, irá lavá-lo. Enquanto isso, aquele com o rosto sujo olhará para o outro com o rosto limpo e, supondo que o seu próprio rosto está limpo, não lavará.

O camponês removeu a explicação com sua testa enrugada devido aos pensamentos. Finalmente, deu um largo sorriso e acenou com a cabeça.

– Rabi, como posso agradecer? Agora, enfim, entendo o Talmude.

– Ah, meu caro amigo, você tem um longo caminho a percorrer - o rabino respondeu com bondade. Como você pode acreditar que quando dois ladrões se arrastam pela chaminé, apenas um ficará com o rosto sujo?

“Uma palavra vale uma moeda. O silêncio, duas.”

OS GRAVETOS E A HERANÇA

Conta-se que um próspero fazendeiro, dono de muitas propriedades, estava muito enfermo. Porém, muito mais que sua doença, o que mais lhe incomodava era o clima de desarmonia que reinava entre seus quatro filhos.

Pensando em dar uma lição importante, ele chamou os quatro para fazer uma revelação importante:

– Como vocês sabem, estou velho, cansado e creio que não me resta muito tempo de vida. Por isso, chamei-os aqui para avisá-los que deixarei todos os meus bens para apenas um de vocês.

Os filhos, surpresos, se entreolharam e ouviram o restante que o pai tinha a lhes dizer:

– Vocês estão vendo aquele feixe de gravetos? Pois bem, aquele que conseguir parti-lo ao meio, apenas com as mãos, será meu herdeiro.

Inicialmente, os filhos acharam a proposta um tanto absurda, mas pensando no prêmio logo começaram a tentar quebrar o feixe.

Tentaram, tentaram e por mais esforços que fizessem, nenhum deles foi bem sucedido no desafio.

Indignados com o pai, que propusera algo impossível, reclamaram.

Ao ouvir as queixas, o pai colocou-se em pé e disse que ele mesmo quebraria o feixe. Os filhos fitaram-no, incrédulos.

O homem começou a retirar, um a um, os gravetos do feixe, e foi quebrando-os separadamente, até não mais restar um único graveto inteiro.

Ao finalizar a tarefa, voltou o olhar para os filhos e concluiu:

– Eu não tenho interesse em deixar os meus bens para apenas um de vocês. Eu quero, na verdade, que vocês, juntos, sejam os sucessores do meu trabalho. Sucessores que trabalhem com garra, dedicação e acima de tudo, repletos de amor, uns pelos outros.

E disse ainda:

– Enquanto vocês estiverem unidos, nada poderá pôr em risco tudo que construí para vocês. Nada, nem ninguém, os quebrará. Mas, separadamente, vocês serão tão frágeis quanto cada um destes gravetos.

“Aprendi que um homem só tem o direito de olhar outro de cima para baixo para ajudá-lo a levantar-se.”

Gabriel Garcia Marquez

OS HERÓIS DE CHICO XAVIER

Em 1956, em uma das peregrinações de Chico Xavier pelas áreas mais pobres da região de Uberaba, em Minas Gerais, ele se detém muito pensativo, juntamente com seus acompanhantes, em uma região intitulada como Ponte, já conhecidíssima, por abrigar uma família numerosa de pobres irmãos doentes, sem dinheiro, sem emprego, sem alimentos...

Chico então se vira aos seus companheiros e diz:

– Nós temos o crime de “ter” e eles têm a graça de não possuir bens materiais. Eles têm apenas a fé em Deus, que lhes vale muito, motivo por que são sempre ajudados. Ganhamos muito mais do que lhes damos. E, ainda, o exemplo que nos dão, recebendo, com humildade, nosso abraço, um pouco de alimentação e vestuário. E ainda nos dizem, com um sorriso nos lábios e agradecidos sinceramente, à despedida: vão com Deus, Deus lhes pague!

– Em seus lugares, será que agiríamos assim?!?

– São, pois, mais heróis do que todos nós...

“Tudo o que pudermos fazer pelo bem, não devemos adiar. Carecemos somar esforços, que se antepõem ao mal. Ninguém tem o direito de se omitir.”

Chico Xavier

OS PEQUENOS ENCLAUSURADOS

Quando Joaquim nasceu, seu avô paterno presenteou sua mãe com um pequeno pássaro em uma gaiola. Acostumado a ter pássaros confinados em casa, ele não viu mal algum no presente.

Pelo contrário, ele disse à mãe do pequeno bebê que mantivesse o pássaro sempre em um lugar no qual fosse possível escutar seu canto, pois isso acalmaria a criança quando ela estivesse agitada.

O avô estava certo. A mãe deixava a gaiola no corredor próximo ao quarto do bebê, algumas horas por dia, e percebia que, desde pequena, a criança fixava os olhos naquela direção sempre que o pássaro cantava.

Com o tempo, passou a sorrir ao escutar o canto da ave, e gostava de olhar para ela quando a mãe o segurava próximo a gaiola. O avô e a mãe sentiam-se orgulhosos.

Joaquim cresceu acostumado ao canto do pássaro. Gostava de conversar com o passarinho. Conversas de criança.

Quando a ave morreu, foi rapidamente substituída por outra, para que sua falta não fosse sentida.

Quando Joaquim tinha quatro anos, tentou abrir a gaiola colocada em cima da mesa. Reprendido pela mãe, respondeu, em sua inocência, que o passarinho queria sair.

Pouco tempo depois, fez uma nova tentativa, e chegou a abrir a portinhola, sendo repreendido agora pelo pai. Entristeceu-se.

Em seu aniversário de seis anos, no momento em que apagava a vela do bolo, o desejo do garoto, dito em voz alta foi:

– Eu quero ver o passarinho voando.

Os convidados da família riram. Parecia apenas um capricho.

Mas a criança não desistiu. Resolveu perguntar ao pai por que aquele pássaro ficava preso em uma caixinha tão pequena. Estava decidido: queria soltá-lo.

O pai achou graça da insistência e tentou lhe explicar que o pequeno animal não conseguiria comer sozinho. Ele sofreria muito, pois se voasse para longe não acharia o caminho de volta.

E Joaquim retrucou:

– Papai, e se ele encontrar a mamãe dele e ela der comida? Ele quer voar.

O pai então se comoveu, entendendo que o filho não compreendia o

confinamento do pássaro e que desejava mesmo libertá-lo.

Como explicar melhor ao garoto? Na verdade, ele era pessoalmente contra esse comércio de aves e as preferia soltas, mas nunca questionou a esposa.

Conversaram, pai e mãe, e resolveram comprar uma gaiola maior. Com mais espaço, o pássaro alçava pequenos vôos que divertiam a criança.

Mas Joaquim nunca deixou de dizer que a ave queria ir embora.

Quando, algum tempo mais tarde, o passarinho morreu, compraram um bebedouro para aves e passaram a deixar, em toda a varanda, pedaços de frutas. Havia, diariamente, muitos pássaros da redondeza que comiam, bebiam e cantavam alegres. E livres.

O pequeno Joaquim ensinou aos pais uma lição muito importante: não temos o direito de tirar a liberdade de nenhum ser vivo, com a egoísta desculpa de nos dar prazer.

Todas as criaturas na Terra têm seu lugar e não cabe a nós mudá-lo apenas por capricho, sem necessidade. O desejo de posse por prazer revela a inferioridade do espírito.

Respeitemos, pois, o lugar de cada um neste maravilhoso equilíbrio que é a natureza, para que também nós sejamos respeitados.

“Quando um humano aprisiona ou mata um animal para comer, está a negligenciar a sua própria fome por justiça. O homem reza por misericórdia, mas está relutante em estendê-la aos outros. Porque que o homem há de esperar misericórdia de Deus? É injusto esperar algo que não estás disposto a dar.”

Isaac Bashevis Singer

OS SETE SÁBIOS

Sete sábios, cada um de uma religião, discutiam qual deles conhecia a verdade. Próximo dali, um rei que observava a discussão perguntou:

- O que vocês estão discutindo?
- Estamos tentando descobrir qual de nós é o dono da verdade.

Ao escutar a afirmação, o rei pediu a seus servos que levassem sete cegos e um elefante até o castelo. Quando chegaram, o rei mandou chamar os sete sábios e pediu-lhes que observassem o que aconteceria a seguir.

O sábio rei pediu a cada um dos cegos que tocasse uma parte do elefante e o descrevesse. Um de cada vez.

O primeiro cego tocou a tromba do elefante e disse:

- É comprido, parece uma serpente.

O segundo tocou-o no dente e disse:

- É duro, parece uma pedra.

O terceiro segurou-lhe o rabo e disse:

- É cheio de cordinhas.

O quarto pegou na orelha e disse:

- Parece um couro bem grosso.

E assim, cada cego descreveu o elefante de acordo com a parte que tocara. Quando todos terminaram, o rei perguntou aos sete sábios:

- Algum desses cegos mentiu?
- Não! - responderam os sábios em coro. Todos falaram a verdade.

Então, o rei perguntou:

- Mas algum deles disse realmente o que é um elefante?

– Não, nenhum cego disse o que é um elefante, mesmo porque cada um tocou apenas uma parte dele - disse um dos sábios.

– Vocês, sábios, que estão discutindo quem é dono da verdade, parecem cegos. Todos estão falando a verdade, mas, como os sete cegos, cada um se refere apenas a uma parte dela - disse o sábio rei, concluindo:

– Ninguém é dono da verdade, porque ninguém a detém por inteiro. Somos donos apenas de parte da verdade.

“Persistir na raiva é como apanhar um pedaço de carvão quente com a intenção de o atirar em alguém. É sempre quem levanta a pedra que se queima.”

OS VIAJANTES E O URSO

Certo dia, durante uma trilha pela floresta, dois viajantes deram de cara com um enorme urso. O primeiro deles se salvou escalando uma árvore, porém o outro, sabendo que não conseguiria vencer o urso sozinho, se jogou no chão e fingiu-se de morto. O urso se aproximou dele e começou a cheirar sua orelha, mas, convencido de que estava morto, foi embora. Seu amigo desceu da árvore e perguntou-lhe:

– O que o urso estava cochichando em seu ouvido?

– Ora, ele apenas me disse para pensar duas vezes antes de sair por aí viajando com gente que abandona os amigos na hora do perigo.

“A desgraça põe à prova a sinceridade e a verdadeira amizade.”

Esopo

PÃO VELHO

Foi num dia qualquer, de um verão tropical, em um daqueles lugares paradisíacos que estamos acostumados a ver estampados nas revistas e na televisão.

O garoto aproximou-se da casa bonita, colocou o rostinho entre as grades do portão alto e forte, e ficou olhando.

A dona da casa, senhora distinta, regava o jardim. Fazia sua tarefa devagar, como quem distribui com as gotas d'água um tanto de carinho.

O menino dos seus nove anos, segurando com ambas as mãos as grades, rosto magro, pediu:

– Moça, a senhora tem pão velho?

Ela se voltou surpresa. Fechou o esguicho d'água. Desde a infância, aquele tipo de situação a incomodava. De sua adolescência trazia uma mensagem dentro de si de que, quando alguém pedia pão velho, na verdade estava dizendo: “dá-me o pão que era meu e ficou na sua casa e você esqueceu de comer, porque tem muitas outras coisas deliciosas para saborear”.

Ela caminhou até o portão e perguntou:

– Onde você mora?

Ele falou o bairro, bem distante.

– Mas é muito longe. - disse a senhora.

– Pois é. Eu sei que é longe, mas eu tenho que pedir as coisas para comer.

– Você está na escola?

– Não - disse ele. Minha mãe não pode comprar material.

Agora, ela já estava tão próxima dele que quase o podia tocar. Ele tinha um rostinho tão delicado. Pena que estivesse um tanto sujo.

Pensou nos próprios filhos, tão bem cuidados, asseados e penteados, roupa limpa, calçados brilhantes e lancheira cheia para ir para a escola.

O rostinho miúdo parecia só ter olhos. Espertos, inteligentes e muito sofridos.

– Seu pai mora com vocês? - arriscou a dama.

– Ele sumiu. - respondeu com voz triste.

O papo prosseguiu. Ela até se esqueceu do jardim e das flores. Ali estava uma flor muito mais importante e mais necessitada de água, adubo, terra fofinha.

Finalmente, ela se recordou da fome do menino e fazendo um gesto

de quem se dirigia para dentro a fim de buscar alguma coisa, exclamou:

– Espere um pouco. Vou buscar o pão. Não tenho pão velho. Serve novo?

– Não precisa não senhora. A senhora já conversou comigo. Tchau. E desapareceu ladeira abaixo.

A resposta caiu como um raio no coração da mulher. Teve a sensação de ter absorvido toda a solidão e falta de amor daquela criança. Um menino de nove anos, já sem sonhos, sem brinquedos, sem comida, sem escola e tão necessitado de um papo, de uma conversa amiga.

Naquele dia, a senhora aprendeu um novo significado para o pedido de pão velho. Significa dizer: “converse um pouco comigo, dê-me a alegria de ser amado”.

Por isso, ela continua dando pão novo, fresquinho, com doce, queijo, manteiga e salaminho. Mas antes de qualquer coisa, ela compartilha o pão das pequenas conversas, um pão que jamais ficará velho, porque é fabricado no coração de quem acredita Naquele que disse um dia: “eu sou o pão da vida!”.

*“Um novo mandamento vos dou: que vos ameis
uns aos outros, assim como eu vos amei.”*

Jesus de Nazaré

PAPEL PICADO AO VENTO

Um senhor, há muito tempo, tanto falou que seu vizinho era ladrão que o rapaz acabou preso! Dias depois, descobriram que era inocente. O rapaz foi solto e processou o homem.

No tribunal, o velho diz ao juiz:

– Comentários não causam tanto mal.

E o juiz responde:

– Escreva os comentários num papel, depois pique e jogue os pedaços no caminho de casa. Amanhã, volte para ouvir a sentença.

O senhor obedeceu e voltou no dia seguinte.

– Antes da sentença, o senhor terá que recolher os pedaços de papel que espalhou ontem. - disse-lhe o juiz.

E o velho, atônito com a solicitação do juiz, diz:

– Não posso fazer isso. O vento deve tê-los espalhado por toda parte, já não sei onde estão.

O juiz olha para o réu com um semblante sereno e lhe diz:

– Da mesma maneira, um simples comentário pode destruir a honra de um homem, a ponto de não podermos consertar o mal. Quando você não pode falar bem de uma pessoa, é melhor que não diga nada. Sejam os donos de nossa boca, para não sermos escravos de nossas palavras.

“As palavras bondosas são como o mel, doces para o paladar e boas para a saúde.”

Rei Salomão

PARE, POR FAVOR!

Um jovem e bem sucedido executivo dirigia pelo bairro seu novo carro, correndo um pouco demais. Observando crianças se lançando entre os carros estacionados, diminuiu a velocidade, quando achou ter visto algo.

Enquanto passava, nenhuma criança apareceu. De repente, um tijolo espatifou-se na porta lateral do carro!

Ele freou e deu ré até o lugar de onde veio o tijolo. Saltou do carro e pegou bruscamente uma criança, empurrando-a contra o veículo e gritou:

– Por que isso? Quem é você? Que besteira você pensa que está fazendo? Este é um carro novo e caro, aquele tijolo que você jogou vai me custar muito dinheiro. Você tem noção do que fez?

– Por favor, senhor, me desculpe, eu não sabia mais o que fazer! Ninguém estava disposto a parar e me atender.

Neste momento, lágrimas corriam do rosto daquele pequeno garoto, enquanto apontava na direção dos carros estacionados.

– Meu irmão é paraplégico e na descida ele caiu da cadeira de rodas.

Soluçando, o menino perguntou ao executivo:

– O senhor poderia me ajudar a recolocá-lo em sua cadeira? Ele está machucado e é muito pesado para mim, não consigo levantá-lo sozinho.

Movido internamente, muito além das palavras, o jovem, engolindo a surpresa, dirigiu-se ao juvenzinho, colocando-o em sua cadeira de rodas.

Tirou seu lenço, limpou os arranhões e verificou se tudo estava bem.

– Obrigado, e que Deus possa abençoá-lo, disse a criança a ele.

O homem então viu o menino se distanciar, empurrando o irmão.

Foi um lento e longo caminho de volta para o carro e para casa. Ele nunca consertou a porta. Deixou assim, para lembrá-lo de não ir tão rápido pela vida, que alguém tivesse que atirar um tijolo para obter sua atenção.

Deus sussurra em nossas mentes e fala aos nossos corações. Algumas vezes, quando nós não temos tempo de ouvir, ele tem de jogar um tijolo em nós. E a escolha é nossa: ouvir o sussurro ou esperar pelo “tijolo”.

“A maior das doenças atuais é o sentimento que a pessoa tem de ser indesejada, de estar abandonada e relegada ao esquecimento por todos. O maior dos males é a falta de amor e a terrível indiferença para com o nosso semelhante.”

PEDAÇO DE CARVÃO

O pequeno Gianlucca entra em casa, após a aula, batendo forte os seus pés no assoalho da casa. Seu pai, que caminhava para o quintal para fazer alguns serviços na horta, ao ver aquilo chama o menino para uma conversa. Gianlucca, de oito anos de idade, o acompanha desconfiado. Antes que seu pai dissesse alguma coisa, fala irritado:

– Pai, estou com muita raiva. O Fabinho não deveria ter feito aquilo comigo. Desejo tudo de ruim para ele.

Seu pai, um homem simples, mas cheio de sabedoria, escuta calmamente o filho que continua a reclamar:

– O Fabinho me humilhou na frente dos meus amigos. Não aceito. Gostaria que ele ficasse doente sem poder ir à escola.

O pai escuta tudo calado enquanto caminha até um abrigo onde guardava um saco cheio de carvão. Levou o saco até o fundo do quintal e o menino o acompanhou, calado. Gianlucca vê o saco ser aberto e antes mesmo que ele pudesse fazer uma pergunta, o pai lhe propõe algo:

– Filho, faz de conta que aquela camisa branquinha que está secando no varal é o seu amiguinho Fabinho e cada pedaço de carvão é um mau pensamento seu, endereçado a ele. Quero que você jogue todo o carvão do saco na camisa, até o último pedaço. Depois, eu voltarei até aqui para ver como ficou.

O menino achou que seria uma brincadeira divertida e iniciou a tarefa. O varal com a camisa estava longe e poucos pedaços acertavam o alvo.

Uma hora se passou e o menino acabou com os carvões. O pai que espiava tudo de longe se aproxima do menino e lhe pergunta:

– Filho como está se sentindo agora?

– Estou cansado, mas estou alegre, porque acertei muitos pedaços de carvão na camisa.

O pai olha para o menino, que fica sem entender a razão daquela brincadeira, e carinhoso lhe fala:

– Venha comigo até o meu quarto, quero lhe mostrar uma coisa.

O filho acompanha o pai até o quarto e é colocado na frente de um grande espelho onde pode ver seu corpo todo.

Que susto! Gianlucca só conseguia enxergar os seus dentes e os brilhantes olhinhos.

O pai, então lhe diz ternamente:

– Filho, você viu que a camisa quase não se sujou; mas, olhe só para você. O mau que desejamos aos outros é como o que lhe aconteceu ao jogar carvão na camisa. Por mais que possamos atrapalhar a vida de alguém com nossos pensamentos, a borra, os resíduos, a fuligem, ficam sempre em nós mesmos.

Cuidado com seus pensamentos, eles se transformam em palavras;

Cuidado com suas palavras, elas se transformam em ações;

Cuidado com suas ações, elas se transformam em hábitos;

Cuidado com seus hábitos, eles moldam o seu caráter;

Cuidado com seu caráter, ele controla o seu destino.

“Você se torna eternamente responsável por aquele que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry

PEQUENOS GESTOS QUE SALVAM VIDAS

A chuva caía fina e gélida na tarde quieta. Longe, na estrada, um carro parou. Era pequeno e meio velho.

Um rapaz saltou, levantou o capô e se pôs a mexer em tudo que viu.

O fazendeiro, de onde estava, pensou:

– Coitado. Pelo jeito, não entende nada de mecânica.

O fazendeiro vestiu sua capa de chuva e caminhou até a estrada. O jovem estava muito nervoso, mexia no carro, voltava, tentava dar a partida, passava as mãos pelos cabelos.

– Quer ajuda? - perguntou o fazendeiro.

O rapaz parecia preste a chorar.

– É a bobina. - diagnosticou o fazendeiro, depois de uma boa olhada.

Ele buscou seu cavalo, rebocou o carro até o seu celeiro e com seu próprio carro, foi à cidade comprar uma bobina nova. Estranhou que, ao chegar à loja, o rapaz não quisesse entrar. Deu-lhe o dinheiro necessário e disse que tinha vergonha, por estar molhado.

Algum tempo depois, com o carro já funcionando e pronto para partir, a esposa do fazendeiro insiste para que o rapaz fique para o jantar.

Não era hábito convidar estranhos para adentrar a casa. Contudo, aquele rapaz parecia aflito, meio perdido. Poderia talvez ser seu filho.

Ele quase não comeu. Continuava preocupado, ansioso. A chuva se fez mais forte. O casal preparou o quarto de hóspedes e pediu que ficasse.

Na manhã seguinte, suas roupas estavam secas e passadas. Ele se mostrava menos inquieto. Alimentou-se bem e despediu-se.

Quando pegou a estrada, aconteceu uma coisa estranha. Ele tomou a direção oposta da que seguia na noite anterior. Isto é, voltou para a capital.

O casal concluiu que ele se confundira na estrada.

O tempo passou. Os dias se transformaram em semanas, meses e anos. Então, chegou uma carta endereçada ao fazendeiro, contendo os seguintes dizeres:

“Não imagino que o senhor se lembre do jovem a quem ajudou, anos atrás, quando o carro dele quebrou. Imagine que, naquela noite, eu estava fugindo. Eu tinha no carro uma grande soma de dinheiro que roubara de meu patrão. Sabia que tinha cometido um erro terrível, esquecendo os bons ensinamentos de meus pais. Mas o senhor e sua mulher foram muito bons para mim. Naquela noite, em sua casa, comecei a ver como estava errado.

Antes de amanhecer, tomei uma decisão. No dia seguinte, voltei ao meu emprego e confessei o que fizera. Devolvi todo o dinheiro ao meu patrão e lhe implorei perdão. Ele podia ter me mandado para a prisão. Mas, por ser um homem bom, me devolveu o emprego. Nunca mais me desviei do bom caminho. Estou casado. Tenho uma esposa adorável e duas lindas crianças. Trabalhei bastante. Não sou rico, mas estou numa boa situação. Poderia lhe recompensar generosamente pelo que o senhor fez por mim naquela noite. Mas não acredito que o senhor queira isso. Então resolvi criar um fundo para ajudar outras pessoas que cometeram o mesmo erro que eu. Desta forma, acredito poder pagar pelo meu erro. Que Deus o abençoe, senhor, e a sua bondosa esposa, que me ajudou ainda mais do que o senhor sabia.”

Enquanto o casal lia, seus olhos se encheram de lágrimas. Quando acabaram, a esposa colocou a carta sobre a mesa e citou versículos que ela tanto adorava e que diziam:

“Era peregrino, e me recolhiste. Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Estava nu, e me vestistes. Estava enfermo e me visitastes. Estava no cárcere e me fostes ver. Em verdade, todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes.”

*“Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas,
não o obtém senão mudando de conduta.”*

Allan Kardec

PÉS GRANDES, CORAÇÃO ENORME

Existia, há algum tempo naquela região, uma sorveteria famosa e sempre lotada nos dias de calor.

Sorvete delicioso. Sabores variados. Clientela sempre bem atendida.

Homens, mulheres, crianças, todos faziam fila e aguardavam pacientemente a sua vez. Tudo por um sorvete gostoso. Refrescante.

A menina sozinha, com o dinheiro na mão, também entrou na fila.

Esperou, sem reclamar, mesmo quando uns garotos passaram à sua frente, sem cerimônia e sem polidez.

Quando chegou ao caixa, antes que pudesse falar qualquer coisa, o funcionário lhe ordenou que saísse e lesse o cartaz na porta.

Ela baixou a cabeça, engoliu em seco e saiu. E leu o cartaz, bem grande, na porta de entrada que dizia: “proibido entrar descalço!”.

Olhou para os seus pés descalços e sentiu as lágrimas em seus olhos e o gosto do sorvete não comprado se diluindo na boca.

Ia se retirando, cabisbaixa, quando uma mão forte a tocou no ombro. Era um homem alto e grande. Para a menininha, ele parecia um gigante.

Foi com ela até o meio-fio, sentou-se e tirou os seus sapatos número quarenta e quatro e os colocou em frente a ela.

Depois, a suspendeu e enfiou os pés dela nos seus sapatos.

– Eu fico aqui, esperando, disse ele. Vá buscar o seu sorvete! Não tenho pressa, completou.

Ela foi deslizando os pés, arrastando os sapatos, até o caixa.

Comprou sua ficha e saiu, vitoriosa, com seu sorvete na mão.

Quando foi devolver os sapatos para aquele homem, ela se deu conta de que se ele tinha pés enormes, muito maior ainda era o seu coração.

“Solidariedade não se agradece, comemora-se.”

Betinho

PLANTANDO SEMENTES

Um grande rei, pai de três filhos, precisava escolher entre eles o seu sucessor. A decisão era muito difícil, pois os três eram muito inteligentes e corajosos.

Além disso, eles eram trigêmeos e o rei não sabia como realizar a sua difícil escolha. Por isso, procurou conselhos com um sábio do reino, que lhe deu uma ótima idéia.

O soberano foi para o castelo e chamou os três filhos. Informou-lhes que necessitaria partir para uma viagem muito prolongada, mas que desejava deixar com cada um deles algo muito precioso.

Tomou de três pacotes com sementes e deu um para cada um dos filhos, com a recomendação de que eles deveriam devolvê-las, quando ele retornasse, dentro de um ou talvez, dois anos. Frisou que, aquele que melhor cuidasse das sementes, seria o seu sucessor.

O primeiro filho, tão logo o pai partiu, começou a pensar o que devia fazer com aquelas sementes. Finalmente, resolveu trancá-las em um cofre, raciocinando que, quando o pai voltasse, ele devolveria todas as sementes como as havia recebido.

O segundo filho, observando o que fizera o irmão, pensou que se ele trancasse as sementes no cofre, elas morreriam. E sementes mortas, não são mais sementes. Por isso, foi ao mercado, vendeu-as e guardou o dinheiro. Assim, quando o pai voltasse, ele retornaria ao mercado e compraria sementes novas, até melhores do que as que o pai lhe houvera deixado.

O terceiro filho foi ao jardim. Olhou a imensidão das terras que circundavam todo o grande palácio, e resolveu atirar as sementes por todos os lugares possíveis em torno do palácio.

Quando o pai regressou da sua viagem, três anos depois, o primeiro filho correu ao cofre, abriu e descobriu, desolado, que todas as sementes estavam secas, mortas.

Triste, o pai olhou aquele pacote e disse ao filho:

– São estas as sementes que dei a você? Elas tinham a possibilidade de desabrochar, de se transformar em flores e exalar um delicioso perfume. No entanto, agora, de nada valem. Estão mortas.

O segundo filho foi até o mercado, comprou sementes novas e, orgulhoso, foi entregá-las ao pai, que elogiou a idéia do rapaz, mas lhe disse que, de verdade, ele não fizera nada de especial.

O terceiro filho apresentou-se ao pai e lhe disse não possuir mais as sementes. Entretanto, convidou o rei para ir até o jardim e lhe mostrou centenas de plantas crescendo, flores desabrochando por todos os lados, numa profusão de cores e de perfumes interminável.

O rei o abraçou, feliz, dizendo-lhe:

– Esta é a maneira correta de proceder com as riquezas. Você é digno de ser meu sucessor.

“A cada um segundo suas obras.”

Jesus de Nazaré

POUPANDO A ENERGIA QUE RESTA

Dois rabinos tentam, de todas as maneiras, levar o conforto espiritual aos judeus na Alemanha nazista. Durante dois anos, embora mortos de medo, enganam a Gestapo - a temível polícia de Adolf Hitler - e realizam os ofícios religiosos em várias comunidades.

Finalmente, são descobertos e presos. Um dos rabinos, apavorado com o que poderia acontecer dali por diante, não pára de rezar. O outro, ao contrário, passa o dia inteiro dormindo.

– Por que você está agindo assim? - pergunta o rabino assustado.

– Para salvar minhas forças. Sei que eu vou precisar delas daqui por diante.

– Mas você não está com medo? Não sabe o que pode nos acontecer?

– Eu estava em pânico, até o momento da prisão. Agora que estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança.

“A injustiça que se faz a um é uma ameaça que se faz a todos.”

Montesquieu

PREVISÕES

Como você lida com todos os obstáculos que o mundo apresenta em sua caminhada?

Como você recebe as oposições das pessoas em relação as suas habilidades, ao seu potencial?

Do que realmente somos capazes?

Alguns casos célebres de previsões e julgamentos do mundo que deram errado, talvez, possam iluminar estas reflexões e inspirar nossa jornada:

– Após o primeiro teste cinematográfico de Fred Astaire, o memorando do diretor de testes da MGM, datado de 1933, dizia assim: Não sabe representar! Ligeiramente calvo! Dança um pouco. Astaire conservou este memorando pendurado sobre a lareira, em sua casa.

– Beethoven era desajeitado segurando o violino e ao piano ele preferia tocar suas próprias composições, ao invés de aperfeiçoar sua técnica. Seu professor julgava-o um compositor sem futuro.

– Os pais do famoso cantor de ópera Enrico Caruso, queriam que ele fosse engenheiro. Seu professor lhe disse que ele não tinha voz e que não poderia cantar. Ele não desistiu e se tornou famoso cantor de ópera, admirado até os dias atuais.

– Um dos professores de Albert Einstein o descreveu como mentalmente lento, insociável e eternamente mergulhado em seus sonhos imbecis.

– Louis Pasteur foi apenas um aluno mediano nos estudos do ensino fundamental. Ficou em décimo quinto lugar entre os vinte e dois alunos de química.

– Auguste Rodin era considerado por seu pai um idiota. Seu tio dizia que ele era um caso perdido. Por três vezes, ele foi reprovado na admissão à escola de artes de Paris. Descrito como pior aluno da escola, Rodin não desistiu e deu ao mundo maravilhas da escultura como O Pensador, O Beijo e Filho Pródigo.

– Charles Darwin, conta sua biografia, era considerado por todos seus mestres e por seu próprio pai, um garoto comum e intelectualmente bem abaixo do padrão médio. Por que não se permitiu desanimar, se transformou no pai da Teoria da Evolução.

Assim acontece com todos os que perseguem os seus sonhos, não se permitindo desanimar por fracassos, derrotas ou julgamentos precipitados. Portanto, se você está a ponto de desanimar, pare um pouco e pense. Logo

haverá de descobrir que ainda há muitas tentativas a serem feitas.

Não há limites para quem acredita que pode atingir seus objetivos, que pode concretizar os seus projetos, realizar seus sonhos.

Pense nisso e tente outra vez. E outra mais.

Todos esses expoentes mostraram ao mundo que o seu julgamento estava errado. Mostraram que somos nós, apenas nós, na intimidade de nossa força de vontade, de nosso brilhantismo secreto, os únicos aptos a saber do que realmente somos capazes.

*“O maior elogio que ouvi em toda a minha vida
de inventor foi: ‘nunca vai funcionar’.”*

Thomas Edison

PUREZA

Um dos primeiros reis bretões, Meriadec, cavalgando certa vez em expedição à frente do seu exército, viu, à margem de um pequeno riacho, um animalzinho branco como a neve, que corria desatinado de um lado para o outro, dando mostras de uma inquietação estranha. Logo se percebia que ele estava ansioso por alcançar a outra margem do riacho, mas tinha receio de errar o salto.

O que teria acontecido? Julgou o monarca que o curioso animal estivesse ferido e parou, com a sua comitiva, para observar o desfecho do caso.

– Senhor, esclareceu um dos oficiais presentes, aquele pequeno animal não está ferido. É um arminho: ele hesita em atravessar o regato lamacento receoso de macular a sua alvura: prefere morrer a manchar-se.

O rei destacou-se do grupo que o cercava e aproximou-se do arminho. O animalzinho tomado de um grande pavor, quis lançar-se à água: ao tocar, porém, no lodo, recuou instintivamente.

Todo aquele esforço era inútil! Não havia como passar. Então, entre os dois perigos, o arminho escolheu o que lhe parecia menor. Deitou-se encolhido no chão e aguardou, resignado, que o rei o segurasse. O monarca tomou-o carinhosamente entre as mãos, embrulhou-o em seu manto real e limpou-lhe cuidadosamente as patinhas enlameadas.

Dizem que o rei bretão, em memória do singular e tão singelo episódio, mandou bordar um arminho em suas bandeiras, com a seguinte frase: “Antes a morte que a desonra”.

“Jamais creia que animais sofrem menos do que seres humanos. A dor é a mesma. Talvez pior, pois eles não podem se queixar ou ajudar a si mesmos.”

Alex Cardoso de Melo

QUANDO A BONDADE SE EXPRESSA

O rapaz estava desempregado. Fora despejado e dormia no carro. Carro, aliás, que ele não tinha sequer dinheiro para colocar combustível.

Chegou o dia em que estava com fome. Sem dinheiro para comprar alguma coisa, desesperou-se.

Noite fria, estômago reclamando, entrou numa lanchonete. Como não sabia quando seria sua próxima refeição, comeu a mais não poder.

Quando chegou a hora de pagar, fingiu que tinha perdido sua carteira. Fez um barulho enorme e começou a procurá-la por todo lugar. Virou a lanchonete de cabeça para baixo.

De trás do balcão o cozinheiro, que era também o dono do lugar, saiu e foi até onde estava o rapaz. Abaixou-se, fingindo que apanhava alguma coisa do chão, e entregou ao moço cem reais, dizendo-lhe:

– Acho que você deixou cair quando entrou.

O rapaz ficou mais confuso ainda, mas, pagou a conta e saiu rápido.

– E se o dono daquele dinheiro aparecer? Ele se perguntava, andando pela rua.

Até que se deu conta que, na verdade, o dono da lanchonete fingira achar o dinheiro.

Colocou gasolina no carro e rodou para outra cidade. Enquanto dirigia, agradecia a Deus o gesto daquele piedoso desconhecido. E prometeu que, se sua vida viesse a melhorar, faria aos outros, o que aquele homem fizera por ele.

O tempo passou. Ele teve fracassos, reveses. Até que, afinal, as dores da pobreza passaram.

Foi então, que ele decidiu que já era hora de honrar a promessa e cumprir o voto feito naquela noite escura de inverno. Pelos anos seguintes, iniciou sua jornada de doações. Queria dar, mas, não queria que as pessoas o agradecessem.

Começou a identificar pessoas realmente necessitadas. Assim, a família de um garoto de catorze anos, que sofria de leucemia, encontrou uma boa soma de dinheiro em sua caixa de correio. Uma viúva, com sete crianças e dois netos, foi surpreendida com várias notas, colocadas embaixo de sua porta. Um jovem que precisava de um transplante de pulmão respirou aliviado, quando em sua conta apareceu a expressiva soma que precisava para a cirurgia. Ele pagou aluguel, prestações de carro, contas de mercado,

sempre sem aviso e sem ficar por perto para elogios.

Sua alegria era a expressão no rosto das pessoas beneficiadas. Agora só faltava agradecer a quem o socorreu, quando precisou.

Procurou pelo dono da lanchonete, durante quase um ano. O local conhecido estava fechado. Conseguiu o endereço de sua residência e arranjou um encontro, dizendo-se historiador e que desejava fazer uma matéria sobre pessoas antigas daquela localidade.

Chegou carregado de presentes, além de uma boa quantia em dinheiro. Ao se deparar com o seu benfeitor de outrora, disse-lhe:

– Eu sou aquele sujeito que você ajudou em sua lanchonete, vinte e nove anos atrás. Você mudou a minha vida, naquela noite.

O ex-dono da lanchonete, agora aposentado, com oitenta e um anos de idade, chorou, tamanha a emoção, ao lado da sua inseparável esposa, agora gravemente doente, lutando contra um câncer e o mal de Alzheimer.

Por causa da situação, estava atolado em altas dívidas hospitalares. O dinheiro fora mandado por Deus.

Para o antigo beneficiado era um simples gesto de gratidão. Para aquele idoso o dinheiro era o acenar de um novo tempo, sem provações.

“Quando não se pode fazer tudo o que se deve, deve-se fazer tudo o que se pode.”

Santo Agostinho

QUANDO DEIXEI DE VER A LUA

Num final de noite frio, de noite estrelada, um homem dirige seu carro pelas ruas da cidade.

No banco de trás, ele carregava um enorme tesouro: seu filhinho de dois anos de idade.

Parados no semáforo, ele observa que o filho está com o olhar fixo no alto, longe, para fora da janela. Uma linda luz azul, suave e serena, adentra o veículo, iluminando o rosto da criança, proporcionando uma beleza sem igual para o pai apaixonado.

Então, com aquela voz tenra e inocente, a voz pequena da descoberta das primeiras palavras, o filho diz:

– Lua.

– Sim, é mesmo! - diz o pai. É a lua! Que linda é a lua, não é, meu filho?

A criança nada responde e continua observando, encantada, o satélite natural da Terra.

As crianças sabem que o belo precisa ser contemplado, e que qualquer palavra é pequena e insuficiente para descrevê-lo.

Após isto, o pai direciona o seu olhar para fora também, e observa a maravilha de uma noite enluarada de outono.

Consigo então, pensa: Quando deixei de ver a lua?

Lembrou-se que fazia muito tempo, desde a última vez, em que pôde contemplar o fulgurante brilho lunar.

Será que me esqueci da lua? Ela, certamente, não esqueceu de mim, pois há pouco conversava com meu filho, em pensamento.

“Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há também aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol.”

Pablo Picasso

QUANDO EU MORRER

Em algum momento de nossas vidas, todos nós lembramos que um dia abandonaremos o nosso corpo. É nesse exato momento que recordamos de elaborar testamento, repartindo o que vamos deixar, entre aqueles que amamos e que ficarão.

As vontades assim expressas, quase sempre criam muitas disputas familiares, que chegam a se prolongar por anos. Quanto maiores forem as posses daquele que se foi, a tendência é aumentar a disputa se, entre os contemplados, não existe compreensão e afeto.

Houve um homem, no entanto, que pensando em sua morte, elaborou vontades muito precisas.

Pensou em seu funeral e o que ele poderia significar para o mundo. Ele era um grande líder, uma pessoa muito especial, e dizia sempre que não desejava ser idolatrado, mas sim ouvido.

A luta era pelos direitos humanos e em nome dela, foi preso muitas vezes, sofreu inúmeros atentados, nada o demovendo do seu nobre ideal de igualdade entre todos os homens.

Foi na igreja onde ele era pastor, que falou pela primeira vez a respeito da sua morte, dizendo:

“Freqüentemente eu me pego pensando naquilo que é um denominador comum e derradeiro na vida de todos nós: nessa alguma coisa que costumamos chamar de ‘morte’.

Freqüentemente penso em minha própria morte e em meu funeral, mas não em sentido angustiante.

Freqüentemente pergunto a mim mesmo o que eu gostaria que fosse dito.

Eu deixo aqui com vocês, esta manhã, a resposta...

Se vocês estiverem ao meu lado, quando eu encontrar meu dia, lembrem-se de que não quero um longo funeral.

E se conseguirem alguém para fazer o ‘discurso fúnebre’, digam-lhe para não falar muito.

Digam-lhe para não mencionar que eu tenho um Prêmio Nobel da Paz: isto não é importante!

Digam-lhe para não mencionar que eu tenho quatrocentos prêmios: isto não é importante!

Eu ficaria imensamente feliz se alguém mencionasse aquele dia em

que Martin Luther King tentou dar a vida a serviço dos outros.

Eu gostaria que alguém mencionasse o dia em que Martin Luther King tentou amar alguém.

Quero que digam que eu tentei ser direito e caminhar ao lado do próximo.

Quero que vocês possam mencionar o dia em que tentei vestir o mendigo, visitar os que estavam na prisão, amar e servir a humanidade.

Sim, se quiserem dizer algo, digam que eu fui um arauto: um arauto da justiça, um arauto da paz, um arauto do direito.

Todas as outras coisas triviais não têm a menor importância. Não tenho a intenção de deixar bens, dinheiro ou qualquer outro tipo de posse.

Eu só quero deixar uma vida de dedicação!

E isto é tudo o que eu tenho a dizer:

Se eu puder ajudar alguém a seguir adiante,

Se eu puder animar alguém com uma canção,

Se eu puder mostrar a alguém o caminho certo,

Se eu puder cumprir meu dever cristão,

Se eu puder levar a salvação para alguém,

Se eu puder divulgar a mensagem que o Senhor deixou,

Então, minha vida não terá sido em vão.”

“A velha lei do olho por olho, deixa todo mundo cego.”

Martin Luther King

QUE CONSELHO VOCÊ DARIA?

Em uma renomada faculdade de medicina, certo professor propôs à classe a seguinte situação:

– Baseados nas circunstâncias que vou enumerar, gostaria de saber que conselho vocês dariam a uma certa senhora, grávida do quinto filho.

– O marido sofre de sífilis e ela de tuberculose. Seu primeiro filho nasceu cego. O segundo morreu. O terceiro nasceu surdo. O quarto é tuberculoso e ela está pensando seriamente em abortar esta quinta gravidez. Que caminho aconselharia tomar?

Com base nestes fatos, a maioria dos alunos concordou que o aborto seria a melhor alternativa.

O professor, então, disse aos alunos:

– Os que disseram sim a idéia do aborto, saibam que acabaram de matar o grande compositor Ludwig van Beethoven.

Grandes projetos, excelentes idéias, às vezes são “abortadas” quando as pessoas envolvidas se vêem diante de situações difíceis.

Tudo, para ser bem feito, leva tempo e exige perseverança, tenacidade e entusiasmo.

*“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”*

Cora Coralina

QUERO COMPRAR SEU TEMPO

Uma menina, com voz tímida e olhos de admiração, pergunta ao pai quando este retorna do trabalho:

– Papai, quanto o senhor ganha por hora?

O pai, num gesto severo, responde:

– Escuta aqui minha filha, isto, nem a sua mãe sabe. Não amole, eu estou cansado.

Mas a filha insiste:

– Mas pai, por favor, diga o quanto o senhor ganha por hora?

A reação do pai foi menos severa e respondeu:

– Três reais por hora.

– Então, pai, o senhor poderia me emprestar um real?

O pai nervoso e tratando a filha com brutalidade, respondeu:

– Então era essa a razão de você querer saber o quanto eu ganho? Vá dormir e não me amole mais, menina abusada.

Já era tarde da noite quando o pai começou a pensar no que havia acontecido e sentiu-se arrependido. Talvez, quem sabe, a filha precisasse comprar algo.

Querendo aliviar sua consciência pesada, foi até o quarto da menina e, em voz baixa, perguntou:

Filha está dormindo?

– Não pai, respondeu sonolenta a garota.

– Olha, aqui está o dinheiro que você me pediu, um real.

Muito obrigado papai, disse a filha levantando-se com um sorriso e retirando mais dois reais de uma caixinha que estava sob a sua cama.

– Agora já completei papai, tenho três reais.

E olhando o pai com carinho de sono, entrega o dinheiro para ele dizendo solenemente:

– Papai poderia me vender uma hora do seu tempo?

“Os filhos tornam-se para seus pais, segundo a educação e o carinho que recebem, uma recompensa ou um castigo.”

Alex Cardoso de Melo

QUERO SER COMO UM TELEVISOR

A professora pediu aos alunos que fizessem uma redação e que nela colocassem o que eles gostariam que Deus fizesse por eles.

Já em sua casa, corrigindo as redações, ela se depara com uma que a deixa muito emocionada. Neste momento, o marido entra e pergunta:

– O que aconteceu?

– Leia você mesmo!

Era a redação de um menino, que dizia:

“Senhor, esta noite, eu quero te pedir algo muito especial.

Por favor, me transforme em um televisor. Quero ser como a TV da minha casa. Quero ter um lugar especial para mim e reunir minha família ao meu redor.

Eu quero ser levado a sério quando falo. Quero também ser o centro das atenções e ser escutado sem interrupções.

Quero receber o mesmo cuidado especial que a TV recebe quando não funciona, e ter a companhia dos meus pais quando eles chegam em casa, mesmo que estejam cansados.

E que minha mãe me procure quando estiver sozinha e aborrecida, em vez de ignorar-me.

E ainda que meus irmãos ‘briguem’ para estar comigo.

Quero sentir que a minha família às vezes deixa tudo de lado pra passar alguns momentos comigo”.

“A tragédia do homem é o que morre dentro dele enquanto ele ainda está vivo.”

Albert Schweitzer

RECOMEÇANDO DO ZERO

Em dezembro de 1914, o laboratório do genial inventor norte-americano Thomas Edison foi totalmente destruído pelo fogo. Apesar dos prejuízos ultrapassarem dois milhões de dólares, o prédio estava segurado em apenas duzentos mil dólares, porque era de concreto e muitos imaginavam que seria à prova de fogo. Muito do trabalho de Edison se foi com as chamas impressionantes daquela noite de dezembro.

No auge do fogo, o filho de Edison, Charles, um rapaz de vinte e quatro anos, procurava freneticamente pelo pai em meio à fumaça e aos destroços. Finalmente o achou, calmamente observando a cena, com ar de reflexão, seu cabelo branco ao vento.

– Meu coração doeu por ele. - contou Charles. Era um homem de sessenta e sete anos que via tudo o que possuía se consumir nas chamas.

No entanto, quando Thomas Edison avistou seu filho, virou-se calmamente para ele e gritou:

– Charles, onde está sua mãe? Chame-a depressa e traga-a até aqui, porque ela nunca mais terá a oportunidade de ver algo assim.

Na manhã seguinte, Edison, olhando para as ruínas, refletiu:

– Há um lado bom nesta desgraça. Todos os nossos erros foram queimados. Graças a Deus, podemos recomeçar do zero.

Três semanas depois do incêndio, Edison inventou o fonógrafo.

“O preço da perfeição é a prática constante.”

Andrew Carnegie

RECONHECIMENTO

Sonhei que fui ao céu e um anjo me mostrava todas as diversas áreas lá existentes. Andamos até que entramos numa sala de trabalho cheia de anjos. Meu anjo-guia parou em frente ao primeiro departamento e disse:

– Esta é a “Seção de Recepção”. Aqui, são recebidas todas as orações com petições a Deus.

Olhei em volta da área e vi que ela estava tremendamente ocupada com um montão de anjos, pondo em ordem pedidos escritos em volumosas folhas de papel e em bilhetes escritos por pessoas de todo o mundo.

Seguimos então adiante, por um longo corredor, até que chegamos à segunda seção. O anjo disse:

– Esta é a área de “Embalagem e Entrega”. Aqui, as graças e bênçãos solicitadas são processadas e entregues às pessoas que as pediram.

Notei, outra vez, como estavam todos ocupados ali. Havia muitos anjos trabalhando intensamente nessa área, já que tantas bênçãos têm sido solicitadas. Elas estavam sendo empacotadas para entrega na terra.

Finalmente, lá no fim do longo corredor, paramos na porta de uma área muito pequena. Para minha grande surpresa, só um anjo estava sentado ali, desocupado, não fazendo nada.

– Esta é a “Seção de Reconhecimento” - disse-me calmamente meu amigo - que pareceu embaraçado.

– Como funciona isso? Não há nenhum trabalho acontecendo por aqui, perguntei.

– É tão triste. O anjo suspirou.

– Depois que as pessoas recebem as bênçãos que pediram, poucos enviam confirmação de reconhecimento.

– E como se confirma que recebemos as bênçãos de Deus? Perguntei.

– Simples. O anjo respondeu. Basta dizer, “grato, Senhor”.

– E quais bênçãos devem ser reconhecidas? - Perguntei.

E ele respondeu-me:

Se tiver alimento em sua geladeira, roupas nas suas costas, um teto sobre sua cabeça e um lugar para dormir, você é mais rico que 75% dos moradores deste mundo;

Se você tem dinheiro no banco, em sua carteira ou algumas moedas sobrando em casa, você está entre os 8% mais bem sucedidos do mundo;

E se você tem seu próprio computador, você é parte dos 20% do

mundo que tem essa oportunidade;

Mas também, se você acordou hoje de manhã com mais saúde que doença, você é mais abençoado que os muitos que nem sequer sobreviverão a este dia;

Se você nunca experimentou o temor da batalha, a solidão da prisão, a agonia da tortura, nem as dores de sofrimento da fome, você está à frente de setecentos milhões de pessoas no mundo;

Se tiver a tranqüilidade de ir a uma igreja, mesquita ou sinagoga, sem o temor de apanhar, ser preso, torturado ou sem medo da morte, você é abençoado e invejado por mais de três bilhões de pessoas, que não pode reunir-se com outros de sua fé;

Se seus pais ainda estão vivos e casados, você é uma raridade;

Se você pode manter sua cabeça erguida e sorrir, você não é a norma, você é um raro exemplo a tantos que estão em dúvida e em desespero;

E, finalmente, se você conseguiu ler esta pequena reflexão, você é mais abençoado que dois bilhões de pessoas no mundo que absolutamente não sabem ler.

“Para mim, cada hora vivida é um milagre. Sinto uma gratidão imensa cada vez que eu posso encontrar alguém e olhar para o seu sorriso. Ninguém é tão capaz de expressar gratidão, como alguém que emergiu das trevas.”

Elie Wiesel

RECONSTRUINDO O MUNDO

O pai estava tentando ler o jornal, mas o filho pequeno não parava de perturbá-lo. Já cansado daquilo, arrancou uma folha que mostrava o mapa do mundo, cortou-a em vários pedaços e entregou-a ao filho.

– Pronto, aí tem algo para você fazer. Eu acabo de lhe dar um mapa do mundo e quero ver se você consegue montá-lo exatamente como ele é.

Voltou a ler o seu jornal, sabendo que aquilo ia manter o menino ocupado pelo resto do dia. Quinze minutos depois, porém, o garoto voltou com o mapa.

– Sua mãe andou lhe ensinando algo de geografia? - perguntou o pai, aturdido.

– Nem sei o que é isso, pai - respondeu o menino. Acontece que do outro lado da folha tinha o retrato de um homem. E, uma vez que consegui reconstruir o homem, eu também reconstruí o mundo.

“Devemos ensinar às nossas crianças, que somos parte de uma enorme família.”

Salvador Arena

RETIRANDO A PRATA DO ESPELHO

Certa vez, um jovem muito rico, foi procurar o rabino de sua pequena comunidade para lhe pedir um conselho.

Toda a sua fortuna não era capaz de lhe proporcionar um único momento da felicidade tão sonhada.

Ele falou da sua vida ao rabino e pediu a sua ajuda.

Aquele homem sábio o conduziu até uma janela e pediu para que olhasse para fora com atenção, e o jovem obedeceu.

– O que você vê através do vidro, meu rapaz? Perguntou o rabino.

– Vejo homens que vêm e vão, crianças descalças e maltrapilhas em frente daquela vitrine da loja de doces e um cego pedindo esmolas na rua, respondeu o moço.

Então, aquele sábio lhe mostrou um grande espelho e novamente o interrogou:

– O que você vê neste espelho?

– Vejo a mim mesmo, disse o jovem prontamente.

– E já não vê os outros, não é verdade? Questionou o rabino.

E o sábio continuou com suas lições preciosas:

– Observe bem que a janela e o espelho são feitos da mesma matéria prima: o vidro. Mas no espelho há uma camada fina de prata colada ao vidro e, por essa razão, você não vê mais do que sua própria pessoa. Se você se comparar a essas duas espécies de vidro, poderá retirar uma grande lição. Quando a prata do egoísmo recobre a nossa visão, só temos olhos para nós mesmos e não temos chance de conquistar a felicidade efetiva. Mas quando olhamos através dos vidros limpos da compaixão, encontramos razão para viver e a felicidade se aproxima.

Por fim, o sábio lhe deu um simples conselho:

– Se quiser ser verdadeiramente feliz, arranque o revestimento de prata que lhe cobre os olhos para poder enxergar e amar os outros. Eis a chave para a solução dos seus problemas.

“Se você fica dizendo, o tempo todo, que as coisas vão ficar ruins, tem boa chance de se tornar um profeta.”

Isaac Bashevis Singer

RIQUEZA E POBREZA

Aquela mãe era muito especial. Com dez filhos, ela conseguiu educar sua filha até a segunda série, sem que ela se desse conta da pobreza em que vivia.

Afinal, a menina tinha tudo que precisava: nove irmãos e irmãs para brincar, livros para ler, uma boneca feita de retalhos e roupas limpas que ela habilmente remendava ou, às vezes, fazia.

À noite, ela lavava e trançava o cabelo da filha, para que ela fosse à escola no dia seguinte. Seus sapatos estavam sempre limpos e engraxados.

A menina era feliz na escola. Adorava o cheiro de lápis novos e do papel grosso que a professora distribuía para os trabalhos.

Até o dia em que, subindo os degraus da escola, encontrou duas meninas mais velhas. Uma segredou para a outra:

– Olha, essa é a menina pobre. E riram.

Irene ficou transtornada. No caminho para casa, ficou imaginando porque as meninas a consideravam tão pobre. Então olhou para seu vestido e, pela primeira vez, notou como ele era desbotado, um vinco na bainha denunciava que tinha sido aproveitado.

Olhou para os pesados sapatos de menino que estava usando e se sentiu envergonhada por serem tão feios.

Quando chegou em casa, sentia pena de si própria. Também, pela primeira vez, descobriu que as cortinas não ornavam com os móveis da sala, o tapete da cozinha era velho e fora de moda, que havia manchas de dedos na pintura meio descascada das portas.

Tudo lhe pareceu feio e acanhado. Trancou-se em seu quarto até a hora do jantar perguntando-se porque sua mãe nunca lhe contara que eles eram pobres.

Decidiu sair do quarto e enfrentar sua mãe.

– Nós somos pobres? Perguntou de repente e ficou esperando que sua mãe negasse ou desse uma explicação satisfatória.

– Pobres? Repetiu a mulher, pousando a faca com que descascava batatas.

– Não, não somos pobres. Olhe para tudo que temos. Apontou para os filhos que brincavam na outra sala.

Através dos olhos de sua mãe, a menina pôde ver o fogo da lareira que enchia a casa com seu calor, as cortinas limpas e coloridas e os lindos

tapetes de retalhos que enfeitavam toda casa. Viu o prato cheio de biscoitos de aveia sobre a cômoda e que a mãe acabara de preparar. Do lado de fora, o quintal que oferecia alegria e ventura para dez crianças.

– Talvez, algumas pessoas pensem que somos pobres em matéria de dinheiro, mas, temos tanto.

E com um sorriso, a mulher se virou para preparar mais uma refeição para sua família. Em sua grandeza, ela nem se dava conta que, a cada noite, ela alimentava muito mais do que estômagos vazios. Ela alimentava o coração e a alma de cada um dos seus filhos.

“Tenho a firme convicção de que nenhuma riqueza de bens materiais pode fazer progredir o homem, mesmo que ela esteja nas mãos de homens que demandam uma meta superior. Pode alguém imaginar Moisés, Jesus ou Gandhi, armado de um saco de dinheiro e milionário?”

Albert Einstein

SABEDORIA CANINA

Ele era um veterinário experiente e foi chamado para examinar um pequeno cão, chamado Duque.

O casal, proprietário do animal, e seu garotinho eram muito ligados a Duque e esperavam por um milagre.

O veterinário examinou o cão e descobriu que ele estava morrendo de câncer. Ele disse à família que não haveria milagres no caso de Duque, e se ofereceu para proceder à eutanásia para o velho cão, em sua casa.

Enquanto faziam os arranjos, o casal perguntou ao profissional se não seria bom deixar que o pequenino filho observasse o procedimento. Eles achavam que ele poderia aprender algo da experiência.

No dia seguinte, o veterinário sentiu o familiar aperto na garganta, enquanto a família de Duque o rodeava. O menino, parecia tão calmo, acariciando o velho cão pela última vez, que o profissional ficou a pensar se ele entendia o que estava se passando.

Dentro de poucos minutos, Duque se foi, pacificamente.

O garotinho parecia aceitar a transição do amigo, sem nenhuma dificuldade ou confusão.

Então, após a morte do animal, todos se sentaram juntos, pensando alto sobre o fato da vida da maioria dos animais ser mais curta que a dos seres humanos.

Passados alguns minutos, o pequeno garoto, que havia escutado tudo silenciosamente, finalmente disse:

– Eu sei o porquê.

Abismados, todos se voltaram para ele e o que saiu de sua boca, os assombrou. Nunca haviam escutado uma explicação mais reconfortante.

Ele disse:

– As pessoas nascem para que possam aprender a ter uma vida mais digna, a amar todo mundo o tempo todo e a serem bons, certo?

E o garoto continuou:

– Bem, os cães já nascem sabendo como fazer isto. Portanto, não precisam ficar por tanto tempo.

“Falai aos animais, em lugar de lhes bater.”

Leon Tolstói

SEIS DIAS DE FELICIDADE

Ela passa pelo conjunto residencial três vezes na semana. Todos a conhecem. Faça frio ou faça sol, ela anda pelas ruas empurrando seu pesado carrinho, recolhendo papéis, latas, vidros. Tudo que possa ser vendido para reciclagem.

Nunca está zangada. Quando perguntamos se ela consegue sustentar a família, daquela forma, diz: - Sim, graças a Deus.

Quando lhe indagamos a respeito dos filhos, ela nos informa que sua filha está casada, tem um bebê. Que eles têm dificuldades para suprir todas as necessidades da criança e, por isso, ela auxilia o casal. Também diz que tem um menino de oito anos, que está na escola.

Já nos habituamos a guardar tudo sempre separado, para lhe facilitar a tarefa: metal, vidro, papel.

Ela chega, recolhe e agradece. Agradece por lhe darmos nosso lixo.

Dia desses, resolvemos lhe oferecer algo mais, lhe entregamos uma bandeja com seis copos de iogurte. Nossas crianças já estão enjoadas e mudamos de marca, compramos com polpa, depois com frutas, para variar.

O rosto da mulher se ilumina. Meu filho vai adorar isto, diz ela.

Dias depois nos conta da alegria do seu menino ao tomar um a cada dia. Como se fosse uma sobremesa, uma recompensa. Algo especial.

E nossos filhos cansados de se servirem sempre das mesmas coisas, desejando algo diferente, porque vivem fartos.

Dias depois, era feriado, e o garoto acompanhou a mãe ao trabalho, em suas andanças.

Ao nos ver, no portão, foi apontando:

– Foi aquela dona que deu para a gente o iogurte, mãe?

E, ao sinal afirmativo, correu em nossa direção, agradecendo e dizendo como ficara feliz. Seis dias de felicidade.

– Tomei devagarzinho, disse ele. Para sentir bem o gosto bom e não esquecer por muito tempo. Agradeço demais.

Um gesto tão pequeno. E fez a diferença. Seis dias de felicidade para um menino que não passa fome, mas tem vontade de comer algo diferente.

“Pobreza é suportável, porém miséria é um acinte à natureza humana.”

Dom Hélder Câmara

SEM JULGAMENTOS

Havia numa aldeia um humilde idoso que possuía um lindo cavalo. Numa manhã ele descobriu que o cavalo sumira. E seus amigos disseram:

– Mas que desgraça, seu cavalo foi roubado!

E o velho respondeu:

– Calma, não cheguem a tanto. Simplesmente digam que o cavalo não está mais na cocheira. O resto é julgamento de vocês.

As pessoas riram do velho.

Quinze dias depois, o cavalo voltou. Ele havia fugido para a floresta. E não apenas isso; ele trouxera uma dúzia de cavalos selvagens consigo.

Novamente as pessoas se reuniram e disseram:

– Velho, você tinha razão. Não era uma desgraça, e sim uma benção.

E o velho disse:

– Vocês estão se precipitando novamente. Quem pode dizer se é uma benção ou não? Apenas digam que o cavalo está de volta.

O velho tinha um único filho que começou a treinar os cavalos selvagens. Uma semana depois, ele caiu de um dos cavalos e fraturou as pernas.

As pessoas se reuniram e, mais uma vez, se puseram a julgar:

– E não é que você tinha razão, velho? Foi uma desgraça seu único filho perder o uso das duas pernas.

E o velho disse:

– Não se adiantem tanto. Digam apenas que meu filho fraturou as pernas. Ninguém sabe ainda se isso é uma desgraça ou uma bênção.

Aconteceu que, depois de algumas semanas, o país entrou em guerra e todos os jovens da aldeia foram obrigados a se alistar, menos o filho do velho. E a maioria dos que foram para a guerra, morreram.

Quem julga, cai sempre na armadilha de basear seu julgamento em fragmentos de informação, o que o levará a conclusões precipitadas. Nunca encerre uma questão de forma definitiva, pois, quando um caminho termina, outro começa, quando uma porta se fecha, outra se abre. Muitas vezes enxergamos apenas a desgraça, e não vemos a benção que ela nos traz.

*“Mesmo que tu já tenhas feito uma longa caminhada,
há sempre um caminho a fazer.”*

Santo Agostinho

SENDO PARTE DA SOLUÇÃO

Eram tempos muito difíceis, logo após a grande depressão mundial no final da década de vinte, quando aquele jovem perdeu o seu emprego e não podia mais contribuir para a despesa familiar. A única renda daquela família passou a ser o que a mãe ganhava fazendo roupas para os outros.

Então, aquela mulher de meia idade ficou doente durante algumas semanas, incapaz de trabalhar. A companhia elétrica cortou a força quando aquela família não conseguiu mais pagar a conta. Depois foi a companhia de água. A despensa ficou quase vazia. Felizmente, a família tinha uma pequena horta e conseguiram cozinhar legumes numa fogueira no quintal.

Certo dia, uma pequena menina, o membro mais novo da família, chegou saltitante da escola dizendo:

– Amanhã temos que levar para a escola alguma coisa para dar aos pobres.

Sua mãe começou a esbravejar dizendo:

– Não conheço ninguém mais pobre do que nós!

Mas, a mãe daquela mulher tão sofrida, uma velhinha muito sábia e que estava morando com a filha na época fez com que ela silenciasse, franzindo as sobrancelhas, tocando-lhe o braço e dizendo:

– Filha, se você passar para uma criança a idéia de que ela é “pobre” com essa idade, ela será “pobre” para o resto da vida. Sobrou um pote daquela geléia caseira que eu faço para vocês. Ela pode levar aquilo.

A senhora achou um pedaço de papel de seda e um pedacinho de fita rosa, com os quais embrulhou o último pote de geléia e a sua neta foi saltitando para a escola no dia seguinte levando orgulhosamente seu “presente para os pobres”.

Após esta experiência enriquecedora, se havia algum problema na comunidade em que eles moravam, a menina naturalmente presumia que ela deveria ser parte da solução.

“Uma pilha inteira de memória nunca se iguala a uma pequena esperança.”

Charles Schulz

SER FELIZ É UMA DECISÃO

Uma senhora de noventa e dois anos, chamada Isaura, delicada, bem vestida, com o cabelo bem penteado e um semblante calmo, precisou se mudar para uma casa de repouso.

Seu marido havia falecido recentemente e aquela mudança se fez necessária, pois, ela era deficiente visual e não havia quem pudesse ampará-la em seu lar.

Uma neta dedicada a acompanhou.

Após algum tempo aguardando pacientemente na sala de espera, a enfermeira veio avisá-las que o quarto estava pronto.

Enquanto caminhavam, lentamente, até o elevador, a neta, que já havia vistoriado os aposentos, fez-lhe uma descrição visual de seu pequeno quarto, incluindo as flores na cortina da janela.

A senhora sorriu docemente e disse com entusiasmo:

– Eu adorei!

– Mas a senhora nem viu o quarto. Observou a enfermeira.

Ela não a deixou continuar e acrescentou:

– A felicidade é algo que você decide antes da hora. Se eu vou gostar do meu quarto ou não, não depende de como os móveis estão arranjados, e sim de como eu os arranjo em minha mente. E eu já me decidi gostar dele.

E continuou:

– É uma decisão que tomo a cada manhã quando acordo. Eu tenho uma escolha, posso passar o dia na cama remoendo as dificuldades que tenho com as partes de meu corpo que não funcionam há muito tempo, ou posso sair da cama e ser grata por mais esse dia. Cada dia é um presente, e meus olhos se abrem para o novo dia das memórias felizes que armazenei. A velhice é como uma conta no banco, minha filha, de onde você só retira o que colocou antes.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”

Chico Xavier

SINAIS DE DEUS

Conta-se que um velho árabe analfabeto orava com tanto fervor e carinho, toda noite, que certa vez, o rico chefe de uma grande caravana chamou-o a sua presença e lhe perguntou:

– Por que oras com tanta fé? Como sabes que Deus existe, quando nem ao menos sabes ler?

O fiel de Deus respondeu:

– Grande senhor, conheço a existência de Deus pelos sinais Dele.

– Como assim? - indagou o chefe, admirado.

O servo humilde explicou-se:

– Quando o senhor recebe uma carta de pessoa ausente, como reconhece quem a escreveu?

– Pela letra.

– Quando recebe uma jóia, como é que se informa quanto ao autor dela?

– Pela marca do ourives.

O empregado sorriu e acrescentou:

Quando ouve passos de animais, ao redor de sua tenda, como sabe, depois, se foi um carneiro, um cavalo, um boi?

– Pelos rastros. - respondeu o chefe, surpreso.

Então, o homem sábio convidou-o a sair da barraca e, mostrando-lhe o céu, onde a lua brilhava, cercada por multidões de estrelas, exclamou, respeitoso:

– Senhor, aqueles sinais, lá em cima, não podem ser dos homens!

Nesse momento, o orgulhoso caravaneiro, de olhos lacrimosos, ajoelhou-se na areia e começou a orar também.

“Muitas vezes, a vida mede nossa fé opondo-nos resistência. Os obstáculos fazem parte da caminhada e render-se a eles demonstra fraqueza. Não há, na história da humanidade, um grande homem sequer que não tenha tido uma fé inquebrantável.”

Charles Chaplin

SÓCRATES E A FOFOCA

Na Grécia antiga, Sócrates era um mestre reconhecido por todos pela sua sabedoria. Certo dia, o grande filósofo se encontrou com um amigo que lhe disse:

– Sócrates, sabe o que acabo de ouvir sobre um de seus alunos?

– Um momento, respondeu Sócrates. Antes de me dizer, gostaria que você passasse por um pequeno teste. Chama-se “teste dos três filtros”.

– Três filtros?

– Sim, continuou Sócrates. Antes de me contar o que quer que seja sobre meu aluno, é bom pensar um pouco e filtrar o que vais me dizer.

O primeiro filtro é o da Verdade. Estás completamente seguro de que o que vai me dizer é verdade?

– Bem. Acabo de saber.

– Então, mesmo sem saber se a informação é verdadeira, ainda assim quer me contar? Vamos ao segundo filtro, que é o da Bondade. Você quer me contar algo de bom sobre meu aluno?

– Não, pelo contrário.

– Então, interrompeu Sócrates, queres me contar algo de ruim sobre ele, que não sabes se é verdade!

– Ora veja! Ainda podes passar no teste, pois ainda resta o terceiro filtro, que é o da Utilidade. O que queres me contar vai ser útil para mim?

– Acho que não muito.

– Portanto, concluiu Sócrates, se o que você quer me contar pode não ser verdade, não ser bom e pode não ser útil, então para que contar?

“Só é útil o conhecimento que nos torna melhores.”

Sócrates

SONATA AO LUAR

Quem de nós nunca teve um momento de extrema dor?

Quem jamais sentiu, em algum momento da vida, a dura vontade de desistir?

Quem ainda não se sentiu só, extremamente só, e teve a sensação de ter perdido o endereço da esperança?

Nem mesmo as pessoas famosas, ricas, importantes, estão isentas de terem seus momentos de solidão e profunda amargura.

Foi o que ocorreu com um dos maiores compositores de todos os tempos, Ludwig van Beethoven.

Beethoven vivia um desses dias muito tristes, sem brilho e sem luz. Estava muito abatido pelo falecimento de um príncipe da Alemanha, que era como um pai para ele.

O jovem compositor sofria de uma grande carência afetiva. O pai era um alcoólatra contumaz, muito violento e que o agredia fisicamente. Faleceu na rua, por causa do alcoolismo.

Sua mãe morreu muito jovem. Seu irmão biológico nunca o ajudou em nada, e, além disso, cobrava-lhe aluguel da casa onde morava.

A tudo isto, soma-se o fato de sua doença agravar-se. Sintomas de surdez começavam a perturbá-lo, ao ponto de deixá-lo nervoso e irritado.

Beethoven somente podia escutar usando uma espécie de trombone acústico no ouvido, o que seria para nós, nos dias de hoje, um tipo de aparelho auditivo.

Ele tinha o hábito de sempre carregar consigo uma tábua ou caderno, para que as pessoas escrevessem suas idéias e pudessem se comunicar, mas elas não tinham paciência para isto, nem para ler seus lábios.

Notando que mais ninguém o entendia nem o queria ajudar, Ludwig se retraiu e se isolou. Por isso conquistou a fama de misantropo.

Foi por todas essas razões que o compositor caiu em uma profunda depressão. Chegou a redigir um testamento dizendo que ia se suicidar. Mas a ajuda chega até ele através de uma moça cega, que fala com ele quase gritando.

Ela morava na mesma pensão pobre, para onde Beethoven havia se mudado, e daria tudo para enxergar uma noite de luar.

Ao ouvi-la, Beethoven se emociona até as lágrimas. Afinal de contas, ele podia ver! Ele podia escrever sua arte nas pautas.

A vontade de viver volta-lhe renovada e ele compõe uma das músicas mais belas de suas composições: Sonata ao luar.

No tema desta linda obra, a melodia imita os passos vagarosos de algumas pessoas, possivelmente os dele e dos outros que levavam o caixão mortuário do príncipe, seu protetor. Olhando para o céu prateado de luar, e lembrando da moça cega, como a perguntar o porquê da morte daquele mecenas tão querido, ele se deixa mergulhar num momento de profunda meditação transcendental.

Alguns estudiosos de música dizem que as três notas que se repetem insistentemente no tema principal do primeiro movimento da Sonata, são as sílabas da palavra por quê? ou outra palavra sinônima, em alemão.

Anos depois de ter superado todo o sofrimento e a depressão, viria a incomparável “Ode à Alegria”, da Nona Sinfonia, que coroa a missão desse notável compositor, já totalmente surdo.

“Ode à Alegria” expressa toda a sua gratidão à vida e a Deus por não haver se suicidado.

Tudo graças àquela moça cega que lhe inspirou o desejo de traduzir, em notas musicais, uma noite de luar. Usando sua sensibilidade, Beethoven retratou, através da melodia, a beleza de uma noite banhada pelas claridades da lua, para alguém que não podia ver com os olhos físicos.

“Eu não posso criar outra alma, mas posso acordar a alma que está dormindo.”

Janusz Korczak

TELHA DE VIDRO

Nem sempre a vida segue o curso que se deseja, que se espera.

Assim foi com Adriana.

Depois da morte de seus pais, ela, ainda bem moça, deixou a cidade em que nascera para morar na fazenda, com os tios que mal conhecia. Moraria na casa que havia sido construída por seu bisavô, há muito tempo.

Era uma casa muito antiga, com aspecto sombrio, e a maior parte de seus móveis eram peças pesadas e escuras que ali estavam há mais tempo do que as pessoas saberiam dizer.

Seus tios eram pessoas muito simples, acostumados com a vida que sempre viveram, desconfiados com tudo que pudesse alterar a rotina que lhes dava segurança.

A chegada de Adriana representou para eles um certo transtorno. Onde ficaria instalada a menina?

Como não havia na casa um cômodo mais apropriado, deram-lhe um quarto pequeno, que ficava no sótão.

Nem o tamanho reduzido e o cheiro de mofo incomodaram Adriana. O que realmente lhe entristecia naquele quartinho abafado era apenas o fato de não haver janelas.

Não se podia ver o sol, nem o céu, nem as árvores do quintal com seus frutos coloridos ou as lindas flores do jardim. A luz limitava-se a entrar timidamente pela porta.

A falta de claridade naquele quartinho parecia encher ainda mais de tristeza o coração dolorido da moça.

Até que um dia, depois de muito ter chorado em silêncio, Adriana, decidida a voltar a sorrir, pediu que seus tios lhe trouxessem da cidade uma telha de vidro.

Um pouco desconfiados, seus tios acabaram cedendo.

Daí, um milagre aconteceu.

Mesmo sem janelas o quarto de Adriana, antes tão sombrio, passou a ser a peça mais alegre da fazenda. Tão claro que, ao meio-dia, aparecia uma renda de arabesco de sol nos ladrilhos vermelhos, que só a partir de então conheceram a luz do dia.

A lua branda e fria também se mostrava, às vezes, pelo clarão da telha milagrosa. E algumas estrelas audaciosas arriscaram surgir no espelho onde a moça se penteava.

O quartinho que era feio, triste e sem vida, fazendo com que os dias de Adriana fossem cinzentos, frios, sem luar e sem clarão agora estava tão diferente. Passou a ser cheio de claridade, luzes e brilho.

Adriana voltou a sorrir.

Toda essa mudança só porque um dia ela, insatisfeita com a própria tristeza, decidiu colocar uma telha de vidro no telhado daquela casa antiga, trazendo para dentro da sua vida a luz e a alegria que faltavam.

“Nunca compreenderemos o quanto um sorriso pode fazer.”

Madre Teresa de Calcutá

TEMPO DE VIDA

Era uma vez, um homem muito observador. Ele estava sempre atento a tudo o que o rodeava.

Certo dia ele sentiu muita vontade de visitar uma pequena cidade chamada Kammir e após dois dias de marcha por caminhos empoeirados, a avistou. Um pouco antes de chegar, chamou-lhe a atenção uma colina que se encontrava à direita do caminho. Ela estava coberta de um verde maravilhoso, com numerosas árvores, pássaros e flores encantadoras.

Tudo estava rodeado por uma bela cerca envernizada. Uma pequena porta de bronze o convidava a entrar.

Ele resolveu conhecer melhor aquele lugar. Entrou e foi caminhando lentamente entre as brancas pedras, que eram distribuídas entre as árvores. Permitiu que seu olhar pousasse como borboleta em cada detalhe daquele paraíso multicolor.

Como era extremamente observador, descobriu, sobre uma daquelas pedras, a seguinte inscrição: “Abdul Tareg viveu oito anos, seis meses, duas semanas e três dias”.

Sentiu-se um pouco angustiado ao perceber que aquela pedra não era simplesmente uma pedra, era uma lápide. Teve pena ao pensar em uma criança tão nova enterrada naquele lugar. Olhando ao redor, o homem se deu conta de que a pedra seguinte também tinha uma inscrição.

Aproximou-se e viu que estava escrito: “Yamir Kalib, viveu cinco anos, oito meses e três semanas”.

O homem sentiu-se muito transtornado.

Aquele belo lugar era um cemitério, e cada pedra era uma tumba. Uma por uma começou a ler as lápides e todas tinham inscrições similares: um nome e o exato tempo de vida do falecido.

Porém, o que lhe causou maior espanto foi comprovar que quem mais tinha vivido, apenas ultrapassara os onze anos.

Invadido por uma dor muito grande, sentou-se e começou a chorar.

A pessoa que tomava conta do cemitério, e que naquele momento passava por ali, aproximou-se. Permaneceu em silêncio, respeitosamente, enquanto olhava o homem a chorar e, após algum tempo, perguntou-lhe se chorava por alguém de sua família.

– Não, não choro por ninguém de minha família, respondeu o visitante. Mas o senhor pode me responder o que se passa nessa cidade? Que

coisa tão terrível acontece aqui? Por que tantas crianças mortas enterradas neste lugar? Qual a horrível maldição que pesa sobre essas pessoas que as obrigou a construir um cemitério só para crianças?

O velho sorriu e falou:

– Pode acalmar-se. Não existe nenhuma maldição. O que acontece, é que aqui temos um antigo costume e eu vou lhe contar.

Quando um jovem completa quinze anos, ganha de seus pais uma caderneta, como esta que eu mesmo levo aqui, pendurada no pescoço.

É uma tradição do meu povo que a partir dessa idade, cada vez que desfrutamos intensamente de alguma coisa boa, anotamos na caderneta. À esquerda o que foi desfrutado e à direita, o tempo que durou.

É assim que anotamos. Se conhecemos uma moça e nos apaixonamos por ela, quanto tempo durou essa paixão e o prazer em conhecê-la? Uma semana? Duas? Três?

E depois, a emoção do primeiro beijo, quanto durou? Um minuto e meio? Dois dias? Uma semana? E a gravidez ou o nascimento do primeiro filho? E a tão desejada viagem, por quanto tempo lembramos? E o encontro com o irmão que retorna de um país distante? Quanto tempo desfrutamos dessas situações? Horas? Dias? Meses?

Assim, vamos anotando na caderneta cada momento bem aproveitado, cada minuto que valeu a pena.

E quando alguém morre, é nosso costume abrir a caderneta e somar o tempo bem desfrutado para gravá-lo sobre a pedra, porque esse é, de fato, para nós, o único tempo que foi vivido.

No balanço final de nossa curta existência na Terra, aquilo que terá verdadeiramente valido a pena, será o que de bom e útil tivermos vivido.

“Não acrescente mais dias à sua vida, e sim mais vida aos seus dias.”

Alex Cardoso de Melo

TRABALHAR COM ALEGRIA

Havia uma fazenda onde os trabalhadores viviam tristes e isolados uns dos outros.

Eles estendiam as suas roupas surradas no varal e alimentavam seus magros cães com o pouco que sobrava das refeições.

Todos que viviam ali trabalhavam na roça do senhor Cláudio, dono de muitas terras, que exigia trabalho duro e na opinião daqueles trabalhadores, pagava muito pouco por isso.

Certo dia, chegou ali um novo empregado, seu nome era Cássio. Era um jovem agricultor em busca de trabalho. Foi admitido e recebeu, como todos os demais trabalhadores, uma velha casa onde iria morar enquanto trabalhasse para o senhor Cláudio.

O jovem, vendo aquela casa suja e abandonada, resolveu dar-lhe vida nova. Cuidou da limpeza e, em suas horas vagas, lixou e pintou as paredes com cores alegres e brilhantes, além de plantar flores no jardim e nos vasos. Aquela casa tão limpa e arrumada destacava-se das demais e chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Ele sempre trabalhava alegre na fazenda e os outros trabalhadores sempre lhe perguntavam como ele conseguia trabalhar feliz e cantando com o pouco dinheiro que ganhava.

Cássio olhava para os amigos e dizia com naturalidade que o trabalho era tudo o que ele tinha na vida e que, ao invés de blasfemar e reclamar, preferia agradecer a Deus pelo trabalho, pois, quando o aceitou sabia das condições. Não seria justo que agora ficasse sempre reclamando. Faria com capricho e amor aquilo que aceitou fazer.

Os outros, que acreditavam serem vítimas das circunstâncias e abandonados pelo destino, olhavam para Cássio admirados e não acreditavam que ele pudesse pensar assim.

O entusiasmo do rapaz, em pouco tempo, chamou a atenção do fazendeiro, que passou a observá-lo à distância. Ele refletia que alguém que cuidava com tanto carinho da casa que ele havia emprestado, cuidaria com o mesmo capricho da sua fazenda.

Para o senhor Cláudio, ele era o único na fazenda que pensava em progredir. E como já estava ficando velho, precisava de alguém que lhe ajudasse na administração da fazenda. Num final de tarde, ele foi até a casa do rapaz e, após tomar um café bem fresquinho, ofereceu ao jovem o cargo de

administrador da fazenda.

Com muita felicidade ele aceitou prontamente e os seus amigos agricultores novamente voltaram a lhe perguntar, o que fazia algumas pessoas serem bem sucedidas e outras não.

E o jovem Cássio, agora um próspero e competente administrador de fazenda respondeu-lhes com serenidade que em suas andanças, aprendeu muita coisa e o principal é que nenhum de nós é vítima do destino, pois, dentro de nós existe a capacidade de realizar e dar vida nova a tudo aquilo que nos cerca. Só que isso depende, na maioria das vezes, única e exclusivamente, de cada um de nós.

“A felicidade não entra em portas trancadas.”

Chico Xavier

TRATANDO COMO IRMÃO

Ela sempre estacionava o carro na mesma vaga.

O guardador, sorridente e educado, sempre a cumprimentava. Por vezes falavam rapidamente, ela perguntava como estava a família, e ele respondia. Contava um ou outro problema de saúde que enfrentava.

Por outras vezes, comentavam sobre algumas amenidades, sobre o frio, o calor, sobre o perigo da cidade grande, etc.

Ele morava num bairro muito distante da região metropolitana. Certamente, numa casa muito simples - quase um barraco.

Naquele dia ela estava preocupada com ele, estava muito frio.

Ela lembrou que a vida dela não era fácil, que vinha de dificuldades recentes, mas pensou na vida dele, que deveria ser bem mais complicada.

Nem sempre podia dar-lhe algum dinheiro. Dos cinco dias da semana, em média, uma ou duas vezes ela conseguia dar-lhe algumas moedas. Sabia que ele precisava, que aquele era seu trabalho digno, que dali vinha o alimento de seus filhos.

Ela queria poder dar mais. E ele merecia, pois sempre guardava uma vaga especial para ela, sem ela pedir, sem ela merecer - pensava.

Com o coração um pouco apertado, então, ela resolveu dizer-lhe algo importante naquele dia:

– Olha. Sei que nem sempre lhe dou alguma coisa. Queria poder dar mais, dar sempre, mas não consigo mesmo. Sei que você é um trabalhador, uma pessoa gentil e educada, e que mesmo eu dando tão pouco, sempre guarda a vaga para mim. Já vi que existem pessoas que estacionam sempre aqui, que lhe dão sempre um ou até dois reais por vez, mas, eu realmente não consigo. - disse ela, um tanto embaraçada.

Ele então respondeu, com muita franqueza e simplicidade:

– Dona, eu não guardo a sua vaga apenas porque a senhora me dá algum dinheiro. Eu preciso de dinheiro, sim, mas não é por isso. É que a senhora é a única pessoa que fala comigo, que me dá atenção, que é gentil todos os dias e me trata como irmão.

Ela calou ao ouvir aquelas palavras. Sorriu para ele, timidamente, e disse, se despedindo:

– Então, tá bom. Muito obrigado.

E foi para o trabalho refletindo em tudo aquilo que ouvira. Ela nunca havia pensado nisso.

Será que ninguém mais fala com ele? Falo tão rapidamente, sobre coisas corriqueiras, nada de muito importante. Será que todas as pessoas o ignoram? Mesmo o encontrando todos os dias como eu?

Aqueles pensamentos ficaram em sua mente, flutuando o dia todo. Percebeu que poderia dar algo muito mais importante que as moedas, que o trocado de sempre.

“O homem reduzido a pedir esmola se degrada moral e fisicamente: ele se embrutece. Numa sociedade baseada sobre a lei de Deus e da justiça, deve-se prover a vida do fraco sem humilhações para ele. Ela deve assegurar a existência daqueles que não podem trabalhar, sem deixar sua vida à mercê do acaso e da boa vontade.”

Allan Kardec

TRÊS DIAS PARA VER

O que você olharia se tivesse apenas três dias de visão?

Helen Keller, cega e surda, escreveu um ensaio que diz assim:

Às vezes o meu coração anseia por ver tudo aquilo que só conheço pelo tato. Se eu consigo tanto prazer com um simples toque, quanta beleza poderia ser revelada pela visão! E imaginei o que mais gostaria de ver se pudesse enxergar, digamos, por apenas três dias.

O primeiro dia seria muito ocupado. Eu reuniria meus amigos queridos e olharia seus rostos por muito tempo, imprimindo em minha mente as provas exteriores da beleza que existe dentro deles.

Também fixaria os olhos no rosto de um bebê, para poder ter a visão da beleza inocente. E olharia nos olhos fiéis e confiantes de meus dois cães.

À tarde daria um longo passeio pela floresta, contagiando meus olhos com as belezas da natureza. E rezaria pela glória de um pôr de sol colorido. Creio que nessa noite não conseguiria dormir.

No dia seguinte, me levantaria ao amanhecer para poder assistir ao empolgante milagre da noite se transformando em dia. Contemplaria o magnífico panorama de luz com que o sol desperta a terra adormecida.

Como eu gostaria de ver o progresso da humanidade, visitaria os museus. Sondaria a alma do homem por meio de sua arte e veria então o que conheci pelo tato. O magnífico mundo da pintura me seria apresentado.

À noite de meu segundo dia seria passada no teatro ou no cinema.

No terceiro dia, a cidade seria meu destino. Iria aos bairros pobres, às fábricas, aos parques onde as crianças brincam. Viajaria ao mundo inteiro, visitando os bairros estrangeiros.

E meus olhos estariam sempre abertos, tanto para cenas de felicidade quanto para as de tristeza, de modo que eu pudesse descobrir como todas as pessoas vivem e trabalham, e compreendê-las melhor.

À meia-noite, uma escuridão se cerraria sobre mim. Claro, nesses três curtos dias eu não teria visto tudo o que eu queria ver. Só quando as trevas descessem de novo é que me daria conta do quanto deixara de apreciar.

*"Não há melhor maneira de agradecer a Deus pela visão,
do que dar ajuda a alguém que não a possui."*

Helen Keller

UBUNTU

Um antropólogo, fazia uma brincadeira com crianças de uma pequena tribo africana, ele colocou um cesto cheio de frutas junto a uma árvore e disse para as crianças:

– O primeiro de vocês que chegar naquela árvore, ganhará todas as frutas.

Dado o sinal, todas as crianças saíram ao mesmo tempo... e de mãos dadas!

Então, sentaram-se juntas e felizes para aproveitarem toda aquela generosa recompensa.

Quando o antropólogo questionou-os por que haviam agido daquela forma, sabendo que um entre todos eles poderia ter ganho todos os frutos para si, eles responderam:

– Ubuntu! Como um de nós pode ser plenamente feliz se todos os outros estiverem tristes?

Ubuntu na cultura Xhosa significa: “Eu sou porque nós somos”.

“A caridade sublime consiste também na benevolência constante, e em todas as coisas, para com o próximo.”

Allan Kardec

UM AMOR FRATERNO

O rei Salomão foi um rei judeu considerado por muitos como o mais sábio dentre os reis. Durante seu reinado, viveram em Sião dois irmãos que eram agricultores e semeavam trigo.

Quando chegou a época da colheita, cada um dos irmãos foi colher trigo no seu campo.

Uma noite, o irmão mais velho juntou vários feixes da sua colheita e os levou para o campo do irmão mais novo, pensando: meu irmão tem sete filhos, são muitas bocas para alimentar, é justo que eu lhe dê uma parte do que consegui.

Contudo, o irmão mais novo também foi para o campo, juntou vários feixes do seu próprio trigo, carregou até o campo do irmão, dizendo para si mesmo: meu irmão é sozinho, não tem quem o auxilie na colheita. Devo dividir uma parte do meu trigo com ele.

Quando se ergueram ambos, pela manhã, e foram ao campo, ficaram muito admirados de encontrar exatamente a mesma quantidade de trigo do dia anterior.

Chegada à noite seguinte, cada um teve o mesmo gesto de gentileza com o outro.

Novamente, ao acordarem, encontraram seus estoques intactos.

Foi na terceira noite, no entanto, que eles finalmente se encontraram no meio do caminho, cada qual carregando para o campo do outro um grande feixe de trigo. Abraçaram-se com força, derramaram lágrimas de alegria pela bondade que os unia.

A lenda conta que o rei Salomão, ao tomar conhecimento daquele amor fraterno, construiu o Templo de Israel naquele lugar de fraternidade.

“Fazer o mal? Não sei como isso se faz!”

Janusz Korczak

UM ANJO CINZENTO

Para que o homem confiasse em Deus durante a sua existência, Ele determinou que vários anjos o amparassem em suas tarefas na Terra.

Em razão disso, quando mal saía do berço, aproximou-se do homem um anjo de luz violeta que, aproveitando os lábios daquela que se lhe constituía em mãezinha adorável, lhe ensinou a repetir:

– Deus..., Pai do céu..., Papai do céu...

Era o anjo da pureza.

Mais tarde, soletrando o alfabeto, entre as paredes da escola, acercou-se dele um anjo de luz verde que, por intermédio da professora, o ajudou a pronunciar em voz firme:

– Deus, nosso Pai, criador de todos os seres e de todas as coisas.

Era o anjo da esperança.

Alongaram-se os dias, até que o homem foi admitido em uma casa de ensino superior, sob cujo teto venerável ele foi visitado por um anjo dourado que, através de educadores eméritos, lhe falou a cerca da glória e da magnificência de Deus, utilizando a linguagem da filosofia e da ciência.

Era o anjo da sabedoria.

O homem consultou livros e autoridades, desejando a comunhão mais direta com o Senhor e fazendo-se caprichoso e exigente.

Olvidando o direito de seus semelhantes, propunha-se conquistar as atenções de Deus tão somente para si, Ele deveria inclinar-se, atendendo todas as suas solicitações, sem mais nem menos; e, porque o Senhor não se revelasse disposto a personalizar-se para satisfazê-lo, começou a cultivar o espinheiro da negação e da dúvida.

Por mais que insistisse o anjo dourado, rogando-lhe reverenciar o Senhor, acatando-lhe as leis e os desígnios, o homem mais se mergulhava na hesitação e na indiferença.

Atormentado, procurou um templo, onde um anjo azul o socorreu, valendo-se de um sacerdote para recomendar-lhe a prática do trabalho e da humildade, com a retidão da consciência e a perseverança no bem.

Era o anjo da fé.

O homem registrou-lhe os avisos, mas, sentindo enorme dificuldade para render-se aos exercícios da virtude, clamava intimamente:

– Deus? Mas existirá Deus, realmente? Por que razão não me oferece provas indiscutíveis do seu poder?

Freqüentando o templo para não ferir as convenções sociais, foi auxiliado por um anjo róseo, que lhe conduziu a inteligência e à leitura de livros santos, comovendo-lhe o coração e conduzindo-lhe o sentimento à prática do amor e da renúncia, da benevolência e do sacrifício.

– Era o anjo da caridade.

O teimoso estudante aprendeu que não lhe seria lícito aguardar as alegrias do céu, sem havê-las merecido pela própria sublimação na Terra.

Ainda assim, monologava indisciplinado:

– Se sou filho de Deus e se Deus existe, não necessito de tanta formalidade para encontrá-lo.

E prosseguia surdo aos orientadores angélicos.

Casou-se, constituiu família e garantiu-se contra os desígnios da sorte, porém, por mais que se esforçassem os anjos da caridade e sabedoria, da esperança e da fé, no sentido de favorecer-lhe a comunhão com o céu, mais repudiava os generosos conselheiros, exclamando de si para consigo:

– Deus? Mas existirá efetivamente Deus?

Enrugando-se-lhe o rosto e encanecendo-se-lhe a cabeça orgulhosa, reuniram-se os gênios amigos, suplicando a compaixão do Senhor, em benefício do rebelde tutelado.

Foi quando desceu do céu um anjo cinzento, de semblante triste e discreto. Não tomou instrumentos para comunicar-se.

Ele próprio abeirou-se do revoltado e rancoroso homem, abraçou-o e assoprou-lhe ao coração a mensagem que trazia.

Sentindo-lhe a presença, o homem cambaleou, deitou-se e começou a reconhecer a precariedade dos bens do mundo. Notou quão transitória era a posse dos patrimônios, dos quais não passava de usufrutuário egoísta. Observou que sua felicidade passageira era simples sombra a esvair-se no tempo. E, assinalando sofrimento e desequilíbrio no âmago de si mesmo, compreendeu que tudo que desfrutava na vida era empréstimo de Deus.

Meditou, meditou, reconsiderando as atitudes que lhe eram peculiares e, em lágrimas de sincera e profunda compunção, qual se fora um tenro menino, dirigiu-se pela primeira vez a Deus, suplicando:

– Deus de infinita misericórdia, meu Pai, compadece-te de mim!

O anjo cinzento era o anjo da enfermidade.

*“Eu creio no Deus que fez todos os homens,
não no Deus que todos os homens fizeram.”*

Alex Cardoso de Melo

UM ATO DE GENEROSIDADE

Um soldado se encontrava em uma frente de batalha, quando foi chamado pelo seu comandante, que lhe informou que seu pai estava para morrer.

Desta forma, ele seria enviado de volta ao lar, para assistir aos últimos momentos do seu genitor, desde que ele era o único familiar existente.

Com o coração em sobressalto, amargurado, o jovem soldado chegou à sua cidade e logo se dirigiu ao hospital. Conduziram-no à Unidade de Terapia Intensiva e lhe indicaram um leito.

O rapaz se aproximou e observou o ancião, semi-consciente e cheio de tubos. Parecia estar sofrendo muito. Ao aproximar-se um tanto mais e contemplar o rosto dolorido do enfermo terminal, o soldado percebeu que alguém havia cometido um tremendo engano ao chamá-lo. Aquele homem não era o seu pai.

Ele aproximou-se do médico e perguntou:

– Quanto tempo lhe resta de vida?

– Algumas horas, quando muito. Você chegou a tempo.

O soldado tornou a postar-se ao lado do leito. Pensou no filho daquele velho, que deveria estar lutando sabe Deus a quantos quilômetros dali. Pensou que, possivelmente, aquele ancião estaria se aferrando à vida com a única esperança de ver o seu filho, uma última vez, antes de morrer.

Tomou então, uma decisão. Inclinou-se sobre o moribundo, tomou uma de suas mãos e lhe disse, suavemente:

– Pai, estou aqui, voltei.

O ancião, agarrando com força aquela mão, abriu os seus olhos sem vida, para lançar um último olhar à sua volta. Um sorriso de satisfação iluminou seu rosto e assim permaneceu até que, ao fim de quase uma hora, morreu pacificamente.

“O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe até o céu.”

Michelangelo

UM BOM SAMARITANO

Certo homem, descia de Jerusalém a Jerico, cidades que hoje pertencem aos Estados de Israel e Palestina, respectivamente, quando caiu nas mãos de terríveis ladrões que logo o despojaram do que levava; e depois de o terem maltratado muito, retiraram-se, deixando-o quase morto.

Naquele momento, descia um sacerdote pelo mesmo caminho; viu-o e passou para o outro lado da estrada. Igualmente, chegou ao lugar um levita; viu-o e também passou distante. Mas um samaritano, que vinha em seu caminho, chegou perto dele e, quando o viu, se moveu à compaixão. Aproximou-se, deitou-lhe óleo e vinho nas chagas, fazendo a limpeza das feridas; em seguida, colocou-o em sua cavalgadura, conduziu-o até uma hospedaria e teve todos os cuidados com ele.

No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: – Tome conta deste enfermo e faça com que ele se recupere plenamente, e o que gastares a mais pagar-to-ei na volta.

A partir deste dia, o termo samaritano deixou de referir-se apenas a pessoa nascida ou habitante da antiga cidade de Samaria (atual Palestina), para tornar-se sinônimo de homem bom e caridoso.

“Aquele que tem caridade no coração tem sempre alguma coisa para dar.”

Santo Agostinho

UM BRAÇO AMIGO

Aquela era uma noite como outra qualquer para aquele moço que voltava para casa pelo mesmo roteiro de sempre, há três anos.

Ele seguia tateando com sua bengala para identificar os acidentes do caminho, que eram seus pontos de referência, como para todo deficiente visual. Mas, naquela noite, uma mudança significativa havia acontecido no seu caminho: um pequeno arbusto, que lhe servia de ponto de referência e estava ali pela manhã, fora arrancado.

A rua estava deserta e ele não conseguia mais encontrar o rumo de casa. Andou por algum tempo, e percebeu que havia se afastado bastante da sua rota, pois verificou que estava numa ponte sobre o rio que separa a sua pequena cidade da cidade vizinha.

Era preciso encontrar o caminho de volta. Mas como, sem a visão?

Começou a tatear com sua bengala, quando uma voz trêmula de mulher lhe indagou:

– O senhor está encontrando alguma dificuldade?

– Acho que me perdi, respondeu o rapaz.

– Foi o que pensei, comentou a mulher.

– Quer que o acompanhe a algum lugar?

O rapaz lhe deu o endereço e ela, oferecendo-lhe o braço, o conduziu até à porta de casa.

– Não sei como lhe agradecer, falou o moço.

– Eu é que lhe devo um sincero agradecimento, respondeu ela, já com uma voz mais firme.

– Não compreendo, retrucou o rapaz.

E a jovem senhora então explicou:

– Há uma semana meu marido me abandonou. Eu estava naquela ponte para me suicidar, pois geralmente àquela hora ela está deserta. Aí encontrei o senhor tateando sem rumo e mudei de idéia.

A mulher disse boa noite, agradeceu emocionada por mais uma vez, e desapareceu na rua deserta.

*“Na multidão estamos um com o outro, felizes de estarmos juntos,
falando sem pronunciar uma única palavra.”*

Walt Whitman

UM CERTO HOMEM

Um homem, seu cavalo e seu cão, caminhavam por uma estrada. Depois de muito caminhar, esse homem se deu conta de que ele, seu cavalo e seu cão haviam morrido num acidente.

Às vezes, os mortos algum levam tempo para se dar conta de sua nova condição. A caminhada era muito longa, morro acima, o sol era forte e eles ficaram suados e com muita sede. Precisavam desesperadamente de água.

Numa curva do caminho, avistaram um portão magnífico, todo de mármore, que conduzia a uma grande praça calçada com blocos de ouro no centro, da qual havia uma fonte de onde jorrava água cristalina.

O caminhante dirigiu-se ao homem que numa guarita, guardava a entrada.

– Bom dia, ele disse.

– Bom dia, respondeu o homem.

– Que lugar é este, tão lindo?, ele perguntou.

– Isto aqui é o céu, foi a resposta.

– Que bom que nós chegamos ao céu, estamos com muita sede, disse o homem.

– O senhor pode entrar e beber água à vontade, disse o guarda, indicando-lhe a fonte.

– Meu cavalo e meu cachorro também estão com sede.

– Lamento, disse o guarda. Porém, aqui não se permite a entrada de animais.

O homem ficou muito desapontado porque sua sede era grande. Mas, ele não beberia, deixando seus amigos com sede. Assim, prosseguiu seu caminho.

Depois de muito caminharem morro acima, com sede e cansaço multiplicados, eles chegaram a um sítio, cuja entrada era marcada por uma porteira velha semi-aberta.

A porteira se abria para um caminho de terra, com belas árvores dos dois lados que lhe faziam sombra. À sombra de uma das árvores, um homem estava deitado, cabeça coberta com um chapéu, parecia que ele estava dormindo:

– Bom dia, disse o caminhante.

– Bom dia, disse o homem.

– Estamos com muita sede, eu, meu cavalo e meu cachorro.

– Há uma fonte naquelas pedras, disse o homem e indicando o lugar.

Podem beber a vontade.

O homem, o cavalo e o cachorro foram até a fonte e mataram a sede.

– Muito obrigado, ele disse ao sair.

– Voltem quando quiserem, respondeu o homem.

– A propósito, disse o caminhante, qual é o nome deste lugar?

– Céu, respondeu o homem.

– Céu? Mas, um homem em uma guarita, ao lado de um portão de mármore, alguns quilômetros abaixo, disse que lá era o céu!

– Aquilo não é o céu, aquilo é o inferno.

O caminhante ficou perplexo.

– Mas então, disse ele, essa informação falsa deve causar grandes confusões.

– De forma alguma, respondeu o homem. Na verdade, eles fazem um grande favor. Porque lá ficam aqueles que são capazes de abandonar até seus melhores amigos.

*“Um homem é ético quando ajuda toda forma
de vida e evita ferir toda a coisa que vive.”*

Albert Schweitzer

UM CORAÇÃO DE OURO

A escola e a flor. A flor e a escola...

Tudo ia muito bem quando o inspetor de alunos entrou na minha sala. Pedi licença e foi falar com Dona Janete, minha professora.

Ele apontou para mim e para a flor no copo. Depois saiu.

A professora olhou para mim com certa tristeza. Quando terminou a aula, me chamou.

– Quero falar uma coisa com você, Mayara. Espere um pouco.

Ela ficou arrumando a bolsa que não acabava mais.

– Nosso inspetor de alunos me contou uma coisa muita feia de você, Mayara. É verdade?

Balancei a cabeça afirmando:

– Da flor? É sim, senhora. Eu levanto mais cedo e passo na casa da Luísa. Quando o portão está só encostado, entro depressa e roubo uma flor. Mas, lá tem tanta que nem faz falta.

– Sim, mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “pequeno furto”.

– Não é não, Dona Janete. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também.

Ela ficou espantada com a minha lógica.

– Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não temos jardim. Flor custa dinheiro e eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre com o copo vazio.

Ela engoliu em seco.

– De vez em quando a senhora não me dá dinheiro pra comprar um sonho recheado?

– Poderia lhe dar todos os dias, mas você some.

– Eu não poderia aceitar todos os dias.

– Por quê?

– Porque tem muitas outras crianças pobres que também não trazem merenda.

Ela tirou o lenço da bolsa e passou disfarçadamente nos olhos.

– A Senhora não vê a Corujinha?

– Quem é a Corujinha?

– Aquela loirinha do meu tamanho, que usa óculos e a mãe enrola o cabelo dela em coquinhos, amarrando com cordão.

– Sei, a Carla.

– É sim, senhora. As outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pobre demais. Então ela fica no canto, sempre sozinha. Eu divido o sonho que a senhora me dá com ela.

– Dessa vez, ela ficou com o lenço no nariz muito tempo.

– A senhora, de vez em quando, em vez de dar pra mim, podia dar pra ela. A mãe dela lava roupa para fora e tem onze filhos, todos pequenos. Minha avó, todo sábado, dá um pouco de feijão e de arroz para ajudá-los, e eu, divido meu sonho com ela, porque mamãe ensinou que “a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre”.

As lágrimas estavam descendo.

– Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e que vou ser cada vez mais aplicada.

– Não é isso, Mayara. Venha cá.

Ela pegou as minhas mãos entre as dela.

– Você vai me prometer uma coisa, porque você tem um coração maravilhoso, Mayara.

– Eu prometo, mas não quero enganar a senhora. Eu não tenho um coração maravilhoso. A senhora diz isso porque não me conhece em casa.

– Não tem importância. Para mim você tem.

– De agora em diante não quero que você me traga mais flores. Só se você ganhar alguma. Promete?

– Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar sempre vazio?

– Nunca esse copo vai ficar vazio. Quando eu olhar para ele, sempre enxergarei a flor mais linda do mundo. E vou pensar:

– Quem me deu essa flor foi a minha melhor aluna. Está bem?

Agora ela ria.

Soltou minhas mãos e falou com doçura:

– Agora pode ir “coração de ouro”.

“Quanto mais auxiliardes ao próximo, mais amplo auxílio recebereis do Senhor.”

Bezerra de Menezes

UM CREDOR INCOMPASSIVO

Certa vez, um senhor de terras, homem muito rico, resolveu ajustar contas com seus servos devedores.

Ao fazê-lo, apresentou-se um de seus devedores, um homem que lhe devia dez mil talentos; mas, como ele não tinha com que pagar, ordenou o seu senhor que ele vendesse sua mulher, seus filhos, e tudo o que tinha, para ficar quite da dívida.

O servo, porém, lançando-se aos seus pés, suplicou-lhe:

– Tem paciência comigo, que tudo te pagarei.

Então o senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre e ainda perdoou-lhe a dívida.

Tendo saído o tal servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários, e, agarrando-o, sufocava-o, dizendo:

– Paga o que me deves!

O companheiro, lançando-se aos seus pés, implorou:

– Tem paciência comigo, que tudo te pagarei.

Ele, porém, não o atendeu. Retirou-se e fez com que o colocassem na cadeia, até pagar a dívida.

Vendo, pois, os outros servos, o que se tinha passado, ficaram muito tristes e foram contar ao senhor tudo o que havia acontecido.

Então, o senhor chamou-o à sua presença e disse-lhe:

– Servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida porque me vieste rogar para isso; não devias tu também ter compaixão de teu companheiro, como eu tive de ti?

E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos até que ele pagasse tudo quanto lhe devia.

*“Ame a teu próximo como a ti mesmo e não faça aos outros
tudo aquilo que não quer que façam contigo.”*

Jesus de Nazaré

UM DESASTRE

Aquele homem enriquecera rapidamente. Os dois grandes supermercados, muito bem dirigidos, eram para ele duas galinhas de ovos de ouro. Dono do seu próprio tempo, não sabia usá-lo da maneira mais nobre e, por isso, estimava nas grandes emoções suas grandes fugas.

Corridas de cavalos, corridas de automóveis, concursos de lanchas...
Entusiasta de todos os esportes. Gastador renitente.

Apesar disso, era bom esposo e bom pai. De vez em quando, levava os filhinhos Laudelino e Danilo, às brigas de galos. Os garotos, porém, não gostavam. Laudelino voltava o rosto para não ver, e Danilo, pequenino menino de apenas quatro anos, chorava desapontado.

– Medroso! - dizia o pai, com adocicada ironia. E colocava os dois filhos no carro para longo passeio. A esposa, muitas vezes presente, rogava aflita: “mais devagar”. Ele, porém, sorria sarcástico, e acelerava. Sessenta, oitenta, noventa quilômetros.

Noutras circunstâncias, era o seu amigo inseparável que o advertia, quando o carro de luxo parecia decolar do chão:

– Não corra tanto assim. Olhe os pedestres!

– Que tenho eu lá com isso?

E o amigo explicava:

– Há pessoas distraídas, e crianças inconscientes. Nem sempre conseguem, de pronto, ver os sinais.

O empresário de sucesso encerrava o capítulo, acrescentando:

– Rodas foram feitas para rodar. E depressa.

Em outras situações, era o próprio pai do empresário a aconselhá-lo, enquanto o veículo parecia voar:

– Meu filho, é preciso prudência. O volante pede calma. Penso que, além dos sessenta quilômetros, tudo é caminho para o desastre.

– Bobagem, papai - respondia ele bem humorado, agravando ainda mais o problema.

Sempre que exortado, corria mais.

Certa tarde, ao chegar à casa de seus pais, levando os pequenos Laudelino e Danilo a tiracolo, o empresário foi recebido pela mãe querida, que ao se deparar com as pequenas jóias, abraçou os netos dizendo:

– Meninos de apartamento, aves engaioladas!

– Então - disse o pai, sorrindo - preferem a vovó?

– Sim, sim - respondem os garotos sorrindo.

Decorridos alguns minutos, saem todos na manhã domingueira.

A matriarca desce com a nora, amparando as pequenas crianças, ao pé da própria casa a pleno sol da linda cidade litorânea e declara:

– Nossos pássaros prisioneiros querem hoje a imensidão da praia. Vamos respirar...

– Riram-se todos.

Enquanto isso, o carro do empresário, conduzindo-o juntamente com seu fiel amigo, partiu acelerado rumo à região serrana, próxima ao litoral.

Seus amigos improvisavam divertidas corridas de bicicleta junto à natureza resplandecente.

Ao virar da tarde, o regresso. A cidade ainda vibra de sol.

– Por que não buscar, primeiro, a cerveja pura e gelada e depois as crianças na casa de minha mãe? - perguntou o empresário, contente.

O carro devora o asfalto.

– Devagar, mais devagar. - pede o gentil amigo.

Depois da cerveja, o retorno a casa. O empresário inicia a marcha, como quem decola.

– Devagar, mais devagar. - roga novamente o companheiro.

Ele ri. Ignora o pedido. A poucos minutos, ambos vêem o pequenino em trajes de banho. Está só. Agita-se. Corre de forma desordenada procurando o outro lado. O empresário tenta frear, mas é tarde. Atropela o garoto que tomba qual pluma ao vento.

Populares gritando. O menino estendido na rua é um pássaro que agoniza. Sangue. Muito sangue. O empresário aflige-se. O amigo volta e vê. Ergue a criança, espantado, e caminha no rumo dele.

– Seja quem for - grita desesperadamente o empresário - leve-o ao melhor hospital. Eu pago todas as despesas!

Todavia, o amigo, boquiaberto e trêmulo, apresenta-lhe o menino morto e exclama:

– Este menino é...

– É quem? Diga logo - fala o empresário, impacientemente.

– Mas não precisou de maiores minúcias, porque o amigo, atônito e traumatizado, disse-lhe apenas:

– É seu filho...

“A irresponsabilidade bebe a maior parte do veneno que produz.”

UM EXEMPLO DE AMOR

Não se sabe qual era o alvo pretendido, mas as bombas atingiram um orfanato de missionários numa aldeia vietnamita. Os missionários e algumas crianças morreram na hora e muitas outras crianças ficaram gravemente feridas, inclusive uma menina de sete anos.

Os habitantes pediram socorro a uma aldeia vizinha e que tinha contato por rádio com as forças norte-americanas. Um médico da marinha e uma enfermeira chegaram de jipe, trazendo apenas maletas de primeiros socorros. Constataram que o caso mais grave era o daquela menininha de apenas sete anos. Sem providências imediatas, morreria de choque e perda de sangue.

Era imperativo uma transfusão de sangue e procurou-se um doador com o mesmo tipo sanguíneo. Os militares e os habitantes da aldeia não tinham aquele tipo de sangue, mas alguns órfãos que não estavam feridos poderiam ser doadores.

O médico conhecia algumas palavras em vietnamita e a enfermeira tinha noções de francês. Usando uma mistura das duas línguas, tentaram explicar aos assustados meninos que, se não recolocassem o sangue perdido, aquela menina morreria. Então, perguntaram se algum deles queria doar sangue.

A resposta foi um enorme silêncio e muitos olhos arregalados. Finalmente, uma mão levantou-se timidamente, deixou-se cair e levantou-se novamente.

– Ah, obrigada - disse a enfermeira em francês. O corajoso doador era um menininho de oito anos.

Deitaram-no rapidamente na maca, esfregaram álcool em seu braço e espetaram a agulha em sua delicada veia. Durante aqueles procedimentos, o menininho ficou calado e imóvel.

Passado um momento, ele deixou escapar um único soluço e cobriu depressa o rosto com a mão livre.

– Está doendo? - perguntou o médico. O menino abanou a cabeça negativamente, mas daí a pouco escapou outro soluço e mais uma vez ele tentou disfarçá-lo. O médico tornou a perguntar se doía, e ele abanou a cabeça.

Mas, aqueles soluços ocasionais tornaram-se um choro declarado, silencioso, os olhos apertados, o punho na boca para estancar os soluços.

O médico e a enfermeira ficaram muito preocupados. Alguma coisa, obviamente, estava acontecendo. Nesse instante, chegou uma enfermeira vietnamita, enviada para ajudar. Vendo a aflição do garoto, falou com ele, ouviu a resposta, e tornou a falar com voz terna, acalmando-o.

O menino parou de chorar e olhou surpreso para a enfermeira vietnamita. Ela confirmou com a cabeça e uma expressão de alívio estampou-se no rosto do menino. Então, ela disse aos americanos:

– Ele achou que estava morrendo. Entendeu que vocês pediram para ele dar todo o sangue dele para poder salvar a menininha ferida.

– E por que ele concordou?

A enfermeira vietnamita repetiu a pergunta e o garotinho respondeu simplesmente:

– Ela é minha amiga.

“Não somos amados por sermos bons. Somos bons porque somos amados.”

Desmond Tutu

UM GESTO MUITO ESPECIAL

Eles eram oito executivos trabalhando em uma grande empresa. Um deles destoava dos demais.

Ele era um homem quieto, calado. Quando todos iam ao lanche, ele se retirava para um local isolado e ficava a sós. Era tido pelos demais como uma pessoa estranha. Os colegas se encontravam depois do trabalho, saíam juntos e ele nunca participava de nada.

O colega mais desinibido fazia graça, inventava diversas piadas para os amigos onde, sempre, o motivo de riso era aquele rapaz, que não se enquadrava aos padrões pré-estabelecidos pelo grupo.

Num certo final de semana, aquele colega mais popular do grupo, anunciou que iria pescar e prometeu aos companheiros que, se fosse feliz na pescaria, traria um salmão para cada um deles.

Secretamente, confidenciou aos companheiros que, para o “estranho amigo”, ele destinaria as vísceras e os rabos de todos os peixes. Desejava pregar-lhe uma peça.

E assim foi. Na segunda-feira, cada um deles recebeu um embrulho muito bem feito, inclusive aquele estranho colega. Cada um foi abrindo o seu pacote e verificando o salmão limpo.

Todos abriram seus pacotes, com exceção daquele estranho rapaz, que ficou sentado, olhando para o embrulho. Instado a abri-lo - entre risos de todos os colegas - ele disse de voz embargada:

– Fico muito emocionado com a lembrança. Quero dizer a vocês que tenho vivido, há cinco anos, um grande drama. Minha esposa teve um grave acidente e ficou tetraplégica. Todos os recursos do meu salário são para atender suas necessidades.

A voz era reticente e o ar começou a pesar, em todo o escritório. Os colegas tentaram retirar o embrulho das mãos do rapaz. Era tarde. Ele já tinha começado a desembulhar. Agora, as lágrimas lhe assomavam aos olhos e ele não as conseguia conter. A emoção o dominava.

– Tenho cinco filhos, continuou. Eles não vão para a escola, porque meu dinheiro não consegue pagar o necessário. Ou seja, eu não tenho dinheiro nem para o material escolar, nem para os uniformes. Vocês falam a meu respeito, eu sei, porque nunca faço lanche com vocês. É que trago um lanche simples de casa e tenho vergonha de mostrá-lo. Por isso, sempre me retiro para comer sozinho. Mas, hoje, - e retirou mais um pedaço de papel

do embrulho - hoje, meus filhos comerão bem, graças a vocês.

O rapaz abriu o pacote por inteiro e se deparou com as vísceras e os rabos dos peixes. Um silêncio geral se fez na sala. Um mal estar tomou conta de todos. Não havia o que dizer, o que fazer.

Então, um dos executivos se dirigiu até o rapaz e depositou no seu colo o próprio embrulho. Todos os demais o imitaram.

No final de semana seguinte, todos eles visitaram aquele rapaz e, se cotizando, providenciaram melhor atendimento para a esposa.

Cada um deles assumiu os gastos com a escola de um de seus filhos. Eles haviam despertado para uma realidade jamais imaginada.

A esposa daquele rapaz veio a falecer, alguns meses depois. Os filhos se formaram, um a um.

Os amigos se olharam e perguntaram:

– E agora?

Então, juntos optaram por fundar uma organização, cujo objetivo fosse atender a pais com necessidades especiais e seus filhos.

Aquele bonito gesto de amizade, transformou-se num benefício para uma extensa comunidade.

“Nada iguala o sabor do pão compartilhado.”

Antoine de Saint-Exupéry

UM PEDIDO DE SOCORRO

Certa vez, um renomado médico que atendia gratuitamente a comunidade carente de uma grande capital, abordou um motorista de táxi ao sair de seu consultório, solicitando que ele o levasse urgentemente até a periferia, para atender a um paciente em um sério processo de asfixia.

O motorista negou o pedido e respondeu que não poderia auxiliá-lo, pois já era tarde e ele não estava mais trabalhando.

O médico insistiu, educadamente, dizendo que precisava atender a um chamado urgente.

O motorista respondeu insatisfeito:

– Estou cansado. Não atendo mais nenhum passageiro hoje! Vire-se por aí. O que não falta nesta cidade são táxis.

O doutor mais uma vez:

– Meu senhor, já é tarde. Estamos perdendo muito tempo enquanto uma vida se vai diluindo. Seja misericordioso, leve-me rápido, por favor.

Irritado, o motorista arrancou o carro e saiu resmungando:

– Ora essa! Era só o que me faltava aparecer, passageiros querendo me dar ordens. Não levo ninguém. Vou para casa dormir.

Ao entrar em casa, o motorista mal-humorado defrontou-se com a esposa e vizinhos em completo desespero, e o filhinho de quatro anos do casal em lamentável convulsão, semi asfixiado. Sem saber o que fazer, ele propôs colocá-lo no taxi para conduzi-lo ao pronto-socorro, quando outro carro estacionou à porta e um médico saltou apressado.

O médico examinou o caso e identificou uma forte crise asmática. Aplicou imediatamente uma medicação no pequenino, ensejando reação orgânica que lhe permitia conduzir o paciente ao hospital e com todas as possibilidades de salvação.

O motorista olhou o venerável senhor e baixou os seus olhos, envergonhado. Era o médico que ele se recusara a auxiliar há pouco.

O paciente a quem o médico precisava atender, com tanta urgência, era seu próprio filho.

“Que eu seja como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.”

Alex Cardoso de Melo

UM PEQUENO GESTO DE GENTILEZA

Aquele moço seguia todos os dias pelo mesmo caminho.

Em suas viagens diárias do subúrbio, onde morava, a cidade, onde trabalhava, o trem sempre passava por um viaduto de onde se podia ver o interior de alguns apartamentos no prédio localizado em nível inferior.

Naquele ponto do percurso, o trem diminuía bastante a velocidade e por isso o rapaz podia observar através da janela de um dos apartamentos, uma senhora já idosa deitada sobre a cama.

Ele via aquela cena há mais de um mês.

A senhora, certamente, convalescia de alguma enfermidade, era o que ele pensava. O jovem teve pena dela e desejou vê-la restabelecida.

Num domingo, achando-se, casualmente, naquelas imediações, ele cedeu a um impulso sentimental e foi até o prédio onde a senhora morava.

Perguntou ao porteiro o nome daquela anciã e depois lhe enviou um cartão com votos de restabelecimento, assinando apenas: “um rapaz que passa diariamente de trem”.

Dali a uma semana, mais ou menos, a caminho de casa no trem, o jovem olhou, como sempre, para a janela.

No quarto já não havia mais ninguém e a cama estava cuidadosamente arrumada.

No parapeito da janela, porém, estava afixado um pequeno cartaz escrito à mão e iluminado por uma lâmpada de cabeceira. Mostrava apenas uma frase singela de gratidão, dizendo:

– Deus o abençoe.

“Você consegue o melhor dos outros quando dá o melhor de você mesmo.”

Alex Cardoso de Melo

UM PEQUENO HERÓI

Há muitos anos, uma pitoresca aldeia da Suíça foi destruída pelo fogo. Em poucas horas as lindas vivendas eram, pelas chamas, reduzidas a escombros.

Passado o furor do incêndio, um dos moradores achava-se tomado de grande desespero. Já não possuía mais sua casa e suas vacas e, para cúmulo da desgraça, desaparecera o seu filhinho, um menino de sete anos. O pobre homem chorava sem parar, recusando ouvir qualquer palavra de conforto. Passou toda a noite tristemente entre as ruínas do seu lar.

Quando surgiram os primeiros raios de sol da madrugada, o homem ouviu um som bem conhecido e, olhando para a estrada, viu sua vaca favorita, que conduzia todas as outras e, atrás delas, seu filho querido.

– Meu filho, meu filho! - exclamou ele. Como consegui fugir do incêndio?

– Muito simples papai. Quando vi o fogo tratei logo de reunir nossas vacas e levei-as para o campo.

– Tu és um herói, meu filho! - proclamou, orgulhoso, o pai.

– Oh não papai! Herói é aquele que pratica algum ato de valor. Eu levei as vacas para o campo somente porque as vi em perigo; sabia que era a única coisa acertada a fazer.

– Pois, meu filho - tornou o pai - aquele que faz a coisa acertada em tempo oportuno, é um herói.

“Enquanto os homens continuarem a massacrar os animais, eles se matarão uns aos outros. Aqueles que semeiam a morte e o sofrimento não podem colher a alegria e o amor.”

Alex Cardoso de Melo

UM PEQUENO SERMÃO AOS PÁSSAROS

Francisco de Assis era muito amável e generoso, não apenas com os homens, mas com todas as criaturas. Referia-se aos pássaros como irmãozinhos alados e não tolerava vê-los sofrer. Na época do Natal, espalhava farelos de pão perto das árvores para que eles também pudessem festejar.

Numa ocasião, quando um menino lhe deu um casal de pombas que havia capturado, São Francisco construiu-lhes um ninho onde a fêmea pôde por seus ovos. O tempo foi passando e os ovos chocaram, gerando uma linda ninhada. As pombinhas eram tão mansas que pousavam nos ombros de Francisco e comiam diretamente de suas mãos.

Contam-se muitas histórias acerca do grande amor e profunda compaixão desse homem pelas receosas criaturas dos campos e das florestas.

Um dia, enquanto caminhava pelos bosques, os pássaros levantaram vôo das árvores onde se encontravam e foram até ele para cumprimentá-lo. Entoaram os trinados mais encantadores para demonstrar seu afeto. E ao perceberem que ele iria falar-lhes, pousaram na relva para escutá-lo.

– Ó, lindos passarinhos! Eu amo todos vocês, pois são meus irmãozinhos alados. Deixe-me dizer-lhes uma coisa, meus queridos irmãozinhos: vocês devem sempre amar e respeitar a Deus.

– Pois, vejam o que Ele lhes dá. Dá-lhes asas, para cruzarem os ares. Dá-lhes roupa, protetora e bela. Dá-lhes o ar, para nele se movimentarem e dele fazerem sua morada.

– E pensem nisso: vocês não precisam plantar nem colher, pois Deus lhes dá o alimento. Dá-lhes os rios, cujas águas podem beber. Dá-lhes as montanhas, os vales e jardins, onde podem repousar. Dá-lhes as árvores, onde podem construir seus ninhos. Ele ama muito vocês. Portanto, não sejam ingratos; cantem em Seu louvor e agradeçam Sua caridade.

Nesse momento, observando ao redor de si, os pássaros saltavam alegres e abriam suas asas para demonstrar que haviam entendido o sermão. E depois de receberem sua bênção, fizeram ouvir seus trinados; e a floresta inteira se encheu de alegria e júbilo com o maravilhoso canto dos pássaros.

“Os homens só se alimentam das criaturas doces e gentis que não ferem ninguém, que os seguem, os servem e que são devoradas como recompensa de seus serviços.”

UM PRESENTE VALIOSO

Numa pequena escola primária, na periferia da cidade de São Paulo, havia uma particularidade, seus alunos sentavam em dupla, em antigas carteiras pregadas ao chão.

Nesta escola, estudava o pequeno Josias, que cursava a primeira série do ensino fundamental.

No final da segunda semana de aula, Josias conversa, animadamente, com sua mãe, contando as novidades da recente vida escolar, a professora, as atividades e detalhes da vida de seu mais novo amiguinho, Jurandi, um menino negro, morador de uma favela próxima a escola, com quem passou a dividir sua carteira naquele dia, após este trocar de lugar e, conseqüentemente, de companheiro de carteira, cinco vezes nas últimas duas semanas.

Ao ouvir detalhes de seu novo companheiro sua mãe, buscando disfarçar seu descontentamento, faz um comentário e em seguida questiona:

– Que interessante! Quanto tempo demorará até a professora realizar o rodízio entre os companheiros novamente?

– Ah, eu não sei dizer mamãe, mas se a professora disser que mudará o Jurandi de lugar, eu pedirei para continuar a ser o seu companheiro de carteira - respondeu Josias.

Após alguns dias, a mãe de Josias marcou uma reunião com aquela professora. Esta a recepcionou na sala dos professores com um semblante simpático e triste ao mesmo tempo.

– A senhora é a mãe do pequeno Josias? Eu suponho que deseje um novo companheiro de carteira para seu filho - disse a professora. Peça, que aguarde alguns minutos, pois, estou terminando de atender outra mãe.

Muito próximo dali, a professora conversava com a mãe de Jurandi, que demonstrava ansiedade em seus questionamentos e o diálogo pôde ser ouvido pela mãe de Josias:

– Como Jurandi está se saindo? Espero que esteja acompanhando o ritmo das outras crianças. Se estiver encontrando dificuldades ou criando problemas, por favor, me avise.

Ela insistiu perguntando:

– Ele está criando algum tipo de problema professora? Por que ele teve que trocar de carteira tantas vezes, já nos primeiros dias de aula?

A mãe de Josias percebia a situação constrangedora em que se encontrava a professora, pois, ela sabia a resposta para o questionamento daquela

mulher e ficou admirada com a resposta gentil da professora:

– Não, Jurandi não está causando problema algum. Porém, tento mudar as crianças de lugar, diariamente, até encontrarem o parceiro ideal.

– Neste exato momento a mãe de Josias, interrompeu a conversa, se apresentou dizendo que seu filho estava muito feliz em ter Jurandi como seu novo companheiro e que esperava que eles continuassem a serem amigos por muito tempo, mesmo que em seu íntimo o desejo permanecesse sendo, o de um novo companheiro de carteira para o seu filho.

Por diversas ocasiões Jurandi convidou Josias para ir até sua casa, porém, sua mãe utilizou de todos os artifícios e desculpas possíveis para se esquivar do convite.

Entretanto, alguns dias depois do último convite, aconteceria um fato que mudaria de vez a sua visão com relação a esta amizade.

Aquele era o dia do aniversário da mãe de Josias. Ao retornar para casa, depois de mais um dia de aula, seu filho trazia em sua pequena mão uma folha de caderno dobrada. Deu-lhe um grande beijo, entregando o pequeno pacote, que imediatamente foi desdobrado. Dentro, ela encontrou pequenas margaridas, retiradas do pátio da escola, um “Feliz Aniversário” desenhado com lápis de cor e enfeitado com purpurina e duas moedas de um Real.

– Foi o Jurandi que mandou - disse Josias. É o dinheiro de seu lanche. Quando disse que hoje era o seu aniversário, ele praticamente me obrigou a lhe trazer este presente. Disse que você é uma grande amiga, porque foi a única mãe que não o obrigou a mudar de companheiro de carteira.

A mãe emocionada com as palavras do seu mais novo amigo abraça seu filho, pede que este agradeça a Jurandi o lindo presente e para avisá-lo que, no próximo convite para Josias ir à casa dele, que ela o acompanhará levando um bolo bem gostoso para comerem juntos, pois a verdadeira amizade é o maior tesouro que o ser humano pode conquistar, principalmente quando ela se inicia com sentimentos tão nobres quanto a solidariedade, a compaixão e a gratidão.

“Muito distante, próximo às nuvens e junto à luz do sol estão minhas maiores aspirações. Sei que não posso alcançá-las neste momento, mas, todos os dias, eu posso olhar para cima, contemplar sua beleza e seguir meu caminho, acreditando que um dia este será o meu destino.”

Alex Cardoso de Melo

UM SOCORRO TARDIO

Certa vez, ainda no tempo dos czares russos, no Teatro de Moscou foi representada uma peça muito célebre.

Todas as dependências daquele imenso teatro estavam totalmente tomadas pelos membros da realeza.

O enredo girava em torno dos sofrimentos de um soberano místico que, em meio a cruéis padecimentos, sacrificou-se pela fé cristã. A música enlevava os corações da nobreza assistente. Todos se identificavam com as agonias cristãs da personagem que, de alguma forma, traduzia um pouco do íntimo de cada um.

Quando terminou o espetáculo, à saída do teatro, deitado sob a marquise, estava um mendigo. Tiritava de frio. Parecia delirar em meio à forte nevasca da noite.

Uma das damas da corte, ao descer as escadarias do teatro e que a levariam à sua carruagem, movida por um natural impulso de bondade, retirou seu rico casaco de peles que a agasalhava, e se encaminhou em direção ao pobre homem, com a firme intenção de o cobrir.

Sua dama de companhia, porém, percebendo a iniciativa, a deteve.

– Não faças isso!

– De que adiantaria a esse miserável uma peça de vestuário de tal valor? Amanhã envias, por um dos teus servos, agasalhos quentes para ele.

A dama do casaco de alto preço respondeu:

– Sim, tens razão. E tornou a vestir o casaco, buscando a carruagem.

Chegaram ao luxuoso castelo, tomaram chá quente e buscaram as camas aconchegantes. Esqueceram da agonia do desconhecido tombado sob a marquise gélida.

No dia seguinte, despertando já em plena manhã alta, a dama recordou-se do homem tiritante de frio. Chamou um de seus servos e ordenou que levasse agasalhos ao pobre homem. Quando lá chegou, o serviçal se deparou com o desconhecido já morto, sendo removido pela polícia.

“O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença. O oposto da beleza não é a feiúra, é a indiferença. O oposto de fé não é a heresia, é a indiferença. E o oposto da vida não é a morte, mas a indiferença entre a vida e a morte.”

UM TELEFONEMA INESPERADO

Aquele homem sentia-se no auge da exaltação como seminarista.

Iniciava os comentários de um encontro, parte de uma série de palestras, que seriam consagradas a estudos sobre o dinheiro à face de Deus, e exprimia-se, severo.

Lembrava a história dos grandes sovins, relacionava os desastres morais surgidos da finança inconveniente.

– O ouro, meus irmãos - pontificava solene - é o pai de quase todas as calamidades da Terra. Abre a vala da prostituição, gera a delinqüência, incentiva a loucura e corrompe o caráter. Onde apareça a miséria, procurei por perto, a fortuna. É preciso temer a posse e extinguir a avareza. O dinheiro destrói o amor e a felicidade, o dinheiro enche cadeias e manicômios.

A assembléia escutava atenta.

Entretanto, o exame do assunto permitia o debate cordial e civilizado e, porque muitos companheiros de raciocínios mais amplos e sem extremismos não podiam concordar plenamente com as teses ouvidas, o palestrante viu-se logo encurralado em perguntas diretas.

– Mas você não considera o dinheiro como recurso da vida? - ponderava o companheiro mais experiente daquela turma. A direção é que vale. Lembre-se: a água governada faz a represa, a represa sustenta a usina, a usina cria trabalho e o trabalho é a felicidade de muita gente.

– Ora, ora! - gritava o palestrante, esmurrando a mesa - lá vem vocês com estes discursos materialistas.

– Como assim? - sorriu o prestimoso companheiro.

E o palestrante:

– Qualquer dinheiro desnecessário a quem o possua, é certamente porta aberta à demência.

– Ouça - interferiu uma gentil senhora da platéia - Imagine-se você mesmo, num catre de provação, recolhendo o amparo de algum amigo. É impossível que você amaldiçoe o auxílio espontâneo.

– A assistência é tarefa para governos - argumentou o palestrante.

– Sim - concordou a interlocutora - mas, por vezes, a representação dos governos, embora respeitável, custa muito a chegar.

– E o dinheiro generoso e de grande valia, que pode ajudar nos casos de família? - acrescentou outra senhora da platéia. Naturalmente, o senhor não tem, como nos acontece, um filho acusado por um desfalque no banco.

A quantia que nos foi emprestada, para salvar-lhe o nome, funcionou como bênção.

– Nada disso - protestou o palestrante muito excitado. Não houvesse o dinheiro e não surgiriam viciações. A praga dourada é que faz todos os defraudadores. Estudei a questão quanto pude. Em todas as civilizações, o dinheiro é responsável por mais da metade dos crimes.

A preleção seguia animada, com apartes ardentes, quando o telefone chamou o palestrante em pessoa.

O aviso procedia do recinto doméstico e, por isso, o palestrante não conseguiu esquivar-se.

Ao telefone processou-se o seguinte diálogo:

– Querido é você? - perguntava a esposa do orador do outro lado da linha.

– Olhe - informava a esposa distante - um portador chegou agora...

– O que há? - inquiriu o palestrante, austero e preocupado.

– Meu avô morreu e deixou-nos todos os seus bens. A fazenda, os depósitos, as apólices. Venha! Precisamos combinar tudo. São muitos problemas por decidir, mas creio que a herança nos libertará de todo cuidado material para o resto da vida.

– Bem, filha - e a voz do palestrante adocicou-se de inesperado - eu vou já!

Logo após, algo encabulado, pediu desculpas, alegando que precisava sair.

– E o final da palestra? - disseram muitos membros da platéia.

– Temos o mês inteiro para discutir este tema - explicou o palestrante. O dinheiro é o flagelo dos homens. É imperioso guerrear-lo sem tréguas. Continuarei amanhã...

Os dias se passaram e, por mais que fosse solicitado o seu regresso, aquele palestrante nunca mais voltou.

“A demagogia é suscetível de uma infinidade de ‘nobres’ combinações.”

Alex Cardoso de Melo

UM VERDADEIRO COMANDANTE

Durante a Guerra Civil Americana, houve necessidade de uma tropa de soldados, em determinada circunstância, construir uma ponte.

O oficial ordenou que os soldados cortassem algumas árvores. Os homens eram poucos e o trabalho era muito lento.

Um homem de aparência imponente passou pelo local. Do alto do seu cavalo observou a cena e falou ao oficial responsável:

– Você tem poucos homens para a tarefa.

– É, respondeu o outro. Precisamos de ajuda.

– Mas por que você mesmo não põe mãos à obra soldado? - perguntou o homem a cavalo.

O oficial se ofendeu com a sugestão e falou alto:

– Eu, senhor? Mas eu sou um cabo.

– É verdade - falou o cavaleiro calmamente. E, descendo do cavalo, pôs-se a trabalhar lado a lado com os soldados, até concluir o serviço.

Ao final, montou de novo o seu animal e disse ao oficial:

– Cabo, da próxima vez que tiver uma tarefa a cumprir e poucos homens para o serviço, avise ao seu comandante superior e eu tornarei a vir.

Mais tarde, o cabo descobriu que o desconhecido que assim lhe falara era o General Washington.

*“Quando os homens são puros, as leis são desnecessárias;
quando são corruptos, as leis são inúteis.”*

Thomas Jefferson

UMA CASA NO CAMINHO

O pequeno Everson não agüentou o cheiro bom do pão e falou:

– Pai, estou com fome!

O pai, Onello, sem ter um tostão no bolso, caminhando desde muito cedo em busca de um trabalho, olha com os olhos marejados para o filho e pede mais um pouco de paciência.

– Mas pai, desde ontem não comemos, eu estou com muita fome!

Envergonhado, triste e humilhado em seu coração de pai, Onello pede para o filho aguardar na calçada enquanto entra na padaria a sua frente.

Ao entrar, dirige-se a um homem no balcão:

– Meu senhor, estou com meu filho de apenas seis anos na porta, com muita fome, não tenho nenhum tostão, pois, sai cedo para buscar um emprego e nada encontrei, eu lhe peço que em nome do Senhor me forneça um pão para que eu possa matar a fome do menino, em troca posso varrer o chão de seu estabelecimento, lavar os pratos e copos, ou outro serviço que o senhor precisar!

José Antônio, o proprietário da padaria, estranha aquele homem de semblante calmo e sofrido, pedir comida em troca de trabalho e pede para que ele chame seu filho.

Onello pega o filho pela mão e apresenta-o a José Antônio, que imediatamente pede que os dois sentem-se junto ao balcão, onde manda servir dois pratos de comida com arroz, feijão, bife e ovo.

Para o pequeno Everson era um sonho, comer após tantas horas na rua. Para Onello, uma dor a mais, já que comer aquela comida maravilhosa fazia-o lembrar-se da esposa e de seus outros dois pequenos filhos que ficaram em casa apenas com um punhado de fubá. Grossas lágrimas desciam dos seus olhos já na primeira garfada.

A satisfação de ver seu filho devorando aquele prato simples como se fosse um manjar dos deuses, e a lembrança de sua pequena família em casa, foi demais para seu coração tão cansado de mais de dois anos de desemprego, humilhações e necessidades.

José Antônio se aproxima de Onello e percebendo a sua emoção, brinca para relaxar:

– Ô Neyde! Sua comida deve estar muito ruim... Olha o meu amigo, está até chorando de tristeza desse bife, será que é sola de sapato?!?

Imediatamente, Onello sorri e diz que nunca comeu comida tão ape-

titosa, e que agradecia a Deus por ter esse prazer.

José Antônio pede então que ele sossegue seu coração, que almoçasse em paz e depois conversariam sobre trabalho.

Mais confiante, Onello enxuga as lágrimas e começa a almoçar, já que sua fome já estava nas costas.

Após o almoço, José Antônio convida Onello para uma conversa nos fundos da padaria, onde havia um pequeno escritório.

Onello conta então que há mais de dois anos perdeu seu emprego e desde então, sem uma especialidade profissional, sem estudos, ele estava vivendo de pequenos biscates aqui e acolá, mas, que há mais de dois meses não recebia nada.

José Antônio resolve então contratar Onello para os serviços gerais na padaria, e penalizado, faz para o homem uma grande cesta básica com alimentos para pelo menos quinze dias.

Onello com lágrimas nos olhos agradece a confiança daquele homem e marca para o dia seguinte seu início no trabalho.

Ao chegar em casa com toda aquela “fartura”, Onello é um novo homem, sentia esperanças, sentia que sua vida iria tomar novo impulso. Deus estava lhe abrindo mais do que uma porta era toda uma esperança de dias melhores.

No dia seguinte, às cinco da manhã, Onello já estava na porta da padaria, ansioso para iniciar em seu novo trabalho. José Antônio chega logo em seguida e sorri para aquele homem que nem ele sabia porque estava ajudando. Tinham a mesma idade, trinta e dois anos, e histórias muito diferentes, mas, algo dentro dele chamava-o para ajudar aquela pessoa.

E, ele não se enganou, durante um ano, Onello foi o mais dedicado trabalhador daquele estabelecimento, sempre honesto e extremamente zeloso com seus deveres.

Certo dia, José Antônio chama Onello para uma conversa e fala da escola que abriu vagas para a alfabetização de adultos um quarteirão acima da padaria, e que ele fazia questão que Onello fosse estudar.

Onello nunca esqueceu seu primeiro dia de aula: a mão trêmula nas primeiras letras e a emoção da primeira carta.

Doze anos se passam desde aquele primeiro dia de aula e vamos encontrar agora o doutor Onello, advogado, abrindo seu escritório para seu primeiro cliente, e depois outro, e mais outro...

Ao meio-dia ele desce para um café na padaria do amigo José Antônio, que fica impressionado em ver o “antigo funcionário” tão elegante em seu primeiro terno.

Mais dez anos se passam, e agora o doutor Onello, já com uma grande clientela que mistura os mais necessitados que não podem pagar, e os mais abastados que o pagam muito bem, resolve criar uma instituição que oferece aos desvalidos da sorte, que andam pelas ruas, pessoas desempregadas e carentes de todos os tipos, um prato de comida diariamente na hora do almoço. Mais de duzentas refeições são servidas diariamente naquele lugar que é administrado pelo seu filho, o agora nutricionista Everson.

Tudo mudou, tudo passou, mas a amizade daqueles dois homens, José Antônio e Onello impressionava a todos que conheciam um pouco da história de cada um. Contam que aos oitenta e dois anos os dois faleceram no mesmo dia, quase que na mesma hora, morrendo placidamente com um sorriso de dever cumprido.

O filho Everson mandou gravar na frente da “Casa do Caminho”, que seu pai fundou com tanto carinho, os seguintes dizeres:

“Um dia eu tive fome, e você me alimentou. Um dia eu estava sem esperanças e você me deu um caminho. Um dia acordei sozinho, e você me deu Deus, e tudo isso não tem preço. Que Deus habite em seu coração e alimente sua alma. E, que te sobre o pão da misericórdia para estender a quem precisar.”

*“Nenhuma atividade no bem é insignificante. As mais altas árvores
são oriundas de minúsculas sementes e o bem que praticares
em algum lugar é teu advogado em toda parte.”*

Chico Xavier

UMA HISTÓRIA SOBRE LÁGRIMAS

Certo dia, logo após a criação da Terra, o Criador convocou os anjos a que confiara a guarda e administração dos negócios terrestres, os quais lhe deviam apresentar relatórios precisos, acerca dos vários departamentos de suas responsabilidades individuais. O Senhor recebeu-os com a Sua bênção, e, diante da atenção respeitosa de todos, falou o anjo das luzes:

– Senhor, todas claridades que criastes para a Terra continuam refletindo as bênçãos de Vossa misericórdia. O sol ilumina os dias terrenos com os resplendores divinos, vitalizando todas as coisas da natureza e repartindo com elas o seu calor e sua energia. Nos crepúsculos, o firmamento recita poemas de estrelas e as noites são clarificadas pelos divinos raios tênues e puros. Nas paisagens terrestres, todas as luzes evocam o Vosso poder e a Vossa misericórdia, enchendo a vida das criaturas de claridades benditas.

Deus abençoou o anjo das luzes, concedendo-lhe a faculdade de multiplicá-las na face do mundo.

Depois, veio o anjo da terra e das águas, exclamando com alegria:

– Senhor, sobre o mundo que criastes, a terra continua alimentando fartamente todas as criaturas; todos os reinos da natureza retiram dela os tesouros sagrados da vida, e todas as águas, que parecem constituir o sangue bendito da Vossa obra terrena, circulam no seu seio imenso. Os mares falam com violência, afirmando o Vosso poder soberano, e os riachos macios dizem, nos bosques, da Vossa piedade e brandura. As terras e as águas do mundo são plenas afirmações de Vossa magnífica complacência.

E o Criador agradeceu as palavras do servidor fiel, abençoando-lhe todos os trabalhos.

Em seguida, falou radiante, o anjo das árvores e das flores:

– Senhor, a missão que concedestes aos vegetais da Terra vem sendo cumprida com sublime dedicação. As árvores oferecem sua sombra, frutos e utilidades a todas as criaturas, como braços misericordiosos do Vosso amor paternal, estendidos sobre o solo do planeta. Quando maltratadas, sabem ocultar suas angústias, prestando sempre, com abnegação e nobreza, o concurso da Sua bondade à existência dos homens. Algumas, como o sândalo, quando dilaceradas, deixam extravasar de suas feridas taças invisíveis de aroma, balsamizando o ambiente em que nasceram. E as flores, meu Pai, são piedosas demonstrações das imensas belezas celestiais presentes nos tapetes verdes da Terra inteira. Seus perfumes falam, em todos os momentos,

da Vossa magnanimidade e sabedoria.

E o Senhor abençoou o servo fiel, facultando-lhe o poder de multiplicar a beleza e as utilidades das árvores e das flores terrestres.

Logo após, falou o anjo dos animais, apresentando a Deus o relato sincero, a respeito da vida dos seus subordinados:

– Os animais terrestres Senhor, sabem respeitar todas as Vossas leis, acatar a Vossa vontade. Todos vivem em harmonia com as disposições naturais da existência que a Vossa sabedoria lhes traçou. Jamais abusam de suas faculdades procriadoras e têm uma época própria para o desempenho dessas funções, consoante os Vossos desejos. Todos têm a sua missão a cumprir e alguns deles se colocaram, abnegadamente, ao lado do homem, para substituí-lo nos mais penosos e longos ofícios, ajudando-o a conservar a saúde e a buscar no trabalho o pão de cada dia. As aves são turíbulos alados, incensando, do altar da natureza terrestre, o Vosso trono celestial, cantando as Vossas grandezas ilimitadas. Elas se revezam, constantemente, para vos prestarem essa singela e bela homenagem de submissão e amor, e, enquanto algumas cantam durante as horas do dia, outras se reservam para as horas da noite, de modo a glorificarem incessantemente as maravilhas admiráveis da Criação, louvando-se a sabedoria do seu Autor inimitável.

E Deus, com um sorriso de júbilo paternal, derramou sobre o dedicado mensageiro as vibrações do seu divino agradecimento.

Foi quando, então, chegou a vez da palavra do anjo dos homens. Taciturno e entre angústias, provocando a admiração dos demais, pela sua consternação e pela sua tristeza, exclamou compungidamente:

– Senhor!... ai de mim! Enquanto meus companheiros vos podem falar da grandeza com que são executados os Vossos decretos na face do mundo, pelos outros elementos da criação, infelizmente, não posso afirmar o mesmo dos homens. A descendência divina do homem se perde num labirinto de lutas criado por ele mesmo. Dentro das possibilidades do seu livre-arbítrio, é engenhoso e sutil, a inventar todos os motivos para a sua perdição. Os homens já criaram toda a sorte de dificuldades, desvios e confusões para a sua vida na Terra. Inventaram ali, a chamada propriedade sobre os bens que vos pertencem inteiramente, e todos dão curso a uma vida abominável de egoísmo e ambição pelo domínio e pela posse; toda a Terra está dividida indebitamente, e as criaturas humanas se entregam à tarefa absurda da total destruição das Vossas leis eternas. Segundo o que observo em todo o mundo, não tardará o dia em que surjam movimentos homicidas entre as criaturas, tal a extensão de todas as ânsias incontidas de conquistar, possuir e ostentar.

O anjo dos homens, todavia, não conseguiu continuar o seu relatório. Convulsivos soluços embargaram-lhe a voz; mas o Senhor, embora amargurado e entristecido, desceu generosamente até o anjo e, tomando-lhe as mãos, exclamou com bondade:

– Os homens ainda se lembram de mim?

– Não Senhor! Desgraçadamente, os homens vos esqueceram - murmurou o anjo com amargura.

– Pois bem - replicou o Senhor paternalmente - toda essa situação será remediada.

E, alçando as mãos generosas, fez nascer, ali mesmo no céu, um pequeno curso de águas cristalinas e, enchendo um cântaro com essas pérolas liquefeitas, entregou-o ao seu último servidor, exclamando:

– Volta à Terra e derrama no coração de seus filhos este licor celeste, a que chamarás água das lágrimas. Seu gosto tem ressaibos de fel, mas esse elemento terá a propriedade de fazer com que os homens me recordem, lembrando-se da Minha misericórdia paternal. Se eles sofrem e se desesperam pela posse efêmera das coisas atinentes à vida terrestre, é por que Me esqueceram, olvidando a sua origem divina.

E desde esse dia o anjo dos homens derrama na alma atormentada e aflita da humanidade a água bendita das lágrimas remissoras; e desde essa hora, cada criatura humana, no momento dos seus prantos e suas amarguras, nas dificuldades e nos espinhos do mundo, recorda, instintivamente, a paternidade de Deus e as alvoradas divinas de uma vida amorosa e fraterna.

*“A natureza é sábia e justa. O vento sacode as árvores, move os galhos,
para que todas as folhas tenham o seu momento de ver o sol.”*

Humberto de Campos

UMA LIÇÃO DE AMOR

Nos anos sessenta, um senhor de nome Benedito, prestava serviços domésticos na residência de Chico Xavier.

Num certo período, Chico passou a sair de casa todos os dias à hora do almoço. Não informava aonde ia, dizia apenas que visitaria um enfermo querido e necessitado de atenção. Comumente solicitava:

– Benedito, faça o favor de preparar um franguinho bem macio, que preciso levar a um doente. Lembre-se de que deve ficar bem tenro, pois, ele está muito fraco. Precisa fortalecer-se, pouco a pouco, dia a dia!

Quem seria o doente que mereceria tanta dedicação de Chico.

Assim, diariamente saía levando a vasilha com o alimento. Benedito, porém, morria de curiosidade em conhecer tão ilustre doente, mas Chico não o revelava.

Certo dia, Benedito resolveu segui-lo pelas ruas de Uberaba. Atravessaram o bairro, entraram num matagal, e mais à frente ele estacou o passo, a cena era por demais comovente e inesperada, ao mesmo tempo.

No fundo daquela pequena mata Chico atendia o misterioso doente: um cãozinho vira-lata machucado e faminto.

*“Sei que sou apenas uma formiguinha, daquelas bem pequenininhas.
Mas é melhor ser uma formiguinha do que não ser nada.”*

Chico Xavier

UMA LIÇÃO DE AMOR NO CAMPO DE BATALHA

Conta-se que, no tempo da guerra entre a Rússia e o Japão, certa tarde, após cessarem os bombardeios, junto à linha de fogo surgiu uma pequena criança, com o olhar curioso e indagador, como quem procura descobrir um semblante amistoso naquele triste campo de batalhas.

Ao ver a pequena, um bravo soldado japonês, que podia dominar a língua russa, tomando em suas mãos calosas as acetinadas mãozinhas da criança, indagou com ternura:

– O que deseja, minha pequena? Está procurando algo no meio da tropa? Quem é você? De onde vem? Qual é o seu nome?

– Meu nome é Maria. Estou procurando o papai, que há muito tempo não vejo. Sinto tanta saudade. Desejava vê-lo agora.

– Que pena... O seu papai já não está mais aqui. Ele já seguiu em frente. Posso lhe dar algum recado? Fale-me como ele é e vou procurá-lo e dar suas notícias. Está bem?

– É fácil distingui-lo... Meu pai é alto, forte, tem olhos azuis como os meus e um bonito rosto barbado. Os cabelos dele também são loiros e ele tem um largo sorriso em seu rosto.

E a criança, esperançosa, tirou do bolsinho do avental uma foto do pai, dizendo sorridente:

– Dou-lhe esta pequena foto que guardo junto ao coração para que você o reconheça. Ele se chama David.

O soldado, comovido, colocou o retrato no bolso da túnica e indagou com enorme carinho:

– Bem, agora qual é o recado especial que vai deixar comigo para eu entregar para o seu papai?

– Não é nenhum recado que eu quero que lhe dê...

– Então o que é? Pode falar que eu prometo fazer o que pede.

– Sim, eu quero que chegue juntinho dele e entregue esse meu beijo.

Assim dizendo, a pequena pulou ao colo do soldado e beijou-lhe o rosto umedecido pelas lágrimas e voltou correndo por onde havia chegado.

Durante toda aquela noite foi intenso o bombardeio e num assalto a tropa japonesa conquistou o inimigo. Os feridos começaram a serem recolhidos indistintamente. Nisto, aquele soldado japonês viu passar, carregado, um soldado cujas feições se assemelhavam muito às da criança. Tirou a foto do bolso e conferiu. Não havia dúvidas. Era ele. O soldado o chama:

– David?

– O que deseja? - respondeu o russo ferido.

– Trago comigo um beijo que Maria, sua filhinha lhe enviou.

Dizendo isto, beijou a fronte do inimigo e o abraçou ternamente.

Naquele momento, não havia lugar para ódio. Foi o que o soldado aprendeu com Maria.

Você carrega ódios desnecessários? Livre-se deles!

“Transformem em jardins os campos de batalha.”

São Francisco de Assis

UMA LIÇÃO DE HUMILDADE E CRIATIVIDADE

Uma mãe, como a grande maioria das mães e que almejam o melhor para seus rebentos, desejando encorajar seu jovem filho a tocar piano, o levou ao concerto de um genial pianista que passava por sua cidade.

Depois de se sentarem, a mãe viu uma amiga na platéia e dirigiu-se a ela para saudá-la.

Aproveitando a oportunidade para explorar as maravilhas do teatro, o garotinho se levantou e saiu para sua aventura. Seus passos curiosos o levaram a uma porta onde estava escrito: “proibida a entrada”.

Quando as luzes diminuíram e o concerto estava prestes a começar, a mãe retornou ao seu lugar e descobriu que seu filho não estava lá.

De repente, as cortinas se abriram e as luzes se acenderam sobre um maravilhoso piano Steinway, localizado bem no centro do palco.

Horrorizada, a mãe viu seu filho sentado em frente ao teclado, inoentemente catando as notas de uma canção infantil.

Naquele exato momento, o grande mestre do piano fez sua entrada. Rapidamente foi até o piano e sussurrou ao ouvido do menino:

– Não pare, continue tocando.

Então, debruçando-se sobre o pequeno pianista, o músico estendeu sua mão esquerda e preencheu a parte de baixo. Logo depois colocou a mão direita ao redor do menino e acrescentou um belo acompanhamento.

Juntos, o velho mestre e o jovem noviço, transformaram aquela situação embaraçosa em uma experiência maravilhosamente criativa.

O público estava perplexo. A mãe estava imóvel na poltrona e sua voz havia sumido da garganta. Mas o veterano pianista não se perturbou e, usando sua criatividade, criou uma experiência única para os presentes.

A maioria das pessoas pensa que ser criativo é apenas inventar coisas grandiosas e fantásticas, capazes de impressionar multidões. Todavia, ser criativo também significa ter idéias brilhantes que nos tirem de enrascadas ou situações difíceis. Assim, podemos usar a criatividade em nossas tarefas diárias, tornando-as mais úteis e eficientes. Quando nós usamos caminhos alternativos para escapar da rotina, estamos sendo criativos.

“A simplicidade é a extrema sofisticação.”

Leonardo da Vinci

UMA LIÇÃO DE PERDÃO NA ESCRAVIDÃO

Um escravo, criado com ensinamentos sobre a importância do perdão e do amor ao próximo, tornou-se de grande valor para o seu senhor, por causa da sua honradez e bom comportamento; tanto, que seu senhor o elevou a uma posição de importância, isto é, administrador das suas fazendas.

Numa ocasião, seu senhor desejou comprar mais vinte escravos, e mandou que ele os escolhesse, dizendo que queria os mais úteis e fortes.

O escravo foi ao mercado e iniciou sua busca; fixou a vista num velho e decrépito escravo, e disse ao senhor que aquele era um dos escolhidos.

O senhor ficou surpreso com a escolha, e não queria concordar, sem entender nada o pobre velho pediu que fossem indulgentes com ele.

O negociante então, disse que se comprassem vinte, daria o velho.

A compra, portanto, foi feita, e os escravos foram levados para as fazendas do seu novo senhor; mas o antigo escravo tratou o velho decrépito com muito mais cuidado e atenção do que a qualquer dos outros.

Levou-o para sua casa, dava-lhe da sua comida, quando tinha frio, levava-o para o sol, quando tinha calor colocava-o debaixo das árvores.

Admirado das atenções que o seu antigo escravo dispensava a um outro escravo, seu senhor lhe perguntou por que fazia isso.

– Decerto, tem algum motivo especial: é teu parente, talvez teu pai?

O pobre escravo respondeu:

– Não senhor, ele não é meu pai.

– É então o teu irmão mais velho?

– Não senhor, ele não é meu irmão.

– Então é teu tio ou outro parente?

– Não tenho parentesco algum com ele, nem mesmo é meu amigo.

– Então - perguntou o seu senhor - por que tanto interesse por ele?

– Ele é meu inimigo, senhor, respondeu o escravo, Vendeu-me a um negociante, mas aprendi que devo perdoar os inimigos e que quando teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, quando tiver sede, dá-lhe de beber, e esta é a oportunidade que tenho de colocar meus aprendizados em prática.

“A única condição necessária para a perpetuação da opressão é que as pessoas se omitam.”

Bantu Steve Biko

UMA OFERTA CARIDOSA

Certo dia, em um final de tarde ensolarada, um rapaz pobre, que vendia mercadorias de porta em porta para custear os estudos na faculdade de medicina, viu que só lhe restava uma simples moeda de dez centavos e ele tinha muita fome.

Decidiu que juntaria toda sua coragem e pediria comida na próxima casa em que ofereceria seus produtos. Porém, seus nervos e sua vergonha o traíram quando uma encantadora mulher jovem abriu a porta. Em vez de comida, pediu apenas um copo de água.

Aquela gentil mulher, analisando o semblante triste e sofrido daquele jovem, pensou que ele parecia faminto e assim, ao invés do copo de água, deu-lhe um grande copo de leite.

Ele bebeu devagar, e depois lhe perguntou:

– Quanto lhe devo?

– Não me debes nada - respondeu ela - minha saudosa mãe sempre nos ensinou a nunca aceitar pagamento por uma oferta caridosa.

Ele disse:

– Pois te agradeço de todo coração.

Quando o rapaz saiu daquela casa, não só se sentiu mais forte fisicamente, mas também sua fé em Deus e na bondade dos homens, ficaram fortalecidas. Ele já estava resignado a se render, iria deixar tudo de lado, abandonar a faculdade de medicina, extremamente cara para a sua realidade, e arranjar um outro emprego em período integral.

Muitos anos mais tarde, aquela jovem mulher, agora uma serena senhora, ficou gravemente doente. Os médicos locais estavam confusos, não conseguiam chegar a conclusão de um diagnóstico preciso, desta forma, a enviaram para uma grande cidade da região, onde chamaram uma equipe especializada para estudar aquela rara enfermidade.

Chamaram o maior especialista da região. Quando este escutou o nome do povoado de onde a paciente viera, uma estranha luz encheu seus olhos, era a sua querida cidade natal, e ele imediatamente subiu ao quarto da paciente para ver se a conhecia de sua época de infância, adolescência e de formação profissional.

Vestido com sua bata de doutor reconheceu aquela gentil senhora imediatamente. Retornou ao quarto de observação determinado a fazer o melhor para salvar aquela vida. A partir daquele dia dedicou uma atenção

especial àquela valiosa paciente.

Depois de uma demorada luta pela vida da enferma, ganhou a batalha. Finalizado o seu trabalho pediu à administração do hospital que lhe enviasse a fatura total dos gastos para aprová-la. Ele a conferiu e depois escreveu algo, mandando entregá-la no quarto da paciente.

Ao receber a fatura, a paciente estava com muito medo de abri-la, pois, sabia que levaria o resto de sua vida para pagar todos os gastos.

Mas, finalmente abriu, seu semblante ficou tomado de espanto, e lágrimas de alegria e gratidão correram por sua face com uma nota escrita na fatura que dizia:

“Pago totalmente, anos atrás, com um caridoso copo de leite”.

*“Em resposta a uma ética da exclusão, estamos todos desafiados
a praticar uma ética da solidariedade.”*

Betinho

UMA SÓLIDA AMIZADE

No século IV a.C., em Siracusa, na Sicília, existiam dois amigos inseparáveis, Pítias e Damon. Nada havia que um não fizesse pelo outro.

Certo dia, o rei de Siracusa, Dionísio, aborreceu-se ao tomar conhecimento de certos discursos que Pítias vinha fazendo.

O jovem pensador andava dizendo ao público, que nenhum homem devia ter poder ilimitado sobre outro. E que os tiranos absolutos eram reis injustos.

Presos - ambos os amigos - Pítias reafirmou perante a autoridade real as suas idéias. O que dizia ao povo era a verdade e, portanto a sustentaria, custasse o que custasse.

Acusado de traição, Pítias foi condenado à morte. Como seu último desejo, pediu ao rei que o deixasse dizer adeus à sua mulher e filhos, além de colocar os assuntos domésticos em ordem.

Dionísio riu do desejo do condenado:

– Vejo que além de injusto e tirano, você também me considera um tolo. Se sair de Siracusa, tenho certeza que nunca mais voltará, disse o rei.

Foi nesse momento, que Damon adiantou-se e ofereceu-se como garantia. Ficaria em Siracusa como prisioneiro, até o retorno do amigo.

– Pode ter a certeza de que Pítias voltará. Nossa amizade é muito conhecida. Eu ficarei aqui.

Ainda desconfiado, Dionísio examinou os amigos, alertando Damon que, se Pítias não voltasse, ele morreria em seu lugar, e aceitou a oferta.

Pítias partiu e Damon foi atirado na prisão.

Muitos dias se passaram. Pítias não voltava e o rei foi verificar como estava o ânimo do prisioneiro. Estaria arrependido de ter feito o acordo?

– Seu tempo está chegando ao fim, sentenciou o rei de Siracusa. Será inútil implorar misericórdia. Você foi um tolo em confiar em seu amigo. Achou mesmo que ele voltaria para morrer?

Com firmeza, Damon respondeu:

– É um mero atraso. Talvez, os ventos não lhe tenham permitido navegar. Talvez, teve um imprevisto na estrada. Guardo a certeza que, se for humanamente possível, ele chegará a tempo.

Dionísio admirou-se da confiança do prisioneiro.

Chegou o dia fatal. Damon foi retirado da prisão e levado à presença do carrasco.

Lá estava o rei, sarcástico, gozando sua vitória.

– Parece que o seu amigo não apareceu. O que você acha dele agora?

Perguntou.

– É meu amigo. Confio nele, foi a resposta de Damon.

Nem terminara de falar e as portas se abriram, deixando entrar Pítias cambaleante.

Estava pálido, ferido e a exaustão lhe tirava o fôlego. Atirou-se nos braços do amigo.

– Graças aos céus, você está vivo! - falou soluçando. Parece que tudo conspirava contra nós. Meu navio naufragou numa tempestade. Depois, bandidos me atacaram na estrada. Recusei-me, contudo, a perder minha esperança e aqui estou. Pronto para cumprir a sentença de morte.

Dionísio ouviu com grande espanto aquelas palavras. Era impossível resistir ao poder de tal lealdade.

Emocionado, declarou:

– A sentença está revogada. Jamais acreditei que pudessem existir tamanha fé e lealdade na amizade. Vocês mostraram que eu estava errado. É justo que ganhem a liberdade. Em troca, porém, peço um grande auxílio.

– Que auxílio? Perguntaram os amigos.

– Ensinem-me a ter parte em tão sólida amizade.

“Não é possível ser bom pela metade.”

Leon Tolstoi

UMA TAÇA DE SORVETE

Numa época em que um sorvete custava muito menos do que hoje, um menino de dez anos entrou na lanchonete de um hotel e sentou-se junto a uma mesa.

Uma garçonete colocou um cardápio na frente dele.

– Quanto custa um sundae?, ele perguntou.

– Cinquenta centavos, respondeu a garçonete.

O menino puxou as moedas do bolso e começou a contá-las.

– Bem, quanto custa o sorvete simples?, ele perguntou.

A essa altura, muitas pessoas estavam esperando por uma mesa e a garçonete, perdendo a paciência, respondeu “trinta e cinco centavos”, de maneira brusca.

O menino, mais uma vez, contou as moedas e disse:

– Eu vou querer, então, o sorvete simples.

A garçonete trouxe o sorvete simples, a conta, colocou-os na mesa e foi atender outros clientes.

O menino acabou o sorvete, pagou a conta no caixa e saiu.

Quando aquela garçonete voltou, ela começou a chorar a medida em que limpava a mesa, pois ali, do lado do prato, havia quinze centavos em moedas, ou seja, o menino não pediu o sundae porque queria que sobrasse a gorjeta para ela.

Não feche os olhos para as pequenas coisas do dia a dia, jamais as ignore, porque você pode estar deixando uma grande oportunidade passar sem perceber, e esta oportunidade pode ser aquela que justamente mudaria a sua vida.

“Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui.

*O verdadeiro valor de um homem é o seu caráter, suas idéias
e a nobreza dos seus ideais.”*

Charles Chaplin

UMA VIDA DE CORTESIA

Um casal de idosos comemorava suas bodas de ouro de matrimônio.

Enquanto tomavam juntos o café da manhã, a esposa pensou: por cinqüenta anos tenho sempre sido atenciosa para com meu esposo e sempre lhe dei a parte crocante de cima do pão. Hoje desejo, finalmente, degustar eu mesma essa gostosura.

Ela espalhou manteiga em toda a parte de cima e deu ao marido a outra metade.

Ao contrário do que ela esperava, ele ficou muito satisfeito, beijou sua mão e disse:

– Minha querida, tu acabas de me dar a maior alegria do dia. Por mais de cinqüenta anos eu não comi a parte de baixo do pão, que é a minha preferida. Sempre pensei que eras tu que devias tê-la, já que tanto aprecias.

“O amor é a única coisa que cresce à medida que se reparte.”

Antoine de Saint-Exupéry

UMA VIDA, DUAS VIDAS, UM SORRISO

Foi durante a guerra civil na Espanha. Antoine de Saint-Exupéry, o autor do livro “O pequeno príncipe”, foi lutar ao lado dos espanhóis que preservavam a democracia.

Certa feita, caiu nas mãos dos adversários. Foi preso e condenado à morte.

Na noite que precedia a sua execução, conta ele que foi despido de todos os seus haveres e jogado em uma cela miserável.

O guarda responsável por vigiá-lo era muito jovem. Mas era um jovem que, por certo, já assassinara a muitos. Parecia não ter sentimentos. O semblante era frio.

Vigilante, ali estava e tinha ordens para atirar, para matar, em caso de tentativa de fuga.

Exupéry tentou uma conversa com o guarda, altas horas da madrugada. Afinal, eram suas últimas horas na face da Terra. De início, foi inútil. Contudo, quando o guarda se voltou para ele, ele sorriu.

Era um sorriso que misturava pavor e ansiedade. Mas um sorriso. Sorriu e perguntou de forma tímida:

– Você é pai?

A resposta foi dada com um movimento de cabeça, afirmativo.

– Eu também, falou o prisioneiro. Só que há uma enorme diferença entre nós dois. Amanhã, a esta hora eu terei sido assassinado. Você voltará para casa e abraçará seus filhos. Meus filhos não têm culpa da minha imprevidência. E, no entanto, não mais os abraçarei. Quando amanhecer, eu morrerei. Na hora em que você for abraçar o seu filho, fale-lhe de amor. Diga a ele: “amo você. Você é a razão da minha vida”.

– Você é guarda. Você está ganhando dinheiro para manter a sua família, não é?

O guarda continuava parado, imóvel. Não havia nenhuma expressão em seu rosto, parecia um cadáver que respirava.

O prisioneiro concluiu:

– Então, leve a mensagem que eu não poderei dar ao meu filho. As lágrimas jorraram de seus olhos.

Ele notou que o guarda também chorava. Parecia ter despertado do seu torpor. Não disse uma única palavra. Tomou da chave mestra e abriu o cadeado externo. Com uma outra chave abriu a lingüeta. Fez correr o metal

enferrujado, abriu a porta da cela, deu-lhe um sinal.

O condenado saiu apressado, depois correu, saindo da fortaleza.

O jovem soldado apenas lhe apontou a direção das montanhas para que ele fugisse, deu-lhe as costas e voltou para dentro.

O carcereiro deu-lhe a vida e com toda a certeza foi condenado por ter permitido que um prisioneiro fugisse.

Antoine de Saint-Exupéry retornou à França e escreveu uma página inesquecível da literatura mundial: “Uma vida, duas vidas, um sorriso”.

*“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam
um pouco de si, levam um pouco de nós.”*

Antoine de Saint-Exupéry

UMA VIRTUDE ESSENCIAL

Às portas do céu bateram, um dia, um político, um soldado e um operário. O anjo que velava pela tranqüilidade e ordem do paraíso, não quis atender-lhes às rogativas, sem previamente consultar o Senhor sobre aquelas três criaturas recém chegadas da Terra.

Depois de inquiri-las quanto às suas atividades no mundo, procurou o Senhor, a quem falou humildemente:

– Senhor, um político, um soldado e um operário, vindos da Terra, desejam receber Vossas divinas graças, ansiosos de poder gozar de todas as felicidades celestes.

– Que habilitações trazem do mundo essas almas para viverem na paz de Minha casa? - disse o Senhor. Bem sabes que cada homem edifica, com sua vida, o seu inferno, ou o seu paraíso. Mas vamos ao que interessa: que fez o político lá na Terra?

O anjo, bem impressionado com a figura do diplomata, que impetrou os seus bons ofícios, exclamou com algum entusiasmo:

– Trata-se de um homem de elevado nível cultural. Todas as informações a respeito de sua vida revelaram-me um espírito de gosto refinado no trato da civilização e das leis. Foi um ilustre estadista, cuja existência decorreu nos bastidores da administração pública e nos processos eleitorais, onde consumiu todas as suas energias. Em troca de seus labores, os homens lhe tributaram as mais altas honras em seus funerais. Seu cadáver embalsamado, num ataúde de vidro, percorreu mais de novecentos quilômetros para ficar guardado nos mármore preciosos do Panteão Nacional.

– Mas,... - contrapôs entristecido o Senhor - esse homem teria cumprido todas as leis que ditava para os outros? Teria observado a pratica do bem, a única condição para entrar no paraíso, absorvido, como se achava, na enganosa volúpia das grandezas terrenas?

– A luta política, Senhor, tomava-lhe todo tempo - respondeu solícito o anjo; os tratados jurídicos, as tabelas orçamentárias, as fontes históricas e todas as questões diplomáticas, não davam lugar a que ele se integrasse no conhecimento da Vossa palavra.

– Entretanto, todos nós sabemos que o amor, a bondade e a fraternidade, deveriam ser a bússola de quantos se colocam na direção do trabalho em prol da humanidade.

E, como se lastimasse a situação do infeliz, o Senhor finalizou:

– Aqui não há lugar para ele. Não se conquistam venturas celestes com a riqueza de teorias da Terra. Dir-lhe-ás que retorne ao mundo, a fim de voltar mais tarde ao paraíso, pela porta do amor, do bem e da caridade.

– E o soldado, quais são os serviços que ele apresenta em favor da sua pretensão? - questionou o Senhor.

– Esse - replicou o anjo - foi um herói na terra em que nasceu. Seus atos de valor e bravura deram causa a que fosse promovido pelos superiores hierárquicos à posição de chefe das forças militares em operações, na última guerra. Tem o peito coberto de medalhas e de insígnias valiosas, das ordens patrióticas e das legiões de honra; seu nome é lembrado no mundo com carinhoso respeito. Aos seus funerais compareceram representações de vários países do mundo e inúmeras coletividades acompanharam-lhe as cinzas ilustres, que, envolvidas na bandeira da sua pátria, foram guardadas num majestoso monumento de soberbo mármore de Carrara.

– Infelizmente - exclamou amargurado o Senhor - o céu está fechado para os homens dessa natureza. É inacreditável que ainda sejam glorificados na Terra aqueles que ferem e matam a pretexto de patriotismo. Nunca pus no verbo dos Meus enviados, no planeta, outra lei que não fosse aquela do “amai ao próximo como a vós mesmos”. Nunca houve qualquer determinação para que os homens se separassem entre pátrias e bandeiras. De sul a norte, do oriente ao ocidente, todos são filhos de Deus, e qualquer deles pode ser Meu discípulo. Todos os homens que semeiam a ruína e destruição não podem participar da tranqüilidade do paraíso.

– E o operário, quais os fatos que justificam a sua presença nas portas do céu? - perguntou o Senhor.

– Esse - elucidou o anjo - quase nada tem a contar dos seus amargurados dias terrestres. Os sopros frios da adversidade, durante toda a sua existência, perseguiram-no através das estradas do destino, e a fé pura e verdadeira em Vossa complacência e misericórdia lhe foi sempre a única âncora de salvação, no oceano de lágrimas por onde passava o barco miserável da sua vida. Trabalhou com o esforço poderoso das máquinas e foi colaborador incansável e desconhecido do bem-estar dos afortunados da Terra. Nunca recebeu compensação digna do seu valoroso e importante trabalho, e consumiu-se no holocausto à coletividade e à família. Entretanto, Senhor, sempre silencioso e bem aventurado, ninguém jamais conheceu as tempestades de lágrimas do seu coração afetuoso e sensível, nem todas as dificuldades dolorosas dos seus dias atormentados no mundo. Viveu com a fé, morreu com esperança e o seu corpo sem vida foi recolhido pela caridade de mãos piedosas que o abrigaram na sepultura anônima dos desgraçados.

– O céu pertence a esse herói anônimo - disse o Senhor alegremente. Suas esperanças colocadas no Meu amor são sementes benditas que frutificarão na percentagem de mil por um. Se os homens o ignoram, o céu deve conhecer os seus heroísmos obscuros e os seus nobres sacrifícios. Enquanto o político organizava leis que não cumpria, ele se imolava no desempenho dos deveres santificadores. Enquanto o soldado destruía irmãos, seus braços faziam o milagre do progresso e do bem-estar da humanidade. Enquanto os despojos dos primeiros foram encerrados nos mármore frios e imponentes das falsas homenagens da Terra, seu corpo de lutador se dissolveu no solo, acentuando os perfumes da natureza e enriquecendo o grão que alimenta as aves alegres, na mesma harmonia eterna e doce que regeu os sentimentos do seu coração e os atos do seu espírito. Esse faz parte dos heróis do céu, que a Terra nunca quis conhecer.

“Prefira afrontar o mundo servindo à sua consciência, a afrontar sua consciência para ser agradável ao mundo.”

Humberto de Campos

UMA VIRTUDE VALIOSA

A seguinte oração foi encontrada entre os pertences pessoais de um judeu, morto num campo de concentração:

“Senhor, peço que não te lembres apenas dos homens de boa vontade; Lembra-Te também dos homens de má vontade.

Não Te lembres apenas das crueldades, sevícias e violências que eles praticaram: lembra-Te também dos frutos que produzimos por causa do que eles nos fizeram. Lembra-Te da paciência, coragem, confraternização, humildade, grandeza de alma e fidelidade que nossos carrascos terminaram por despertar em nossas almas.

Permite então, Senhor, que os frutos por nós produzidos possam servir para salvar as almas dos homens de má vontade”.

“Não haverá justiça enquanto o homem empunhar uma faca ou uma arma e destruir aqueles que são mais fracos que ele.”

Isaac Bashevis Singer

VIVENDO COMO AS BORBOLETAS

À beira de um pântano, uma formosa borboleta, pousou sobre um ninho de larvas e falou para as pequeninas lagartas, atônitas:

– Não temais! Sou eu, uma irmã de raça! Venho para comunicar-lhes a esperança no amanhã. Nem sempre vocês permanecerão coladas às ervas deste pântano. Tende calma, fortaleza e paciência. Esforçai-vos por não sucumbir aos golpes dos ventos que, de quando em quando, varre toda a paisagem. Esperai! Depois do sono que vos aguarda, todas acordarão com asas de puro arminho, refletindo o esplendor solar. Então, não mais vos arrastareis, presas ao solo úmido e triste. Adquirireis preciosa visão da vida. Subireis alto e o vosso alimento será o néctar das flores. Viajareis deslumbradas, contemplando o mundo, sob novo prisma.

Enquanto a delicada mensageira se entregava a ligeira pausa de repouso, ouviam-se exclamações admirativas:

- Ah! Não posso crer no que vejo!
- Que misteriosa e bela criatura!
- Será uma fada milagrosa?
- Nada possui de comum conosco...

Irradiando o suave aroma do jardim em que se demorara, a linda visitante sorriu e continuou:

– Não se apeguem à incredulidade! Não sou fada celeste! Minhas asas são parte integrante da nova forma que a natureza vos reserva. Até ontem, eu vivia convosco; amanhã, viverão comigo! Vocês se equilibrarão no imenso espaço, desferindo vôos sublimes à plena luz e libertas deste lugar fétido, se elevarão e serão felizes. Conhecerão toda a beleza das copas floridas e o saboroso licor das pétalas perfumadas, a delícia da altura e do firmamento.

Logo após, lançando um carinhoso olhar à família alvoroçada, distendeu o corpo colorido e, volitando, graciosa, desapareceu.

Nisso chega ao ninho a lagarta mais velha do grupo, que andava ausente, e, ouvindo as entusiásticas referências das companheiras mais jovens, ordenou, irritada:

– Calem-se todas e escutem! Tudo isso é insensatez! Mentiras e divagações! Fugamos aos sonhos e aos desvarios. Nunca teremos asas. Ninguém deve filosofar. Somos lagartas, nada mais do que lagartas. Sejamos práticas, no imediatismo da própria vida. Esqueçam-se de pretensos seres alados que

não existem. Desçam do delírio e da imaginação farta para a dura realidade do ventre. Abandonaremos este lugar amanhã. Encontrei a pequena horta que procurávamos. Será nossa propriedade. Nossa fortuna está no pé de couve que passaremos a habitar. Devoraremos todas as folhas. Precisamos simplesmente comer, porque depois será o sono, a morte e o nada. O nada mais.

– Calaram-se as larvas, desencantadas.

Então, caiu a noite e, em meio à sombra, a lagarta-chefe adormeceu, sem despertar no outro dia. Estava ela completamente imóvel.

As irmãs, muito preocupadas, observaram curiosas o fenômeno e puseram-se na expectativa.

Ao final de um certo tempo, com infinito assombro, repararam que aquela experiente, orgulhosa e descrente orientadora se metamorfoseara numa veludosa, linda e leve... borboleta.

“Aquilo que a lagarta experiente chama de morte, Deus chama de borboleta.”

Alex Cardoso de Melo

VIVENDO O DESAPEGO

Era um dia quente. O ônibus estava repleto de pessoas. Algumas levavam sacolas, pacotes.

Outras seguravam bebês ao colo, enquanto outras mais tentavam acalmar as crianças inquietas, que tentavam atrapalhar a tranquilidade de alguns passageiros sisudos.

Fazia calor. Senhoras conversavam, dizendo das dificuldades da vida, os problemas com os filhos, a falta de dinheiro, o desemprego do marido.

Jovens falavam em tom animado da festa projetada para o final de semana.

Um cenário comum. Todos os dias, as cenas eram semelhantes.

Que se pode esperar de momentos assim, tão comuns?

Mas, enquanto o ônibus sacolejava ao longo da estrada, num dos bancos havia um velhinho magricela segurando, com todo cuidado, um ramo de flores. Eram flores lindas, frescas ainda. Deviam ter sido colhidas em um jardim muito bem cuidado, no alvorecer, beijadas pelo orvalho.

Do outro lado do corredor, uma garota não desviava os olhos das flores. Eram lindas, exuberantes.

Então, chegou a hora daquele experiente senhor saltar do ônibus. Ele se levantou, caminhou em direção à porta.

Quando passou pela jovem, ele estendeu os braços e lhe ofereceu as flores.

– Posso ver que você adorou as flores - ele explicou. Tenho a certeza de que a minha esposa iria gostar de que ficasse com elas. Vou dizer para ela que dei as flores para você.

A garota aceitou o buquê, com um sorriso tímido, e nem teve tempo de agradecer.

O homem desceu do ônibus. Então, ela o viu atravessar a avenida e adentrar os portões de um pequeno cemitério.

“Falando ou silenciando, sempre é possível fazer algum bem.”

Chico Xavier

VIVER COMO AS FLORES

Certo dia, um jovem discípulo dialogava com seu sábio mestre:

– Mestre, como faço para não me aborrecer? Certas pessoas falam demais, outras são ignorantes. Muitas são indiferentes. Sinto ódio das que são mentirosas. Sofro com as que caluniam.

– Pois, viva como as flores!, advertiu o mestre.

– Como é viver como as flores?, perguntou o discípulo.

– Repare nestas flores, continuou o mestre, apontando lírios que cresciam no jardim. Elas nascem no esterco, entretanto, são sempre puras e perfumadas. Extraem do adubo malcheiroso, tudo que lhes é útil e saudável, mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas. É justo angustiar-se com suas próprias culpas, mas não é sábio permitir que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos deles, são apenas deles e não seus. Se não são seus, não há razão para tanto aborrecimento. Exercite, pois, a virtude de rejeitar todo mal que vem de fora. Isso é viver como as flores.

“Feliz aquele que transfere o que sabe, e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

Caso algum texto deste livro tenha sua fonte original contestada, solicitamos, por favor, que entrem em contato para que possamos adotar todas as medidas cabíveis para a solução da questão, uma vez que não temos o objetivo de infringir qualquer lei de direito autoral em vigor. Salientamos ainda que, não temos nenhuma finalidade comercial, política de patrocínio e não aceitamos doações de nenhuma espécie, sendo a distribuição desta obra, assim como das demais ferramentas e projetos de conscientização e motivação desta organização, totalmente gratuita e de cunho meramente humanitário.



Querido amigo leitor,

Provavelmente, ao chegar a este ponto do livro, você já leu algumas de suas reflexões ou até mesmo todo o seu conteúdo. Certamente, esta obra também chegou a suas mãos sem custo algum, pois este projeto, assim como todos os demais projetos e ações sociais da ONG “Meu sonho não tem fim” não tem nenhuma finalidade comercial, política de patrocínio e não aceita doações de nenhuma espécie.

Dito isso, gostaria de pedir-lhe duas gentilezas em troca deste “pequeno e humilde presente”: a primeira delas é que em nenhum momento me veja como alguém especial, pois não sou. Especiais, são os “grandes sonhadores” e as demais pessoas mencionadas neste livro, assim como os legados maravilhosos que deixaram para todos nós. E é exatamente com relação a estas pessoas, suas histórias de vida e virtudes, que faço meu segundo pedido: coloque em sua vida, divulgue e passe adiante a essência do conteúdo de cada página deste livro. Tenho a certeza de que ele pode servir de ferramenta para auxiliarmos na construção de um mundo melhor, mais justo e fraterno. Explore os ensinamentos de todos aqueles que aqui são mencionados e saiba que existe uma razão muito forte para a presença de cada um deles neste projeto, de que meus passos nesta caminhada de conscientização e motivação foram norteados por cada um desses anjos que Deus teve a generosidade de colocar em meu caminho.

Peço também, que você tenha sempre em mente de que pode fazer muito com tão pouco... Ao ver um animal abandonado, dê-lhe mais que um pote de ração e água, dê-lhe carinho. Tire sua foto, compartilhe em redes sociais, arranje um novo dono para este pequeno ser em sofrimento. Ao ver, todos os dias, as mesmas crianças no farol, dê-lhes mais do que algumas moedas ou balinhas, dê sua atenção e carinho. Pergunte se lhes faltam o lápis, caderno ou outros materiais para seus estudos, junto a esta lista inclua um pequeno “presentinho”, um carrinho ou uma boneca. Faça deste ato - que não custará muito e não tomará mais do que alguns minutos do seu tempo - uma experiência extraordinária para estas crianças, devolvendo a elas a fé na humanidade. Estenda estas experiências aos moradores de rua e pedintes, reserve alguns minutos de seu tempo para que ao invés de trocados você compre uma “quentinha”, um litro de leite ou um pacote de bolachas. Não pare para pensar se a pessoa irá saborear sua oferta, jogá-la fora ou olhar com descaso, lembre-se da reflexão “A lenda do monge e do escorpião” (página 82) e aja conforme a sua natureza.

Todos nós sabemos que esta não é a solução definitiva para os problemas destas pessoas, mas não podemos utilizar esta desculpa como ferramenta para nos anularmos. Certa vez, questionada sobre a “indústria da mendicância”, Madre Teresa mencionou que realmente temos que ensinar a pescar ao invés de dar o peixe, mas que muitas vezes a situação de alguns de nossos irmãos é tão desesperadora que eles não têm forças nem para segurar a vara de pesca. Acrescento a esta brilhante explicação

que, gradativamente, todos nós teremos que nos afastar do assistencialismo em grande escala, pois ele enfraquece a auto-suficiência de um povo e sua vontade de se desenvolver e alcançar grandes conquistas. Porém, temos que agir com sabedoria e parcimônia de julgamentos para obtermos os resultados que tanto desejamos.

Hoje, vinte e seis anos após meu encontro com um destes irmãos em sofrimento, aquela “pequena senhora da rua direita” (página 19), uma experiência que mudou minha vida e colocou-me na trilha deste trabalho social, parece-me que é ainda mais comum vermos pessoas em vulnerabilidade social como “parte da paisagem”. Para muitos de nós, ainda existe o receio de interagir e se envolver, mesmo sendo algo que nos incomoda, que atormenta o nosso íntimo. No entanto, temos que quebrar esta barreira entre a indiferença e a pró-atividade que muda vidas e destinos. Em 4 de março de 1933, Franklin Roosevelt, no discurso de posse de seu primeiro de quatro mandatos como presidente dos Estados Unidos e em um momento terrível para a economia mundial (em especial para a norte-americana), que vivia os reflexos da Grande Depressão de 1929, disse: “A única coisa que devemos temer é o nosso próprio medo”. Não temamos em nos esforçarmos para mudar para melhor nossas vidas e a de todos aqueles que nos cercam e que cruzam o nosso caminho, principalmente daqueles que mais necessitam, seja de um pedaço de pão ou de uma palavra de afeto e atenção. A mudança é sempre possível e nada neste mundo faz mais bem a nossa alma e coração do que ser parte da força motriz que possibilita esta transformação.

Transformar vidas... Levar o sorriso ao semblante de quem há muito tempo perdeu o brilho no olhar, a paixão pela humanidade e a gratidão pelo nascer de mais um dia. Lembro-me de um trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos, escrita por Thomas Jefferson, e que foi utilizada por Chris Gardner como título de sua autobiografia “À procura da felicidade” e que diz: “... todos os homens foram criados iguais e são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade...”.

Eu sei que não faço muito e que as demandas são enormes, mas será sempre um prazer poder compartilhar o pouco que sei e auxiliá-lo a divulgar este trabalho, principalmente as virtudes, o legado e exemplo de vida dos “grandes sonhadores” e de todos os demais mencionados neste livro, seja através de uma troca de e-mails, dos projetos da organização ou da palestra “Vinha de sonhos”, que sempre poderá ser realizada, sem custo algum, em sua comunidade, organização, escola ou empresa.

Conte sempre comigo!

Um forte abraço e muito obrigado pelo interesse e carinho com o meu trabalho.

Alex Cardoso de Melo

ONG “Meu sonho não tem fim”

alex@meusonhonaotemfim.org.br

www.meusonhonaotemfim.org.br

Deves amar o Senhor teu Deus de todo o coração,
e com toda a tua alma, e com toda a tua mente.
Este é o primeiro e grande mandamento.
E o segundo é com ele;
Deves amar teu semelhante como a ti mesmo.
Nestes dois mandamentos baseiam-se todas as leis.

*“Se cada um de nós colocasse em prática ao menos estes
dois mandamentos, já viveríamos no paraíso.”*

Alex Cardoso de Melo



שכינה

Esta obra não tem nenhuma finalidade comercial. Partes do seu conteúdo são dotadas de direitos autorais, ficando claro que a cópia parcial ou integral, seja ela qual for e independente da finalidade, sem prévia autorização, é punível pelas leis de direitos autorais em vigor.

Copyright © 2013 ONG “Meu sonho não tem fim”

Todos os direitos reservados.

***“Um homem não morre quando
deixa de existir e sim quando
deixa de sonhar.”***



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978 - 85 - 915866 - 0 - 8



9 788591 586608